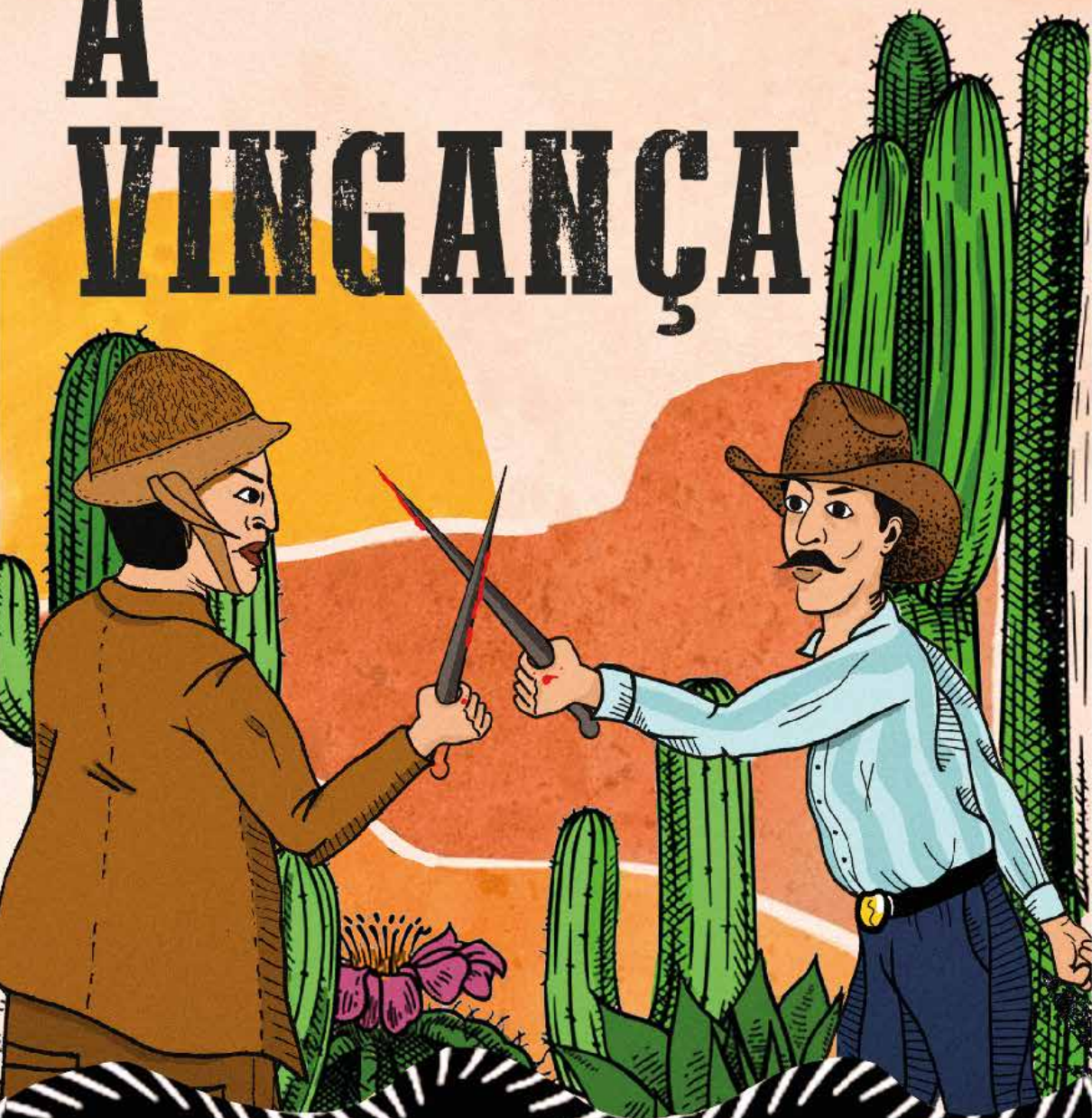


ANTÔNIO VIEIRA DE ARAÚJO

A VINGANÇA



EDISE

A VINGANÇA



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Mílton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

ANTÔNIO VIEIRA DE ARAÚJO

A VINGANÇA



EDISE

Aracaju

2022

COPYRIGHT©2022 BY ANTÔNIO VIEIRA DE ARAÚJO

Capa
Clara Macedo

Ilustração de capa
Clara Macedo

Diagramação
Clara Macedo

Revisão
Débora Souza da Silva | Yuri Gagarin

Pré-Impressão
Dalmo Macedo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Araújo, Antônio Vieira de
A vingança [livro eletrônico] / Antônio Vieira de
Araújo. -- Aracaju, SE : Segrase, 2022.
PDF

ISBN 978-65-86004-88-5

1. Romance brasileiro I. Título.

22-125366

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

À memória dos meus pais,
Antônio e Lourdes;

Dedico este livro à minha esposa
e companheira, Hortência;

Aos meus filhos,
Eduardo e Ana Carla e ao
meu neto querido, Gabriel.

Com o mesmo afeto, estendo a
dedicação ao genro Davi e à nora Rafaela.

APRESENTAÇÃO

A FORÇA DE UMA BOA NARRATIVA

Conheci Antonio Vieira de Araujo durante a primeira metade da década de 70 do século XX, quando trabalhamos juntos como repórteres do jornal Gazeta de Sergipe. Foi um período rico de troca de experiências e aprendizados para todos nós, convivendo com jornalistas e intelectuais muito qualificados na equipe chefiada pelo aplaudido jornalista Orlando Dantas, na minha opinião o nome mais importante de toda a história da mídia impressa em Sergipe.

Diariamente aprendíamos no convívio com intelectuais como Célio Nunes, jornalista reconhecido como escritor, contista e poeta. O nosso editor era o jornalista Luiz Antônio Barreto, indiscutivelmente o nome mais relevante da cultura sergipana durante a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI.

Quando eu cheguei à redação da Gazeta de Sergipe, na primeira metade da década de 70, estabeleci uma sólida relação de amizade com Antonio Vieira de Araujo e com Milton Alves, ambos jovens repórteres como eu. Iniciados na seara do jornalismo num momento em que a profissão ainda não era regulamentada, vimos chegar à redação novos repórteres que se transformariam em importantes nomes do jornalismo em Sergipe, como Nilson Socorro e Paulo Roberto Dantas Brandão.

Dos jovens repórteres, um deles apresentava aptidão especial pela atividade literária: justamente Antonio Vieira de Araujo que, além de boas e criativas reportagens assinadas, costumava publicar frequentemente contos e crônicas que chamavam a atenção de todos que tinham a oportunidade de ler.

A vida empurrou cada um de nós por diferentes caminhos. Continuamos a ter em comum a aptidão jornalística, mas também assumimos distintas atividades como a docência, o planejamento econômico, a advocacia, a gestão em instituições do serviço público e em empresas privadas.

Faz tempo que eu não lia nenhum novo texto publicado por Antonio Vieira de Araujo. Fiquei surpreso e feliz ao ser procurado por ele e receber os originais do romance que agora vem a lume — *A Vingança*. A vitalidade do narrador Antonio Vieira de Araujo continua efervescente e agora acrescida por um elemento que mais a valoriza: a experiência de vida.

Num texto fluido e escoreito o autor nos apresenta a trama que compôs, rica em sua complexidade, com heróis, vilões e algumas figuras apáticas, todos muito bem construídos e caracterizados, além de cenários e contextos ricos em detalhes fascinantes. Tudo embalado ao ritmo de uma boa história de amor e ódio com personagens que fascinam quem gosta de estudar o comportamento humano.

Nunca perguntei a Antonio Vieira de Araujo, mas atino que ele deve ter sido um bom leitor de romances como *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*, do grande escritor russo Leon Tolstói. Nesses dois textos oitocentistas eu conheci as melhores descrições de cenário e contexto que li em toda a história da literatura.

Em *A Vingança* é impossível ficar indiferente à riqueza descrita da pobreza vivida pelo personagem Luciano no casebre de tampa coberto de palha em que este residia. Menos ainda em relação a força narrativa presente nos detalhes contados acerca da enchente do rio, do rompimento da barragem e da destruição da choupana quando da tragédia que ceifou a vida dos seus pais.

É impactante a fertilidade de narrar que possui o autor nos momentos em que apresenta o casarão da fazenda do coronel Feliciano, das bonitas mesas existentes nas recepções e da fartura dos acepipes, pratos principais e guloseimas das sobremesas quando das recepções nas festas organizadas por aquela abastada família.

Isto sem falar no fascinante mundo de baixelas, taças, copos, porcelanas, talheres e bebidas finas como uísque, vinhos, licores e aguardentes sofisticadas, importadas e de produção nacional, que existiam fartamente nas ocasiões em que todos podiam se refestelar.

Impossível não se angustiar com a envolvente condição humana e os destemperos comportamentais de personagens movidos pela vingança, tendo como pano de fundo uma sutil, mas visível, esquizofrenia. Homens açulados pela frustração da perda do patrimônio

e dos casamentos desfeitos, num período em que a mulher era praticamente uma propriedade masculina.

Um bom romance assentado sobre um casamento por conveniência, amores impossíveis e pouco prováveis, ódio, perseguição e vingança, mas também pela capacidade generosa de perdoar e esquecer. E como não poderia deixar de ser por embates entre oponentes que terminam em morte.

Li e gostei de *A Vingança*. Espero que os novos leitores apreciem a competência e a riqueza narrativa deste romance de estreia do escritor e bom contista que é Antonio Vieira de Araujo.

Jorge Carvalho do Nascimento

PREFÁCIO

Sufrimento, luta pela vida, amor e paixão. Tem-se esse enredo na narrativa, rica, no livro *A Vingança* do historiador e jornalista Antonio Vieira de Araujo. A saga de Luciano, que ainda criança viveu uma tragédia com a morte de seus pais, numa enchente que tudo destruiu. O conselho de um padre abriu novos caminhos na vida, que o levaram ao acolhimento de um fazendeiro, com o aprendizado de vaqueiro e descobrir o amor e paixão de duas jovens: Silvane e Marta.

Dedicado ao trabalho, aprendeu rapidamente o ofício de vaqueiro e despertou naturalmente o desejo das duas meninas, ainda adolescentes. Haveria de escolher uma: Silvane, filha do coronel Feliciano Albuquerque, que lhe acolheu, ou Marta, noiva de Ubaldino, filho do fazendeiro. Recolheu-se ao mundo imaginário do amor, ao nutrir sua paixão por Marta. Um idílio proibido. Alimentou sonhos e desejos, planejando a fuga, natural a tantos jovens nos sertões do Nordeste.

A forte narrativa do envolvimento de Luciano com as duas jovens nos concentra no trabalho literário de *A Vingança*. A decisão de Luciano e Marta de fugirem para viver a vida a dois transforma Ubaldino, um pacato rapaz, num vingador e sanguinário que renuncia uma vida tranquila para se tornar num cruel criminoso. Não aceitou ser abandonado por Marta, um dia antes do casamento. Uma traição que deveria ser vingada com a morte dos dois.

Ubaldino não ouve seus pais, junta um grupo de capangas e inicia a caçada humana. Na mente, o desejo de ver Luciano e Marta mortos, a tiros ou facadas. Viagens longas a cavalo terminaram com o encontro de Luciano e Ubaldino. O ex-vaqueiro da família de Feliciano foi abatido e a mulher e filhos fogem, na imaginação de escapar da fúria sanguinária do indesejado caçador. O troco mortal é dado. Antonio Vieira retrata o amor, quando ele acontece:

“O amor é cura e magia
A força pura do coração.
É a essência da vida
Que brota do lampejo divino
Que acende a alma
E desperta o prazer e a paixão”

Milton Alves

Jornalista/Assistente Social

INTRODUÇÃO

Uma odisseia nordestina de fazer gosto! Assim é o romance “A Vingança”, de Antonio Vieira de Araújo. Tem a jornada do herói Luciano com a sua amada, assim como o anti-herói, o vilão da história; mas não vou falar muito mais que isso, pra não dar “spoiler” — ou seja, pra não entregar o segredo antes de que o leitor descubra por si mesmo, no sabor de sua própria leitura.

O importante é dizer que a história nos deixa encantados, quase no sentido literal da palavra, e enredados em sua trama de amor, ódio e — obviamente — vingança. A linguagem é simples e fiel ao tempo e espaço da narrativa, apetitosa como uma mordida dada numa fruta recém-colhida do pé.

A obra apresenta descrições ricas, que traduzem à nossa imaginação os cinco sentidos: somos capazes de enxergar as belezas e agruras dos lugares; sentir o cheiro do mato; o gosto dos doces da fazenda; assim como o vento sertanejo na pele; e ouvir o cantar dos pássaros na alvorada.

Outra surpresa bem-vinda é o tanto de conhecimento histórico e cultural que nos é trazido de forma espontânea, encaixada, com naturalidade, entre narrar dos acontecimentos. Aprendemos a respeito do Cangaço, das histórias bíblicas, das comidas típicas, dos folguedos populares, das tradições juninas, e, sobretudo, do viver do sertão.

Enfim, o enredo de “A Vingança” nos provoca as emoções mais diversas: pode ser uma comichão, uma agonia derradeira, quando os personagens se envolvem em incessantes peijas, ou, por outro lado, o conforto de uma sombra debaixo de árvore frondosa, quando os conflitos se resolvem de um modo ou de outro. Nesse sentido, a obra do autor é rica e preciosa, como uma boa e necessária chuva que rega o chão árido, onde a planta brota resiliente. A satisfação com sua leitura é certa, pode apostar.

Débora Souza da Silva

SUMÁRIO

Apresentação: a força de uma boa narrativa -----	7
Prefácio-----	11
Introdução -----	13
CHOVE CHUVA-----	17
ÁGUAS DA MORTE-----	21
PAIXÃO DE CRISTO-----	25
LÁGRIMAS E SOLUÇOS -----	27
DESTINO TRAÇADO -----	31
NASCE UM VAQUEIRO-----	43
DOR E SOFRIMENTO -----	47
CONTADOR DE HISTÓRIAS -----	49
DESPERTAR DA PAIXÃO-----	55
ENCONTROS DE AMOR -----	63
TRABALHO E DINHEIRO -----	73
PALMA DO SERTÃO-----	77
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL-----	81
DIA DO CASAMENTO -----	87
A GRANDE FUGA -----	95
LOUCURA DE UBALDINO -----	99
ACERTO DE CONTAS -----	105
ÚLTIMA VISITA-----	111
A CAÇADA-----	115
ÚLTIMO RECURSO -----	117
A JORNADA -----	123

A CAÇADA CONTINUA -----	135
NASCE UM ASSASSINO -----	141
MORTE DO PREFEITO -----	155
CRUZEIRO -----	157
PADRE ANTERO -----	163
A VÉSPERA DO CASAMENTO -----	169
O CASAMENTO-----	171
O VAQUEIRO VOLTOU -----	177
OUTRO CRIME -----	189
O ANO PASSOU LIGEIRO-----	191
POESIA E DRAMA-----	199
CULTURA DE CRUZEIRO-----	205
SÁBADO, DIA DE CHUVA -----	215
A DESPEDIDA -----	231
O ANUNCIADO -----	237
PALMA EM FESTA -----	271

CHOVE CHUVA

A tempestade é como a vida: nasce, evolui e, depois, tem um fim.

ERA OUTONO NO SERTÃO, estação de pouca ou nenhuma chuva. Mas o que estava acontecendo ninguém sabia explicar a razão, só Deus. As chuvas vindas do litoral haviam chegado com uma intensidade fora do comum. Há seis dias, a região do sertão sentia os efeitos das rigorosas trovoadas. Os rios e riachos aumentaram o volume de suas águas, o que provocou uma enxurrada como nunca se viu. A força incontrolável das águas se alargava sobre as cidades situadas às margens do rio, e os seus efeitos já provocavam um rastro de destruição e morte. Enquanto os relâmpagos rasgavam o céu e o som alarmante dos trovões se propagava no tempo, a dor começava a tomar conta dos moradores ribeirinhos da pequena cidade de Ceres, expressa na triste evidência das vidas ceifadas pela correnteza e na perda que muitos tiveram dos seus bens materiais, restando apenas vidas ao desabrigo.

O rio Itaguaçu — “pedra grande”, em tupi — nasce na Serra das Araras e tem duas características bem distintas uma da outra. A primeira acontece no inverno, quando recebe as águas que se desprendem das terras altas. Nesse período, o rio se agiganta, avançando sobre as suas margens, tornando-se revoltoso, com uma correnteza destruidora. A segunda, que acontece no verão, corre sem pressa. É um filete cristalino a deslizar sobre as rochas, lançando-se em queda d’água. Forma uma cachoeira que mais parece uma cortina d’água a esvoaçar no tempo, precipitando-se em uma pequena piscina natural. Em seguida, prossegue o seu curso de descida em cascata. Nesse caminho, recebe águas de pequenas nascentes e riachos até se formar em um rio volumoso, mas manso, na condição de afluente, encontrar-se com o rio Pitanga, que deságua no mar. Da nascente até o encontro com o rio Pitanga, o Itaguaçu percorre vários quilômetros, banhando dez cidades, inclusive a pequena Ceres.

Em qualquer tragédia, os povos seguem dois princípios básicos da humanidade: dedicam-se a rezar, cada um a seu modo, para que o seu Deus, vendo o desespero das almas e a dor em seus corações, amenize os efeitos da tragédia ou a extermine de vez. Segundo, unem-se na ajuda. É no efeito da união que os homens se transformam em seres solidários uns com ou outros, com objetivo de vencer as provações, independentemente dos graus de riqueza, pobreza ou instrução. São homens dignos nas ações de ajuda ao próximo.

Ceres poderia se tornar um exemplo nítido de tudo o que já foi dito, em especial do significado das palavras tragédia, desgraça, dor, sofrimento, oração e união. A cidade, que cresceu margeando o rio, foi parcialmente destruída. A população sentia a dor da perda de pessoas, e as que escaparam da tragédia viviam o sofrimento do desabrigo. Por incrível que pareça, a situação na área da margem direita do Itaguaçu continuava sem previsão de melhora, porque, à medida que chovia, a fúria incontrolada das águas avançava cada vez mais sobre a cidade, destruía mais casas e ampliava o número de desabrigados. Apesar de toda essa destruição, o povo religioso de Ceres estava orando a Deus, pedindo clemência e socorro para a tempestade ir embora.

O exemplo mais tocante de solidariedade partiu da ação do padre Rosemiro em abrir a Igreja de Nossa Senhora do Socorro, localizada no alto do Morro do Cruzeiro, a fim de comandar o trabalho de organização de voluntários para o acolhimento das vítimas da enchente.

Sem os bancos de madeira que acolhiam os fiéis durante a missa, a nave da igreja parecia um grande salão ornado com nichos e santos. Era bonito, mas não tinha a mesma harmonia, principalmente com o amontoado de pessoas vítimas da tragédia que já se fazia presente. Várias delas estavam emocionadas e aflitas. Mulheres choravam a perda de familiares e de amigos tragados pela enxurrada, também lamentavam o fato de terem perdido, num instante, os bens materiais adquiridos com tanto esforço ao longo da vida.

Diante da constatação de que as chuvas continuavam a cair de forma incessante, algumas pessoas falavam na possibilidade de que algo pior poderia se abater sobre a cidade e se espalhar para outras regiões. Seria uma verdadeira catástrofe como, por exemplo, um di-

lúvio devastador da humanidade a decretar o fim do mundo. No entanto, a maioria da população pensava de maneira diferente: projetava na fé a esperança de que tudo acabasse bem.

A esperança foi justamente o tema inicial da fala do padre Rosemiro na primeira reunião de acolhimento às vítimas da enchente. Ele disse:

– A esperança é uma dádiva divina, que, em meio às tragédias que nos trazem sofrimento e até mesmo desespero, é como uma luz a nos mostrar o caminho em direção ao futuro, com a certeza de que existe um amanhã melhor. A esperança está na benevolência do nosso Deus, que quer o bem da humanidade e que ama os seus filhos, e não o Deus que castiga. Deus é amor. É a redenção dos nossos pecados. Portanto, não vamos nos desesperar, porque Ele está aqui conosco, nos apoiando e nos dando força para vencer mais uma etapa de dificuldades das nossas vidas.

A palavra do padre foi cortada pela movimentação da chegada à igreja de mais uma família de desabrigados: um casal e quatro filhos. Uma criança chora sem cessar nos braços da mãe. Enquanto a equipe de apoio se movimenta para atender à família, o fogueteiro Onofre, conhecido como o maior fofoqueiro da cidade, aproveitou aquele momento de interrupção para alardear à sua volta que, muito embora a palavra do padre estivesse focada na esperança, um dilúvio provocaria o fim do mundo. Afirmava com convicção que a catástrofe já tinha dia e hora marcados para acontecer. Seria na Sexta-Feira da Paixão, às três horas da tarde, justamente na hora da morte de Jesus. Nesse caso, faltariam somente dois dias para a previsão do Onofre se confirmar. E não é que muitas pessoas acreditaram! Algumas mulheres caíram de joelhos e, em pranto, passaram a rezar a Ave-Maria, com todo o fervor, e a pedir perdão pelos seus pecados. Por incrível que pareça, o próprio Onofre se encarregou de consolá-las.

Do lugar onde se encontrava, o padre Rosemiro assistiu a toda a cena e não gostou do que viu. Ao retomar a palavra, a primeira providência foi a de expulsar Onofre da igreja. Ele saiu envergonhado, deixando para trás a sua fama de loroteiro. O fogueteiro Onofre recebeu do padre uma lição merecida. Não se pode brincar com os sentimentos das pessoas, principalmente quando as emoções estão

afloradas. A atitude do sacerdote fez com que os fiéis prestassem atenção no que ele ainda tinha para dizer.

— Vamos parar de falar em dilúvio. O nosso mundo não vai acabar. Tem muita gente falando nessa tragédia da humanidade, mas não conhece a história do início dos tempos, quando Deus estava com raiva das criaturas que se tornaram violentas e corruptas. Só Noé era justo aos olhos de Deus. Assim, Ele, o Altíssimo revelou a Noé a sua decisão de destruir a perversa civilização do início dos tempos, salientando que a destruição aconteceria através de um dilúvio, e que a salvação para Noé e sua família e os animais seria por meio de uma arca, um barco gigante. Quando a arca ficou pronta, disse Deus a Noé: “Entra na arca, tu e tua casa, porque reconheço que tens sido justo diante de mim no meio desta geração”. E as chuvas apareceram com força. Choveu sem parar, durante quarente dias e quarenta noites. Deus aniquilou os impuros, mas salvou o mundo e nos concedeu a graça da salvação.

Ao finalizar o sermão explicativo, o padre disse, com pesar:

— Estamos atravessando um momento difícil em nossas vidas, mas tenham certeza de que, logo mais, essa tormenta passará, e um novo dia vai raiar para a alegria de todos nós. Amém.

Diz a Bíblia que, após o dilúvio, o primeiro ato de Noé, ao colocar o pé em terra, foi oferecer sacrifícios a Deus.

— Noé levantou um altar ao Senhor: tomou de todos os animais puros e de todas as aves puras, e ofereceu-os em holocausto ao Senhor sobre o altar (Gênese 8:20). Foi mais uma evidência de sua fé e certamente uma expressão de sua gratidão pela salvação que Deus havia providenciado.

Por fim, o padre Rosemiro disse:

— A história se completa com a decisão de Deus em preservar a humanidade. E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse em seu coração: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz. Enquanto durar a Terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.

ÁGUAS DA MORTE

Viva a vida intensamente hoje,
porque o amanhã pertence ao desígnio de Deus.

“NO INÍCIO DOS TEMPOS, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança: Então o Senhor Deus soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem se tornou um ser vivente. Era Adão imortal. Um tempo depois, Deus criou a mulher, da costela de Adão, e a chamou de Eva. O casal ficou morando no Jardim do Éden, um local de rara beleza, adornado por rios e árvores de toda espécie. No centro do jardim, estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Deus orientou que eles poderiam comer do fruto das árvores, menos o da árvore do conhecimento do bem e do mal”.

Quem contava a história da criação do homem era o pescador e carpinteiro José Pedro dos Santos, quarenta anos. À noite, depois de comer, ele tinha como costume sentar-se à mesa em companhia da mulher, de nome Josefa, também chamada Zefa, e do filho menor de idade, Luciano, para contar histórias. Sabia ler e escrever, além de ter uma memória impressionante. Era capaz de contar histórias da Bíblia nos mínimos detalhes, tais e quais aprendera ainda criança, quando era coroinha em Ceres, ouvindo os sermões e os ensinamentos proferidos pelo antigo e falecido padre Francisco.

Com veemência, ele disse:

— Mas o diabo, o rabugento, o tinhoso — elevou as mãos para cima e, por três vezes, rogou a Deus; depois, tomou um gole de café, acendeu um cigarro de palha na luz da vela —, o satanás... Ave Maria!... — disse — se transformou em uma cobra traiçoeira e falou a Eva que o fruto da árvore proibida era o melhor, uma delícia de bom! Eva, na sua inocência, ainda tentou levar a cobra na conversa, dizendo que perderia a vida caso comesse o fruto. A serpente garantiu que não morreria. Aí, ela foi lá, tirou a maçã, comeu e gostou. Ofereceu a

Adão, que comeu e também gostou. Aí se assucedeu que Deus apareceu com uma raiva da moléstia, desconjurou a cobra e castigou Adão e Eva com a perda da imortalidade. A partir desse dia, a morte passou a ser a única certeza deste mundo. Dela, nenhum ser vivente escapa. Ela é uma caveira, vestindo uma capa preta, e carrega na mão direita uma vara de dois metros com uma foice afiada na ponta superior da vara. A morte está em todos os lugares. A desgrama não tem dia nem hora para aparecer. Quando se vê, “zap” silencioso da foice, morreu.

Zefa, assustada, disse:

— Vamos parar com essa história de morte. Não gostei. Basta esta trovoada que não para. O rio está cada vez mais cheio. Se a gente não morasse aqui no alto, nem sei o que já teria acontecido.

— Calma, Zefa — disse José. Todo inverno chove...

— Mas não estamos no inverno. Nem no inverno chove desse jeito. Já faz quase uma semana que chove sem parar.

Luciano intervém na conversa para dizer que estava com medo da chuva, o que fez com que o seu pai se levantasse da cadeira e fosse até ele para afagá-lo, num gesto de carinho e, ao mesmo tempo, levar uma palavra de conforto.

— Não tenha medo, Luciano. Ninguém aqui é peru, pra morrer de véspera. Nossa casa aqui na Vila dos Pescadores é de taipa e segura. Foi feita por mim, com a ajuda dos nossos vizinhos. Eu garanto. Não é nenhuma chuvinha que vai tirar a gente daqui. Volto a repetir: essa casa é firme como uma rocha.

Nesse instante, entre um clarão de mais um relâmpago e o ecoar do trovão, se ouviu um barulho estrondoso como o som de uma manada em desembesto por dentro do mato, derrubando tudo à sua frente. Dava para se ouvir o rangido de árvores sendo arrancadas e o mugido dos bois. Era um som vivo, tenebroso, e que se aproximava cada vez mais.

Seu Zé apurou o ouvido e gritou bem alto:

— Valha-me, Deus! Minha Nossa Senhora! Acho que a barragem do Açude das Moças rebentou. Aí será uma desgraceira. Corra, Zefa. Saia pela porta dos fundos e leve o Luciano, que eu vou ver o que está acontecendo.

José estava certo na sua hipótese: a barragem não suportou o volume de água e arrebentou. Seria uma desgraça para quem estivesse situado rio abaixo da barragem, como era o caso dos moradores da Vila dos Pescadores. Tudo aconteceu num só instante: Zé Pedro pegou o lampião que estava na sala e saiu apressado em direção à porta da frente. Ao cruzá-la, não deu dois passos e foi tragado por uma imensa onda com a força de mil cavalos.

A sua mulher, Josefa, deixou o menino Luciano para trás, correu em direção ao mato e também foi arrastada pela onda da morte.

O Açude das Moças ficava localizado nas terras do fazendeiro Otaviano Junqueira. Foi construído com muitas horas de trator e suor dos homens, aproveitando o relevo da área: uma baixada circundada por morros. Depois que ficou pronto e recebeu as primeiras águas do inverno, nunca secou. Era o orgulho do fazendeiro. O nome se deve ao fato de que só as mulheres podiam banhar-se em suas águas. No intuito de promover um atrativo, o fazendeiro mandou construir uma ponte de madeira, com o piso de tábuas, que avançava para o centro do açude cerca de dez metros. No domingo, as mulheres da região, inclusive as filhas do fazendeiro, passavam grande parte da manhã brincando nas águas do açude, pulando da ponte. Os homens estavam destinados a tomar banho no rio.

Naquela noite fatídica, a barragem, que tinha oito metros de altura por três de largura, não suportou a pressão da enxurrada vinda dos morros e rompeu. As águas do açude se juntaram com as do rio e formaram uma grande onda, descendo rio abaixo, em velocidade completamente descontrolada, barulhenta e destruidora.

Dizem que o destino das pessoas acaba quando a morte chega. O destino de Zé Pedro e de sua mulher Josefa foi interrompido no “zap” da morte. É bem provável que a miserável já estivesse dentro da casa, a ouvir a história da criação do homem contada pelo velho pescador. A danada já estava lá quando se deu a tragédia e agiu de maneira covarde, sem propiciar aos infelizes nenhuma chance de defesa.

Já o destino de Luciano estava por um fio. Antes de a casa ser tragada pela enxurrada, ele foi elevado pela água e passou por entre as palhas que formavam o telhado, escapando do impacto da onda destruidora, mas foi arrastado pela correnteza. Sabia nadar e boiar, mas não o suficiente para escapar da força do rio. Tentou nadar. Deu até algumas

braçadas, mas de nada adiantou. Ele percebeu que o rio o puxava para baixo, obrigando-o a ficar na posição vertical, com a cabeça pra cima e se equilibrando com os pés e os braços, no conhecido nado “cachorrinho”. Nessa posição, engoliu muita água e pensou que ia morrer naquela noite escura. Então passou a boiar com a barriga para cima e deixou-se levar pelo fluxo da água. Desistiu de lutar. Não adiantava mesmo. Seu corpo franzino era puxado pela correnteza na maior facilidade. Parecia um boneco de pano ondulando rio abaixo. Nesse instante, um relâmpago clareou o céu, e ele pensou ter visto a figura da morte, igual à que seu pai tinha descrito. Na sua imaginação, ela estava postada na extremidade de um tronco de árvore que flutuava um pouco à sua frente. Disse consigo mesmo ter visto a claridade do relâmpago faiscar a foice e ressaltou: “Tô frito. Basta apenas o ‘zap’ do movimento da foice”.

Foi quando sentiu ser arremessado de encontro a vários galhos. Ele pensou rápido: “É o tronco da morte. Estou morto”. Mas a vontade de viver era maior do que a de morrer, e assim o menino sustentou-se em um dos galhos e, com a força que lhe restava, num impulso derradeiro, conseguiu alcançar o tronco e agarrá-lo, como se fosse a sua tábua da salvação. Na verdade, era isso mesmo. Outro relâmpago clareou o céu. Luciano olhou para a frente e, desta feita, não viu a figura da morte no extremo da árvore. Respirou aliviado e disse baixinho: “Ainda bem!”. Foi uma exclamação de puro alívio, por ter a certeza de que a sua vida não se acabaria ali, em cima de um tronco de árvore descendo rio abaixo.

Um tempo depois, o tronco esbarrou na margem esquerda do rio. O menino se desgrudou do tronco e saiu andando na água rasa, tendo um só pensamento: voltar à sua casa o mais depressa possível, para ter notícias dos pais. Ele não sabia onde estava, mas tinha a certeza de que iria andar muito até chegar à Vila dos Pescadores. Ainda chovia naquela manhã da Sexta-Feira Santa. Ele estava com frio e com fome. Mesmo assim, teve de esperar o dia amanhecer para, só então, iniciar sua jornada cheia de dificuldades, porque não havia um caminho definido. Como o rio havia transbordado, as águas avançaram sobre as margens, alcançando áreas de vegetação próximas à mata, além de alagar baixios, formando várzeas. Dessa maneira, margear o rio ficou muito mais difícil, mas não impossível para Luciano, menino indefeso que sozinho conseguiu a proeza de sobrepujar a tormenta do rompimento da barragem do Açude das Moças.

PAIXÃO DE CRISTO

A cruz de Jesus é símbolo de amor e redenção.

NA SOFRIDA CIDADE DE CERES, o dia amanheceu chuvoso, com nuvens escuras a prometer que o tempo não mudaria, como também não mudaria a posição adotada pelo padre Rosemiro de suspender a programação religiosa da Paixão de Cristo, em função do trabalho de assistência aos desabrigados, que estava sendo realizado nas dependências da paróquia, com o apoio dos fiéis. A ponderação do padre para cumprir parte do rito religioso da Semana Santa estava condicionada ao fim das chuvas no sábado. Nesse caso, a igreja realizaria unicamente a programação dedicada ao Domingo de Páscoa, com a celebração de missas em comemoração à Ressurreição de Jesus Cristo e sua primeira aparição para os seus discípulos.

Às três horas da tarde, o mundo não acabou, como dissera o fogueteiro Onofre. Mas, como um milagre divino, exatamente na hora em que Jesus morreu, as nuvens escuras no céu de Ceres foram aos poucos sendo dissipadas, e o sol voltou a brilhar. Além disso, sobre o rio, surgiu um imenso e brilhante arco-íris, curvado em direção da cidade, com suas faixas de cores em vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

Arco-íris é um fenômeno meteorológico e óptico, que ocorre quando a luz solar incide sobre as gotículas de água da chuva. Na Bíblia, no Antigo Testamento, o arco-íris representa a aliança entre Deus, Noé e todos os seres que sobreviveram ao dilúvio. Em Ceres, o fenômeno da natureza significava o alívio de uma população sofrida, o anúncio do início da estiagem e de um novo tempo.

O arco-íris foi saudado com festa. O povo foi às ruas para contemplar a beleza do fenômeno e, ao mesmo tempo, festejar o fim do temporal, que, durante seis dias, castigou a cidade. Nunca se viu ta-

manha euforia da população. A visão magnífica do arco-íris proporcionava alegria. As pessoas se abraçavam sorridentes, enquanto os sinos da igreja badalavam, saudando, sem parar, a boa nova, rivalizando com o pipocar dos fogos de artifícios.

O fogueteiro Onofre tentava, nas ruas, reivindicar a metade da assertiva da sua previsão. Para o padre Rosemiro, que também foi às ruas para ver de perto o espetáculo do arco-íris, o futriqueiro não levaria nenhum crédito sobre a previsão. A quem o interpelava sobre o assunto, o padre era enfático: “O fogueteiro Onofre é um fofoqueiro de marca maior”.

Ao voltar para a igreja, o padre disse aos fiéis que manteria a programação da Semana Santa, já previamente definida: celebração de missas no domingo, em louvor à Ressurreição de Jesus Cristo.

LÁGRIMAS E SOLUÇOS

O primeiro passo para chegar a algum lugar
é decidir que você não vai ficar onde está.

John Pierpont Morgan

NA MESMA HORA EM QUE OS FOGOS de artificios pipocaram na cidade de Ceres, o menino Luciano chegava à Vila dos Pescadores. Porém, só encontrou destroços. Tudo estava destruído. Até a elevação de areia que existia em frente às cinco casas que formavam o pequeno arruado foi levada pelas águas. O chão estava liso e espraído. Das casas, sobraram apenas pequenas partes das paredes. Nenhum móvel. Nenhuma peça de roupa. Luciano olhou ao seu redor e se lembrou da convivência amigável que tinha com os vizinhos e do amor dedicado aos pais.

Nesse instante, saindo do mato, apareceu o pescador João dos Santos, que, ao se dirigir ao menino, disse o que ele não queria ouvir.

— Meu filho, diante da violência das águas não sobrou ninguém. Os corpos vão aparecer no rio Pitanga no mar. Quem achar os corpos fará o enterro. Eu estava fora da vila e assim como você perdi a minha família. Que Deus a tenha! Vou voltar para a cidade e quando o tempo melhorar pretendo descer o rio de canoa a procura dos corpos. Vosmecê tem alguns parentes na cidade? Quer ir mais eu?

— Não, senhor. Eu não sei se tenho parente vivo. Meu pai era filho único de pais mortos e de minha mãe eu nunca soube de parente vivo. Vou para outras bandas, longe daqui.

— Vá com Deus e tenha cuidado. Este mundo anda muito violento: a natureza por cima, com as chuvas e os homens violentos na terra.

— Obrigado, seu João.

— Então, até mais ver.

— Intê.

Luciano olhou ao seu redor e se lembrou da convivência amigável que tinha com os vizinhos e do amor dedicado aos pais. Esta emoção lhe tocou fundo o coração e ele se ajoelhou em frente a sua antiga casa e chorou copiosamente. Chorou de soluçar. Como o choro emocionado, veio a tristeza de perder os pais, de não ter parentes próximos e conhecidos, além da compreensão de que a partir daquele momento estava sozinho no mundo e se sentiu como um ser vivo rejeitado pela morte. E aí, ficou por um tempo repetindo a mesma frase como um mantra: “O que eu vou fazer da minha vida, meu Deus?” Em seguida, levantou-se, olhou mais uma vez à sua volta e disse: “Aqui nasci, aqui vi meus pais morrerem, mas aqui eu não vou ficar. O meu destino será feito em outro lugar bem longe daqui, talvez na cidade de Palma, nas terras do coronel Afonso, que meu pai ouvia o padre Francisco falar ser o fazendeiro um homem de bem. É pra lá que eu vou. Mesmo com fome, cansado e sem rumo certo, é pra lá que eu vou, e que Deus me proteja”.

Enquanto a vida em Ceres ia se normalizando, o menino Luciano continuava na sua peregrinação rumo à fazenda do coronel desconhecido. Uma jornada difícil, na qual ele, em algumas noites, teve de dormir no mato e se alimentar de frutas. Mas, quando encontrava uma casa de sitiante, era sempre bem recebido. Quem negaria um abrigo ou prato de comida a uma criança viajante errante? Ao contar a sua história de vida, aí a família se sensibilizava mais ainda e lhe oferecia tudo do bom e do melhor. No outro dia, ele voltava a se embrenhar no mato, em busca do seu destino.

No primeiro povoado que encontrou, chamado Louredo, foi tomado pela atenção dos moradores, que queriam saber de onde vinha aquele menino franzino, esfomeado, a andar sozinho pelo mundo. Vários homens o cercaram para ouvi-lo. Ele repetiu a história triste de sua vida, ressaltando o desejo de encontrar a fazenda do coronel Feliciano, que, a bem da verdade, nem sabia se existia. Foi aí que o frei Juvêncio, que também prestava atenção à história do menino, disse já ter ouvido falar no tal coronel.

— Acho que mora em Palma. Certeza absoluta eu não tenho, mas acho que ele é dessa cidade.

— Tomara — disse o menino.

– De Louredo até Palma é uma distância grande, mas, amanhã, o comerciante Fagundes vai de carro de boi fazer compras na cidade de Esmeralda. Você pode ir com ele. Hoje você fica na igreja. Enquanto você come e descansa, eu vou acertar sua viagem com Fagundes.

E assim foi feito.

Na igreja, as devotas tomaram conta do menino. Conseguiram novas roupas e o mais importante: serviram um largo jantar e indicaram a cama em que iria dormir. O menino caiu no sono e só acordou de madrugada, com o frei Juvêncio empurrando o seu corpo e falando: “Anda, acorda, tome café ligeiro, que o comerciante já está lá fora lhe esperando”. Na cozinha, Luciano comeu pão, bolo e tomou uma xícara de café. Em seguida, agradeceu ao religioso e foi embora, montado na mesa do carro de boi.

A viagem para Esmeralda durou três dias e, quando chegaram, Fagundes procurou o proprietário do armazém de secos e molhados, senhor Agripino, para saber como se chegaria a Palma. A informação não foi nada agradável. A cidade de Esmeralda não tinha estrada que levasse a Palma. O caminho era feito pelo mato, através das trilhas dos romeiros. A viagem a cavalo leva mais ou menos três dias. A pé, uma semana. Luciano ouviu e disse:

– É pra lá que eu quero ir.

Virando-se para o dono do estabelecimento, perguntou se ele poderia lhe arranjar um pouco de comida para a viagem:

– Não carece de muita coisa. Só um pouco de farinha, um pedaço de jabá e alguns pães e algumas mariolas. E que Deus me ajude.

É bem verdade que o comerciante tentou demover o menino de prosseguir a viagem. Prometeu que, se ele ficasse, moraria na casa da fazenda e seria muito bem tratado, no que o menino respondeu que agradecia a ajuda, mas precisava ir embora. Nesse caso, o comerciante colocou tudo que foi pedido pelo menino em um saco, amarrou a boca e disse:

– Está aqui tudo que você pediu. Vá com Deus.

– Obrigado, seu Fagundes e seu Agripino. Deus pague a vosmecês pela caridade. Fiquem com Deus, que eu vou seguir minha viagem atrás do meu destino.

Assim, jogou o saco nas costas e deixou Esmeralda, caminhando na direção imaginária da cidade de Palma.

DESTINO TRAÇADO

O destino embaralha as cartas, mas somos nós que jogamos.

William Shakespeare

LUCIANO CHEGOU À PACATA cidade de Palma, que, de pacata mesmo, só tinha a tradição, porque o povo estava vivendo um momento de medo e aflição, desencadeado por alguma coisa que ele não sabia dizer. Nas ruas, as pessoas corriam para se proteger, em diversas direções, à procura de suas casas, enquanto os comerciantes fechavam as portas de seus estabelecimentos, providência também acompanhada pelos donos de bares e botequins.

Luciano entrava pela primeira vez na cidade e, sem saber do que se passava, achou estranho o alvoroço geral e pressentiu que alguma coisa diferente estava para acontecer, e não seria coisa boa: era um furdunção dos grandes, porque as pessoas andavam nervosas e se trancavam em casa. À medida que ele andava, as ruas começavam a ficar desertas.

Naquele momento, encontrava-se na Rua da Entrada, perto do Posto de Coleta. Foi quando passou a se preocupar para onde ia, que lado tomar e se corria ou ficava plantado ali ao lado do posto. Mas seu instinto pediu que ele andasse ligeiro à procura de um ser vivente que lhe informasse o motivo de tanta agonia. Ao passar pelo Bar Pingo de Ouro — já fechado —, ele encontrou um bêbado que estava em pé, encostado em uma das portas do estabelecimento, falando e gesticulando sem parar:

— Eu me chamo Malaquias, cabra macho. Daqui não saio, e daqui ninguém me tira. Quero ver se esses cangaceiros são mesmo valentes.

Os homens daqui são frouxos e não valem um vintém furado. Eu vou ficar aqui sozinho para defender esta cidade de merda. Hoje o couro come, e a terra vai tremer.

Foi dessa forma que Luciano tomou ciência do motivo do alvoroço, que, ao se concretizar, seria mesmo um furdução, e dos grandes, com muita desordem e confusão. Ele já tinha ouvido falar de Lampião. Lembrou que os seus pais já haviam comentado sobre as atrocidades cometidas pelo bando quando invadia uma cidade. O que ele estava assistindo era a reação de um povo com medo da possível presença de Lampião. O seu pai afirmava que o bando provocava violência, morte, roubo e estupro de mulheres.

Ao se ver sozinho no meio da rua, e agora com a convicção de que poderia ser vítima das atrocidades, o medo bateu forte. As suas pernas começaram a tremer e, em seguida, veio um gosto amargo na boca, sinal de que o nervosismo tinha chegado para valer, e ele pensou: “Diacho de vida. Assim que eu chego nesta cidade, em busca do meu destino, acontece esta história da invasão do bando de Lampião. Tenho que achar um lugar para me esconder”.

Passou a andar mais apressado, quase correndo, procurando uma rua para se afastar da cidade. Encontrou uma que passava no oitão da igreja e seguiu o caminho, desta feita correndo, e só parou quando não tinha mais forças para andar. Após um breve descanso, ele percebeu que estava em frente a um casarão de uma fazenda, situado num alto plano, a cerca de quinhentos metros da entrada indicada por uma cancela que estava fechada, mas a porta do casarão estava aberta. Num repente, ele abriu a cancela, correu, entrou de rompante pela casa adentro e, quando se deu conta, encontrava-se no meio de uma sala, gritando que Lampião estava invadindo a cidade.

Luciano não sabia, mas, quando cruzou, com os pés descalços, a porteira daquelas terras, estava indo justamente para onde queria estar: a Fazenda Umbuzeiro, do poderoso coronel Feliciano Albuquerque Alvarás. O menino tinha apenas dez anos e já era um João-ninguém, sem família e, como se diz na linguagem do interior, um ser pobre sem eira nem beira, carregando no corpo um fardo imenso de desgraça e de dor. Porém, teve a iniciativa de decidir o seu próprio destino de ser vaqueiro na Fazenda Umbuzeiro, a maior da região. Para cumprir o seu intento, Luciano, um menino magricela, que só tinha o couro e o osso, andou dias e dias, numa cruzada de fome e cansaço, parando exatamente na casa do coronel Feliciano.

Quem primeiro chegou à sala para saber o que estava acontecendo foi dona Maroca, a mulher do coronel. Em seguida, apareceram o capataz Cirino e a empregada Creusa. Espantados, encontraram um menino magricela falando sem parar, feito uma ladainha, que o bando de Lampião ia invadir a cidade. O coronel Feliciano chegou armado com um revólver 38 — cano longo — na cintura. Alto, forte e falando grosso:

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

Dona Maroca respondeu:

— Encontrei esse menino aqui na sala, aos gritos, dizendo que Lampião vai invadir a cidade.

Então, o coronel se dirigiu para Luciano e o interrogou:

— Quer dizer que a Fazenda Umbuzeiro virou “Casa de Noca”?...

Cirino se apressa em falar:

— Era exatamente isso o que eu ia dizer.

O coronel não gostou de ser interrompido por Cirino e respondeu:

— Não me interrompa quando eu estiver falando. Eu não dou essa liberdade, Cirino. Eu quero saber do moleque, o que ele pretendia ao invadir a fazenda. Vá, desembuche!

Luciano começou a tremer de nervosismo e repetiu o que já havia dito e repetido:

— Seu coroné, me desculpe entrar em sua casa, assim desse modo, sem pedir licença, mas é que a cidade toda está num alvoroço da moléstia com a notícia de que Lampião está chegando. Segundo o seu Malaquias, vai correr muito sangue.

— E quem é esse peste chamado Malaquias?

— Conheço não. Só sei que ele estava no bar ali da esquina, dizendo da chegada do bando de Lampião e que, diante da correria do povo, ele disse que era o único cabra macho da cidade, com todo o respeito a vossa senhoria, mas que ele ficaria sozinho para defender a cidade.

— Agora me lembro! Ora, menino! Malaquias é um bêbado. O que ele diz não se escreve. E parece que você está indo no mesmo caminho do cabra mentiroso.

— Tô mentindo não, senhor. O povo corria pra se esconder com medo da invasão. Eu juro por tudo que é de mais sagrado. Juro pela Virgem Imaculada Conceição.

Neste exato momento, chegou Ubaldino, doze anos de idade, o filho mais velho do fazendeiro, um meninote. Entrou esbaforido, acompanhado da irmã Silvane — cinco anos —, para contar a mesma história:

— Pai, mãe, as freiras mandaram a gente vir embora e fecharam a escola. Disseram que o bando de Lampião vai invadir a cidade. Vamos nos esconder, que o bando de Lampião está chegando.

O coronel se encheu de brios e afirmou:

— Se esconder, que nada! Eu sou homem de fugir?! Cirino, vá à senzala chamar os homens e diga que venham armados e com muita munição. Ordene, em meu nome, que as mulheres e as crianças da fazenda se escondam no mato. Chispa!

Nesse meio tempo, o coronel pediu que dona Maroca, acompanhada da filha Silvane e de Creusa, a empregada da família, se recolhessem no quarto do santo até a refrega acabar. Ubaldino mais Luciano se esconderam na cozinha. Quando os homens chegaram, armados até os dentes, o coronel estabeleceu a estratégia de defesa do casarão da fazenda: a maioria dos homens ficaria do lado de fora da casa, em posição de tiro, enquanto outro grupo se encarregaria da segurança interna da casa. O coronel ainda ordenou o fechamento de todas portas e janelas do sobrado. Depois das ordens dadas, ele comentou:

— Temos mais de trinta homens bons de tiro, armados e com muita munição. Caso esse tihoso tenha a ousadia de invadir a fazenda, é aqui que ele vai morrer. Ele vai ver que aqui tem cabra valente e que não teme a morte. É hoje que o fio de uma égua vai levar chumbo grosso. Cirino, avise ao nosso pessoal que a luta é de vida ou de morte, e quem se acovardar morre.

Do lado de fora da casa, a guarnição, formada por vinte homens, era comandada por Cirino. Dentro da casa, o comando era do coronel, que, de posse do seu revólver 38, determinava aos capangas as posições em que cada um deveria ficar para proteger a casa. Quatro homens fortemente armados estavam a postos no telhado. De fato, tudo indicava que a coisa ia mesmo feder.

O furdução dos grandes, tirado da imaginação do pequeno Luciano, estava demorando demais para acontecer. Os homens já estavam posicionados há mais de duas horas, e nada do embate se realizar. Quando Luciano chegou à casa do fazendeiro, era por volta das nove horas da manhã. Naquele momento de tensão, o relógio já caminhava para o meio-dia. Impaciente, o fazendeiro determinou a Cirino que mandasse dois homens para ir ver o que estava se passando em Palma, acrescentando que retornassem imediatamente. Ordem dada, ordem cumprida.

Na cidade, para surpresa dos dois capangas, a paz reinava absoluta. As pessoas andavam normalmente, sem correria. As lojas estavam abertas, assim como os bares. Então, eles retornaram a galope e contaram tudo o que viram ao coronel. Foi um alívio. A tensão finalmente tinha se acabado sem que fosse necessário o disparo de um único tiro. Animado com a notícia, o coronel resolveu ir à cidade. Chamou Cirino e mais dois homens, e foram até o bar do seu Heleno para saber do acontecido. Ao entrar, o fazendeiro cumprimentou os presentes e foi direto ao balcão onde estava o dono do bar Estrela.

— Então, homem, o que está havendo nesta cidade?

— Coronel Feliciano, que surpresa agradável! Pois é, coroné, disseram que o bando de Lampião estava para invadir a cidade.

— E não vem mais?

— Vem nada. A volante disse que Lampião está bem longe daqui. Foi alarme falso. Só não se sabe quem foi o satanás que inventou essa história. Eu tive um medo dos diabos. O senhor sabe, eu sou comerciante, e é dessa categoria que ele gosta mais. E, assim como o senhor, procurei me proteger.

— É verdade. Eu também tomei os meus cuidados. A gente sabe que Lampião é um bandido desgramado. O roncolho é um assassino impiedoso.

— Cruz credo, Ave Maria!

Heleno fez o sinal da cruz, e todos acompanharam.

— Mas, já que não vai ter peleja nenhuma, o compadre pode botar aqui uma rodada de pinga, que é pra gente acalmar os ânimos e festejar.

— De pronto. E já que é para satisfazer a todos, é de gosto e é por conta da casa. Não é justo?

Todos responderam: “É muito justo”.

Enquanto os homens continuavam bebendo no bar do seu Heleno, na casa da fazenda, dona Maroca e Creusa conduziram Luciano para a cozinha, que, ao chegar, exclamou:

— Benza Deus!

O que fez a dona da casa perguntar:

— Qual o motivo desse seu espanto, menino?

Luciano disse baixinho:

— É que nunca, em minha vida, eu vi uma mesa tão cheia de comida.

E repetiu: “Benza Deus!”.

Creusa, estimulada pela conversa, disse:

— Nesta casa, não tem unha de fome. O coroné gosta de fartura. Ande, venha comer.

E passou a dizer a comida que estava sobre a mesa: feijão, arroz, farofa, salada, bifos assados e cozidos de carne de boi, ovos e peixe. Para sobremesa, vários tipos de bolo e de doces, além de frutas.

Antes do almoço, dona Maroca pediu a Creusa que lavasse as mãos do menino, recomendando:

— Esfregue bem. É para tirar todo o lodo.

Creusa arrastou Luciano para fora da cozinha, encheu uma bacia com água, ensabou a bucha e passou, várias vezes, nos braços e nas mãos do menino, até não restar mais nenhuma sujeira. Se passasse mais, era capaz de arrancar a pele do moleque com tanto esfregão e explicou:

— Antes de comer a gente tem por proceder de lavar as mãos. Tome ciência também que o homem não pode ficar ximando a comida da mesa e nem fazer macriação. Outra coisa: aqui, quando o coroné fala tu responde. Aprenda pro seu bem. Ouviu o que eu disse?

— Ouvi, dona Creusa.

Quando os dois retornaram, Luciano deu de cara com Ubaldino sentado à mesa. Creusa preparou um prato com bastante comida e, enquanto Luciano comia, dona Maroca e Ubaldino assistiam a uma cena nunca vista. É que, em consequência da fome, Luciano comia rápido, quase engolindo os alimentos, o que fez com que Creusa colocasse mais comida. Nisso, comentou:

– Dona Maroca, esse menino é magro de fome.

Luciano começou a suar, mas não parava de comer. Comia tão rápido, que estava quase por desmaiar. Então ela disse:

– Creusa, pare de botar comida no prato dele, senão o menino vai ter um troço.

Creusa tirou o prato da mesa, e Luciano se encostou à cadeira. Limpou o suor com as mãos, respirou forte umas três vezes e disse, ainda ofegante:

– Eu vou ficar bom. Eu só estava com muita fome.

Creusa dá um riso e completa:

– Deu pra ver! Há quanto tempo você não come?

– Há mais de três dias.

– Minha Nossa Senhora, é por isso que você comia feito bicho, como disse dona Maroca. Seus pais não lhe sustentavam não?

– Não tenho pai não, senhora. Nem mãe.

– Por acaso, vosmecê é filho de chocadeira?

– Não. Meus pais morreram afogados na enchente do Rio Itaguaçu. Naquela semana, choveu forte vários dias sem parar. Meu pai era pescador, e a gente morava em uma vila perto da beira do rio. Quando a chuva veio, o rio começou a encher, e, uma noite, a barragem rompeu e fez um grande barulho, parecendo um trovão. Meus pais saíram para ver o que estava acontecendo e foram arrastados pela correnteza. Num instante, a água encheu a casa, fui levado pra cima e passei pelas palhas do telhado. Escapei porque consegui nadar e, depois de um tempo, quando já estava quase morrendo, me agarrei num tronco de árvore que passava. A noite toda eu fiquei grudado no tronco que seguia na correnteza, até que ele parou em um barranco. No dia seguinte,

quando eu voltei, encontrei a casa toda destruída. Não restou nada. Tudo se perdeu.

Dona Maroca, mesmo sendo descendente de uma família abastada e tendo se casado com o homem mais rico da região, era religiosa e sensível. Vendo o drama do menino, disse:

— Minha Nossa Senhora, que história triste, meu filho! E você não tem parente?

— Que eu conheça, tenho não, senhora.

A resposta fez Cruenza se benzer:

— Credo em cruz, Ave Maria! Deus me livre de um acontecimento desse.

E dona Maroca perguntou:

— E por que você veio parar aqui?

— Antes mesmo do acontecido, nas conversas lá de casa, meu pai dizia que o padre Francisco sempre falava que conheceu o coroné Afonso, um homem de bom coração, que morava por essas bandas e era proprietário da maior fazenda da região. Como meu desejo era ser vaqueiro, eu tracei o meu rumo para esta terra, na esperança de alcançar a graça do meu destino.

Surpresa com o que acabara de ouvir, Maroca disse:

— Afonso. Você tem certeza de que o nome do fazendeiro era Afonso?

— Sim, senhora — disse Luciano.

— Afonso é o nome do meu sogro, pai de Feliciano. Essa história, que começou meia louca, está tomando o rumo de ser verdadeira.

Nesse meio tempo, os homens chegaram à fazenda, e o coroné Feliciano e Cirino ficaram prosando na varanda da casa. Ubaldino, que ouvia atentamente toda a história contada por Luciano, levantou-se da cadeira e foi direto relatar ao pai tudo o que escutou, fazendo o coronel murmurar:

— Se eu conheço Maroca, a esta altura, ela já adotou o menino. Beata como ela, e com um coração santificado, esse menino vai mesmo ser vaqueiro.

– Nem que seja de galinha – disse Cirino.

– Isso mesmo, Cirino! O moleque vai ser vaqueiro de galinha!

Riram à vontade e, em seguida, o coronel entrou na casa à procura de dona Maroca. Queria saber a sua reação diante da história do menino. Rodou a casa e só foi encontrá-la no quarto do oratório, chorando e ajoelhada aos pés da imagem da Imaculada Conceição. Assim que o coronel entrou no quarto, ela foi logo dizendo:

– O menino fica.

O coronel tentou argumentar que era cedo demais para uma decisão, mas dona Maroca foi incisiva:

– Feliciano, pelo amor que você tem aos seus filhos, por mim e pela Santíssima Imaculada Conceição, não desfaça o meu desejo. O menino é um pobre sofredor e precisa da nossa ajuda. Por mim, ele fica, mas a decisão é sua.

– Respeito o seu desejo e acato. Assim sendo, o moleque fica.

– O moleque tem nome. É Luciano.

– Sim. Então Luciano fica.

Por ordem de dona Maroca, a essa altura, Luciano já estava instalado na casa de dois quartos, onde Creusa morava desde que foi trazida por Cirino de um assentamento de quilombola. Assim como Luciano, também estava desamparada no mundo, isso há mais de trinta anos. Creusa era uma preta estimada pela família do coronel pelos dotes de ser boa cozinheira, porém tinha por hábito se meter nos assuntos mais diversos da família, além de não deixar uma pergunta sem resposta, e, mesmo quando era repreendida, saía resmungando baixinho, fazendo caras e bocas.

Antes de se encaminhar para a cozinha, o coronel voltou para a varanda e contou a Cirino o que se passava:

– Não disse a você... o moleque, o moleque não, Luciano, já está adotado.

Você vê como é a vida! Esse menino entra aqui, sem eira nem beira, e, num instante que passa, já arranhou duas mães.

– Por que duas mães, coronel?

— Porque ele já está instalado em um dos quartos da dona Creusa. Será que alguém vai tirá-lo de lá?

— De jeito nenhum.

— Sabe, Cirino, só espero que esse menino não nos traga desgraça. Isso seria uma infelicidade muito grande para dona Maroca.

— É verdade, coronel. Mas se o senhor me permite dizer, dê tempo ao tempo. Eu prometo que vou ficar de olho no moleque e, se ele andar fora do trilho, com certeza, eu faço com que ele encontre ligeirinho o caminho de volta. Não é justo?

— Muito justo. Ubaldino, vá lá dentro chamar o intruso.

O filho do coronel se afastou e, em seguida, voltou acompanhado de Luciano, no que o fazendeiro disse:

— Você não tem medo de morrer não, seu fio de uma égua magro?! Como é que você invade, aos berros, uma casa de respeito, sem pedir licença? Foi uma ofensa das grandes.

— Foi por medo, seu coroné. Foi por medo. O senhor releve. Eu sou ainda um menino, mas meus pais me ensinaram só entrar em casa alheia quando fosse chamado e tratasse a todos com o devido respeito.

— De onde você é e para onde ia?

— Eu sou de uma vila de pescadores da cidade de Ceres. Meus pais morreram no dia em que a barragem arrebentou.

— Eu ouvi falar do acidente.

— Pois é, senhor. E eu consegui escapar. Meu pai foi criado pelo padre Francisco. Nas suas conversas, o padre dizia que, por essas bandas, havia um homem bom, chamado coroné Afonso, o maior fazendeiro da região. Eu disse: é pra lá que eu vou. E, como eu escutei do meu pai, que ouviu do padre Francisco, que vosmecê é um homem de bem, eu vim pra cá à procura de um emprego e dar vida ao meu destino. Eu quero ser vaqueiro.

— Luciano, o coronel Afonso era meu pai. Você não precisa ir pra mais lugar: você já chegou aonde queria chegar. Vou dizer uma coisa: tu és um traste de gente. Mas vai trabalhar e morar nesta casa. A partir de hoje, você é nosso empregado e fará parte da nossa família. Cirino, o capataz da fazenda, vai ficar de olho em você e lhe en-

sinar o ofício de vaqueiro. A partir de agora, você vai morar no quarto dos fundos e trabalhar feito um desgraçado, para pagar a comida que vai comer. Aqui se acorda cedo e não tem hora de parar. Vê se toma prumo de homem.

Com os olhos cheios de lágrimas, Luciano agradeceu ao coronel, dizendo que seria obediente e fiel às ordens do fazendeiro. Ele chorava, mas, no íntimo, carregava uma sensação de felicidade. Acabava de chegar a uma cidade estranha, sem eira e nem beira, e, em poucas horas, já havia conseguido emprego, casa, comida e uma nova vida para viver.

O coronel Feliciano observou o menino chorando, emocionou-se e arranjou um jeito de mudar de assunto:

— Cirino, vamos almoçar, que dona Maroca já está à mesa com os meninos. Hoje o dia amanheceu pegando fogo.

— Não é pra menos, meu coroné.

Creusa apareceu na varanda e falou:

— Licença, coroné. Vou levar o menino para o quarto e aproveitar e dar um banho nesse bicho catinguento.

— Pode levar. O menino está mesmo precisando de um banho.

Saíram os dois de mãos dadas. No quarto, Creusa lhe entregou um pedaço de sabão, uma bucha e uma toalha, e disse:

— O banheiro fica lá no fundo, tem um purrão com água e um caneco. Escove bem a sujeira do corpo.

Após o banho, Creusa lhe vestiu uma camisola e o levou para o quarto. Ao ver a cama forrada com lençol, com travesseiro e ainda estando tonto de tanto comer, o menino se atirou no leito, pleno de satisfação, e dormiu o sono dos realizados, sem que ninguém o incomodasse. No outro dia, acordou bem cedo, com Creusa lhe dizendo que o coronel queria ter uma conversa séria com ele. Creusa disse também que, enquanto ele dormia, ela lavou e passou as roupas sujas. Completou dizendo que, antes da conversa com o coronel, era melhor que ele tomasse um banho e depois vestisse a roupa limpa. E assim foi feito.

NASCE UM VAQUEIRO

Toda realização acontece com a decisão de tentar.

O DIA TINHA ACABADO DE NASCER. Antes de se apresentar ao coronel Feliciano, o menino Luciano deu uma volta rápida em torno das casas da fazenda, sentindo o cheiro do capim, das árvores, o canto dos pássaros. Quando passou pelo curral, sentiu o cheiro dos animais, das vacas e o cheiro do leite. Essa combinação de odores diferentes lhe deu a sensação de bem-estar, e ele disse:

– Esse lugar é bem diferente de onde eu morava. É daqui que eu gosto, e é aqui que eu vou ficar.

Cirino passou por ele e disse:

– Conversando sozinho? Quem fala sozinho é doido. Ande logo, que o coroné está te chamando, danado!

Luciano saiu correndo até a casa grande e chegou à porta da cozinha. Viu Creusa conversando com o coronel e disse:

– Licença, coroné Feliciano. Posso entrar?

– Entra, Luciano. Já que você quer ser vaqueiro, eu estava aqui falando com Creusa para ela ir à cidade comprar uns apetrechos, principalmente um par de botas. Pelo que eu vejo, você não tem nem um par de chinelos.

Creusa acrescentou:

– O menino não tinha nem onde cair morto, quanto mais um par de chinelos.

– Eu sei, Creusa. Então compre também chinelos e sapatos, porque homem que é homem tem que ter um par de sapatos, pelo menos para ser enterrado com dignidade. Creusa, aproveite a charrete que vai levar Silvane e Ubaldino à escola. Compre tudo que for ne-

cessário. Na volta, Cirino vai ficar te esperando com os cavalos no oitão da igreja.

— Sim, senhor.

O coronel se retirou da cozinha, e Creusa mandou Luciano sentar-se à mesa. Nesse instante, é quando apareceram Ubaldino e Silvane, cinco anos, rosto claro, de cabelos loiros compridos, presos no meio por uma fita amarela amarrada em laço, vestindo uma saia azul e uma blusa branca, sapatos pretos e meias brancas, o fardamento da Escola Imaculada Conceição. Uma menina linda. Os dois se olharam rapidamente, mas não se cumprimentaram. Creusa arrumou o café dos irmãos, e assim que Luciano acabou de comer, ela pediu que ele ficasse esperando na entrada da casa. A charrete, que era dirigida pelo senhor Durval, um negro antigo da fazenda e de alta confiança do coronel Feliciano, já estava postada na frente da escadaria da casa, esperando os filhos do coronel. Era a primeira vez na vida que Luciano via uma charrete, principalmente aquela diante dele, com dois módulos: um na frente, com um banco de couro, destinado ao charreteiro, e o módulo principal, localizado no meio da charrete, com dois bancos de couro, um virado para o outro, e uma porta em cada lado. Esse módulo tinha uma cobertura de couro de cor preta. A charrete era puxada pelo cavalo de nome Antares, igual ao da grande estrela da constelação de Scorpius.

Os filhos do coronel se acomodaram no primeiro banco da charrete. Creusa e Luciano sentaram-se no segundo banco. Durante o trajeto, ela falava sobre problemas da casa, depois partiu para dar conselhos aos irmãos de como deveriam se comportar:

— A menina é uma dama, e o menino é um homem decente e trabalhador.

Mas nada do que Creusa dizia interessava a Luciano. Naquele momento, o menino estava praticamente em êxtase, aproveitando a viagem. Apreciava a paisagem e achava tudo belo e inusitado. Os irmãos, no entanto, demonstravam descontentamento com a presença de Luciano. Ubaldino pensava como é que os seus pais deram guarida a um fedelho desafortunado. Quando a charrete parou na frente da escola, eles desceram rapidamente, mas antes deram um “até logo” a Creusa. Silvane correu em direção a uma menina morena, bonita, de cabelos pretos, e disse:

– Marta, tenho uma novidade para lhe contar...

A essa altura, a charrete já tinha partido, e Luciano não ouviu mais nada, mas, ao virar a cabeça em direção à escola, viu Marta olhando em sua direção, e ele constatou que a menina dos cabelos pretos era realmente muito bonita.

A charrete parou em frente à loja de secos e molhados, e Creusa informou a Luciano que tinha chegado ao destino.

– É aqui que nós vamos ficar – disse.

Os dois desceram, e o seu Durval seguiu na charrete em direção ao colégio, onde ficaria aguardando a saída dos filhos do patrão. Enquanto isso, os dois entraram na loja, e Creusa se dirigiu ao coronel Leonardo, proprietário da loja, afirmando que estava ali em nome do coronel Feliciano, para fazer umas compras:

– Bom dia, coroné.

– Bom dia, Creusa. Vai comprar alguma coisa hoje?

– Vou, sim, senhor, e tudo que for comprado é para o senhor colocar na conta do meu patrão.

– Fique à vontade, Creusa. Aqui o coronel Feliciano tem todo crédito possível. Vou chamar o empregado Simão para lhe atender, conforme teu desejo.

– Agradeço, coroné.

Quando o empregado Simão chegou, Creusa foi dizendo o que queria:

– Quero um par botas, calças, camisas, meias, um par de sapatos, um par de chinelos e um par de tamancos.

Ficaram na loja por mais de uma hora, escolhendo os produtos, e saíram de lá carregados de caixas e pacotes em direção ao oitão da igreja. Cirino já estava lá, aguardando com os cavalos, e se surpreendeu com a quantidade de embrulhos. Disse, rindo:

– Acho que vocês compraram a loja toda.

– Também! Esse fio de Deus não tem nada na vida. O coroné mandou comprar, eu comprei.

— Menino Luciano, você é um cabra de muita sorte. Primeiro, caiu nas graças de dona Maroca, depois na de Creusa, que é uma mulher geniosa.

— ... Cirino!

— Com todo respeito. E, por fim, tem a fiança do coroné Feliciano. Se você quiser, Luciano, você vai longe, muito longe.

Creusa respondeu:

— Com as graças de Deus e da Virgem.

Ao chegarem à fazenda, deram de cara com o coronel Feliciano, que estava na varanda da casa, fumando um charuto. Ele nem se incomodou com a quantidade dos pacotes. E, se dirigindo para Creusa, disse:

— Creusa, a partir de agora, quero ver esse menino calçado com botas. Só vai tirar do pé na hora de dormir. Quem quer ser vaqueiro não pode ser mofino. Tem que fazer calos nos pés.

— Mas vai esfolar os pés do menino.

— É pra esfolar mesmo, até criar calo. Ele não quer ser vaqueiro? Então tem que começar criando calo nos pés e depois nas mãos.

— Minha Nossa Senhora, vão matar o menino!

Enquanto Creusa arrastava Luciano para cumprir a ordem, Cirino se aproximava. Os dois ficaram rindo, e o coronel disse, em tom de brincadeira:

— Cirino... Já temos na fazenda um vaqueiro de galinhas.

— E não é que é verdade, coroné.

E os dois voltaram a rir.

DOR E SOFRIMENTO

Doeu, mas não morri; sofri, mas sobrevivi;
fiquei mais forte, aprendi.

Marcela Taís

NO DIA SEGUINTE, NOS PRIMEIROS RAIOS DE SOL, Luciano apareceu calçado em um par de botas folgadas, para acomodar melhor os pés ainda em crescimento. O andar era meio desengonçado, até porque se equilibrar em botas não é muito fácil, principalmente quando a pessoa nunca usou o calçado. Era o caso de Luciano. O seu andar realmente fazia com que as pessoas rissem. Mas, em seguida, vieram os calos, que eram tratados, à noite, por Creusa, que, inclusive, falava sem parar:

— Isso não se faz com uma criança. O coroné Feliciano quer mesmo é te matar. Veja como estão os seus pés! Uma desgraça!

— Dói muito, mas deixe assim, dona Creusa, senão ele vai ficar pensando que eu sou um molenga. E aí eu nunca vou ser vaqueiro.

— Tá certo. Você irá sofrer é muito. Mas eu vou colocar um unguento feito do leite da folha do mamoeiro e óleo de copaíba-vermelha, além do uso da salmoura com cebola e alho. Prometo que as dores vão parar.

— Sim, senhora.

Foi um tempo de sofrimento, mas, com o uso constante das botas, o couro dos pés engrossou, e os calos desapareceram. Ele agora andava com tranquilidade. Com a orientação do coronel, o menino partiria para a segunda etapa do treinamento: montar bem um cavalo. Essa parte significaria um novo sofrimento, porque o menino nunca sequer havia chegado perto de um cavalo, quanto mais ter montado em um. O coronel Feliciano, conhecedor profundo da matéria, disse logo a Cirino:

— Cirino, agora é a hora de a onça beber água. Vamos ver se esse moleque leva jeito pra ser vaqueiro.

— É, meu coroné. Confesso ao senhor que eu tive até pena do menino, quando ele estava sofrendo com as botas novas...

— Eu também. Dona Maroca e a preta Creusa me olhavam como se eu fosse um carrasco. Mas não tinha outro jeito. E, graças a Deus, o menino suportou bem, e hoje já parte para a montaria. Não é mesmo?

— É verdade.

— A parte do treinamento da montaria vai caber a você. Vá com jeito, mas não alivie com o cavalo, para ele sentir que ser vaqueiro é ser homem.

— Certo. Ele vai cair muito, mas faz parte da profissão.

— Isso mesmo. Vamos ver se esse vaqueiro de galinha se torna um vaqueiro de verdade, sem medo de morrer.

— Deixe comigo. Vou fazer um treinamento do mesmo tipo que o senhor fez com Ubaldino.

— Correto. Pode começar.

CONTADOR DE HISTÓRIAS

Contar histórias da Bíblia não faz de você um Pregador,
e, sim, um contador de histórias.

Roberto J. Silva

NESSE MEIO TEMPO, A QUALIDADE DE LUCIANO em contar histórias da Bíblia a Creusa antes de dormir serviu de tanta admiração, que ela relatou orgulhosa o fato à dona Maroca, que, por sua vez, contou à família, gerando um interesse imediato de se evidenciar a tal qualidade do menino.

O menino era mediano na escrita e nas contas, mas podia-se dizer que sabia formar palavras, escrever seu nome, além de fazer algumas operações da tabuada. Aprendera tudo com a sua mãe, professora da Vila dos Pescadores, e, de tanto ouvir as histórias da Bíblia, contadas continuamente pelo pai, herdou a condição da arte de contador de passagens do Livro Sagrado.

Era comum, na fazenda, os donos da casa se reunirem na varanda após o jantar para conversar. O coronel Feliciano e dona Maroca se sentavam cada um em uma cadeira de balanço, e os meninos, em tamboretas. Nessa reunião, se falavam de vários assuntos, desde a compra de gado até o desempenho dos meninos na escola. Este último assunto era o preferido pela dona da casa, que fazia questão de que os filhos tivessem uma boa educação.

Naquela noite, Maroca, levada pela curiosidade feminina, pediu a Creusa que fosse até a varanda, acompanhada de Luciano, no que foi prontamente atendida. Então ela se dirigiu ao menino de uma maneira afável, solicitando que ele contasse uma história da Bíblia. Ele ouviu, mas ficou calado, surpreso com o pedido e, ao mesmo tempo, nervoso por estar diante de toda a família. Foi quando Creusa falou:

— Não tenha medo de falar, Luciano. Todos aqui gostam de você. Conte a história do jeito que você conta lá no meu quarto. Vá, desembuche.

O coronel Feliciano, vendo que Creusa estava avexada demais, disse:

— Calma, Creusa. O menino tem razão de ficar nervoso. Sirva um copo de refresco para ele relaxar. Depois, se ele quiser falar, ele fala. Não é, Luciano?

— Carece do refresco não, coroné. Eu só sei falar do jeito que meu pai contava. Não sei se vou agradar vosmecês.

— Se só for isso, não se preocupe. Maroca sabe tudo sobre a Bíblia. Qualquer coisa, ela lhe ajuda. Tá certo?

— Tá, coroné Feliciano.

— Pode falar.

Quando Luciano começou a história da criação do mundo, todos ficaram calados ouvindo e, ao mesmo tempo, imaginando como um menino que não sabia ler nem escrever direito adquiriu a capacidade de esmiuçar, com riqueza de detalhes, cada ponto da história sagrada. Luciano era um menino tímido, mas, nessa hora, se transformou em um ator. Encenava cada personagem da narrativa, como Deus, o diabo, a serpente, Eva e Adão. Dona Maroca, a mais religiosa da casa, olhava para Luciano com admiração e orgulho. Em parte, porque seu coração estava feliz em tê-lo, por assim dizer, adotado; também, porque, na qualidade de beata, conhecia os livros da Bíblia. Estava surpresa ao verificar que tudo o que o menino contava combinava com o que o livro de Gênesis relatava. Quando ele terminou a história da criação, todos bateram palmas.

O entusiasmo de dona Maroca foi tanto que, um dia, ela convidou o padre Ataíde para jantar em sua casa. A presença do padre era um motivo de alegria na família. Ele era afetuoso, mas, como acontecia com quase todos os padres, carregava o pecado da gula.

No dia marcado, ao chegar, o religioso foi recepcionado com alegria pela família e, sem cerimônia, dirigiu-se imediatamente em direção à mesa onde estavam as bandejas de canapés, com a desculpa de que estava com fome. Comeu alguns salgadinhos, bebeu vinho e até percebeu Creusa resmungar, ao lado do coronel:

– Esse padre come demais. Parece filho da seca, com uma fome da moléstia.

O padre nem ligou, e o coronel fez que não ouviu, mas deu uma risada. No jantar, o prato do padre realmente estava bem abastecido. Todos comeram bem. Em seguida, a família se dirigiu para a varanda, onde foram servidos doces e refrescos para os meninos e para as mulheres. Os homens beberam conhaque. O coronel se instalou na sua cadeira de balanço, acendeu o charuto e disse:

– Padre Ataíde, agradeço o comparecimento do senhor à minha casa, mas quero adiantar que o convite reserva uma surpresa. Está preparado?

– Desde que não seja para eu pagar a conta do jantar, tudo bem.

Todos riram. O coronel Feliciano completou:

– Isso não, padre. Jamais. O que vamos lhe mostrar é como um menino magricelo, analfabeto, sabe como ninguém contar uma história da Bíblia.

– Essa parte eu quero ver.

– Pois o senhor verá, e ainda mais: no final, o senhor vai julgar a apresentação. Filha, traga o nosso ator.

Silvane entrou com Luciano e o colocou no centro da varanda à vista de todos. Então ele, sem mostrar nenhum nervosismo, começou a contar a história do dilúvio, enfatizando a raiva de Deus contra as criaturas, a escolha de Noé, a construção da arca, o dilúvio, o flagelo dos homens, a salvação dos animais e da família de Noé e, por fim, o pacto de Deus com Noé de que não mais extinguiria o homem da face da Terra. E concluiu a história desta forma:

– E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz. Enquanto durar a Terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite. (Gênesis 8: 21-22).

Nesse momento, se fez um silêncio na varanda, quebrado segundos depois pelo padre Ataíde, que assim se manifestou:

— Coronel Feliciano, o senhor sempre nos reserva uma surpresa agradável, mas a desta noite vai além desta casa. Confesso que, na minha opinião, foi a melhor coisa que eu já vi em toda a minha vida. E olhe que eu já não sou mais um jovem. No entanto, ver o desempenho desta criança em contar, com riqueza de detalhes, a história do dilúvio... Eu digo que este menino Luciano é abençoado por Deus e entrou nesta casa pela porta da frente para dar alegria a esta família temente a Deus. Estou encantado. Estou muito grato pelo convite, coronel Feliciano. Agora só queria saber uma coisa.

— Pode dizer, padre Ataíde.

— Coronel, me diga: foi dona Maroca que ensinou o menino?

— Essa pergunta só quem pode responder é dona Maroca.

— Padre, esse menino entrou nesta casa pela porta da frente, como o senhor mesmo disse, e até agora só nos trouxe felicidade. É um menino trabalhador, obediente. Mas ele também nos surpreendeu com este dom de contador de histórias da Bíblia Sagrada. E agora vou revelar o mais importante: Luciano nunca teve uma vivência com a Igreja. Ele tem a sua fé, mas o que aprendeu foi de ouvir as histórias contadas pelo pai pescador, morto na enchente do rio. Na infância, ele foi coroinha na cidade de Ceres, na época do padre Francisco, que foi amigo do coronel Afonso, pai de Feliciano.

O coronel Feliciano afirmou, na ocasião, ter também conhecido o padre Francisco, acrescentando detalhes da fisionomia do religioso: magro, alto, tinha uma barba rala, uma voz serena. Ressaltou que o padre costumava frequentar a casa da fazenda e ter longas conversas com o seu pai; concluiu assim: o padre Francisco era muito querido na comunidade, e o meu pai o considerava um conselheiro da família, assim como nós consideramos o padre Ataíde. E ambos têm a mesma predileção: gostar de um bom vinho.

Todos riram, e dona Maroca concluiu o assunto:

— Veja, padre: quando Luciano começou a contar essas histórias, eu mesma fui pesquisar na Bíblia, e tudo que ele dizia estava lá nos livros sagrados. Não é uma coisa bonita, padre Ataíde?

— É a graça de Deus. Eu aproveito que estamos todos juntos, vamos rezar o Pai Nosso e a Ave Maria, mas antes peço uma salva de palmas para o nosso ator mirim.

Todos bateram palmas, com exceção de Ubaldino, mas ninguém ligou. Rezaram e, no final, o coronel aproveitou para pedir a Creusa mais uma rodada de conhaque, dizendo que era a saideira. Nesse meio tempo, Silvane foi até Luciano e pediu a ele que contasse uma história da Bíblia no Colégio das Freiras, onde ela estudava. Luciano ficou um pouco acanhado, mas ela insistiu, dizendo:

– Nós vamos gostar. Eu e a minha amiga Marta. Diga que sim, diga.

Então Luciano respondeu que sim. Ela saiu alegre e satisfeita. Luciano foi para o quarto, conduzido por Creusa, que não perdeu a oportunidade de falar:

– Cuidado com esse chamego com Silvane. Não esqueça que ela é a patroa. É a filha do coronel Feliciano. Tem um mar enorme separando vocês dois.

No que Luciano disse:

– Pode ficar sossegada, dona Creusa. Não vai acontecer nada. Eu sei o meu lugar. O meu destino é ser vaqueiro. É isso que eu vou ser.

Creusa disse que confiava nele e, em seguida, completou:

– Vamos dormir, que amanhã tem muito trabalho.

Na varanda, o padre estava recebendo os cumprimentos dos donos da casa e depois entrou na charrete, que o conduziu para a igreja.

A ida de Luciano ao colégio em que Silvane estudava nunca aconteceu. As freiras não permitiram. Luciano achou bom. Até porque, a cada dia, se concentrava mais nas tarefas do seu trabalho na fazenda.

DESPERTAR DA PAIXÃO

Só desperta a paixão de amar quem cativa o amor.

DEZ ANOS SE PASSARAM, e Luciano se transformou em um moço forte, bonito e trabalhador. Continuava fiel à promessa que fizera de respeitar a família que o acolheu. Era tratado como um filho e adorado por dona Maroca e por Creusa, sobre as quais ele devotava toda a sua afeição. Transformou-se também em um vaqueiro exemplar. Sabia como ninguém conduzir o gado, adquirido quase sempre em municípios distantes, o que tornava a tarefa mais difícil e cansativa, porque era preciso passar dias andando no mato, sob sol ou chuva, em cima do lombo do cavalo, rumo à Fazenda Umbuzeiro.

Nas paradas, em noite de lua cheia, os homens ficavam em volta da fogueira, animados, cantando canções sertanejas ao som da viola e contando causos. Luciano assumiu a tarefa que era executada pelo vaqueiro chamado Vicente. Agora estava com a incumbência de sair pelo mundo comprando e vendendo gado. Luciano sabia muito bem dosar o seu comportamento junto aos vaqueiros. Era severo quando merecia ser, mas também gostava de animação nos momentos apropriados. Essa animação ele carregava desde menino, quando relatava as histórias da Bíblia aprendidas com o seu pai.

Mas o destino é um bicho traiçoeiro e reservava mais uma surpresa para Luciano. Tudo aconteceu em um domingo de manhã, quando o coronel Feliciano anunciou com satisfação à família a oficialização do namoro de Ubaldino e Marta, a filha do coronel Leonardo de Oliveira Braga, fazendeiro e dono da loja de secos e molhados da cidade. “No dia de São José, darei um jantar especial com a presença da família do coronel Leonardo e convidados para comemorar essa união” — finalizou o anúncio.

Na noite da festa, com toda a família vestida nas melhores roupas, Luciano também participava do evento, como convidado do

coronel. Trajava um terno de casimira bege, camisa branca de manga comprida e calçava um sapato preto, com meias de igual cor. Todo o conjunto foi um presente de dona Maroca para a ocasião. Parecendo um membro da família, ele ficou na sala, bebendo e conversando com seu Feliciano e alguns convidados, como o padre Ataíde. Por volta das dezenove horas, Marta chegou acompanhada dos pais, coronel Leonardo de Oliveira Braga, dona Esmeralda Almeida Braga, e dos irmãos Carlos e Alberto. Era uma morena linda, de apenas quinze anos, e estava simplesmente divina naquele vestido azul celeste de alças, deixando à mostra o colo adornado com um colar de pérolas e um broche em flor. O cabelo comprido, amarrado com um laço azul mais escuro, dava um toque brejeiro àquele encanto de menina moça.

Quando Luciano foi apresentado a Marta, e as suas mãos se tocaram, ele sentiu uma sensação que nunca tinha acontecido em toda a sua vida. Suas pernas tremeram, e os seus olhos faiscaram de prazer.

Sem jeito, ele disse:

— Encantado.

Ela, olhando em seus olhos, respondeu:

— Muito prazer.

Foi um cumprimento rápido e formal. Durante a festa, os seus olhares se cruzaram, num breve momento, por duas vezes, acompanhados de um leve sorriso. Ele percebeu haver meiguice no olhar daquela moça. Então, elevou o pensamento aos céus e pediu a ajuda divina para conquistar a mulher mais bonita da noite. Mesmo sabendo que a sua pretensão era exagerada, porque não dizer por demais da conta, assim mesmo, pediu com fé e disse para si: “Ô, Deus me ajude! Eu seria o homem mais feliz do mundo tendo Marta na minha vida”.

A partir daquele momento, Luciano já não era mais o mesmo. Ele tinha a idade suficiente para ter ouvido falar sobre o amor e também sobre a paixão, duas palavras tão comentadas nesse mundo de meu Deus. Saber da existência e de já ter comentado sobre as duas forças do coração é um fato. No entanto, sentir o que o amor, assim como a paixão, proporcionam na gente, ele nunca tinha se permitido. Porém, inebriado com o perfume floral de jasmim e com a

beleza daquela menina moça, Luciano sentiu um golpe no coração. Com o seu corpo fora de controle, impulsionando emoções cada vez mais incidentes, liberando o estado de felicidade, além do desejo incontido, solto e desembestado de bom, tão forte e tão inusitado, então podia se dizer, sem nenhuma dúvida, que o vaqueiro foi flechado pelo cupido e sucumbiu à realidade dos amantes, quando percebeu que era impossível tirar Marta de sua cabeça.

A sensação vivida por aquele rapaz, que só sabia trabalhar, deu-lhe a convicção de que a paixão se dá dessa forma, desse jeito sofrido e, ao mesmo tempo, gostoso. É como se fosse o morde e asopra. Então, já que a situação não tinha mais cura, e ele também não mais queria tirar Marta do seu sonho, por que não deixar bater o coração?

Foi o que ele fez: na sua pureza, deixou o açude do sentimento rebentar, para que as águas da vida abrissem o caminho para a magia do amor e da paixão. Pensou: “Ela não sabe, mas, de alguma forma, essa moça me deixou diferente”.

No seu devaneio, concluiu, em êxtase:

— Ah! Como eu seria feliz tendo Marta como minha mulher para o resto da vida. Ela não sabe, mas, de alguma maneira, essa menina moça bela entrou no meu corpo, me dominou e não quer sair. Acho que é feitiço ou coisa do destino, de gostar de uma pessoa no piscar de olho. É sonho. Só pode ser sonho. Ela não sabe nem que eu existo.

No entanto, as emoções do vaqueiro não pararam no tempo do descobrimento do estado de felicidade. Não mesmo. Seguiram viajando rápido na velocidade do pensamento e, no momento seguinte, aflorava o estado de aflição, provocando-lhe uma dor dilacerante no peito, quando a sua mente descortinou o cenário do lugar perigoso do amor impossível.

O vaqueiro exclamou:

— Tô frito!

Na hora do jantar, o padre Ataíde fez a oração e a bênção dos noivos, e comunicou que o casamento seria no terceiro sábado do mês de setembro. Em seguida, dona Maroca ordenou à criadagem que ser-

visse a comida. Enquanto Marta conversava com Ubaldino, o vaqueiro admirava a beleza da menina moça e gostava do seu jeito de se portar à mesa, do sorriso, dos seus lábios. Novamente bateu o conflito. Sabia dos problemas que provocaria caso alguma coisa acontecesse entre eles, mas não tinha como deixar de pensar naquela mulher que entrou na sua vida sem pedir licença, assim como ele procedeu, há tempos, ao invadir a casa do fazendeiro Feliciano para gritar, em plena sala, que o bando de Lampião estava prestes a tomar a cidade.

Quando o jantar terminou, todos foram para a sala de estar, onde foi servida a sobremesa. O padre Ataíde não parava de beber vinho, o que fez o fazendeiro, em tom de brincadeira, dizer:

— Tenha calma, padre Ataíde, senão não vamos ter missa amanhã.

— Ora, seu Feliciano, o vinho é uma dádiva de Deus.

— Mas o álcool é uma dádiva do diabo.

Todos riram.

Ele acendeu um charuto, e todos passaram a conversar. Por volta das 22 horas, os convidados começaram a se despedir. Ao sair, Marta olhou para Luciano num relance, deu um breve sorriso e foi embora com a família, deixando para trás um coração em brasa.

Luciano saiu da casa grande andando devagar, carregando no peito um sentimento desconhecido, mas que lhe tocava a alma e fazia bater acelerado o coração. Na verdade, estava acometido do mais terrível sentimento humano: a paixão.

Naquele momento de contemplação dos astros, em que esboçou o seu grande desejo, caiu na crua e fria verdade da vida: que o homem era medido pelo dinheiro.

Não era nenhum doutor ou fazendeiro, para ter a grande oportunidade de conquistá-la. O que ele poderia ofertar à moça? Era um jovem pobre, sem pai, sem mãe, sem eira nem beira, que chegou a ser vaqueiro. Muito pouco tinha para oferecer: apenas o suor de seu corpo, a disposição de trabalhar e uma vontade enorme de viver ao lado dela. Pensou, desiludido: “Nada, nada mesmo tenho a dar a Marta”.

Naquele estado em que a razão apunhala o sonho, ele sentiu a sua pequenez diante da natureza e o quanto era pequeno diante

da grandeza dos ricos e poderosos. A triste constatação da pobreza encheu os seus olhos de lágrimas, e alguns pingos rolaram suavemente em seu rosto jovial e sofrido. A emoção lhe tomou conta do corpo. Ele se ajoelhou, colocou as mãos no rosto e se entregou a um choro compulsivo, com soluços e dor. Como uma desgraça nunca vem sozinha, logo veio, em sua mente, um pensamento do amor proibido. Marta acabara de noivar com Ubaldino, o filho abençoado do patrão, ao qual devia praticamente a vida. Por esse motivo, sonhar com a futura mulher do filho do patrão seria uma ofensa das grandes, quanto mais desejá-la. Essa ofensa imperdoável seria um crime de honra a se pagar com a sentença de morte.

Luciano compreendeu o quanto seria loucura de sua parte continuar alimentando um sentimento proibido, mas o diacho é que a mulher não saía do seu pensamento. Então, levantou-se, mirou novamente os astros e prometeu não mais se iludir. Em seguida, passou a andar em direção ao seu quarto para dormir, entristecido e derrotado.

Caminhava com a visão de Marta com o seu vestido azul e, em certo momento, decidiu andar mais um pouco no entorno da casa sob o brilho da lua cheia. Andou por uns vinte minutos e, quando retornou ao seu quarto, o casarão já estava às escuras.

Ele acendeu a lamparina, tirou a roupa e, quando estava completamente nu, a porta se abriu. Para sua surpresa, era Silvana. A jovem bela entrou, parecendo uma deusa. Cabelos loiros, soltos, e um sorriso angelical. Vestia um robe branco, deixando transparecer o contorno do seu corpo. Ela fechou a porta e suavemente tirou uma alça, depois tirou a outra, e o robe caiu aos seus pés, ficando nua na penumbra da luz emitida pela lamparina. Luciano viu, então, os seios rijos de menina moça e uma buceta aveludada por uma penugem dourada. Era a própria visão do paraíso. Olhavam-se e comparavam as diferenças naquele momento de prazer angelical. Virgens na efervescência do sexo. Continuaram a se olhar. Ela viu quando a pica de Luciano ficou ereta, dura; gostou da transformação e sentiu prazer quando sua buceta ficou umedecida.

Então, partiu dele a reação de se aproximar dela, que tremia de tesão, decidida a entregar a sua virgindade naquela noite. Ao chegar à sua frente, Luciano se agachou para pegar o robe e cobri-la, mas, quando seu rosto passou rente à buceta, ela o puxou para si, e

ele sentiu o cheiro do sexo dela. Teve uma vontade enorme de atirá-la na cama e decabará-la, com toda a volúpia. No entanto, nada disso aconteceu. Ele levantou o robe, cobrindo a nudez de Silvane, mas ela estava como uma felina no cio e novamente deixou-o cair suavemente. Num impulso, abraçou Luciano, sentindo a pica tocar na sua buceta. Ela estava em êxtase e disse:

— Eu quero ser sua.

— Isso é loucura, Silvane.

— Loucura mesmo é a gente perder esta oportunidade. Eu penso muito nesse momento.

— Silvane, eu não posso desrespeitar a sua família. E, além do mais, o que estou sentindo agora é coisa de homem, mas não existe amor. Por favor, a vontade que tenho é a de lhe possuir, mas não posso e não vou fazer isso. Perdoe-me.

— Você já esteve com alguma mulher? Já sentiu o prazer de possuí-la?

Enquanto falava, suas coxas apertavam a pica já umedecida pelo sêmen vaginal, roçando o seu pinguelo, dando-lhe uma sensação de êxtase.

— Você está praticamente dentro de mim. É uma sensação intensa de prazer que estou sentindo pela primeira vez. Por favor, me possua. Eu estou toda molhada — estava no frenesi do "sabão" — é só a gente ir pra cama. Eu gosto de você, Luciano. Venha, vamos pra cama.

Nesse instante, do lado de fora do quarto, um gato começou a miar alto.

Ela disse:

— É Mimi, o meu gato. Ele dorme comigo e vai fazer o maior barulho se eu não abrir a porta.

— Pois então faça isso agora. Esse segredo vai ficar entre nós.

— Você promete?

— Prometo.

Assim, ela foi se afastando, aos poucos, do corpo dele. Deu um beijo em sua face, vestiu o robe, abriu a porta, pegou Mimi e foi em-

bora. Luciano fechou a porta, jogou-se na cama e foi dormir, pensando em Marta e sentindo o cheiro do sexo de Silvane. Externou:

— Que loucura, meu Deus.

No outro dia, no café da manhã, com toda a família à mesa, a conversa foi recheada com os acontecimentos da festa de apresentação. O seu Feliciano disse que estava contente com a escolha do filho e elogiou o comportamento e a candura de Marta, o que fez dona Maroca dizer:

— A idade vai chegando, e os meninos começam a procurar os seus ninhos. Ubaldino, a partir de agora, assumiu a responsabilidade de se casar com Marta. Daqui a mais um tempo, é Silvane e Luciano. Os dois se olharam assustados.

O seu Feliciano entrou novamente na conversa:

— Ah, Silvane ainda é uma menina...

— Pai, eu já tenho quinze anos. A mesma idade de Marta.

— Ainda está cedo para pensar em casamento, ao contrário de Luciano, que já devia estar procurando um rabo de saia pra se atar. Essa afirmação não quer dizer que vá embora. Pelo contrário, você tem se destacado no trabalho, e é hoje o melhor tocador de boi da região. Com sua competência, nenhuma rês fica desgarrada pelo caminho. A boiada chega aqui completa. Mas você já está na idade de pensar em mulher. Eu, na sua idade, já tinha dado as minhas “escapadas”.

Dona Maroca ouviu e disse:

— Como é, Feliciano?! Você não disse que eu fui a sua única namorada?

— E foi. Mas eu falei “escapadas”.

— E o que é “escapada”?

— Deixa pra lá, Maroca.

Creusa, rindo, disse:

— Eu acho que sei o que é “escapada”, dona Maroca.

— Você já deu alguma “escapada”, como o Feliciano fez?

— Não, senhora. Deus me livre. Eu sou virgem e vou morrer virgem. Não quero saber de bafo de homem.

Todos riram.

Ela continuou a falar:

— Ah, coronel. Agradeço ao senhor ter mandado fazer o quarto de Luciano. Enquanto ele era um menino magricela, dei rancho na minha casa. Ele é um filho que eu não tive, mas agora cresceu, tá um rapaz taludo. É bom ele lá e eu cá, no meu canto, sossegada.

O coronel falou:

— Não agradeça a mim. Agradeça a dona Maroca. A ideia foi dela.

— Logo vi que essa ordem tinha um dedo de mulher. Homem não liga para a preocupação da mulher. Obrigado, dona Maroca. Não ia ficar bem para uma donzela como eu, de repente, topar com um homem nu na minha frente. Deus me livre de uma hora dessa.

Enquanto todos riam, Silvane estava pensando: “Eu achei bom demais”.

ENCONTROS DE AMOR

Amor com amor se paga.

O PRIMEIRO ENCONTRO ENTRE LUCIANO E MARTA se deu uns três meses antes da data do casamento e aconteceu por mero acaso ou, quem sabe, por influência do destino, que, naquela ocasião, já começava a traçar, de maneira sutil, o caminho dos dois. Numa sexta-feira pela manhã, Luciano estava descansando, em seu quarto, de mais uma viagem tocando o gado, quando Creusa bateu à porta e disse:

— Luciano, acorde, troque de roupa, que dona Maroca quer que você vá à cidade fazer um serviço pra ela. Vamos logo, menino. Não demore.

Luciano ouviu o recado, entendido como uma ordem, e imediatamente levantou-se da cama, tomou um banho, trocou de roupa, calçou as botas, colocou um chapéu novo na cabeça e saiu em direção à cozinha. Encontrou dona Maroca sentada à mesa, comendo um pedaço de bolo, e ela pediu que ele se sentasse e tomasse o café. Enquanto Creusa trazia a comida, Luciano ouviu com atenção a solicitação da patroa:

— Luciano, eu preciso que você vá até a casa de dona Esmeralda, mulher do coronel Leonardo, e traga uns rolos de tecido, para eu escolher e mandar fazer o meu vestido e o de Silvane para a festa de casamento de Ubaldino. Sei que esta tarefa seria do senhor Durval, o charreteiro, mas, como ele está doente, eu apelo para sua compreensão.

— Sem problema nenhum, dona Maroca. Farei o que a senhora pediu, com muito gosto.

— Que assim seja, porque Silvane está doida para ver os tecidos.

Creusa interferiu na conversa:

— Silvane, não é, dona Maroca? Vá, Luciano, pisa daqui e volte logo, porque as duas estão agoniadas para ver os tecidos.

Luciano levantou-se da cadeira, saiu em direção ao curral para selar o cavalo e, em seguida, rumou para a cidade. Estava bem arrumado. Vestia uma camisa branca de manga curta, calça marrom de brim, botas e chapéu de cor marrom. Estava alegre, mas, à medida que a cidade se aproximava, o seu coração disparava de emoção. O seu pensamento estava concentrado em Marta. Só vê-la de perto já seria um grande prazer. E foi com essa carga emocional que ele chegou à casa do coronel Leonardo, situada na Praça da Igreja. Na verdade, não era uma simples casa. Era um casarão, como se falava no interior. A frente era formada por um muro alto e um portão de entrada de ferro de duas bandas, decorado por barras entrecortadas, formando vários losangos, que se fechavam em um semicírculo na extremidade. A casa propriamente dita ficava acima de oito degraus largos, destacando a escadaria de entrada, que iniciava com um passadiço de dois metros de extensão, revestido por lajotas de pedra amarela. A casa era toda avarandada, circundada por um muro de proteção na altura de dois metros e pintado na cor bege. As portas e as janelas, trabalhadas em madeira de lei marrom escuro e envernizadas, formavam um conjunto de rara beleza. O espaço nas laterais era todo ajardinado. Luciano observou cuidadosamente cada detalhe e, sem mais demora, bateu palma, para que alguém da casa viesse atendê-lo. Quando a porta se abriu, apareceu Marta. Os dois ficaram paralisados, sem saber o que dizer. O coração de Luciano parecia que ia explodir de tanta emoção ao ver a mulher dos seus sonhos cada vez mais linda. Marta era uma menina de quinze anos em um corpo perfeito de mulher. Ao se apresentar, usava um vestido estampado de alça, calçava uma sandália baixa branca, e os cabelos, que terminavam abaixo dos ombros, estavam presos por uma fita branca em formato de laço. Luciano respirou fundo e disse:

— Bom dia, senhorita Marta.

Marta respondeu com um sorriso nos lábios, que a tornou angelical:

— Você por aqui é uma surpresa. Aconteceu alguma coisa na fazenda?

— Não aconteceu nada. Eu vim aqui a mando de dona Maroca para pegar uns tecidos.

Marta desceu os degraus, abriu o portão e pediu que Luciano entrasse, que ela iria chamar a mãe para tomar as providências. Luciano entrou, subiu os degraus ao lado de Marta, e sentiu o perfume floral que ela usava.

— A vida de vaqueiro é boa, tem uma mulher em cada cidade. Não é verdade?

— É história do povo e de vaqueiro conversador. Pelo contrário: a vida de vaqueiro é muito dura. A comitiva viaja muitas léguas ao sol ou na chuva. À noite, nas paradas, a gente faz uma fogueira, se toca violão, e uns cantam. É só. O único conforto é dormir nos dias estiadados vendo as estrelas.

— E você não tem namorada?

— Tenho não.

— E não pensa em ter uma família?

— Pensar eu penso, mas ainda não encontrei...

Nesse momento, a voz de dona Esmeralda cortou a conversa. Dentro da casa, ela perguntou quem tinha chegado. Marta entrou em casa para atender a mãe, mas antes tirou a fita branca do cabelo e a deixou cair no chão. Luciano pegou a fita e a guardou no bolso. Em seguida, chegou dona Esmeralda, acompanhada de um empregado que carregava um saco amarrado na boca, com vários cilindros de tecidos. A patroa pediu que o empregado ajudasse Luciano a amarrar o saco na garupa do cavalo e, sem nenhuma cerimônia, se retirou. No caminho de volta, ele tirou do bolso a fita branca deixada por Marta e pensou: “Por que será que ela soltou a fita? Esse gesto tem algum significado, como uma prenda? Não pode ser. A fita caiu por acaso. Ela nunca iria trocar uma vida de fartura e riqueza para viver com um pobretão como eu. Acho melhor esquecer isso. Ela nunca será minha. Ela pertence ao sortudo do Ubaldino”.

Luciano tinha uma convicção da realidade que se apresentava, mas, mesmo assim, o seu coração batia forte, gerando uma emoção só sentida pelos que amam de verdade. Ao chegar à fazenda, Creusa o estava esperando na varanda e foi logo dizendo:

— Luciano, desmonte rápido e traga o saco para a sala, que dona Maroca está avexada.

Ele atendeu, de pronto, e deixou o saco na sala. Creusa fez a seguinte observação:

— Pode ir, porque, a partir de agora, o assunto pertence às mulheres. Luciano deixou a casa, foi para o seu quarto, fechou a porta e se atirou na cama. Tirou a fita do bolso da calça e, segurando-a com a mão esquerda, passou a cheirá-la e a sentir o odor do perfume floral que Marta usava. Nesse momento, ele se excitou, começou a se masturbar e obteve um gozo intenso e desejado.

O segundo encontro também se deu por mero acaso. Num dia de domingo, o coronel Feliciano chamou Luciano para acompanhá-lo, juntamente com a família e mais Cirino, até a fazenda do coronel Leonardo, onde ele compraria um lote de gado. Disse também que o trabalho duraria grande parte do dia, porque, como o gado estava espalhado no pasto, seria necessário prendê-lo no curral a fim de facilitar a escolha. Luciano acatou a ordem do coronel e se dirigiu ao quarto, vestiu sua roupa de vaqueiro, pegou o cavalo no curral e se apresentou na varanda, onde o coronel estava conversando com Ubaldino, fumando um charuto e bebendo conhaque. Luciano desceu do cavalo e foi para perto do patrão, que lhe ofereceu uma dose de conhaque. Ele rejeitou, mas disse que aceitava um gole de pinga. Nesse momento, chegou Cirino, que, ao ouvir a conversa da pinga, disse que também aceitaria de bom gosto uma dose, segundo ele, para dar disposição ao trabalho. O coronel pediu ao filho que fosse buscar uma garrafa de cachaça. Quando ele voltou, os dois tomaram duas doses de lapada. Nesse instante, apareceram dona Maroca e Silvine. O coronel anunciou que estava hora de partir. A família se acomodou na charrete, que seguiu em direção à fazenda do coronel Leonardo, situada a oito quilômetros da cidade. Luciano, Cirino e o vaqueiro Amaral seguiam atrás a cavalo. Quando a comitiva chegou à casa da fazenda, foi recebida por toda a família do coronel Leonardo. O coronel Feliciano cumprimentou todos, enquanto Ubaldino se dirigiu ao encontro de Marta e beijou-lhe a mão, em sinal de respeito perante a família da noiva. Luciano assistiu à cena com ciúme, mas nada pôde fazer a não ser perguntar ao coronel Feliciano se já podia começar o serviço. O coronel respondeu que sim, apoiado pelo coronel Leonardo, que completou dizendo que os

seus homens já estavam a postos no curral. Os vaqueiros seguiram a galope em direção ao curral para se juntarem aos três vaqueiros e se dirigiram ao pasto a fim de juntar e trazer o gado.

Como o coronel Feliciano afirmou, o trabalho seria demorado, uma vez que o pasto era grande, e o gado estava todo espalhado. Primeiro teriam que reuni-los, formar uma boiada e conduzi-la para o curral. Nesse meio tempo, os convidados estavam sentados na varanda da casa da fazenda, bebendo e comendo salgadinhos preparados por dona Esmeralda. Os homens bebiam conhaque, e as mulheres, refrescos de fruta. Ao meio-dia, todos foram chamados para almoçar.

No campo, a luta dos vaqueiros em reunir o gado continuava. Luciano, embora fosse um jovem, já era um vaqueiro experiente e, montado em seu cavalo adestrado e veloz, carregava na mão direita um chicote que estalava ao vento, cercando os bois localizados mais a distância, conduzindo-os até o ponto em que seriam reunidos sob a vigilância dos vaqueiros da fazenda encarregados de manter a formação da boiada, em um vai e vem incessante, cansativo, mas necessário. A sua disposição tinha um sentido lógico: mostrar a Marta que era um homem trabalhador e, ao mesmo tempo, manter-se concentrado, ocupando a mente na missão para não pensar nela, mas era uma ação impossível, porque o amor já estava consolidado em seu coração.

Por volta de uma hora da tarde, chegou uma carroça trazendo a comida colocada em caldeirões: arroz, feijão, carne de boi cozida, farinha e vários vasos com refresco de jenipapo, além de pratos e talheres. O velho trouxe também um presente especial enviado por Marta: uma garrafa de cachaça, laçada no gargalo por uma fita azul. Isidoro pegou a garrafa, jogou o laço no chão, abriu a tampa usando os dentes e começou a beber. Luciano pegou a fita e a colocou no bolso da camisa. A garrafa passava de mão em mão, e o líquido considerado precioso acabou rapidinho. Então, eles fizeram os pratos e foram comer à sombra da jaqueira, mas de olho no gado, que pastava tranquilo.

Ao fim do almoço, descansaram por cerca de vinte minutos e retomaram o trabalho de ajuntamento do resto dos animais desgarrados. No meio da tarde, a boiada estava formada e seguiu conduzida

para o curral, onde os coronéis Leonardo e Feliciano e os filhos estavam postados para iniciar o processo de escolha, que se dava pela rejeição. Luciano e Ubaldino apontavam os animais rejeitados, que eram imediatamente postos para fora por um vaqueiro que estava montado a cavalo dentro do curral. Outro, do lado de fora, ficava encarregado de abrir e fechar a cancela. Após isso, os cinquenta animais foram escolhidos e ficaram confinados no curral.

Finalmente, o serviço estava concluído. O coronel Feliciano se dirigiu à casa da fazenda para as despedidas, mas, antes, disse a Luciano e a Amaral que eles ficariam para ajudar na condução dos bois rejeitados ao pasto e verificar mais de perto a condição dos escolhidos. Quando a família partiu na charrete, Luciano já estava junto aos vaqueiros da fazenda, conduzindo a boiada em direção ao pasto. Na volta, ao atravessar um riacho de águas cristalinas, ele disse a Amaral que iria dar uma parada para lavar o rosto. Amaral respondeu:

— Não tenha pressa, Luciano. Hoje você mostrou que é um grande vaqueiro. Eu vou seguindo e lhe aguardo no curral.

Luciano apeou do cavalo, retirou o chapéu da cabeça, andou até o riacho, se ajoelhou na beirada e lavou o rosto e depois bebeu água. Foi quando ele ouviu uma voz a lhe falar:

— Está cansado, vaqueiro?

Ele se levantou, olhou para a direção em que vinha a voz e viu Marta montada num cavalo preto. Ela estava simplesmente divina! Trajava uma blusa bege-clara e uma calça marrom. Estava parada na copa do pé de umbuzeiro, dando a entender que queria conversar. Então desceu do cavalo. Ele se dirigiu até ela e respondeu:

— O serviço foi meio cansativo, mas já terminou.

— Lá em casa, todo mundo elogiou a sua disposição, principalmente o coronel Feliciano. Meu pai também elogiou. E olhe que ele é um homem de pouca conversa, e não é de elogiar os empregados!

— Tinha que fazer isso, senão o trabalho ficaria mais demorado.

— Da casa dava para ouvir o estalo do seu chicote. A gente sabe que você é um homem trabalhador. Mas me diga uma coisa: quem ficou com a fita que foi presa na garrafa da pinga?

– Eu.

– A fita é minha.

– Agora tenho duas, uma branca e uma azul. Mas ainda não entendi por que a senhorita me oferece as fitas. É algum tipo de prenda?

– É, sim. É uma prenda para despertar o coração do meu amado.

– Como?

– Isso mesmo que você ouviu. A nossa conversa vai ser rápida e definitiva. Eu tenho uma confissão a fazer, que há muito tempo vem me consumindo. Eu te amo... muito.

– Isso parece um sonho, e também alguma coisa assustadora, tipo um pesadelo.

– Por quê?

– Porque... eu gosto de você, Marta, mas vivo um pesadelo em pensar que tem uma diferença entre a gente, nessa terra de gado marcado. Você é rica, e eu sou pobre. E, mesmo de coração sofrido, tenho que aceitar que o meu lugar neste mundo não é do seu lado. É proibido. Acho que o meu destino é tocar a vida e aceitar a minha sina.

– Nada é impossível neste mundo. Sei que o meu casamento com Ubaldino vai gerar contentamento para a minha família, além de trazer riqueza e bem-estar. No entanto, eu não quero viver ao lado de um homem com quem não tenho nenhuma afinidade, paixão ou amor. Eu quero viver ao lado do homem que eu amo, e esse homem é você.

– Você está me dando tudo que eu preciso: força e coragem. Eu tentei, de todas as maneiras, tirar você da minha vida, mas não consegui. Pelo contrário, cada vez mais eu me apaixonava. Eu até tentei me aproximar mais de Ubaldino, para ver se te esquecia de vez, mas não consegui. Você vem me consumindo, dominando as minhas forças, e eu não quero mais viver sem você.

– O que eu sinto por você é alguma coisa que eu nunca senti na minha vida.

– Será que é amor?

— Deve ser. Se o amor é feito da dor do coração e não se cansa de machucar, então eu sofro de amor. Como você disse, eu também lutei, de todo o jeito, pra tirar vosmecê do meu coração, da minha vida, mas, toda vez que eu renegava, por castigo, eu gostava mais e mais.

— Não há castigo no amor. O amor é bonito demais para ser re-livado ou renegado.

— Eu sei. Mas você está de casamento marcado. O que vai ser de nós?

— Luciano, eu estou decidida a largar tudo e viver a minha vida com você, com o homem da minha vida. O destino quis assim, e assim será. Meu amor, vamos viver nossa vida longe daqui.

— Só tem esse jeito. Você pense bem, Marta, porque, assim que a gente fugir, sua família e a de Ubaldino virão atrás da gente pra valer...

— Se for pra morrer, prefiro morrer ao seu lado. Se for pra viver, estarei contigo até o fim dos meus dias. Estamos nas mãos do destino. Nós nos amamos.

— E você, Marta, é a mulher da minha vida. Nossos destinos estão traçados, meu amor.

As lágrimas rolaram dos seus olhos. E ali, no entardecer, protegidos de olhares estranhos pela copa do umbuzeiro, árvore símbolo de resistência do sertão, os dois se aproximaram, sem nada dizer, e se beijaram apaixonadamente, uma vez, duas e três. Depois ficaram abraçados, até o momento em que Marta falou:

— Prometa, pela Virgem Imaculada Conceição, que nós vamos fugir, prometa.

— Prometo, Marta. Amanhã mesmo, já começarei a planejar a nossa fuga.

— Tem que ser rápida e sem erros.

— Eu tenho uma viagem de uns vinte dias para fazer, conduzindo uma boiada do Sul, mas, depois disso, estaremos livres. Mandarei um recado, dizendo o dia, a hora e o local da nossa fuga.

— Eu estarei lá, de corpo e alma, para seguir, pelo resto da minha vida, os passos do homem que amo.

Mais uma vez, se abraçaram e trocaram um longo beijo apaixonado de despedida.

— Marta, eu te amo!

— Eu também, Luciano!

— Agora vá embora, antes que deem por sua falta.

Marta subiu no cavalo, com a ajuda do amado, e partiu em disparada.

Luciano ficou mais um tempo, olhou para o céu e agradeceu a Deus e à Virgem Imaculada Conceição por aquele momento de felicidade que mudaria a sua vida para sempre. Depois, foi ao riacho e jogou água na camisa, montou no cavalo e foi em direção ao curral, onde Amaral o esperava, prosando com os vaqueiros. Vendo-o com a camisa molhada, disse:

— Pela demora, você não lavou só o rosto, tomou foi um banho.

Luciano riu, e ele completou:

— Vamos embora, que a estrada é longa, e amanhã a gente vem de volta para conduzir a boiada.

— Até mais ver, minha gente.

Os vaqueiros responderam em só voz:

— Até mais ver.

No caminho de volta, enquanto Amaral conversava, Luciano era só pensamento. Já estava planejando o que fazer para não pôr em perigo a mulher amada. Tinha que pensar em um plano secreto, infalível.

TRABALHO E DINHEIRO

O trabalho duro só terá valor,
caso haja a recompensa do dinheiro.

DEPOIS DE UMA NOITE BEM DORMIDA, Luciano acordou com Creusa, chamando-o para dizer que, por causa do trabalho bem realizado, o coronel Feliciano estava lhe dando um dia de folga. Disse ainda que os vaqueiros já tinham seguido para a fazenda do coronel Leonardo, a fim de trazer o gado, e acrescentou:

— O coronel também quer ter uma prosa com você. Cuidado no que vai falar.

— Creusa, eu não sei do que se trata.

Já à porta, Creusa olhou para trás e advertiu:

— Então te prepara. O coroné é bicho tihoso. Vai falando, puxando assunto, e, de repente, dá o bote. Fique atento.

Luciano fez tudo que Creusa mandou. Levantou-se da cama, tomou banho, vestiu-se e caminhou em direção à casa grande. Na cozinha, após ter se servido do café da manhã, Creusa disse que o coronel estava na varanda, sentado na cadeira de balanço, fumando charuto. Ele se dirigiu até lá e saudou o coronel com o cumprimento de sempre:

— Bom dia, meu coronel.

Ouviu as mesmas palavras do coronel:

— Bom dia, Luciano.

Completo:

— Senta aí na cadeira.

— Creusa disse que o senhor tem um assunto pra tratar comigo. Pode ficar à vontade, coronel.

— Primeiro, Luciano, quero lhe agradecer por sua disposição mostrada na arrebanhagem do gado. Todo mundo elogiou o seu trabalho. E, em segundo lugar... — fez uma breve pausa — vem um assunto mais pessoal...

Luciano gelou fundo e pensou rápido: “Será que eles viram ou sabem de alguma coisa?”. Mas se fez de abestado e esperou para ver o que o coronel tinha a dizer.

— Pode falar, coronel.

O coronel chamou Creusa e lhe pediu uma dose de conhaque mais um copo e uma garrafa de pinga para Luciano. Na volta, Creusa carregou nas mãos uma bandeja com uma taça de cristal, um copo e duas garrafas, uma de conhaque e a outra de pinga. Deu uma olhada para Luciano, que imediatamente compreendeu o recado: “Fique atento”.

O coronel disse:

— Creusa, eu só pedi uma taça de conhaque, e você me traz uma garrafa. Você quer me embebedar?

Creusa responde:

— Eu não tenho tempo de ficar pra lá e pra cá.

— Tá bem, Creusa! E, como eu ia dizendo, Luciano, você chegou aqui na fazenda como um magricela esfarrapado, sem eira nem beira. Você é jovem, mas já tem um corpo de homem e aprendeu bem o ofício. É, sem dúvida nenhuma, um dos melhores vaqueiros da região. Ganhou o respeito dos homens da fazenda, a confiança da família e a admiração de dona Maroca e de Creusa, livrando-se, principalmente, da língua de Creusa, porque, quando ela não gosta de uma pessoa, sai de perto. Ela é mais bruta do que desembesto de mula. Ah, se ela ouve!

Os dois riram da comparação e, em seguida, o coronel voltou a falar:

— O que você faz com o dinheiro que ganha?

— Guardo, meu coroné. Graças a Deus, aqui não me falta nada. Sou grato por vosmecês terem acolhido um frangote esfarrapado como eu era.

— Mas você fez por merecer. Com esse dinheiro que você guardou, não passa por sua cabeça sair daqui... Comprar uma terra em outro lugar, ou até mesmo se casar?

— Com toda sinceridade, meu coroné, não, senhor. A minha vida está voltada para o meu trabalho aqui na fazenda. Será que o senhor quer que eu vá embora? Por acaso, eu fiz alguma coisa que deixou o senhor descontente?

— De jeito nenhum, Luciano. Não se trata disso. Pode ficar aliviado. Nós gostamos de você, apenas eu queria saber qual a sua intenção em juntar tanto dinheiro.

— Como eu já disse, coroné, pensar em me casar, ter uma família, eu penso. Penso também em ter minha terrinha. Mas não agora. É verdade que o povo daqui casa muito cedo. Veja, Ubaldino já está de casamento marcado, logo mais será a vez de Silvane. Eu penso de outra forma. Acho que casar é bom, mas, se Deus quiser, vai chegar a minha hora. O destino é quem vai dizer.

— Você está completamente certo. E, já que você disse de coração aberto o que pensa, eu vou te ajudar. Na próxima semana, você vai em comitiva comprar uma boiada lá no Sul. Pegue o seu dinheiro, invista tudo em boi. No seu retorno, eu vou vender todos e lhe garanto dobrar o seu dinheiro. Estamos acertados?

— Estamos, meu coronel.

— Muito justo.

— É muito justo e, mais uma vez, muito obrigado.

— Era o que eu tinha para conversar com você. Agora vá para o seu quarto descansar, que você trabalhou ontem feito um desgraçado. Deve estar com o corpo todo fatigado. Vá em paz.

— Fique na paz de Deus, coronel.

Luciano se trancou no quarto e começou a meditar. O dinheiro que tinha ganhado durante todos esses anos de trabalho na fazenda seria dobrado da noite para dia. Era uma maravilha. Com mais dinheiro, ele poderia dar uma boa vida para Marta. Não evidentemente a que ela teria, mas, em compensação, não seria uma vida de sacrifício e pobreza. É! A seu ver, alguém lá de cima estava dando uma grande ajuda para que a sua união com

Marta pudesse acontecer, terminando de vez com o ferrão do amor impossível.

O procedimento do coronel foi encarado como um ato de pai para filho. A amizade entre os dois fez com que, independentemente da relação entre patrão e empregado, favorecesse para beneficiar Luciano. Mais uma vez, a mão de Deus amparou aquele que sempre acreditou na força do destino.

PALMA DO SERTÃO

Lar doce lar, despertar e viver.

SITUADA NA PARTE CENTRAL DO SERTÃO, Palma era uma cidade em crescimento. Com terras férteis, tinha na agricultura, na pecuária e no comércio a sua base econômica, que se fortalecia por meio da velha ferrovia. Era pelos trilhos do trem que o município exportava os seus produtos agrícolas, principalmente o açúcar, o feijão, o arroz e a farinha de mandioca. Também era através da linha do trem que o gado era transportado para outros estados, além de dinamizar a importação de produtos necessários para o empreendimento do comércio e da agricultura.

A cidade também estava inserida no contexto nacional e acompanhava os fatos que se destacavam na política, na cultura e na sociologia da região, como o que aconteceu com a morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, Rei do Cangaço, que, chefiando um grupo de cangaceiros por dezesseis anos, levou o terror ao sertão nordestino. Lampião era um bandido extremamente cruel, violento e responsável por mais de uma centena de mortes e outra centena de estupros. Foi morto no dia 28 de julho de 1938, em uma emboscada feita pela polícia de Alagoas, na Grota de Angico, em Sergipe. No confronto, morreram Lampião, Maria Bonita e mais onze cangaceiros. Todos foram degolados, e suas cabeças, expostas ao público.

A morte de Lampião foi comemorada em várias cidades, inclusive em Palma, com o povo indo às ruas para saudar o acontecimento com fogos de artifício e alegria.

Na política, Palma acompanhou a regulamentação do salário-mínimo, instituída pelo Governo Federal, no dia 1º de maio de 1940. Também acompanhou, em 1942, a substituição da moeda réis pelo cruzeiro.

As medidas do governo federal tiveram repercussão social, mas não abalaram o poder dos coronéis. Coronel era o nome dado aos grandes proprietários de terras e às autoridades político-econômicas da região.

O coronelismo institucional surgiu com a formação da Guarda Nacional, criada em 1831. O governo da Regência (1831-1842) colocou então os postos militares à venda, podendo, então, os proprietários e seus próximos adquirir os títulos de tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel da Guarda Nacional. O posto de general era uma exclusividade do Exército. Assim é que, com o tempo, o coronel passou automaticamente a ser visto pelo povo comum como um homem poderoso, de quem todos os demais eram dependentes.

O senhor Feliciano Albuquerque Alvarás não era um coronel de patente comprada, mas se enquadrava perfeitamente na configuração de latifundiário, prestador de serviços políticos ao governo, e assim ganhou prestígio e poder. Era um homem que tinha influência, informação e mando em Palma, daí ser chamado de coronel Feliciano. Na região, ele era considerado um homem de paz, de certa maneira até afável, porém infeliz seria aquele que tivesse a ousadia de confrontá-lo. Era morte certa. Segundo a sua máxima, “um homem de mando não pode ser desrespeitado”. Por isso, ele tinha mais de trinta homens trabalhando na fazenda à sua disposição e prontos para qualquer embate. Uma parte do respeito adquirido junto à população vinha justamente dessa força quase militar de que ele dispunha. Mas, como ninguém é de ferro, como homem, o coronel gostava de uma safadeza com mulher. Tinha uma afeição medonha por jovens virgens, de preferência na faixa entre os quinze e dezoito anos. Carregava essa sua predileção escondida da família e, para promover os encontros amorosos, ele recorria a Zefinha, a dona de um bordel afamado que ficava um pouco afastado da cidade. Ela conseguia as meninas nos vilarejos ou até mesmo em cidades pobres de outros Estados. Boa de conversa, a cafetina induzia a família dizendo que a menina iria trabalhar e ter uma vida de felicidade na casa de um fazendeiro que reunia poder e bondade. Para incentivar a família a liberar a filha, Zefinha oferecia dinheiro, justificando que era um presente do coronel. Como, na maioria dos casos, a família vivia em extrema pobreza e passando fome, o pai não colocava dificuldade na liberação da filha, mesmo porque a sua

aquiescência tinha o sentido de promover o conforto da menina, o qual ele não estava em condições de oferecer. Uma vez levada pela cafetina e longe da família, o destino da menina já estava selado: ser puta nas terras de Palma, perdendo a virgindade nos braços do coronel Feliciano.

Assim que Cirino recebia a informação da cafetina, ele repassava para o patrão, que marcava o dia e a hora da visita. Normalmente, a ida ao cabaré se dava no período da tarde. No dia apressado, Zefinha colocava a casa unicamente à disposição do ilustre visitante. Ele chegava acompanhado de alguns homens da sua segurança, agindo fora e dentro do bordel. Alegre e satisfeito, ele se sentava em uma poltrona no canto da sala, à espera da presença da cafetina, que vinha lhe apresentar as novas prendas. Quando uma delas era escolhida, a cafetina a conduzia para ser preparada para o “enlace”. Nesse caso, era um banho com sabonete cheiroso. As mulheres mais idosas tomavam a iniciativa de embelezá-la, começando pelo pentear dos cabelos, passando pela colocação de ruge nas faces, batom nos lábios e perfume suave no corpo. Por último, a menina vestia uma camisola branca, transparente, sendo conduzida pela cafetina para um quarto especial, onde ficaria aguardando a chegada do coronel. Nesse meio tempo, a cafetina aproveitava para ditar as regras de procedimento: obedecer, sem discutir, ao que o coronel mandasse fazer.

Enquanto isso, o coronel era assediado pelas chamadas “afilhadas”, que eram as meninas com as quais ele já havia tido relações sexuais, mas que continuavam sob sua proteção. Cabia a Cirino distribuir com elas os presentes, normalmente tecidos, bonecas, sabonetes, perfumes, chocolates e dinheiro.

Sentado na poltrona, fumando charuto e tomando conhaque, o coronel se achava um paxá, uma vez que as jovens iam até ele e se revezavam em acariciá-lo, sentavam em seu colo e deixavam-se serem tocadas. Ele se deliciava: beijava uma, chupava os peitos de outra, metia a mão na xoxota da mais gostosa, e, dessa forma, a saliência ia aumentando, até o momento em que a cafetina informava que a menina escolhida já estava pronta. Então, ele se levantava e se dirigia ao quarto para fazer o serviço. Caso ela fosse carinhosa e gostasse de transar, então a relação duraria dois ou três meses, não mais do que isso e, em seguida, ele já partia para outra. Todas que

ele comia tinham a sua proteção enquanto durasse a relação, e nenhuma poderia ter outro homem. Cessado o compromisso, muitas delas viravam profissionais, temendo não ser mais aceitas pela família ou por terem passado a gostar do ambiente festivo do bordel de Zefinha. Ubaldino também visitava o bordel na companhia de Cirino. Nesse caso, Zefinha era avisada com antecedência e, no dia marcado, escondia as “afilhadas” do coronel.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Sem o fogo do entusiasmo, não há o amor da vitória.

Provérbio chinês.

QUANDO O CORONEL FELICIANO chamou Luciano para conversar, ele já sabia que o Brasil entraria na guerra e que o preço do boi iria aumentar em função da demanda da carne nos mercados interno e externo, além de suprir a necessidade que o Exército teria em alimentar os milhares de soldados que seriam recrutados em vários Estados.

De fato, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, um conflito militar que durou seis anos (1939 a 1945), envolvendo nações em duas alianças opostas: Aliados e Eixo. No início do conflito, quando as grandes potências do Eixo totalitário lutavam contra os países Aliados, o Brasil se mostrava indefinido, mesmo porque o presidente Getúlio Vargas era adepto do totalitarismo e, nesse caso, o país poderia caminhar para uma união com a Alemanha. Porém, depois de ser pressionado pelos Estados Unidos e de ter recebido um empréstimo de vinte milhões de dólares para a construção da Usina de Volta Redonda, Getúlio Vargas decretou guerra contra o Eixo em agosto de 1942. Outro aspecto que pesou na tomada de decisão do governo foi a reação popular contra a investida de submarinos nazistas em torpedear diversos navios mercantes na costa brasileira. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) só foi criada em 1943, e as primeiras tropas — 25 mil soldados da FEB, 42 pilotos e 400 homens de apoio da Força Aérea Brasileira (FAB) — foram enviadas em julho de 1944. O conflito mundial acabou no dia 8 de maio de 1945 e registrou a morte de cerca de 40 milhões de civis e 20 milhões de soldados, entre os quais, 454 brasileiros.

No mês em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, o vaqueiro Luciano estava nas terras do Sul, arrebanhando gado nas fa-

zendas e formando uma grande boiada, estimada em quase cinco ml animais, a maior entre todas da região. Nessa viagem, ele levou dezesseis vaqueiros — o dobro da quantidade que normalmente o acompanhava —, uma carroça repleta de alimentos e dois cozinheiros. De volta à fazenda, Luciano conduzia a boiada com muito cuidado, destacando a atenção redobrada por parte dos vaqueiros, para que não houvesse extravio ou debandada, chamada também de estouro da boiada, fato considerado como o terror dos vaqueiros e que acontece de forma inesperada. Por um motivo qualquer, os bois se assustam e começam a correr em uma só direção, arrastando tudo que estiver na frente, provocando destruição e morte de pessoas e animais. É preciso muita habilidade dos vaqueiros para controlar um estouro. Os vaqueiros mais antigos contam uma história de que o último estouro se deu por causa do ataque de uma onça. Os animais se assustaram e correram mais de dois quilômetros. No trajeto, iam deixando um rastro de destruição e só pararam diante do Rio Araçá. Vários bois morreram pisoteados e muitos foram extraviados. Por sorte, não tinha nenhum povoado no trajeto do estouro da boiada. Caso tivesse, com certeza, seria trágico, porque poderia levar à morte de muita gente.

Luciano sabia dessa história e, como estava conduzindo uma grande boiada, não poderia vacilar. Por isso, ele sempre vinha à frente dos animais, acompanhado de dois vaqueiros experientes: um tocava o berrante, e o outro foi destacado como batedor para lhe informar os obstáculos que deveriam ser contornados, principalmente os pequenos vilarejos que estavam na rota em que os animais passariam.

A boiada seguia, sem pressa, com destino à fazenda do coronel Feliciano. Os homens só paravam para comer e dormir, com os vaqueiros se revezando em turnos para manter a vigilância.

Era tempo de lua cheia, e à noite, enquanto os cozinheiros preparavam a comida, os vaqueiros sentavam-se em volta da fogueira. O homem show era o vaqueiro Graciano, que tocava violão e cantava músicas sertanejas. Luciano estava junto ao grupo, mas o seu pensamento viajava no tempo. Pensava, mais do que nunca, em Marta e na aventura que iria acontecer em mais alguns dias. Já tinha tudo planejado, mas, mesmo assim, a cada instante, fazia uma revisão de todos os passos que teria de dar para que a fuga se realizasse com sucesso.

— Vou à fazenda Assunção, comprar uma boa mula e um cavalo. Na cidade, comprarei mantimentos. Os animais, os apetrechos e os mantimentos irão ficar na casa de Dona Francisca. Ela, além de ser minha amiga, é discreta e pode muito bem levar o recado para Marta avisando sobre a nossa fuga.

Dona Francisca era viúva do vaqueiro José, que trabalhou muito tempo na Fazenda Umbuzeiro. Quando José morreu, o coronel Feliciano comprou um pequeno sítio para ela em uma área próxima à estrada de acesso ao Sul.

Luciano estava ansioso, pensando em todos os detalhes para que o plano de fuga ocorresse sem nenhuma falha.

Deitado sobre uma manta posta no chão, ele contemplava a imensidão do céu, com as estrelas cintilantes e a lua cheia brilhando, parecendo o sol. E assim dormiu. Quando o dia amanheceu, o vaqueiro acordou assustado com um sonho que mais parecia um pesadelo, indicando uma perseguição violenta de Ubaldino contra ele e Marta. Luciano entendeu o sonho como um presságio e, a partir daquele momento, resolveu ser mais cuidadoso nas suas decisões para não gerar desconfiança. Como se nada tivesse acontecido, levantou-se, arrumou a manta e o cobertor, foi pegar o cavalo, selou-o, arrumou tudo e seguiu para tomar café juntamente com os homens.

A comitiva levou mais de quinze dias para pisar nas terras de Palma. Antes de chegar à fazenda, Luciano pediu aos vaqueiros que fossem retardando com muita calma os passos dos animais, com a finalidade de dividir a boiada em três lotes, guardar uma certa distância entre um e outro para evitar o ajuntamento na cancela da entrada da fazenda, com o intuito de impedir incidentes com o gado.

Quando a boiada entrou na Fazenda Umbuzeiro, o coronel estava nas proximidades, montado em seu cavalo. Acompanhado de Cirino, saudou Luciano, dizendo:

— Bravo! Bravo, Luciano!

Alguns homens da fazenda que foram ajudar fizeram coro das palavras do coronel, porque estavam vendo a entrada da maior boiada adquirida pelo patrão.

À noite, depois do jantar, na varanda da casa grande, Luciano foi recepcionado com um coquetel à base de bebidas e salgadinhos oferecidos pela família. O coronel estava feliz, porque a contagem do gado batia exatamente com os números existentes nos recibos das fazendas: 5.430 cabeças. Esse fato era relatado com satisfação pelo coronel, que também lembrava a forma desastrosa de como Luciano chegou a sua casa e, virando-se para Cirino, o seu homem de confiança, disse:

— Quem poderia imaginar que esse menino, o “vaqueiro de galinhas”, pudesse se transformar em um vaqueiro de verdade e num homem de bem!

Luciano estava em pé, encostado à mureta da varanda, bebendo cachaça e rindo da conversa do coronel.

Ubaldo também demonstrava alegria. Sentadas ao lado do coronel, dona Maroca e Silvane bebiam refresco de lima feito por Creusa, que também estava feliz do feito de Luciano, a quem considerava como seu filho adotivo. Às vezes, os olhares de Luciano e de Silvane se cruzavam, e ele percebia, naquele olhar, o sentimento de amor que a menina moça nutria por ele. Mas seu amor já havia sido selado por uma mulher que, muito embora não estivesse ali presente, estava de corpo e alma em sua mente e em seu coração. Enquanto estava absorto em seus pensamentos, o coronel falou:

— Bravo, Luciano! Depois de um grande feito, vou lhe dar uma boa notícia. A meu pedido, você empregou todas as suas economias nessa boiada. Fez o que eu mandei em confiança. Por isso, depois da venda do gado, você será um homem de boa posse. Para quem entrou nesta casa um menino sem eira nem beira, podemos dizer que você é hoje um homem rico, graças ao seu trabalho e à sua devoção pela nossa família.

— Coronel, suas palavras são de elogios. As minhas são de gratidão. Agradeço a Deus por ter guiado os meus passos para esta casa, onde encontrei uma família que me deu amparo e carinho. Tudo o que aprendi e tudo o que eu conquistei aqui foi fruto do apoio de vossa senhoria, de dona Maroca, do sinhozinho Ubaldo, da sinhozinha Silvane, de minha segunda mãe, Creusa, de seu Cirino e dos amigos da fazenda. Agradeço de coração a todos vocês por me tornarem o homem que sou.

Cirino exclamou, com alegria:

– Vixe Maria, meu coroné! Esse menino vai virar político!

– Ubaldino, tome cuidado, porque senão Luciano toma seu lugar que está reservado na política — disse o coronel, todo animado.

– Luciano é um irmão que eu não tive. Se for o caso, vamos os dois para a política em benefício de Palma.

Dona Maroca completou:

– Isso mesmo, meu filho. A família tem que estar unida diante de Deus e diante dos homens.

Todos responderam:

– Assim seja louvado.

A festa de comemoração entrava pela noite, quando Creusa começou a recolher pratos e talheres, copos e garrafas, levando o coronel a dizer:

– Pronto, gente, a festa terminou sem o dono da casa saber, não é, Creusa?

– É isso mesmo, coroné. Quem bebeu, bebeu, quem comeu, comeu e quem não bebeu e nem comeu agora não bebe nem come mais. Tá na hora da gente ir caminhando pra cama, porque Luciano precisa descansar. Não é, dona Maroca?

– É, Creusa. Vamos dormir.

Com a palavra da dona da casa, a festa acabou de vez. E todos foram dormir. O coronel foi, mas saiu resmungando:

– Que diabos! Na hora em que eu estava me animando, essa Creusa vem e acaba com a festa! Que diacho de gente! Estraga prazer!

DIA DO CASAMENTO

Nem tudo que reluz é ouro.

Ditado popular

NO TERCEIRO SÁBADO DE SETEMBRO, data do casamento, o amanhecer na casa de Marta, a noiva, foi de muita movimentação. Por volta das sete horas, Zilu, a costureira, chegou para tirar as últimas medidas do vestido de noiva e providenciar os consertos. Dona Esmeralda disse a Zilu que tomasse café, pois a filha ainda estava dormindo. Enquanto a costureira se encaminhava para a cozinha, dona Esmeralda foi até o quarto de Marta e bateu à porta, chamando-a, porém não obteve resposta e saiu resmungando, dizendo que a filha precisava dormir e que Zilu havia chegado cedo demais. Na cozinha, um batalhão de mulheres já providenciava, ao mesmo tempo, o café da manhã e o almoço dos convidados do casamento, que aconteceria às dezesseis horas, na Igreja Matriz, onde lá já estava uma equipe tratando da limpeza e da decoração.

Na casa da Fazenda Umbuzeiro, mais ou menos na mesma hora, a família já estava à mesa, com Creusa servindo o café. O assunto não podia ser outro: o casamento de Ubaldino, que, pelo ar de contentamento que demonstrava, estava só esperando a hora chegar. A única ausência à mesa era a de Luciano, e foi comentada por Silvane:

— Onde será que anda o Luciano?

Dirigindo o olhar para o pai, completou:

— O senhor, por acaso, o mandou para alguma empreitada no dia do casamento de Ubaldino?

Antes de o coronel responder, Creusa se meteu na história:

— É bem capaz. O pobre do Luciano só serve mesmo é pra trabalhar duro nesta fazenda...

— Pera lá! Eu não mandei Luciano fazer qualquer trabalho, viu, dona Creusa. Assim como vocês, eu também estou estranhando a ausência de Luciano.

Creusa acrescentou:

— Estive logo cedo no quarto dele, bati à porta e ninguém respondeu. Vai ver que ele aproveitou o dia para descansar.

Já passava das nove horas e, na casa do coronel Leonardo, nada de Marta aparecer. A família já tinha tomado café, o pai perguntado pela filha, e dona Esmeralda tendo de dizer que ela continuava dormindo. Mas, mesmo assim, se dirigiu novamente até o quarto, bateu à porta e disse:

— Não é possível que essa menina dê esse sono logo no dia do casamento! Será que aconteceu alguma coisa? Será que essa menina está doente? Filha, acorde, dona Zilu está aqui, desde cedo, para fazer os preparativos do seu vestido de casamento. Ande logo, senão eu mando derrubar a porta.

Não era só dona Esmeralda que estava preocupada. Na cozinha, as mulheres já começavam a imaginar que algo de grave poderia ter acontecido, possivelmente até a morte. Ninguém se atreveria a dizer, mas o fato é que o comentário já rolava solto e caiu no ouvido de Carlos, o irmão mais novo de Marta, que passava na cozinha na hora em que uma das mulheres, sem vê-lo, comentava a história. Aí ele foi contar ao pai que as mulheres da cozinha estavam a pensar na possibilidade de Marta ter morrido durante a noite.

— Esmeralda não pode saber, de jeito nenhum, desse tipo de comentário, de ter a filha morta no dia do casamento. Carlos, chame dois homens fortes e vamos lá. Não se esqueça de levar algumas ferramentas.

O rapaz saiu para cumprir a ordem recebida, enquanto o coronel deixou o armazém apressado se dirigindo para casa resoluto em saber nos mínimos detalhes tudo que estava acontecendo e chefiar a operação de colocar a porta do quarto de Marta abaixo. Ao chegar, pediu as pessoas que se afastassem da porta e sem mais nem menos, chamou a mulher para se inteirar dos fatos que estavam ocorrendo em sua residência.

Na cozinha, algumas mulheres já estavam acendendo velas com intenção de iniciar o velório. Parecia uma brincadeira, mas não era. As empregadas da casa estavam se baseando na lógica de que Marta sempre acordava cedo e que, naquele dia, como o relógio já marcava dez horas da manhã e ela ainda não tinha dado o ar da graça, algum incidente grave poderia ter ocorrido. Dona Esmeralda também já começava a pensar em um acontecimento sério. Só não sabia o que era. O nervosismo estava estampado em seu rosto e em suas ações e, ao mesmo tempo, chorava toda vez que, ao insistir em bater na porta do quarto, só tinha o silêncio como resposta. Ela não pensava em morte. Apenas desconfiava de que a sua filha poderia estar doente a ponto de ficar impossibilitada de falar e de até mesmo se levantar para abrir a porta. O mistério continuava.

Foi então que o coronel Leonardo ordenou aos dois homens que pusessem a porta abaixo para acabar de vez com aquele mistério, porém fez uma observação muito sensata. Depois da derrubada da porta, só quem poderia entrar no quarto era dona Esmeralda. Inicialmente, os dois homens tentaram abrir a porta usando a força, mas não conseguiram. Depois, com o apoio de um ferro, reben-taram as dobradiças e, dessa forma, a porta se abriu. A essa altura, o corredor da casa que levava aos quartos estava lotado de gente. Como a notícia se espalhou rápido, pessoas da redondeza também foram ver a porta ser aberta à força e o fim do mistério. O pai, os irmãos e os dois homens fizeram um cordão de isolamento na entrada do quarto para permitir somente o acesso de dona Esmeralda. Passados alguns minutos, se ouviu um grito estridente dentro do quarto, um grito saído bem dentro da garganta, anunciando que boa coisa não tinha acontecido. O grito que se ouviu de dona Esmeralda foi acompanhado por palavras ditas em voz alta, num tom de constrangimento e tristeza:

— Marta! Marta, minha filha, o que você fez? Meu Deus, minha Virgem Maria, o que será da gente?

Eram palavras que justificavam uma agonia de mãe diante de algum ocorrido ruim, mas ainda não explicavam exatamente o mistério. Foi aí que, em um só tempo, o pai, os irmãos e mais os dois homens que abriram a porta entraram no quarto e, de pronto, presenciaram que dona Esmeralda jazia arriada e desmaiada na cama da filha, e que Marta não estava lá. Havia simplesmente sumido ou

fugiu. Se fugiu, com quem? Aí já era o início de outro mistério que passou a ser comentado na casa, enquanto as empregadas socorriam dona Esmeralda.

Diante da constatação do desaparecimento de Marta, o coronel Leonardo pensou logo em Ubaldino e, em um só tempo, rumou para a casa do coronel Feliciano para saber se Marta, por um ato de abnegação ao noivo, teria se sujeitado a dormir com ele antes do casamento. O coronel deixou a casa enraivecido e disposto a saber a verdade nua e crua. Como pai, o seu dever era zelar pela honra da sua filha e, por esse motivo, o fato em si representava um desrespeito profundo para a sua família, a ponto de, a depender da história a ser contada pelo genro, o casamento ser desmanchado ali mesmo. E aí, ele pensou nas consequências de voltar para casa carregando o peso da desmoralização pessoal e familiar e ainda ter que ficar com uma filha difamada pelo resto da vida.

Por incrível que pareça, essa constatação representava um atentado contra a honra, que só seria reparado com um ato de vingança. O velho suspirava e tinha suas razões, porque a empreitada que estava por fazer dentro da casa do coronel Feliciano representava uma questão séria, porque não dizer seriíssima, até com risco de morte.

O pobre homem subiu os degraus da Fazenda Umbuzeiro e foi recepcionado na varanda pelo casal, coronel Feliciano e dona Maroca. Após os cumprimentos de praxe, “bom dia” e “como vai”, ele disse:

— Coronel Feliciano e dona Maroca, a minha presença nesta casa é para dar cumprimento a uma missão de pai, de homem de bem, que não pode ficar desmoralizado por um filho coronelzinho que quer ser o dono do mundo. Cabra desrespeitador de filha alheia. Estou aqui para saber agora se o fedelho do seu filho dormiu com minha filha antes do casamento, e se esse ato teve a aprovação dos senhores, contrariando todo o respeito a que nossa família devotava sobre a sua, demonstrado, principalmente, com a união que seria feita entre os nossos filhos. É isso que eu quero saber e, sem mais delongas, quero uma resposta.

O coronel Feliciano e dona Maroca ouviram tudo sem interromper o visitante. Estavam estupefatos, surpresos com a manifestação

do homem que eles consideravam pacato, um homem de bem, um comerciante de bom coração. A história, contada e acompanhada com certas flechadas, pedia uma resposta à altura. Foi assim a reação do coronel Feliciano:

— Coronel Leonardo, eu não tenho a resposta que o senhor quer. O senhor nos acusa de que fomos complacentes com o suposto ato praticado por nosso filho, o de tirar a virgindade de sua filha na minha casa, achando que aqui é algum cabaré, que esta casa, o lar da minha família, virou um lugar de puta. É isso que o senhor está dizendo?

— Pelo amor de Deus, coronel! Jamais eualaria uma coisa dessas. Se o senhor achou que a história caminhava por aí, eu retiro tudo o que disse, mas não posso sair daqui sem saber o que aconteceu. Marta sumiu. Não dormiu em casa. Foi aí que eu pensei que ela só poderia estar aqui na posse de Ubaldino.

— Maroca, antes que eu perca a cabeça, porque a paciência eu já estou perdendo a ponto de fazer uma loucura, vá lá dentro e traga Ubaldino aqui, morto ou vivo, pra gente continuar essa prosa de mau gosto com o coronel.

Dona Maroca se retirou, agoniada, indo em busca do filho. Na varanda, o velho coronel Feliciano retomou a conversa:

— Sabe, coronel, em nenhum momento do dia eu vi sua filha nesta casa. Tenho certeza de que o meu filho é incapaz de cometer um ato desse. Agora eu digo ao senhor: se meu filho estiver inocente, vamos provar que a sua menina não dormiu aqui em casa. Então, não será vosmecê que está acobertando o desaparecimento de sua filha? Ora, se ela não foi encontrada em seu quarto e não está aqui, então ela fugiu com alguém. E o senhor está acobertando essa fuga e ainda vem aqui, todo imponente, querendo imputar a sua culpa na nossa família. É muito descaramento, o senhor não acha?

— Coronel Feliciano, com todo respeito que eu tenho pelo senhor e pela sua família, eu não gostei dos termos...

— ... É, eu exagerei, faça o favor de desculpar...

Nesse instante, chegou Ubaldino e cumprimentou alegremente o futuro sogro, sob o olhar apreensivo do pai, e disse:

— Minha mãe pediu que eu viesse aqui conversar com os senhores. Posso saber de que se trata?

— Pode e deve, meu filho. Eu vou ser direto, de homem pra homem. Você dormiu ontem com a filha do coronel? O que se quer saber é se você está de posse de Marta aqui nesta casa. Não é isso, coronel Leonardo?

— É isso.

— Mas, como eu ia dizendo, Ubaldino, você tirou a virgindade de Marta?

— Eu não estou entendendo nada. Eu só sei que eu tenho um casamento marcado para daqui a pouco. Que necessidade eu teria de infringir tamanha falta de respeito às duas famílias?

— Você pensa que vai ter casamento, mas não vai.

— Por que, meu pai?

O coronel Leonardo interveio na conversa:

— É que Marta... ao que parece, não foi vista em casa esta manhã. Agora há pouco, nós arrombamos a porta do seu quarto, e ela simplesmente não estava lá.

— Como não estava lá?!

— É exatamente isto que eu estou dizendo, filho. Ela não estava no quarto. Quer dizer... possivelmente nem passou a noite no quarto. Daí, eu imaginei que a menina pudesse ter cedido a um possível apelo seu de tê-la antes do casamento.

Demonstrando irritação, o coronel Feliciano retomou a palavra:

— O coronel já ouviu de mim e de você que nós não compartilhamos com a maledicência. Então, nesse caso, não se trata de um simples desaparecimento. A sua filha querida, coronel Leonardo Braga, fugiu com outro homem e, quem sabe, neste exato momento, deve estar sendo descabaçada em qualquer lugar. Portanto, fique aí conversando com o seu ex-genro, a quem o senhor deve explicações, que eu vou chamar Maroca para dizer que o casamento acabou.

O coronel Feliciano saiu e encontrou Silvane chorando na cozinha, e disse que a mãe estava no quarto do santo. Ao chegar ao

quarto, ele encontrou dona Maroca rezando em prantos. Com os olhos grudados na imagem da Santa Imaculada Conceição, rezando, sem parar, a Ave Maria. Ele disse:

– Maroca, o casamento acabou. O que é que nós vamos fazer?

– Feliciano, o assunto é mais sério do que você imagina.

– Como assim?

– Enquanto vocês estavam conversando na varanda, eu chamei Cirino e derrubamos a porta do quarto de Luciano. Entrei com Silvane. Vasculhamos todo o quarto. A cama estava arrumada, sinal de que ele não dormiu em casa, e não encontramos nada de Luciano. Nenhuma peça de roupa. Minha intuição diz que o menino fugiu com Marta.

– Vixe! Meu Deus do céu, Maroca! Ô, diacho!

– Você está no quarto da santa; não pode falar no tinhoso.

– Ela é santa. Há de perdoar. Agora o caso ficou sério mesmo. Não é possível uma coisa dessa!

– É muita coincidência, você não acha?

– Acho. E acho mais que esse coronel maluco possa cometer um ato de violência contra sua filha Marta.

– Silvane disse que, quando a conversa se dava entre nós lá na varanda, ela foi até o quarto de Luciano, bateu à porta várias vezes e ninguém respondeu. Quando ela me disse isso, eu imediatamente mandei chamar o Cirino. O resto da história você já ouviu.

– Ouvi e não gostei.

– A pobre da Creusa está em prantos, muito nervosa, pensando que você vai mandar matar o Luciano. Nós temos Luciano como um filho, pelo amor de Deus, não faça nenhuma bobagem! Pense muito antes de tomar uma atitude. Afinal de contas, se tiver sido mesmo Luciano, ele deve estar sofrendo muito por ter nos causado toda esta situação.

Silvane, transtornada, entrou no quarto e se dirigiu ao pai:

– Meu pai, não mate Luciano. Ele não tem culpa de nada. Ele foi levado pela paixão. Foi em busca da sua felicidade. Quando aqui es-

teve, ele nunca desacatou nenhuma ordem sua e sempre respeitou a nossa família, principalmente as mulheres desta casa.

— É verdade, Feliciano. E tem mais: Ubaldino é homem e pode muito bem arranjar outra mulher e ser feliz. Já o coronel Leonardo perdeu uma filha, que deve estar também sofrendo imensamente pelo ato que praticou, porque conhece, mais do que ninguém, o orgulho da tradicional família de Palma.

— Maroca, nós temos agora que voltar lá à varanda e contar toda essa história para o coronel.

— Não, Feliciano. O melhor é a gente não falar em Luciano. Deixe que ele descubra. Vamos lá prestar nossa solidariedade e, assim que ele for embora, nós chamaremos nosso filho e contamos nossa suposição. Controle uma possível reação dele.

— Bem pensado, vamos lá.

Na varanda, o coronel Leonardo ainda falava com Ubaldino, quando o casal, acompanhado da filha, retorna. O coronel Feliciano disse que o assunto estava encerrado, e o mal-entendido, apagado para sempre, e que as famílias continuariam amigas, como sempre foram. O coronel Leonardo agradeceu a compreensão da família e afirmou que iria até a igreja avisar ao padre Ataíde que, diante do trágico acontecimento, o casamento seria cancelado. Disse isso, despediu-se de todos e foi embora.

A GRANDE FUGA

Transforme seus sonhos em um destino e vá!

Autor desconhecido

NA NOITE DA VÉSPERA DO CASAMENTO, enquanto, na cozinha de dona Esmeralda, as mulheres preparavam uma variedade de doces para serem servidos na festa, Marta estava trancada no seu quarto arrumando a mala para fugir de casa, da família, da cidade e, para sempre, da vida de Ubaldino. Arrumava as poucas peças de roupa e as suas joias, sem sentir nenhum remorso ou constrangimento. Pelo contrário, a sua alma estava leve e feliz. Pela primeira vez na sua vida, tinha a certeza de que o seu ato, por mais drástico que pudesse ser, era consciente e corajoso, porque representava a felicidade de um sentimento de amor que desabrochava em seu ser como uma flor bela e perfumada. Um amor dedicado àquele que chegou à cidade sem eira nem beira; e, sem que ninguém interferisse, nasceu uma paixão arrebatadora, coisa do destino, que a fez largar um casamento bem aquinhoado por uma relação que vislumbrava a pobreza, uma vida incerta em um lugar desconhecido. Toda essa ousadia valeria a pena desde que estivesse ao lado do seu amor.

O pensamento ia e vinha como uma onda do mar. Nesse movimento, ela também externava momentos de fraqueza ao sentir o temor em relação às reações que poderiam acontecer e ao sofrimento que causaria, especialmente para sua família. Essa sensação lhe proporcionava um vazio imenso, mas nada que pudesse abalar a sua decisão de ir embora e de pensar que, dentro de algumas horas, estaria nos braços da pessoa amada para toda a vida, na tristeza e na alegria, na saúde e na doença, até que a morte os separasse, assim como ordena o sacramento do matrimônio.

A partir daquela noite, seria uma moça sem família, mas disposta a constituir a sua sem ligar para o julgamento das pessoas. Trancada

no seu quarto, ela ouvia as mulheres se despedirem de sua mãe, sinal de que o trabalho na cozinha tinha acabado. Nesse instante, ela sentiu o seu corpo tremular, o coração bater forte. Era o sinal de que a hora estava por chegar. Quando todos foram dormir, Marta deixou o seu quarto de menina virgem, sua casa, e fugiu aproveitando o silêncio da noite.

Andou rapidamente entre as árvores da Praça da Matriz até o oitão da igreja, onde Luciano, nervoso, a esperava. Ele foi ao seu encontro e disse:

— Que bom que você recebeu o recado de dona Francisca. Já estava preocupado.

— Recebi com muita emoção. Ela me deu o recado, e eu estou aqui, disposta a dar um novo rumo à minha vida.

Os dois se abraçaram com ternura e se beijaram apaixonadamente. Um beijo atrás do outro, e cada um mais afetivo do que o derradeiro. Ofegante pela emoção e pelo calor dos beijos, ele confessou:

— A minha vida estará ligada à sua pra sempre. Faço gosto de dizer que o nosso amor tem tudo pra dar certo, porque brotou do coração. É como o ipê amarelo que brota da terra e se torna uma árvore, formosa e resistente. Agora é hora de partir. A gente tem uma longa jornada pela frente e uma vida pra viver.

— Eu não tenho mais o que dizer, mas me dá gosto de repetir: quero viver ao seu lado em toda a minha vida, seja na tristeza ou na alegria.

Ali, naquele momento, junto à igreja e no antro de uma noite enluarada, eles juraram um amor sem fim e, como no casamento, entregaram-se a um pacto de comunhão e se lançaram de corpo e alma ao amor que os unia. Sem mais demora, subiram nos cavalos e saíram a galopar noite adentro em busca de um novo destino. Ambos sabiam do que estavam fazendo e das consequências do ato. Tinham consciência de que a desonra fomentava o rancor e o ódio, uma combinação perfeita para um homem se transformar em um assassino, daí o cuidado que teriam pelo resto da vida. Enquanto deixavam a cidade, uma chuva forte começou a cair, o que fez o casal parar o tempo necessário para vestir as capas e prosseguir a viagem rumo à marcação da trilha, que era uma lamparina acesa dentro de uma lata grande, aberta de um lado, e um pano branco pre-

gado em uma estaca. Luciano ia à frente e estava temeroso com a possibilidade de a chuva ter apagado a lamparina, o que dificultaria a identificação da trilha. Mas tudo não passou de uma preocupação, porque, ao se aproximarem do local, ele viu o clarão emanado da lamparina e percebeu que sua invenção tinha dado certo. Ao chegarem, ele desceu do cavalo, apagou a lamparina e a colocou com cuidado em um dos caçuás presos na cangalha da mula, e livrou-se do pano branco e da lata. Montou mais uma vez no cavalo e seguiram rumo ao desconhecido. Cavalgaram sem parar por mais de quatro horas, seguindo por um caminho nunca trilhado por Luciano, um vaqueiro que aprendeu cedo a tocar o gado.

Quando a chuva cessou, eles fizeram uma parada por meia hora para descansar e aproveitar mais um momento de felicidade, tendo a lua como testemunha. Continuaram a viagem até o amanhecer. Pararam embaixo de uma árvore frondosa, de nome ipê.

Luciano ajudou Marta a descer do cavalo. Ela estava exausta em função do ritmo puxado da viagem, mas não disse nada. Pelo contrário, quando o seu corpo tocou o de Luciano, ela o agarrou firme e agradeceu com um beijo carinhoso. Cauteloso, ele realizou uma completa verificação da área, com a intenção de espantar qualquer animal peçonhento que porventura estivesse ao redor. Ao finalizar a tarefa, deixou Marta tomando conta dos cavalos e da mula e saiu para o mato, voltando, minutos depois, com um feixe de folhas de licuri. Arrumou-as, então, no formato de um quadrado, e estirou as mantas sobre elas. Marta se deitou e, como estava cansada, não demorou a dormir. Luciano ainda foi mais uma vez ao mato, trouxe madeira seca, fez uma fogueira, se deitou ao lado da mulher e dormiu pensando na felicidade de estar naquele momento com a pessoa amada.

Por volta das dez horas, Luciano acordou Marta, servindo-lhe café quentinho, pão e queijo. Ela agradeceu o gesto de delicadeza com um abraço carinhoso e disse:

— Como você fez tudo isso sem me acordar? Eu é que deveria servir o seu café.

— Estamos no mato, amor. Eu sou do mato. Sou vaqueiro acostumado com esse tipo de serviço. Para mim, é fácil sair e descobrir onde fica uma nascente de água, madeira seca e plantas medicinais. Pra você, já é mais difícil.

— É verdade. Você tem toda a razão. Luciano, já que estamos nesta luta de vida ou morte, qual o seu plano?

— Eu tenho um plano. Já devia ter dito. Se não fiz, foi para que você não ficasse assustada. É o seguinte: eu sei que, na hora que descobrirem a nossa fuga, o seu pai vai contratar alguns capangas para se vingar. O filho do coronel Feliciano também fará parte desse bando. Eles não vão sossegar até nos encontrar e nos matar. Pelo tanto que eu conheço Ubaldino, ele vai levar os homens para o Sul, justamente onde ficam as fazendas que a gente costumava comprar gado. Nessa empreitada, eles devem demorar uma semana ou mais. Para despistar, nós estamos seguindo em direção ao Oeste, um rumo que eu não conheço, mas, se der certo, será a nossa salvação. Outra coisa: nós temos uma boa dianteira e não podemos perder tempo. Vamos arrumar as coisas e seguir viagem. A partir de agora, a gente vai andar durante o dia e descansar de noite.

— Meu Deus do céu! Tomara que tudo que você imaginou dê certo. Caso contrário, que a Nossa Senhora Imaculada Conceição tenha piedade das nossas almas. Luciano, você é o amor de minha vida. Se alguma coisa acontecer, saiba que eu te amo de todo o coração.

Os dois se abraçaram e se beijaram apaixonadamente, as lágrimas escorreram dos seus olhos, e amor explodiu em seus corações, numa energia de prazer.

Foi nesse clima que eles se levantaram, arrumaram as coisas e seguiram viagem.

LOUCURA DE UBALDINO

Há na loucura um prazer que só os loucos conhecem.

John Dryden

HÁ QUEM AFIRME QUE O CORAÇÃO é uma terra em que ninguém nunca andou. É a pura verdade. E o que se dirá da mente humana? A mente é uma coisa maravilhosa. Mas até que ponto a mente é resultado das nossas vivências ou da influência do nosso cérebro? No que diz respeito à compreensão do papel da mente, somos todos aprendizes. Então, é fato quando se diz que ninguém conhece a mente humana, seus distúrbios e a origem de suas doenças. E o que dizer das reações bruscas de comportamento, como as que estavam ocorrendo com Ubaldino, quando o seu pai lhe comunicou o sumiço de Luciano e Marta?

Ele não gostou do que ouviu, reagiu de uma maneira inusitada e ficou irritado a ponto de rasgar raivosamente a camisa numa atitude tresloucada e nunca vista. Não era mais a pessoa que a família conhecia há vinte anos. Ele pedia ao pai — com insistência e falando alto — que arranjasse alguns homens dispostos a empreender uma perseguição que terminaria com a morte do casal para “lavar” a honra da família, acrescentando que comandaria a caçada com ou sem o consentimento dos pais.

Isso não foi tudo. Andou um pouco e, de costa para os pais, com os punhos cerrados, passou a bater no muro da balaustrada, a balançar a cabeça para frente e para trás, num movimento contínuo, e emitir palavras inaudíveis. Em um determinado tempo, levantava a mão direita, gesticulando para o ar, dando a ideia de que estava conversando com alguém, com um ser imaginário. Quando isso acontecia, ele falava mais alto, mas as palavras não faziam o menor sentido. Estava possesso.

Ninguém entendeu direito o motivo da reação extrema do rapaz. Os pais ficaram surpresos, atônitos. Parecia que alguma coisa na cabeça do filho havia se rompido e causado em sua mente um transtorno irreparável, provocador das manifestações delirantes e do ato violento de rasgar a própria camisa e emitir sons inaudíveis.

A surpresa dos pais se baseava na mudança do comportamento dele, considerado um menino educado, obediente e respeitoso com os pais e com o povo do lugar. Antes afável, ele agora havia virado um bicho com uma raiva incontrollável. Naquele momento, assumia a condição de defensor da honra da família, com o poder de decretar e executar a pena de morte dos condenados: Marta e Luciano.

É evidente que o seu pai disse não, justificando que não queria ver o filho se tornar um assassino frio, movido pela emoção, uma vez que estava sem condição de perceber que o ato de Luciano não foi uma falta de respeito à família, mas, sim, um ato de paixão e amor. Acrescentou que Luciano, em nenhum momento, agiu com violência em relação à Marta. Não a tomou à força, violentando-a propositadamente por inveja contra o seu casamento. Na verdade, o que aconteceu foi um ato de dignidade.

Ubaldino reagiu com severidade:

— E como se explica isso, meu pai?

— Existe uma tradição na nossa sociedade de os mais ricos casarem entre si, para que as famílias mantenham o padrão econômico. Explicando melhor, o seu casamento com Marta uniria duas riquezas de Palma, já que o pai dela, além de ser fazendeiro, era também um próspero comerciante, dono do melhor armazém de secos e molhados da cidade. Os pobres também continuam casando entre si, mantendo a tradição. Mas, como a vida tem aspectos que ninguém domina, às vezes acontece de um rico se apaixonar por uma mulher pobre ou vice e versa. Quando os pais não aprovam, normalmente o casal rompe com a tradição e a imposição dos pais, e vai morar junto em outro lugar, ignorando as consequências de rejeição impostas pelas famílias.

— Esse ato chama-se traição e crime.

O coronel fez de conta que não ouviu e não entendeu a interpeção do filho, e continuou:

– Foi o que aconteceu com a menina Marta. Jamais ela teria a aprovação dos pais para casar com Luciano, justamente pelas razões já citadas. Então, eles resolveram fugir para dar vazão ao amor que sentiam e que aqui em Palma não poderiam viver, mesmo porque ela já estava comprometida com você. Contra tudo e contra todos, eles só tinham uma opção: fugir para poder viver juntos uma vida de amor e felicidade. A meu ver, a fuga é um ato digno do casal, porque, mesmo contrariando uma norma social estabelecida, não afronta as famílias. A afronta significa uma decisão do casal em não deixar a cidade, desrespeitando o status social das famílias envolvidas. Nesse caso, tanto as famílias ricas como as famílias pobres, reagem provocando os crimes de vingança em nome da honra. Nas famílias mais pobres, quando não acontece o ato criminoso, o pai expulsa a filha de casa e, muitas das vezes, ela vai ser acolhida em um cabaré situado em outra cidade.

– Com todo respeito, meu pai, o senhor não me convenceu.

– O que seu pai disse, meu filho, é que Luciano e Marta escolheram o seu próprio destino. E que nós não vamos nos meter nessa situação. Isto quer dizer que não haverá nenhuma vingança por parte da nossa família. Somos católicos, devotos a Deus, a Jesus Cristo, ao Espírito Santo e à Virgem Imaculada Conceição, e temos o dever de perdoar. Além do mais, não queremos, a esta altura da vida, passar pelo sofrimento de ter um filho assassino. Ubaldino, você ainda é muito jovem, tem uma vida pela frente e, com certeza, aqui ou em outra cidade, haverá sempre uma mulher bonita e do nosso nível disposta a casar-se com você. Portanto, trate de amenizar qualquer tipo de mágoa, porque a sua felicidade ainda está por vir.

– Vocês falaram, mas ninguém é capaz de sentir a dor que eu estou sentindo neste momento, a decepção que eu estou passando. A cidade toda vai comentar o assunto, e eu vou ser chamado de corno. O meu coração arde em brasa com ódio de Luciano e de Marta. Se eu encontrasse os dois, aqui e agora, a vontade era de matá-los, sem dó e sem piedade. Ouvi tudo. Como cristão, entendo que tenho que perdoar, mas, como homem, noivo dessa rapariga, não posso sequer pensar em perdão. O meu pensamento é de vingança. E, se meu destino é esse, está traçada a minha sina. Mas, em respeito a vocês, meus pais, e minha irmã, não vou agir precipitadamente. Deixe o tempo passar.

— Muito bem, meu filho — disse, levantando as mãos para o céu. Você tomou a decisão certa. Deixe o tempo passar. O tempo é o melhor remédio para este sofrimento pelo qual você está passando.

— Eu agora vou à igreja...

— Vá, meu filho. Procure o padre e se confesse. Lembre-se de uma coisa: nada pega em um homem de bem como você. O povo tem memória curta, e seu pai é o homem mais respeitado da região. Vá em paz, vá com Deus.

— Eu vou à igreja, mas não vou rezar para mim. Vou encomendar a Deus as almas daquelas duas cobras traiçoeiras, venenosas. Vou pedir aos santos para iluminarem o meu caminho, e que eu possa encontrá-los o mais rápido possível, e que me dê paciência para que eu os mate bem devagar com o sentimento de perversidade.

Ubaldino estava em crise, transtornado. Era como se ele tivesse saído de um casulo e assumisse uma nova identidade, um novo instinto: instinto assassino. Era um lobo na pele de um cordeiro. Ou melhor: o diabo revelado em sua mente doentia. Ele certamente gostaria de se ver nessa visão arrepiante.

Dona Maroca se sentia uma mãe com os nervos em frangalhos e o coração em pedaços. Desesperada e em pranto, implorou ao marido:

— Feliciano, o que é que está acontecendo? Eu não conheço mais meu filho. Traga ele de volta pra gente. Faça alguma coisa, pelo amor de Deus.

Por incrível que pareça, o todo-poderoso coronel Feliciano de Albuquerque Alvarás estava completamente paralisado. A sua mente perscrutava o passado nas lembranças das emoções agradáveis como as sentidas quando do nascimento do filho, o filho homem tão esperado para ser o herdeiro do seu império. O devaneio pairava também no sentimento aguçado do carinho que ele sempre dedicou àquele menino, que, aos poucos, foi se tornando homem. Veio-lhe a pergunta natural: “Meu Deus, onde eu errei?”, e a complementar: “O que fazer?”.

Ali, à sua frente, a esposa querida, mãe devotada, implorava que ele, como chefe da casa, o pai, o coronel respeitado em toda a região, trouxesse aquele filho querido de volta. Dona Maroca lhe pe-

dia o cumprimento de uma missão para ser resolvida de imediato. Mas como fazê-la tornar-se realizável? Era uma missão impossível. Então, diante disso, restou ao coronel sem patente — emocionado — falar ao filho:

— Vire-se para mim, porque eu quero olhar nos seus olhos e sentir a sua sinceridade.

Era melhor o coronel Feliciano não ter feito a solicitação, pois Ubaldino virou-se, atendendo o seu pedido, mas, em compensação, lançou um olhar fulminante em direção do pai. Seus olhos estavam vermelhos, em brasa, e o seu olhar era puro ódio, mais parecendo os olhos do diabo. O velho fazendeiro não suportou o choque e, com os olhos marejados de lágrimas e num lance derradeiro, implorou a Deus por um milagre. Agarrou-se ao filho e, aos poucos, foi se agachando até ficar completamente de joelhos, num gesto de pura humildade, de amor e, desta feita, rogou à Virgem Imaculada Conceição que livrasse seu filho das trevas da escuridão, da influência do maligno e que o abençoasse, mostrando-lhe o caminho da luz de Deus, do bem, devolvendo-lhe a consciência perdida. O gesto de amor demonstrado pelo pai foi seguido por dona Maroca, também por Silvano. Mas quem disse que essa atitude de amor e carinho tomada pela família mudaria a decisão dele? Não funcionou. Num ato brusco e decisivo, ele desvencilhhou-se dos braços amados e foi embora sem olhar para trás. Se olhasse, com certeza iria ver as três pessoas mais importantes de sua vida abraçadas num pranto de dor.

“Foi uma cena de cortar o coração” — disse Creusa, mais tarde. Completou:

— Nunca mais vou esquecer o pai, a mãe e a irmã, todos chorando, agarrados ao menino enlouquecido.

ACERTO DE CONTAS

A loucura expulsa a razão e liberta o assassino.

LIBERDADE. ESTA ERA A PALAVRA QUE SE repetia várias vezes na mente de Ubaldino, causando-lhe um sentimento de alívio ao deixar, a galope, as terras da Fazenda Umbuzeiro — onde nasceu — rumo à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Palma. Estava leve e sereno. A conversa sincera com os pais lhe tirou um peso das costas, dando-lhe uma sensação boa de liberdade. Com o vento batendo em seu rosto, pensava satisfeito:

— Agora, sim, estou pronto para cumprir a minha missão.

Quando chegou à igreja, o padre Ataíde tinha acabado de atender o coronel Leonardo, que saiu em direção de casa para avisar à família que não haveria mais casamento, uma vez que ninguém sabia o paradeiro de Marta. O rapaz entrou na igreja, falou com o padre, dizendo que não haveria mais casamento, e revelou o verdadeiro motivo. O padre demonstrou surpresa e colocou-se à disposição para ajudá-lo nesta hora de aflição. O rapaz se fez de entristecido:

— Hoje, sábado — olhou para duas moças que estavam retirando as flores da ornamentação —, eu entraria nesta igreja, com toda a felicidade, e me ajoelharia a seus pés, padre Ataíde, para receber a consagração da união conjugal. Mas Marta e Luciano fugiram, justamente no dia do meu casamento. Não é uma razão para eu jurar vingança aqui dentro da igreja?

— Não, meu filho. A igreja é um lugar sagrado. É um espaço para celebrar o bem, e não o pecado. A vingança é um pecado, porque vai de encontro aos mandamentos de Deus. Deus não deu a ninguém o direito, sob qualquer pretexto, de tirar a vida de seu semelhante. Em vez de você pensar na vingança, um ato extremamente negativo, por que você não ordena sua mente de forma positiva?

— De que forma, padre?

— Da forma como você se livrou de um mal maior.

— Como assim?

— Explico. O casamento, para ser realizado, necessita que o casal esteja em plena comunhão com o amor. Então, se Marta realmente fugiu com Luciano, de vontade própria, é porque o que ela sentia por você não era amor. Era tão somente a obediência a um compromisso familiar. Assim sendo, caso esse casamento fosse realizado, estaria fadado ao fracasso e provocaria, dentro em breve, a infelicidade dos dois. Com certeza, meu filho, Deus o livrou de um sofrimento muito maior, que é o de amar e não ser amado.

— Padre, o senhor tem razão. Eu vou até a casa do coronel Leonardo e retorno pra gente continuar essa prosa.

— Vá com Deus, meu filho.

Na casa do coronel Leonardo, o choro dominava o ambiente. Quando ele chegou, o coronel estava trancado no escritório pensando no que fazer. Sem esperar ser anunciado, Ubaldino invadiu a sala, decidido a provocar uma confusão dos diabos. Antes mesmo de ouvir qualquer reação de desagravo por parte do dono da casa, foi direto ao ponto:

— Coronel, eu vim aqui para lhe dizer que a sua filha Marta fugiu com Luciano, o empregado da fazenda de meu pai.

— Que história é essa que você está dizendo?

— Foi o que senhor ouviu, e eu vou repetir. A sua filha Marta fugiu com o desgraçado do Luciano, o empregado da fazenda de meu pai. E agora o que é que o senhor vai fazer?

— Não sei, Ubaldino. Você entra aqui e me diz uma desgraça dessa e ainda me pergunta o que é que vou fazer! Sei lá. Alguma coisa tem que ser feita, mas eu não sei ainda. Tenho que chamar a família e discutir o assunto. Vai ser um choque para todos.

— Como foi pra mim. Então, homem, o que está esperando? Chame todo mundo e conte de uma vez o que está acontecendo.

O coronel saiu do escritório e chamou a mulher e os filhos. Assim que eles entraram, ele fechou a porta e disse, em tom pesaroso:

– Tenho uma notícia lastimável para lhes dar. A Marta não está desaparecida, como nós estávamos pensando. Segundo meu genro, a menina fugiu com um empregado da Fazenda Umbuzeiro, chamado Luciano.

Nesse instante, dona Esmeralda desmaiou. A criadagem foi chamada para dar socorro à sinhazinha, enquanto os filhos conversavam com Ubaldino sobre a veracidade da informação.

Carlos, o filho mais velho, interpelou:

– Como você sabe que os dois fugiram?

– Tenho toda a certeza de que os dois fugiram. Digo isso porque minha mãe, depois que soube da conversa do desaparecimento de Marta, mandou arrombar a porta do quarto de Luciano e verificou que ele não tinha dormido lá e também não foi encontrada nenhuma peça de roupa do bandido. Nada. O quarto estava vazio. Isso quer dizer que o desgraçado sumiu no mundo.

– Carlos, chame sua mãe aqui, urgente.

Dona Esmeralda já tinha sido reanimada e estava deitada na sua cama, justamente no instante em que Carlos entrou no quarto para convocá-la a participar da reunião. Ela se levantou e seguiu o filho. No seu íntimo, percebia que algo de ruim estava para acontecer. Logo em seguida, o coronel retomou a conversa:

– O que eu vou falar pede a sua presença, no sentido de que você tenha a frieza necessária a fim de não se dobrar ao amor de mãe e perdoar o ato de condenação praticado friamente por nossa filha e irmã de vocês, meus filhos. Para que todos saibam e cumpram, a partir de hoje, Marta está morta e enterrada para a nossa família, e o nome da desconsiderada será abolido desta casa. Quem for contra, que siga agora o mesmo destino da infiel.

Dona Esmeralda ouviu a sentença pronunciada pelo marido e, enquanto as lágrimas de uma mãe sofrida rolavam pelo seu rosto, ela disse:

– As suas palavras soaram como uma sentença para mim. Você, meu marido, me deu o pior castigo, o de impedir o amor de uma mãe por seus filhos. Reconheço que a sua ira tem sentido, mas não posso garantir que o amor que sinto por minha filha desapareça co-

mo poeira levada ao vento. Não por desmerecer a sua vontade, é só porque simplesmente eu não sei como fazer para odiar uma pessoa que saiu das minhas entranhas e que foi gerada pelo nosso amor. Como eu vou fazer o que você ordena?

— Não sei como você vai fazer, Esmeralda. Mas o que eu disse se aplica a todos desta casa, sendo assim...

— Sendo assim, coronel Leonardo Braga, eu também tenho o direito de decretar. Peço ao senhor que mande consertar a porta do quarto arrombado de minha filha para eu ocupá-lo. A partir de hoje, dormiremos separados pelo resto da vida.

— Será feita a sua vontade. Agora pode sair e tratar da mudança, enquanto eu providencio o conserto da porta imediatamente, conforme o seu desejo.

A dor da perda de um filho estraçalha o coração de uma mãe. Dona Esmeralda, ao sair do escritório, carregava consigo a mais dolorosa das dores. Tinha perdido uma filha amorosa com os pais e o amor do marido, que foi o seu primeiro namorado, o seu primeiro homem, com quem convivia feliz há mais de trinta anos. Além disso, ela sabia que, na sua ausência, o próximo passo a ser tomado pelo coronel era o de decretar a pena de morte de Marta, a sua única filha, para atender ao sentimento de vingança do fedelho do coronel Feliciano e dar uma satisfação moral à sociedade de Palma. Ele caminhava lento em direção ao quarto da filha, carregando todo o peso da tristeza aninhada em seu corpo, a dilacerar o coração. A cada passo que dava, as lembranças de uma vida conjugal feliz saltavam de sua mente, provocando emoção e choro. Mas, mesmo assim, caminhava resoluta arrastando a sua dor, sabendo que a sua vida já não tinha sentido algum. Estava, a partir daquele momento, condenada a viver confinada, pelo resto de seus dias, no quarto que não era o seu. Em compensação, dormiria todos os dias sentindo o cheiro da filha amada. Ao chegar, a primeira coisa que fez foi se ajoelhar aos pés da imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, pedindo a interseção divina, a graça e a misericórdia em favor da filha para livrá-la da morte, das dores e do sofrimento.

Dona Esmeralda tinha temor sobre a decisão que o coronel tomaria em relação à fuga da filha. Ele não era um homem acostumado ao embate destemido. Carregava a fama de ser um homem paca-

to e bom. Quando foi levado a decidir na emoção, decretou a morte de Luciano e uma perseguição à sua filha, sem ter a certeza de como o caso iria terminar. Mas Ubaldino sabia e tinha a certeza de que os dois não escapariam. Foi dele a ideia da perseguição, assim como foi dele a decisão de integrar e chefiar o bando.

O fato é que coronel Leonardo podia muito bem dizer não a Ubaldino e mandá-lo ir embora. Deveria agir com a firmeza e a serenidade de um pai na proteção da filha, sem se importar com os motivos. Mas foi fraco e covarde ao colocar em perigo a vida de Marta, a sua filha caçula, seu xodó, amada por toda a família.

Os filhos não gostaram da decisão do pai, considerando-a precipitada, mas foi elogiada por Ubaldino, que estava ali exatamente para provocar a vingança e conseguiu.

O coronel Leonardo iria tomar pessoalmente as providências, começando por conversar com o Isidoro, seu homem de confiança na fazenda para contratar três bandidos e dar início à perseguição. Ubaldino voltou a dizer que o quarto homem seria ele, e que só pararia a busca quando encontrasse os dois, pedindo permissão ao coronel para, nesse caso, poder agir sem dó e sem piedade, no que foi prontamente atendido. Ele também determinou que a perseguição começasse com a chegada dos jagunços, o que só poderia acontecer na manhã da segunda-feira.

A determinação do coronel Leonardo foi cumprida com precisão.

ÚLTIMA VISITA

As lágrimas não comovem os loucos.

COM TODOS OS PREPARATIVOS definidos da empreitada, Ubaldino deixou a residência do ex-sogro e retornou à Fazenda Umbuzeiro, a fim de comunicar aos pais o seu intento, fato evidente, que deixaria a família triste e aborrecida. Mas ele não se importaria com nenhum tipo de reação. Enquanto subia os degraus de sua casa, sentiu que o ódio lhe tomava o corpo e, por incrível que pareça, ele estava gostando dessa sensação de levar adiante o seu plano de vingança. Ubaldino era um rapaz educado, obediente aos pais; estava sendo preparado para ser gerente da fazenda e, acima de tudo, religioso, temente a Deus. O ambiente familiar em que vivia lhe concedeu o senso ético do discernimento entre o bem o mal. As suas qualidades e as suas atitudes preconizavam ser um homem do bem. Mas quem conhece de fato a natureza humana? De repente, tudo mudou. Quando ele cruzou a fronteira do mal, sentindo-se poderoso e senhor de si, passou a perder a referência de reencontrar o caminho da racionalidade. Cada vez que ele adentrava nesse novo terreno, mais e mais se afastava da razão. Estava tomado por uma mente desequilibrada. Assim, passou a imprimir um novo padrão de comportamento e a esboçar atitudes irracionais fixadas na caça mortal a Marta e Luciano. É dele a iniciativa de comunicar à família o seu intento, considerando-o como um fato inquestionável.

O coronel Feliciano não gostou nem um pouco de saber que o seu filho participaria de uma missão cujo objetivo era realizar uma vingança vil, covarde: matar duas pessoas que, há pouco tempo, eram admiradas por aquele que se nomeava o inquisidor. Falou:

— Já lhe disse que você, mesmo tendo a justiça do seu lado, mesmo a gente sabendo que o que os dois fizeram foi condenado aos olhos dos homens, você não tem esse direito de sair por aí neste mundo em busca de Luciano e Marta, com o gosto de quem vai à caça só para matar e extravasar o seu ego de um animal irracional.

— Não importa o que o senhor diga ou deixe de dizer. Não é o senhor que está sentindo as dores de ser abandonado no dia do casamento. O que os dois fizeram não pode ficar simplesmente impune — falou, nervoso e levantando a voz. É uma questão de honra.

Dona Maroca, uma mulher religiosa, sofria com a possibilidade de perder o filho querido, criado com amor, carinho e respeito. Tentou sensibilizá-lo:

— Ouve atentamente o que seu pai disse. Há uma verdade nas suas palavras. Além disso, há compreensão e amor. Seu pai está sofrendo com sua atitude, assim como todos nós. A pobre da Silvane, a sua irmã que tanto te adora, está trancada no quarto, rezando por sua alma, rezando para você perdoar. Meu filho, nós lhe concebemos e temos um grande amor por você, nosso filho, nosso herdeiro. Não deixe que o mal tome conta do seu coração. Não faça isso. Pense na sua felicidade. Com as nossas posses, você tem o mundo aos seus pés. Pense bem. Amanhã o sol vai nascer anunciando um novo dia. Um dia em que todos nós o trataremos como a chegada da esperança. Um novo dia de luz, de paz. Um dia em que daremos graças à nossa Virgem Imaculada Conceição.

— Eu já disse. Eu não quero a paz que vocês querem. Eu quero é vingança. Eu quero ser um animal irracional, traiçoeiro e vingativo, que mata sua presa sem dó e nem piedade.

O coronel Feliciano estava a ponto de explodir de raiva, mas se conteve, para não dar o motivo que o filho com certeza estava procurando. Então disse:

— Meu filho, por favor! Renegue estas palavras. Deus é testemunha de que eu, o coronel Feliciano de Albuquerque Alvarás, neto do conde Alvarás, jamais agi de forma violenta para obter qualquer bem. Quando era jovem, já amei e não fui amado, mas, mesmo carregando títulos de nobreza, nem por isso me prevaleci do meu status para matar ou até mesmo macular a donzela. Pra mim, foi até bom, porque, graças aos céus, encontrei a sua mãe, a mulher da minha vida. A mulher que me ensinou a amar e a construir uma família devota a Deus.

— Acho muito bonito o que vocês falaram. Sou grato por ter nascido nesta família, de ter recebido a educação que recebi, mas con-

fesso que, quando a alma está magoada, flechada, ferida, o sentimento de vingança toma o corpo, deixa a carne feito brasa. Não posso recuar, porque o meu maior gosto e desejo é matá-los aos pouquinhos com minhas próprias mãos.

Desta feita, o coronel não se conteve e falou bravo. Falou de alma sofrida, mas se exaltou como um homem que tem a consciência do que é certo e do que é errado. Naquele momento, a sua consciência lhe afirmava que, diante da irracionalidade do seu filho, a única maneira era deserdá-lo:

– Nós já choramos a sua perda. Não temos mais lágrimas para derramar por você. Nesse caso, a sua ida não tem volta. A partir de agora, você deixará esta casa e não mais será considerado meu filho, meu herdeiro. A partir de agora, andarás com seus próprios demônios, cumprindo a sua sina de se tornar um assassino por vontade própria.

Dona Maroca, em prantos, agarrou-se ao filho e lamentou:

– Meu filho, meu filho! O que é que está acontecendo com você? Você está irreconhecível. Alivie seu coração.

– Estou aliviado pelo ódio.

– Espero que, nas suas andanças, você encontre a paz e a felicidade. Mesmo concordando com a decisão de seu pai, eu estarei aqui rezando por você, meu filho. Que o bom Deus tenha compaixão de sua alma.

Ubalduino foi duro na resposta:

– Que Deus tenha pena é das almas daqueles dois infelizes.

Disse isso e se retirou apressado para o seu quarto, onde colocou algumas peças de roupa em uma mala pequena e, antes de sair, ele olhou para o vistoso quarto, observando todos os detalhes, e, neste instante, lhe bateu um sentimento de querer ficar misturado com medo da aventura e do amor que sentia pelos pais. Agarrado à mala, sentou-se na cama a pensar. Estava em dúvida se realmente valeria a pena deixar para trás tudo, como o nome e a riqueza. Era muito jovem e, com certeza, teria um futuro bem-aventurado com poder e mais riqueza, mesmo porque, como filho do coronel Feliciano, já era herdeiro natural da grande fortuna do pai. Seu coração dizia que ir

em frente nessa empreitada de morte seria o seu fim. Era melhor resignar-se e perdoar. Que Marta e Luciano tivessem o destino merecido que escolheram. Mas, neste momento, o ciúme tomou conta da sua mente, aflorando o ódio e o rancor, e ele disse:

— Não quero nada daqui. Nem mais uma lembrança. Vou seguir em frente, matar os dois miseráveis e limpar minha honra. Só assim terei paz. Às vezes, o mundo nos força a isso. Às vezes, nós temos que escolher entre o bom e o ruim. Escolho cumprir o meu destino, ainda que eu venha a relevar um dia. Mas hoje não. Hoje eu desconjuro meu pai e tenho prazer no que sou.

Com o ódio latejando em seu coração, levantou-se da cama e caminhou impassível para deixar a casa. Na sala, os pais olhavam para ele com tristeza, enquanto Silvane correu em sua direção, em prantos, e o agarrou num abraço comovente, como se fosse o último. Em um só tempo, ele desvencilhou-se dela, saindo de casa sem se despedir de ninguém e sem olhar para trás. Resoluto, desceu os degraus da varanda, montou no cavalo e rumou para a cidade. Partiu a galope para trilhar um novo caminho. Um caminho sem volta, rumo ao mundo irracional, onde maníacos vagueiam livremente.

A CAÇADA

Caçada humana não é de Deus. É do diabo.

RESOLUTO E DESTEMIDO, ELE FOI DIRETO para a casa do coronel Leonardo, com o objetivo de tratar da empreitada. Na casa, ouviu de Isidoro, o capataz da fazenda, a informação sobre a chegada dos pistoleiros contratados:

— Os homens são de confiança e “pau pra toda obra”. Quando eles chegarem, montaremos a comitiva para a viagem, que deve durar mais ou menos uma semana.

— Estou de acordo com os procedimentos, Isidoro. Pelo que eu conheço de Luciano, tenho certeza de que ele vai direto para as fazendas do Sul, e lá a gente manda. Os coronéis são nossos compadres e não vão lhe dar guarida.

Virou-se para o coronel Leonardo:

— Coronel, tenha a certeza de que, em uma semana, não mais do que isso, eu estarei de volta, trazendo os corpos dos dois infelizes ou a informação de onde foram enterrados. Agora vou me hospedar na pensão de dona Maria e esperar que esse dia chegue logo, para dar início à nossa empreitada de vida ou de morte.

Deu boa noite aos dois e saiu, ciente de que era o centro das atenções de Palma. Naquele momento, ele se julgava o guardião e herói da moral da cidade.

Na segunda-feira, logo cedo, Isidoro foi esperar os homens na entrada norte da cidade e, assim que eles chegaram, foram conduzidos à casa do coronel Leonardo. Eles desceram dos cavalos, enquanto Isidoro entrou na casa para falar com o coronel. Lá dentro, demorou alguns minutos e surgiu, em seguida, com o patrão, para que os homens ouvissem as ordens do mandante:

— Que bom que vocês chegaram em paz! Isidoro vai com vocês para o armazém, a fim de providenciar alimentos para uma semana. A mula está amarrada em frente ao armazém. Não quero moleza. O filho do coronel Feliciano irá no comando dessa missão. O que ele decidir está decidido, sem nenhuma contestação. Estão de acordo?

Todos disseram sim.

— O dinheiro do pagamento está com Isidoro. Já que está tudo conversado e explicado, sigam sem mais demora, pois, quanto mais rápido isto terminar, melhor para todo mundo.

Ubaldino se encontrou com os homens no armazém do coronel Leonardo e foi logo perguntando a Isidoro:

— Como é o feitio dos homens, Isidoro? Tem algum estuprador ou ladrão?

— Não trabalho com esse tipo de gente, senhor. Esses homens são cabras de peia, posso lhe assegurar. São os mais temíveis assassinos da região. Com eles, não tem misericórdia, só tem morte.

— É bom saber pra que a gente não tenha surpresa no caminho. E aquele parecido com um índio, quem é ele?

— É Zé Gavião. É um bom rastreador e é filho de índio mesmo. Vocês vão precisar dele. Ele, na frente da comitiva, é uma garantia de que a missão terá sucesso.

— Vamos ver. Isidoro, chame os homens, que eu quero partir. Chega de rame-rame e vamos cair em campo, porque os miseráveis já estão com dois dias de vantagem, sem contar que a chuva da noite da fuga deve ter apagado os rastros dos malditos. Espero que Zé Gavião seja mesmo bom.

E, se dirigindo aos jagunços, acrescentou:

— Como é? Estão prontos?

Todos responderam: “Sim, meu coronel”.

ÚLTIMO RECURSO

Não há felicidade quando o ódio se instala no coração do homem.

A COMITIVA DE MORTE SEGUIU pelas ruas de Palma, rumando às terras do Sul. Do oitão da igreja, onde, na noite da sexta-feira, Luciano e Marta juraram amor eterno e fugiram, o padre Ataíde assistiu à movimentação dos jagunços e rezava pedindo a intervenção de Deus para que o casal não fosse encontrado por aqueles bandidos. Naquele momento, vendo o entusiasmo dos homens, ele percebeu que o caso tinha deixado de ser uma simples raiva motivada por um namoro rompido para se tornar em uma perseguição implacável, culminando com uma vingança cega, cujo único objetivo era o de seguir a tradição dos homens de matar para lavar a honra. E, por incrível que pareça, a sentença da perseguição a Marta foi lavrada pelo próprio pai.

Absorto em seus pensamentos, o padre Ataíde não viu o coronel Feliciano Alvarás se aproximar e dizer:

— Padre, hoje é segunda, o senhor não rezou missa, mas está com uma cara de que não dormiu bem.

— E quem consegue dormir bem com essa barbaridade que está para acontecer?

— É verdade. É justamente sobre por isso que eu vim à sua procura. Estou aqui para dizer ao senhor que Deus é testemunha de que eu não estou compartilhando com essa loucura. Fiz o que pude para dissuadir Ubaldino. Infelizmente não consegui, mas, com muita dor no coração, confesso ao senhor que terminei de expulsá-lo de casa e estou fazendo o possível para tirá-lo da minha vida.

— Isso é mais difícil.

— Não deixa de ser, padre. Maroca está doente com o acontecido e, neste instante, eu te peço que, por favor, acompanhe-me até a casa do coronel Leonardo. O senhor me acompanha?

— Com todo o prazer, coronel.

Os dois seguiram pelas ruas de Palma em silêncio, que só foi quebrado quando chegaram em frente à casa. Foi quando o coronel disse:

— Padre Ataíde, reze por nós.

— É o que eu vinha fazendo desde que deixamos a igreja.

O coronel tomou a iniciativa e bateu palma, chamando pelo coronel Leonardo. Instantes depois, a porta foi aberta, e apareceu o coronel, aparentando estar cansado, como se estivesse sentindo o desconforto de ter passado uma noite mal dormida. Surpreso com a presença do coronel Feliciano àquela hora em sua casa, ele disse:

— Coronel Feliciano, o que o traz aqui a esta hora? Vejo que o senhor está acompanhado do padre Ataíde.

— Coronel Leonardo, não se faça de inocente, que o senhor sabe muito bem qual é o motivo de minha presença em sua casa.

— Por favor! Não fiquem do lado de fora. Vamos entrar. É uma satisfação recebê-los.

Eles entraram e se instalaram na sala, momento em que o coronel Leonardo retomou a palavra:

— Coronel Feliciano, me desculpe pelo comportamento de minha filha. A sua honra será lavada com sangue, eu lhe prometo.

O coronel Feliciano mostrou irritação.

— Que honra, que sangue, coronel! Onde já se viu um término de um simples namoro se transformar em derramamento de sangue com a justificativa de lavagem da honra?! Onde já se viu uma história dessa? Coronel, peço um favor ao amigo: chame a sua família para ouvir nossa conversa.

— Coronel, eu não estou entendendo...

— Coronel Leonardo, por favor, repito, chame sua família, porque o que eu tenho a dizer é necessário que eles ouçam com atenção.

O coronel Leonardo concordou e, aos gritos, chamou a esposa e os dois filhos. Com a presença deles, o coronel explicou:

— O coronel Feliciano acaba de chegar, acompanhado do padre Ataíde, para uma conversa importante, e pediu a presença de vocês. Satisfeito, coronel?

— Sim, e obrigado, coronel Leonardo. De fato, pedi a presença da família para comunicar a todos, na presença do padre Ataíde, que nem eu, nem dona Maroca e nem minha filha Silvane, concordamos com o que vosmecês fizeram contra Marta. Como eu já disse ao coronel Leonardo, este caso não tem nada a ver com a lavagem da honra. Eu não preciso desse respeito. Aliás, o que vocês fizeram não é um ato de respeito, e, sim, um ato de loucura. E eu pergunto: como é que um pai que ama sua filha assina sua sentença de morte por um motivo tão banal? Sei muito bem que o meu filho tem muita culpa nesta ação de vingança, mas quero lhes dizer que, a partir de hoje, eu não o reconheço mais como meu filho. Já o expulsei de casa. Ele está seguindo nessa empreitada porque quer, mas não para atender ao nosso clamor de vingança. Não há do que a gente se vingar. Se eles fossem casados, garanto que eu estaria comandando essa perseguição, mas não sobre esse caso.

Dona Esmeralda interrompeu a conversa e disse:

— Coronel, com sua permissão.

— Com todo respeito, pode falar, dona Esmeralda.

— Desde o desaparecimento de minha filha, que eu venho dizendo a Leonardo que a nossa filha Marta, uma menina tão meiga, não poderia ter um fim desses. Mas o diabo — todos se benzeram — parece que se apossou dos corações de Leonardo e do seu filho. O senhor já disse, mas eu vou repetir: ele é o grande responsável por essa loucura que está sendo cometida contra a minha filha. Seu filho, coronel Feliciano, entrou nesta casa exigindo justiça e morte como reparação. Meu marido cedeu à pressão imposta por seu filho, pensando que a vossa família clamava por vingança. Leonardo foi fraco ao ceder e ainda foi mais fraco quando decretou a pena de morte da sua própria filha. Desse crime eu não compartilho. Agradeço sua presença em nossa casa, porque a sua fala esclareceu a verdade que nos foi ocultada. Agora sabemos que o senhor, dona Maroca, eu e meus filhos somos inocentes dessa brutalidade que está para acontecer.

Nesse instante, os filhos abraçaram a mãe e começaram a chorar, enquanto o coronel Leonardo observava a cena sem demonstrar nenhuma emoção. Ainda chorando, dona Esmeralda continuou:

— Coronel Feliciano, o senhor não sabe o que eu tenho passado. Estou dormindo no quarto de Marta por não concordar com Leonardo. Mas, se Deus quiser, essa tormenta um dia vai acabar. E, nesse dia, eu estarei pronta a perdoar o meu marido, porque acredito nos mandamentos da Igreja, que dizem que o que Deus uniu, as desavenças não podem separar. Não é verdade, padre Ataíde?

— Dona Esmeralda, eu só poderia esperar este gesto de amor e de fé da senhora, uma religiosa que acredita no amor de Deus e na paz entre os homens.

O coronel Feliciano retomou a conversa:

— Dona Esmeralda, a senhora falou com a razão e com o coração. Eu também tenho reagido com a razão e com o coração. Como já disse, acabei de expulsar um filho querido da minha casa. Estou com o coração em pedaços, mas o fiz em nome da razão; por não concordar em vê-lo morto ou se transformar em um assassino. Não posso e não devo me intrometer nos assuntos particulares do casal, mas concordo com tudo que vosmecê disse sobre meu filho. Ele é inteligente e é um cabra tinoso. Soube muito bem levar o coronel Leonardo na conversa. Portanto, peço ao amigo que acabe com essa atormentação de vingança para o bem de todos nós. Já que o senhor ordenou essa barbaridade, caberá ao amigo proceder a ordem de parar. É só o senhor mandar uns homens irem atrás dos jagunços com a missão de trazê-los de volta. Sei muito bem que o senhor está empenhado na palavra dada, mas não é nenhuma vergonha voltar atrás. Pelo contrário, é um ato cristão.

— Ouvi o amigo com muita atenção e adianto que fui desacatado em minha própria casa, na vista da minha mulher e dos meus filhos. Não gostei nem um pouco da ação do coronel Feliciano em me dar ordens, como se eu fosse um empregado seu. Sou não, coronel. Nem pense nisso. O seu filho é o grande responsável, em grande parte, pelo que está acontecendo.

— Eu sei, mas o senhor também tem culpa. E mais: caso aconteça alguma coisa a Marta, o senhor prestará contas primeiramente a Deus, e depois à sua família e aos homens de bem desta cidade.

– Muito bem, coronel. Que esse dia sirva para ser lembrado como o dia em que acabamos os nossos laços, também a nossa amizade. Portanto, tenho a dizer que não vou retirar uma vírgula da minha palavra dada em apoio a esta perseguição. Eles têm uma semana de ação pelas fazendas do Sul. Durante este período, aconteça o que acontecer, eu serei o responsável. Já disse o que tinha a dizer. O assunto está encerrado.

Quando terminou de falar, ele estava vermelho de raiva e, naquele instante, se fez um silêncio de morte na sala. Ninguém esperava aquela reação áspera vinda do coronel Leonardo, considerado como um homem de bom coração e até mesmo pacato. E, como ele disse que o assunto estava encerrado, levantou-se da cadeira e se retirou da sala, deixando todos atônitos. Os visitantes também se levantaram e, como o clima estava “carregado”, coube ao padre Ataíde levar uma palavra que tocasse no coração de cada um. No caso, uma oração. Ele disse:

– Que Deus, o Criador do mundo, nos ilumine neste momento. Com todos aqui reunidos, vítimas da mesma tormenta, vamos invocar a presença do Divino Espírito Santo nesta casa, rezando a oração que Jesus nos ensinou, que é o Pai Nosso, e depois vamos orar a Ave Maria, em louvor da Virgem Imaculada Conceição, a nossa padroeira.

Depois da oração, não teve cumprimentos. A família se retirou da sala, e os visitantes foram embora, com o coronel embarcando na charrete que o esperava em frente à casa. O padre Ataíde preferiu ir a pé para a igreja. Iria meditando sobre a força da oração.

A JORNADA

O amor sobrepõe o ódio, mas nem sempre.

NO DOMINGO AO ENTARDECER, DEPOIS DE UMA JORNADA cansativa, os dois amantes pararam nas proximidades de um riacho a fim de dormir. Esgotada, febril, se queixando de que suas coxas e pernas estavam em carne viva, Marta precisava de atenção e, de imediato, de um lugar ideal para lhe servir de abrigo. Foi o que Luciano fez ao compreender a situação de saúde de sua amada. Começou forrando o chão com uma manta e, em seguida, a deitou com todo o cuidado, cobriu o seu corpo com um cobertor e depois fez uma fogueira para protegê-la de ataques de animais, seguindo mato adentro à procura de uma planta que servisse de remédio. Por sorte, encontrou alguns pés de babosa, dos quais retirou quatro folhas grandes e retornou mais aliviado, porque sabia que a planta era medicinal e apropriada para minimizar os efeitos da inflamação provocada pela assadura surgida em função da extenuante cavalgada, mesmo sentada em uma sela macia feita exclusivamente para mulher.

Ele também trouxe água do riacho para limpeza dos ferimentos e se agachou perto dela para explicar o que ia ser feito. Depois, com o uso da peixeira e com muito cuidado, cortou a calça nos dois lados das pernas e sutilmente lavou as assaduras. O passo seguinte pedia dele abrir as folhas com a faca e colocar o gel da planta em toda a extensão dos ferimentos. Vendo a dedicação e presteza do amado em atendê-la, Marta agradeceu e ouviu dele a satisfação em poder ajudá-la, e saiu para preparar o café da manhã — para dar ânimo, disse —, a ser servido um tempo depois. Porém, quando retornou do riacho com a água para o café, ela estava dormindo. O cansaço e as dores foram mais fortes do que a vontade de ficar acordada e ter o prazer de conversar com o homem amado. Então, ele chorou, julgando-se responsável pela extenuante viagem e, por assim di-

zer, tê-la colocado em uma situação de sofrimento, e pediu a Deus por sua cura. Luciano passou um bom tempo acordado, ao lado dela, a meditar sobre a situação do momento, além da próxima etapa da jornada do dia seguinte, até dormir de cansaço e preocupação. Quando o dia se fez claro, Marta acordou com uma boa notícia: disse estar melhor de saúde e pronta para seguir viagem, acrescentando que o gel de babosa agiu positivamente no controle da infecção.

Ao ouvir a boa nova, Luciano ficou alegre, mas, por precaução, quis saber se ela realmente tinha condições de continuar, e ouviu dela a certeza de querer seguir em frente. O café da manhã foi servido por Luciano com pão, queijo, manteiga e café, e elogiado por Marta, que demonstrou surpresa e comentou alegre:

— Onde você encontrou tudo isso, do bom e do melhor?

Rindo, ele disse:

— E ainda tem muito mais. Explicou: Como não sabemos quantos dias essa viagem vai demorar até a gente encontrar um vilarejo ou uma cidade, eu trouxe uma boa quantidade de alimentos. Que bom que você gostou do café.

Em seguida, passou a arrumar tudo de volta — comida e apetrechos —, nos caçuás fixados na cangalha da mula.

Porém, a parte mais importante foi deixada por último, porque significava o cuidado com a saúde da amada. Nesse sentido, ele dobrou um cobertor e estendeu sobre a cela do cavalo dela. “Para deixá-la mais confortável” — disse.

Com a ajuda do amante, ela montou no cavalo, e os dois seguiram viagem.

Por incrível que pareça, à tarde, Marta voltou a sentir febre e pediu para parar. Ela disse que não aguentava mais. Sem demora, ele desceu do cavalo, foi ao seu encontro e constatou a impossibilidade dela em fazer os movimentos com as pernas, tão necessários para se descer do cavalo. O que fazer numa hora dessa? Ele pediu que ela se jogasse em seus braços e, quando ela obedeceu, sem temor, prontamente foi agasalhada em seus braços e posta sentada e recostada no tronco de uma árvore frondosa. O passo seguinte foi o de estender as mantas sobre a relva — fazer a cama — e colocar

Marta com muito cuidado. Foi aí que ela, mais uma vez, reclamou da volta das dores e da febre. E assim externou a sua preocupação com um possível agravamento de seu estado de saúde e a consequente impossibilidade de montar a cavalo.

Com o estado emocional abalado, surgiu nela um outro problema: o medo de morrer no meio da mata, naquele fim de mundo, onde nunca havia estado. Foi o necessário para ela desabar em pranto.

A situação estava complicada e sem solução a curto prazo, até que Luciano expressou a necessidade de seguir adiante para a ver onde a trilha terminava. Desesperada, ela disse:

— Por favor, faça isso. Ainda é cedo, mas não demore muito, porque eu tenho medo de ficar sozinha aqui no meio do mato, sem forças para me defender de qualquer animal que porventura apareça. E, se eu desmaiar, aí é que a situação se complica sem você aqui. Portanto, vá logo, e que Deus ilumine o seu caminho, para que você ache uma saída para a gente terminar essa viagem em paz.

Com cuidado, ele estendeu o cobertor sobre as pernas dela e, num ato de carinho, lhe deu um beijo em sua fronte, dizendo:

— Segure este revólver para a sua defesa em caso de necessidade. Eu vou indo, meu amor, e Deus vai ajudar a gente. Prometo que não demoro. Tenha paciência, Marta, porque nós temos uma vida inteira de amor e felicidade pela frente. Saiba que eu te amo de verdade.

Ela interrompeu, dizendo:

— Eu sei Luciano. Eu também te amo de verdade.

No meio da tarde, Luciano partiu em disparada. Como bom vaqueiro, sabia como ninguém fazer o cavalo correr, ainda mais com Marta precisando urgentemente da sua ajuda. Logo adiante, ouviu o latido de um cachorro e viu um casebre construído fora da trilha. Os latidos ouvidos, com certeza, tinham saído da boca do vira-lata, amarrado a uma corda velha e presa em uma estaca fincada ao lado da casa. O cão voltou a latir seguidamente. Anunciava uma presença estranha e um cheiro também estranho. Nesse meio tempo, surgiu à porta do casebre uma mulher para saber o motivo dos latidos insistentes do cachorro:

— Peri, pare com esses latidos — disse ela.

Ele balançou o rabo, mas continuou latindo até Luciano chegar em frente à casa e cumprimentar a mulher — dando boa tarde e tirando o chapéu da cabeça —, quando aproveitou para saber se a trilha que ele vinha seguindo daria em alguma cidade. Para o seu alívio, ela disse que mais adiante, em menos de meia légua a cavalo, a trilha se encontrava com a estrada da cidade de Cruzeiro e completou:

— Vá direto, dobre à esquerda e siga em frente.

Luciano agradeceu e retornou apressado para contar a novidade a Marta.

Para alívio do seu coração, encontrou-a do mesmo jeito de quando saiu em busca de um lugar que pudesse acolhê-la. Agora era hora de mais uma vez seguir em frente.

Mesmo febril e com dores, ela sorriu para Luciano e ouviu atentamente as informações.

— Graças a Deus! — disse Marta.

— Graças a Deus!

Luciano retirou o chapéu da cabeça em sinal de louvor.

— Por favor, Luciano, vamos embora daqui, que eu estou com medo de morrer.

Ela estava desesperada.

— Nem pensar nisso. Vamos seguir agora em busca de socorro.

Novamente ele arrumou a bagagem na mula e, diante da impossibilidade de Marta andar a cavalo, fez o seguinte: amarrou o cavalo dela ao seu e, num esforço sobre-humano, a puxou-a pelos braços, colocando-a sentada ao seu colo. Ela se segurou no tronco do amado e seguiram em frente, rumando para a cidade desconhecida.

Ao sair da trilha e tomar a estrada na direção que a mulher indicou, Luciano avistou à sua frente, no alto do morro — a cerca de um quilômetro —, a cidade de Cruzeiro. No meio do caminho, o corpo de Marta se inclinou para a frente — “ela não está bem”, pensou. E não estava mesmo. Marta tinha acabado de desmaiar. Foi quando

ele viu, à sua direita, um sítio malcuidado e nele uma casa avarandada. Na varanda da frente, havia uma mesa grande e um homem trabalhando nela. Luciano estava morto de cansaço. Mais um pouco, seria sua vez de desmaiar. Antes de chegar em frente à casa, ele gritou alto por socorro:

– Moço! Moço, por favor me ajude! Minha mulher vai morrer!

O homem se virou assustado e correu para atender ao apelo desesperado. Com a ajuda de Luciano, segurou a jovem doente em seus braços e a conduziu para a varanda, deitando-a sobre a mesa. O rapaz chegou em seguida, agradeceu ao dono da casa, e os dois travaram um breve diálogo:

– Muito obrigado pela atenção. Meu nome é Luciano, e minha mulher se chama Marta. Como é mesmo a vossa graça?

– Meu nome é Antenor dos Santos. Trabalho com couro e arreios para cavalo.

– Pelas peças aqui colocadas, vejo que o amigo é um mestre coureiro.

– Agradeço a sua atenção, mas vou ter que ir lá dentro chamar minha mulher Etelvina. Ela, sim, é que é mestra curandeira.

Não demorou muito até ele retornar acompanhado da esposa, dona Etelvina, que, de imediato, encarregou-se dos cuidados da doente.

Enquanto isso, Luciano fez um pequeno relato da situação em que se encontrava:

– A vida da gente é cheia de surpresas: Marta é filha de uma família de posses em Palma. E eu era vaqueiro na Fazenda Umbuzeiro, onde o filho do dono estava de casamento marcado, mas ela não gostava dele. Em pouco tempo, confessamos o nosso amor e, na sexta-feira à noite, véspera do casamento, a gente fugiu apressado, com temor de uma perseguição. No meio do caminho, Marta ficou doente. No momento, estou nervoso com a situação de Marta. Se ela morrer, não sei o que será da minha vida. Desculpe eu ficar falando sem parar, mas eu preciso da ajuda de vosmecês. E fiquem certos de que eu sou um homem de bem, trabalhador...

– Calma, moço, não sofra antes do tempo. A situação de Marta não é nada boa. Vou ter de levar a menina para a casa dos fundos.

Sobre a história bonita de vocês, a gente fala outro dia. Agora é a hora de Marta. Então, vocês dois vão fazer logo a limpeza.

— Sim — disseram os dois.

A casa dos fundos não passava, na verdade, de um quarto grande. Na frente, se via uma porta de entrada, duas janelas e um telhado avarandado. Dentro, havia mais duas janelas laterais, banheiro e um guarda-roupa e, no centro, uma cama de casal.

Enquanto os homens trabalhavam na limpeza, dona Etelvina já tinha ido buscar uma bacia com água e uma toalha para fazer compressas: molhava a toalha e passava com cuidado no rosto de Marta. Repetiu a operação várias vezes, até que a doente voltou a si:

— Onde eu estou?

— Menina, você está em minha casa e vai continuar aqui até ficar boa. Meu nome é Etelvina. Seu marido e o meu estão limpando o quarto onde você vai ficar. Daqui a pouco, eles chegam. Fique calma. Lá no quarto, vou ver o que está causando essa aflição em vosmecê.

— Agradeço à senhora, mas eu estou me sentindo muito fraca. Acho que vou morrer.

— Menina, a gente só morre na hora em que Deus quer. Vosmecê está muito doente, é verdade, mas tenha fé em Deus. Reze e peça a Ele pra te deixar viver feliz com seu marido. Tenha fé.

Nesse meio tempo, os homens chegaram anunciando o cumprimento da tarefa e que, portanto, o quarto já estava em condições de receber visitante. Sem esperar um só minuto, dona Etelvina inspecionou a limpeza e aproveitou para forrar o colchão da cama com uma colcha bege e um lençol branco retirados do armário. Depois mandou Luciano buscar Marta.

— Traga a menina em seus braços, com todo o cuidado, e deite ela na cama.

Decretou:

— Os homens só entrarão neste quarto quando a menina estiver curada. Luciano vai dormir no quarto de visita. Já podem ir saindo.

O velho Antenor, que estava no quarto, à disposição, obedeceu à ordem da mulher e comentou com Luciano:

— Vamos, Luciano. Quando Etelvina fala, a gente tem que obedecer. Pra teu bem, é melhor tu ir aprendendo.

— Já aprendi. Vamos mesmo.

Os homens saíram rindo. Dona Etelvina trancou a porta do quarto e passou a cuidar de Marta, começando por despi-la. Em seguida, com uma bacia de água em cima da cama e um pano fino em suas mãos, começou a lavar o corpo de Marta, principalmente nas partes mais afetadas, como a região glútea, a vagina, as coxas e as pernas. Com o banho concluído, ela voltou a sua atenção para tratar das feridas, revestindo-as com um gel feito à base das plantas medicinais. Após a aplicação, deixou o quarto e foi para casa a fim de preparar uma canja, utilizando partes da galinha e do arroz servidos no almoço. A canja recebeu o incremento de novos temperos e, ainda quente, foi levada, em um prato fundo, para Marta, que comeu toda a porção e, satisfeita, disse:

— Eu estava com muita fome.

— Deu pra ver. Agora descanse, que eu vou preparar a comida dos homens. Logo mais, eu volto.

Na mesa, dona Etelvina comentou que Marta tinha comido tudo, sinal de que a menina, como ela dizia, estava disposta a viver. Coube a Luciano agradecer a atenção recebida e contar toda a sua história de vida, inclusive a parte mais importante, ao seu ver, que era prevenir os donos da casa sobre a perseguição que, com certeza, estava acontecendo por parte de Ubaldino. O casal ficou sensibilizado com a situação, e senhor Antenor disse:

— Luciano, você ouviu Etelvina dizer que Marta só sairá daquele quarto quando estiver curada. Isso quer dizer que, aconteça o que acontecer, nós estamos do seu lado. Mesmo depois que Marta se levantar, vocês podem morar com a gente até o dia que quiserem.

— Meu marido falou o que eu penso. Nós temos dois filhos — João e Geraldo —, todos casados e morando fora; de modo que a presença de vosmecês nos traz muitas lembranças boas de nossos filhos.

— Mais uma vez, eu tenho que agradecer a vossa bondade. Digo que não há dinheiro que pague o que vocês estão fazendo por nós dois perseguidos. Tenho certeza de que a mão de Deus conduziu a

gente para esta santa casa, e garanto que, em nenhum momento da minha vida, vou esquecer esse gesto de acolhimento de vosmecês.

Antenor interferiu na conversa:

— A conversa tá boa, mas é melhor você tratar de colocar os animais que estão lá fora para dentro do sítio, senão os bichinhos vão passar a noite ao relento. E, já que Etelvina vai ficar com Marta, vamos tratar de cuidar dos animais.

— Sim, senhor.

Depois da empreitada, os dois voltaram para casa, cada um carregando um caçua, que arriaram na área da cozinha. Em seguida, o dono da casa mostrou o quarto onde Luciano iria dormir e complementou, em tom de brincadeira:

— Eu, se fosse vosmecê, não iria dormir sem tomar um banho e limpar esta caatinga do mato e de suor. Lá dentro tem um porrão de barro cheio d'água, e o sabão está na pia. Pode tomar um banho demorado, que eu vou aproveitar para trabalhar mais um pouco. Amanhã a gente se vê. Boa noite, Luciano, e sintase em sua casa.

— Boa noite, seu Antenor, e Deus lhe pague.

Após o banho, Luciano foi para o quarto, atirou-se na cama, tomado pelo cansaço, e dormiu profundamente.

No dia seguinte, acordou cedo, como de costume. Retirou os alimentos que estavam no caçua, os deixou na mesa e seguiu para fazer uma verificação no sítio, que media cerca de seis tarefas, dispendo de fruteiras, uma área cercada para a plantação das ervas medicinais cultivadas por dona Etelvina, uma outra reservada para plantação de capim, um minadouro que formava um pequeno córrego, umas dez cabeças de gado e um cercado que precisava ser melhorado com a substituição do arame e de estacas. Quando retornou para casa, já encontrou seu Antenor e dona Etelvina sentados à mesa, esperando-o para servir o café. Ele cumprimentou o casal, com alegria:

— Bom dia, seu Antenor, e bom dia, dona Etelvina.

— Bom dia, Luciano — responderam os dois.

Ouviu dona Etelvina dizer:

– Venha comer, que saco vazio não fica em pé.

– É verdade. Mas antes eu gostaria de saber como vai a saúde de Marta.

– Senta, homem, que Etelvina vai contar como a menina está passando.

Luciano obedeceu, sentou-se à mesa e começou a comer, esperando, com ansiedade, o que Etelvina tinha a dizer:

– Marta teve uma febre forte durante a noite, mas eu consegui controlar, dando-lhe chá e banhando o seu corpo com água fria. A inflamação motivou a febre alta, acompanhada de delírios. Na agonia, a bichinha chamava muito o seu nome e clamava pela mãe. Vou continuar passando os cremes medicinais nas pernas para combater a inflamação. Ainda é cedo para dizer quando ela vai sarar. Mas uma coisa eu lhe garanto: dessa ela não vai morrer. A bichinha, quando chegou aqui, estava mal. Mas a vontade dela em viver é muito forte, e isso tem ajudado para a sua melhora. Agora, estou mais aliviada. É isso o que eu tenho a dizer. Amanhã, se Deus quiser, ela vai estar melhor.

– Com as graças de Deus, ela vai melhorar. Se ela morrer, eu não tenho condições de carregar esta culpa. Vou sofrer pelo resto da minha vida.

As lágrimas caíram dos seus olhos num choro de emoção, e ele complementou:

– O que será de mim sem Marta?! Ela é a mulher da minha vida...

– Tenha calma, Luciano. Nós sabemos que vosmecês se gostam, se amam. Mas deixe Marta na mão de Deus e de Etelvina. Ela não pode saber que você está assim desse jeito, temeroso pela vida dela a ponto de se emocionar. Marta vai querer olhar pra você e ver um homem confiante, com fé e com amor...

– É por isso que eu não quero nenhum de vocês lá no quarto. Vosmecê, pela emoção que carrega, ainda não está em condições de ver a menina. Antenor fala essas coisas, mas também tem um coração de manteiga. Se derrete fácil.

– É verdade. Eu sou assim mesmo!

— Como eu já disse, aquela porta só vai se abrir pra vosmecês quando ela ficar boa. Prosem aí, que eu vou levar um mingau de puba com pão, ovo e queijo, para a minha menina ficar forte.

Quando dona Etelvina deixou a casa, levando nas mãos a comida para Marta, seu Antenor disse a Luciano:

— Meu amigo, Etelvina sabe o que faz. Deixe ela trabalhar e vamos cuidar da vida. Vi que o amigo fez uma andança no sítio. O que achou? Enquanto você conta, vamos lá pra fora, porque eu tenho uma sela para acabar.

E os dois seguiram para a varanda.

Luciano falou que, para executar o trabalho do sítio, precisaria de estacas, alguns mourões, tábuas para melhorar o curral, arame, grampos e ferramentas. Diante da empolgação de Luciano, seu Antenor esclareceu:

— Meu filho, vocês estão em nossa casa na condição de visitantes convidados. Eu e Etelvina estimamos o casal, a história de vida de vocês dois, e torcemos para que a felicidade seja uma árvore a sombrear o futuro. Não carece vosmecê se agarrar no trabalho. Essa situação do sítio eu vou tratar com meus filhos, e eles vão dar um jeito.

— Eu agradeço as suas palavras. Eu estou me sentido em casa. O senhor e dona Etelvina têm tratado a gente com toda consideração, mas, por favor, entenda: eu sou um homem acostumado a trabalhar. Preciso encontrar o que fazer para ocupar a mente enquanto Marta está doente, senão eu fico a pensar coisas ruins. Vou ficar doido...

— Agora entendi o motivo da disposição do amigo. Nesse caso, eu concordo que vosmecê ocupe a mente com o trabalho. Eu já vi que a situação de Marta está causando um sofrimento profundo em você.

— É verdade.

— Então, vamos no depósito que fica atrás da casinha onde Marta se encontra, para eu mostrar o que temos. Acho que vamos encontrar tudo lá. Mas tem uma coisa que precisa ficar bem claro entre você e eu. Posso dizer?

— Com toda firmeza.

– Vou explicar os termos do acordo. Você não tem hora pra começar a jornada nem hora pra terminar. Não trabalha no sábado e nem no domingo. No sábado, vosmecê me acompanha na feira, onde eu tenho uma barraca e vendo os meus apetrechos de couro. Por último, hoje o amigo está dispensado do trabalho, só iniciando amanhã. Está de acordo?

– Eu queria começar logo, mas, como se trata de um acordo, aceito como se fosse de papel passado.

A CAÇADA CONTINUA

Na perversidade de uma perseguição sem sentido
se manifesta as piores atitudes humanas.

Maximiliano Wouters

NA TERÇA-FEIRA, APÓS UMA PARADA, durante à noite, para um breve descanso, o bando de jagunços comandado por Ubaldino chegou à fazenda do coronel Ernesto Pereira Gonçalves. A Fazenda Canafístula era a última da rota de compra de gado estabelecida pelo coronel Feliciano. Ele começou a perseguição, justamente nessa ordem, para poder, na volta, vir passando nas demais. Achava também que, como Luciano conseguiu uma boa dianteira, poderia já estar acoitado, com a devida permissão do coronel, nas imediações da fazenda. Vestindo um traje de vaqueiro, armado de rifle e revólver, Ubaldino seguiu com o bando em direção ao casarão da fazenda, residência da família do coronel Ernesto. O coronel estava acompanhado do capataz Matias e de mais outro homem, e se surpreendeu com os trajes do visitante, o filho do seu amigo Feliciano.

Ao chegarem próximo à varanda, eles ouviram logo a sentença do fazendeiro:

— Apeie aí mesmo e venha você sozinho.

— Bom dia, coronel Ernesto. É uma honra pisar nas terras de um homem de bem.

— Bom dia, Ubaldino. O que você faz aqui a esta hora? A gente estava na metade da viagem quando fui informado de que o seu casamento tinha sido adiado. O que aconteceu?

Ele desceu do cavalo e se dirigiu até o coronel, e os dois se cumprimentaram num breve aperto de mão, com o visitante tomando a iniciativa da palavra:

— O senhor me perguntou sobre o casamento adiado; eu digo terminado.

— Foi uma pena. Você está muito diferente vestido nessa roupa de vaqueiro. Já veio comprar gado?

— Não, senhor. Esta é a minha nova roupa. Roupa de vaqueiro, homem do mato. Homem atrevido, sem medo da morte e pronto pra matar.

— Rapaz, eu não estou gostando do tom dessa prosa. E sabe do que mais? Mande os seus homens te aguardar fora da cancela. Matias, ordene aos nossos homens que acompanhe o bando até onde eu mandei e fiquem lá fazendo companhia aos jagunços desse vaqueiro.

Matias gritou:

— Pedro, o coronel está chamando. Traga os homens.

Imediatamente surgiram, do oitão da casa, cerca de vinte homens armados. Estavam postados em duas fileiras, pareciam um pelotão militar. Quando os jagunços viram que o coronel não estava para brincadeira, deixaram Ubaldino e seguiram para a entrada da fazenda, cercados pelo “pelotão”, comandado por Pedro, o homem de segurança do coronel Ernesto.

— Coronel, não estou entendendo esse seu tratamento. Nossa família sempre teve um vínculo de amizade e respeito...

— Moço, como é que você fala em amizade e respeito e invade a minha fazenda com bando de jagunços?! O que é que você quer aqui? Diga o que tem a dizer e vá embora. Estou lhe ouvindo.

— Coronel Ernesto, meu casamento acabou porque Luciano fugiu com a minha noiva. Não quero nem dizer o nome da infeliz...

— Marta é o nome dela.

— Isso. Então eu vim aqui para saber se o senhor está acoitando os dois. Porque nós estamos aqui em uma missão de vingança.

Nesse momento, Matias e o outro homem colocaram as mãos nas armas que carregavam à cintura, preparando-se para uma eventual reação por parte do visitante contra o coronel, que, enraivecido, disse:

— Quer dizer que, caso eles estivessem aqui, mesmo com a minha permissão, você iria matar os condenados?!

— Isso mesmo! — confirmou.

— Mesmo por cima do meu cadáver e da minha família. Não é?

Ele ficou em silêncio. Percebeu que a influência em ser filho do coronel não valia nada nas terras do Sul, principalmente do coronel Ernesto, que sempre teve fama de valente. Percebeu também que a vida de um bandido não vale nada e, por fim, tomou ciência de que a sua ousadia estava colocando a sua família em perigo, uma vez que o coronel poderia imaginar — se já não estivesse imaginando — que a sua presença tinha a permissão do seu pai. Mas, antes de falar qualquer coisa, o coronel se adiantou:

— Pela sua ousadia, sei que vosmecê está aqui sem a permissão de seu pai, que é um homem de bem e respeitador. Caso contrário, vosmecês sairiam daqui mortos. Se eu quiser estalar um dedo aqui, eles morrem lá. E sobre você, eu ia fazer questão de entregar o seu corpo ao meu compadre, e tenho certeza de que ele iria compreender a minha atitude. Eu não vou sujar minhas mãos com o seu sangue podre. Não vou te matar, mas saia já daqui antes que eu me arrependa. E vou lhe dizer mais: se Luciano tivesse me procurado, eu lhe daria guarida com a maior satisfação. Quanto a você, a esta altura, a sua alma já estaria a caminho do inferno. Nunca mais apareça em minha frente. Você é hoje um homem que leva a sina de renegado. Teve tudo nas mãos para ser um homem de bem, mas infelizmente escolheu o caminho da maldade, o caminho da vingança. Que o diabo o carregue.

Dito isso, cuspiu no chão, se retirou da varanda, entrou em casa e fechou a porta. O filho de Feliciano suspirou, deu meia volta, desceu as escadas da varanda, montou em seu cavalo e saiu a galope em direção à saída da fazenda, onde estavam os jagunços. Ao cruzar a cancela, ele parou para avisar aos homens que o casal não estava na fazenda e, assim, teriam que seguir em frente em busca dos fugitivos. E seguiram em direção à Fazenda Alecrim, de propriedade do coronel Agnaldo Vasconcelos.

Dentro de casa, o coronel comunicou à família o lamentável ocorrido com Ubaldino e voltou à varanda da casa para ordenar a Matias o cumprimento de uma nova empreitada: ir avisar aos fazendeiros da andança dos bandidos, e completou:

— Matias, escolha dois cavalos rápidos e mande os homens armados à procura de desvios para chegarem primeiro do que esse bando nas casas dos coronéis nossos amigos. É pra avisá-los da missão indesejável de Ubaldino em nossa região. E isso é pra já. Os jagunços dele estão na estrada.

Matias se retirou apressado, enquanto o coronel se sentou na cadeira de balanço e ficou a pensar: “Como é esse mundo de meu Deus! Não posso acreditar como um homem que nasceu em berço de ouro perca tudo, até a alma, transformando-se em um assassino por causa de uma vingança besta, por causa de um xibiu que ainda não era dele. Pobre do meu compadre Feliciano e de dona Maroca! Devem estar sofrendo muito devido a esse desatino”.

À tarde, o bando de Ubaldino chegou à segunda fazenda e, para o seu desespero, foi informado de que Marta e Luciano não estavam. Mesmo assim, manteve a perseguição, na certeza de que estava na pista certa e que iria encontrar e matar o casal. Para ele, não importava se era dia ou noite; se chovia ou fazia sol. Assim, só parava para comer e descansar os cavalos. Foi com essa determinação até a última fazenda, onde caiu em si de que alguma coisa tinha acontecido, como, por exemplo, um complô dos fazendeiros na defesa de Luciano, e pensou: “Ninguém sabia do paradeiro dos infelizes que sumiram sem deixar rastro. Tenho que admitir que Luciano também era o queridinho desses fazendeiros filhos de uma égua”.

Nesse momento, um dos homens, chamado Xexéu, falou:

— Coronelzinho, sei que a sua missão era encontrar os miseráveis, mas já estamos nessa peleja há mais de uma semana. Nós estamos cansados, os animais também, e a comida está acabando. Com todo respeito, aconselho a vosmecê voltar, dar um tempo, e aí, quem sabe, a gente volta com mais disposição para finalizar o serviço...

— Tá bom, já ouvi. Não quero ladainha. A minha vontade era de continuar, mas sozinho é praticamente impossível encontrar os desgraçados. Acho melhor a gente seguir para Palma. Vamos tocar.

Quando os homens da missão de vingança chegaram a Palma para comunicar ao coronel Leonardo que o intento da caçada fracassou, ele estava em seu gabinete, acompanhado dos filhos, tratando de negócios, e foi surpreendido com a chegada de Ubaldino e

Isidoro. Dona Esmeralda, que estava no quarto de Marta, ao ouvir vozes estranhas dentro de casa, levantou-se da cama e imediatamente seguiu para o gabinete a fim de se juntar ao grupo. Naquele momento, os dois cumprimentavam o coronel. Ela, com um terço nas mãos, rezava baixinho, enquanto o coronel perguntava sobre o que tinha acontecido. Antes que Isidoro esboçasse qualquer reação em responder à pergunta do seu patrão, Ubaldino disse:

– Coronel Leonardo, infelizmente nós não conseguimos pegar os infelizes. Estivemos em todas as fazendas do Sul e não encontramos nenhum rastro dos pestes.

– Graças a Deus! – disse dona Esmeralda, levantando as duas mãos ao céu.

É a vez de Isidoro falar:

– Coronel, tem uma coisa que o senhor precisa saber: não fomos bem recebidos em nenhuma fazenda da região. Parecia que os fazendeiros estavam de língua passada em defesa de Marta e Luciano. É possível que os dois estejam acoitados em alguma fazenda, mas estão bem protegidos: em todas, nós tivemos que sair apressados, porque os fazendeiros colocavam os seus homens na nossa cola.

– Esse é um assunto que a gente pode resolver mais tarde. Com a sua influência e vontade, coronel, o fazendeiro que estiver protegendo pode muito bem entregar o casal, pra gente acabar de vez com o problema – disse Ubaldino.

– Muito bem – começou a falar o coronel. Ouvi vocês em silêncio e com atenção. E a minha decisão é a de que esta perseguição acabe aqui e agora. Não darei mais cobertura a essa ação. Faça isso atendendo aos apelos da minha família – virando-se para Ubaldino de dedo em riste –, do seu pai e dos meus amigos fazendeiros. Isidoro, pegue dinheiro, pague aos homens e os mande embora. E quanto a você, chefe do bando, renego dizer o seu nome. Não temos mais nada a falar. Por favor, se retire da minha casa.

– Mas, coronel – estava exaltado –, o que senhor está fazendo é um ato de fraqueza. Não é possível! É melhor eu sair mesmo. O senhor é que não merece a minha atenção.

Saiu enraivecido, mas, quando botou o pé fora do casarão, percebeu que não tinha para onde ir. Acabava de perder a proteção do

coronel Leonardo e não poderia voltar para casa. Então, resolveu se alojar na pensão de dona Maria, com o objetivo de ficar sozinho, esfriar a cabeça e, somente no dia seguinte, tomar uma decisão mais abalizada para dar um rumo ao seu destino. Ao chegar, pediu a um funcionário que levasse o seu cavalo para o estábulo e seguiu para a recepção à procura de um quarto.

No gabinete, dona Esmeralda, em prantos, e os filhos abraçaram o coronel num ato de amor e reconciliação. Dona Esmeralda disse, entre soluços:

— Estamos orgulhosos de você, meu marido. Sabia que, uma hora, o meu Leonardo voltaria para nós. Uma hora esse ódio seria extirpado do seu coração. Graças a Deus e à nossa Virgem Imaculada Conceição, essa loucura acabou.

— Eu cumpri minha palavra. Enquanto os homens estavam perseguindo Marta e Luciano, eu sofri e pedi muito a Deus que eles não os encontrassem. Fiz até uma promessa à Virgem que, se tudo corresse bem, eu perdoaria o ato de Marta, lhe dando novamente a condição de filha e herdeira. Minha filha querida. Minha única filha.

As palavras do coronel foram um alento nos corações dos filhos, que, ainda abraçados ao pai, choravam copiosamente, o que fez o coronel mais uma vez falar:

— É hora de acabar com essa choradeira. Vamos ao trabalho. E a você, dona Esmeralda, digo que, a partir de hoje, voltaremos a dormir juntos.

Os filhos riram, e Esmeralda, que estava saindo do quarto, voltou, deu um beijo demorado no coronel e disse:

— Você manda, e eu obedeço com todo o prazer, meu coronel. Até mais ver.

Todos responderam:

— Até mais ver.

Dona Esmeralda foi imediatamente para a cozinha contar a novidade aos empregados e depois foi para o quarto dos santos rezar aos pés da Virgem Imaculada Conceição, agradecendo a sua intervenção para o fracasso da missão e, ao mesmo tempo, o restabelecimento da paz em sua família.

NASCE UM ASSASSINO

Quem semeia vento colhe tempestade.

Provérbio popular

O DIA JÁ ESTAVA CLARO QUANDO UBALDINO ACORDOU sentindo ainda o corpo dolorido da intensa viagem que fizera. Espreguiçou o corpo, levantou-se da cama e foi ao banheiro, onde tomou um banho demorado. Depois, trocou de roupa e encaminhou-se à pequena sala de refeições para tomar café. Enquanto comia, ia pensando no que fazer da sua vida. Nesse instante, como num estalar de dedos, ele lembrou-se do coronel Junqueira, proprietário de uma fazenda nos arredores da cidade e que possuía a fama de ser um homem associado ao crime de mando e muito respeitado na região. Antes mesmo de ter acabado a refeição da manhã, Ubaldino já havia traçado o caminho para onde seguir: a Fazenda Eldorado, do coronel Armando Junqueira Alcântara. Ao chegar lá, apresentou-se ao fazendeiro, que gentilmente o chamou para conversar em seu gabinete, dando-lhe as boas-vindas. O coronel já era sabedor de toda a história do visitante, mas se fez de desentendido para saber qual seria a real intenção do homem à sua frente, atormentado pelo rancor:

— Você tem viajado muito, não é?

— É, coronel. Estava resolvendo algumas coisas que ainda não foram concluídas. É por isso que eu estou aqui, com a finalidade de pedir a sua ajuda, a fim de que o serviço, quer dizer, até que a situação seja resolvida.

— Sei. O serviço não concluído seria a morte de Marta e Luciano, não é verdade?

— Como o senhor sabe disso?

— Todo mundo de Palma sabe da sua missão de vingança. O fato é: o que você quer de mim?

— Quero a sua ajuda. Peço ao coronel que me consiga uns homens para eu prosseguir nessa missão de vingança. Sei que eles estão em alguma fazenda da região Sul. Agiríamos em uma ação que não exigisse pressa e com a participação de três homens.

— Meu rapaz, essa vida de bandido não tem valor. É como se fosse uma moeda furada. Ninguém quer tê-la. E, jogada no chão, ninguém pega. Parece que você tem lepra no corpo: todos fogem de você, assim como o diabo foge da cruz. Além do quê, a morte viaja no seu rastro o tempo todo. Se você cochilar, ela te pega. É assim que você quer viver?

— Coronel, eu vou ser muito sincero com o senhor. Meu pai já disse exatamente isso, e eu o reneguei. Vivia na riqueza, tinha tudo do bom e do melhor. Veja o que aconteceu! Agora, o que eu quero mesmo é ser bandido e viver na escuridão do pecado. Meu destino está traçado e só vou descansar quando cumprir o meu voto de vingança.

O bom senso recomenda e, quando um não quer, dois não brigam. Como também, as decisões tomadas no calor da emoção ou no furor do destempero nem sempre são eficientes.

Homem experiente, o coronel Alcântara imprimia um comportamento educado, além de ser cauteloso, como o ditado popular diz: cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. Mas por quê? Porque era a primeira vez que ele estava recebendo o filho do coronel Feliciano e queria causar uma boa impressão. Por outro lado, mesmo já sabendo o motivo da visita do rapaz, ele não queria provocar nenhuma desfeita. Por último, era evidente que o visitante estava nervoso e descontrolado. Nesse caso, o mais lógico seria encerrar a conversa e propor um novo encontro para o outro dia. Foi exatamente o que o coronel fez:

— Ubaldino, é com grande satisfação que te recebo em minha casa. O amigo deve estar muito cansado da missão. Vá descansar, e amanhã a gente volta a conversar.

Virando-se para Luiz, o seu cabra de mando, ordenou que conduzisse o rapaz para a casa ao lado, chamada instalação dos visitantes. Os dois deixaram a sala, enquanto o coronel acendeu um cigarro e ficou a pensar: “Não é que o homem está doido de pedra!”

Na verdade, o coronel Junqueira queria um tempo para ir à casa do coronel Feliciano comunicar que o seu filho estava arranchado em sua fazenda com a ideia louca de ser bandido. O encontro dos dois ocorreu no casarão da Fazenda Umbuzeiro. Sentados na varanda, o coronel Junqueira relatou toda a conversa que teve com Ubaldino e pedia a orientação de como deveria tratá-lo.

Amargurado com o rumo que a vida do seu filho iria tomar, o coronel Feliciano disse que o menino tinha perdido o respeito pela família, desde o momento em que, por conta própria, saiu em perseguição a Luciano e Marta, acrescentando:

— Eu dei graças a Deus por eles não serem encontrados.

Abatido e visivelmente entristecido, o coronel Feliciano falava pausadamente, mas não olhava firme nos olhos do visitante, como era sempre o seu costume: olho no olho. Dizia sempre, na sua linguagem: cabra que não procedesse desse jeito não merecia confiança. Não dessa feita. O seu olhar estava perdido no tempo, no vagar da tarde. Disse que nada faria para mudar a decisão do filho, e acrescentou:

— Mas se o amigo conseguir trazer o menino de volta, eu serei eternamente grato. Porém, se ele quer ser bandido, que assim seja.

Por fim, agradeceu a consideração do coronel Junqueira em ter ido lhe falar sobre Ubaldino e concluiu:

— Já usei todas as palavras que tinha para implorar e já desprendi todas as lágrimas que tinha para chorar. Portanto, coronel, fique à vontade sobre o tratamento que o senhor dará ao meu filho.

A conversa foi encerrada nestes termos e, quando visitante deixou a fazenda, o coronel Feliciano ficou na varanda, fumando o charuto. A cada tragada dada, seu pensamento dissipava-se no tempo, igual à fumaça soprada da sua boca. No pensamento, estava desenhada a imagem do filho ingrato.

Na manhã seguinte, o coronel Junqueira abriu a sala de visita para mais uma conversa com Ubaldino. Seria uma conversa definitiva. Foi dele a iniciativa, começando com uma pergunta:

— Você conhece a história da minha vida?

— Em parte.

Vai se acomodando na poltrona de veludo azul.

— Todo mundo acha que conhece. Vou lhe contar parte dela. Eu nasci aqui nesta cidade. Meu pai, Mário Assunção Junqueira — que Deus o tenha —, era um médio fazendeiro. Não era um grande fazendeiro, como o seu pai. Mas as terras eram boas. Tipo daquela em que se plantando tudo dá. Lembro que tinha um capinzal bonito. Meu pai criava gado de leite e fazia manteiga e queijo. Tinha também o gado de corte, não muito, mas o suficiente para manter um comércio de compra e venda. Ajudava no sustento da família e na manutenção da fazenda. Meu pai não levava uma vida de rico.

— Mas também não era pobre.

— É verdade. Porém, só com a implantação da estrada de ferro é que tudo melhorou. Isso graças à iniciativa do senhor Junqueira em viajar para cidades grandes, inclusive a capital, e oferecer os produtos da fazenda, como o queijo e manteiga. A manteiga em latas de cinco, dez e vinte quilos, aos comerciantes de armazéns de varejo e atacado.

Sem pressa no falar, o coronel fez uma pausa para acender um cigarro. Na primeira tragada, recostou-se na cadeira de balanço, pensativo. Talvez, quem sabe, procurando na fumaça do cigarro que esvoaçava na sala as lembranças do passado de uma infância feliz ao lado dos pais. E deixou escapar a última frase do seu breve devaneio:

— É, o tempo passa.

Prosseguiu a conversa:

— Pois bem — repetiu. Meu pai voltou da viagem trazendo vários contratos de fornecimento assinados e com uma decisão importante: ampliar a fabriqueta de queijos e manteiga. E, de dois em dois meses, ele viajava para arrecadar o dinheiro das vendas realizadas, e normalmente voltava com novos contratos.

Outra pausa, outra tragada no cigarro. O interessante é que a fumaça do cigarro bailava ondulante sobre o seu rosto até desaparecer, dissipando-se no vento que entrava pela janela da sala. Observou o visitante se mexer na cadeira, dando uma demonstração de impaciência. Não ligou e, após mais uma tragada no cigarro, prosseguiu a contar a sua história de vida.

– O dinheiro que o meu pai trazia era guardado no cofre. Eu era menino. Não sabia o que se passava na vida dele. Tempos depois, foi que ele me contou toda a sua história de progresso. A minha infância aqui em Palma foi muito alegre, feliz. Estudei as primeiras letras na escola das freiras.

– Escola Imaculada Conceição.

– Isso mesmo.

– Eu também estudei lá.

– Depois meu pai me mandou estudar na capital. Fiquei internado no Colégio São Jorge. Por fim, prestei exame para o curso de Medicina e anos depois, me formei. Foi esse dinheiro da fábrica de manteiga que custeou os meus estudos.

– Não sabia que o senhor era médico.

– Pouca gente sabe. Eu também nunca exerci a profissão.

– Posso saber o porquê?

– Pode. Essa é a terceira parte da minha história. A nossa vida se divide em capítulos: primeiro a gente nasce, depois vem a infância, adolescência, juventude, e entramos na fase adulta, atingimos a velhice e, por fim, vem a morte. O destino de todos.

– É verdade.

– É, sim. E nem Jesus escapou da morte.

A essa altura da conversa, ele já tinha apagado o cigarro e se levantou da cadeira, andou alguns passos até a porta da sala e gritou por Maria Zefa, uma das empregadas, que veio depressa atendê-lo. Ele pediu água, doce de carambola e café. Em seguida, voltou a se sentar na velha cadeira de balanço, que um dia foi de seu pai, e retomou à conversa, explicando o seu sonho de realização:

– Mas, antes de morrer, temos que viver e ter sonhos. O meu maior sonho era exercer a minha profissão. Eu pensava em ter um consultório aqui em Palma ou em outra cidade, me casar e ter filhos para fazer a alegria do meu pai em brincar com os netos. Mas nada disso aconteceu. O destino bateu em minha porta e virou minha vida de ponta a cabeça. Nunca mais fui o mesmo.

— Como assim?

— Me lembro que eu vinha aqui algumas vezes passar as férias. Mas, depois de um tempo, meu pai passou a arrumar sempre um motivo para que eu não viesse. Era ele quem ia me ver. Às vezes, levava a minha mãe. Para encurtar a história, eu entrei na faculdade e só voltei a Palma depois de formado. Foi aí que eu tomei ciência do drama que estava se passando em sua vida e que lhe causava um grande sofrimento. Ele sofria calado para me preservar.

— Posso imaginar.

— Preste muita atenção no que vou dizer.

— Sim, senhor.

Nesse momento, Maria Zefa entrou na sala, carregando nas mãos uma bandeja com os itens solicitados pelo coronel, a colocou sobre um centro de madeira, fixado no meio da sala, e foi embora para não interromper a conversa. Ambos começaram a se servir e, após o café, o coronel acendeu mais um cigarro, deu uma tragada — tão longa, que a ponta do cigarro virou uma brasa incandescente —, e voltou a conversar:

— Como eu estava dizendo, preste muita atenção — disse isso olhando diretamente nos olhos de Ubaldino, que entendeu a mensagem —, porque essa história, de uma certa forma, tem a ver com você. Pois bem.

Dá outra tragada no cigarro.

— Enquanto eu estava na capital, dois homens apareceram em Palma, compraram um terreno pequeno ao lado do nosso e se fixaram. Até aí, tudo bem. No entanto, aos poucos, com o uso extremo da violência, inclusive provocando mortes, eles foram se aposando de outras terras da vizinhança. Além de pôr em atividade o roubo de gado, eles contrataram vários capangas, que eram verdadeiros assassinos. Eles eram o terror da região. E o meu pai — estava emocionado e, para disfarçar, bebeu mais café e acendeu outro cigarro — foi vítima dessa gangue. Invadiram mais da metade das nossas terras, roubaram parte do nosso gado e ameaçaram meu pai de morte, caso ele não deixasse a fazenda. Eles já tinham usado este método com vários pequenos fazendeiros. Atuavam roubando,

apossando-se de terras, matando pessoas inocentes e, assim, já se consideravam os maiores proprietários de terras de Palma.

— Não é possível uma coisa dessa! E ninguém se mexeu? Nem a polícia?

— Não. Ninguém se mexeu. O contingente daqui era formado por poucos policiais. Morriam de medo dos bandidos sanguinários, assim como o delegado e os cidadãos. Os fazendeiros que tinham muitos homens, como o seu avô, mantinham-se preparados unicamente na defesa de suas propriedades. Na época, corria um boato de que os chefes — por sinal, eram dois irmãos — tinham “costas quentes” na capital.

— Nossa! Que história!

— Foi nesse clima de horror que eu cheguei com o sonho de realizar a minha vida profissional. Mas o destino me forçou a tomar um novo rumo: o rumo da vingança. Eu não tinha escolha. Ou eu me acovardaria e sairia da cidade com os meus pais, deixando tudo para eles, inclusive a nossa história de vida, ou partiria para enfrentá-los e reconquistar tudo que nos foi roubado.

— A segunda opção é a mais acertada. É a defesa da honra e da propriedade.

— Ambas são lastimáveis. Na primeira, você passa o resto da vida remoendo o ato de covardia; na segunda, você perde a sua identidade, os seus sonhos, e vira assassino. A sociedade pode até entender a razão, mas, com certeza, você ficará marcado pelo resto da vida. O rastro de violência nunca se apaga.

— Mas é a legítima defesa.

— Sim. No entanto, na ação, há de se matar, de ser violento e cruel. Empregar uma força maior do que a do seu adversário e não ter medo de morrer.

— Não ter medo de morrer...

— Isso é o mais importante. Sim, porque se faz necessário que se tenha a compreensão de que a morte é uma consequência natural da empreitada. Você tem que estar preparado para morrer a qualquer momento. Porém, essa compreensão vai fazer com que os seus adversários, através dos seus atos de vingança, percebam o quanto

— você é destemido. Destemido mais do que eles, que cometem crimes, mas têm medo de morrer. Essa é a diferença. E foi assim. Saí pelo sertão, arrebanhei homens e, quando voltei, matei todos os meus adversários. Matei — fez uma pausa e acendeu outro cigarro — os familiares, que moravam em outras cidades. Matei todo mundo, homens e meninos. Só deixei as mulheres. Foi realmente uma matança séria.

— E os meninos, coronel?

— Ordenei a matança, de coração passado. Foi prevenção de uma provável vingança. Até hoje, eu me arrependo dessa ação — fez outra pausa, respirou fundo. Pois bem, para finalizar parte da minha história, reconquistei as terras e o gado de meu pai. As demais terras que foram tomadas à força pelos bandidos, ninguém apareceu para reclamá-las e, depois de um tempo, anexei-as à fazenda.

— Hoje o senhor é grande proprietário de terra.

— Sim — disse, pesaroso. Mas não há um dia sequer que eu não me lembre das palavras de meu pai dizendo que, sobre a ação, eu tinha agido de maneira acertada. No entanto, ele daria a sua vida para que nada daquilo acontecesse, e eu tivesse uma vida decente de médico, envolvido na tarefa social de servir ao próximo.

— Ao que parece, foi coisa do destino.

— É fato. Eu não tive escolha. Ou enfrentava a situação, ou seria para sempre um acovardado, tendo um consultório médico como refúgio, mas sem o amparo da alma. Fui arrastado para dentro do furacão e fui com gosto. Fiz o que fiz e não me arrependo, mas não tenho a mesma dignidade que tinha no passado. Não vale a pena. Hoje, tem pessoas que reconhecem que fiz a coisa certa e na hora certa. Outras me respeitam porque eu tenho homens matadores. Mas a cidade não me convida para nada. Eu vou vivendo assim, desse jeito. É a história de minha vida e não vai ser mudada. É o meu destino.

— Essa sociedade nojenta.

— Em determinado aspecto, pode ser até nojenta como você fala, mas lembre-se de que nós pertencemos a ela. Mais do que isso: nós somos a sociedade. É muito importante ter uma vida social. Vou lhe

dar um conselho daquele de pai para filho. Eu não tive escolha, mas você tem. Você tem uma vida de grandeza pela frente, sem ser preciso sujar as mãos de sangue. Você é o futuro proprietário das terras de Umbuzeiro, a maior e a mais cobiçada fazenda de Palma. Seu pai é um homem de bem. Sua família te ama e clama por sua volta. Não seja um filho ingrato. Você é o homem mais rico da região e vai querer perder tudo isso em nome de uma cruzada assassina? Matar inocentes? Isso não é vingança. Eu lhe daria todos os homens da fazenda se, por acaso, você viesse aqui pedir para vingar a morte de seu pai. Daria com gosto, porque seu pai é um homem de valor, um homem de respeito. Sei que ele está sofrendo muito por essa sua loucura. Vá pra casa, se reconcilie com a sua família e viva a sua vida com dignidade.

— Eu não sou louco. Eu só quero me vingar. Eles não deviam ter desonrado o meu nome. Isso dói, machuca.

— Todo mundo sabe que o amigo já saiu em perseguição do casal. Não encontrou. Pronto. Dê graças a Deus que suas mãos estão limpas de sangue inocente. Na verdade, sabemos que o seu nome não foi desonrado. Além do mais, na minha opinião, o que eles fizeram não é motivo para tanto ódio e tanta dor, como você diz estar sentindo. No seu lugar, eu estaria em um bar comemorando com os amigos o fato de ter me livrado de uma mulher que não gostava de mim. Ah, mulher! As mulheres fazem muita besteira, mas essa fez a coisa certa: deixou tudo pra trás e foi embora. Ela teria uma vida de felicidade, mas não com você. A escolha foi dela. Se foi com um empregado ou com um governador, o problema é só dela. Agora é um problema do casal. E não é por isso que nós vamos sair por aí matando as pessoas! Claro que não...

— Claro que sim. Eu preciso ir. Coronel, com todo respeito, posso lhe fazer uma pergunta?

— Pode.

— O senhor gostava do seu pai?

— Nós sempre tivemos uma boa relação de amizade que se complementavam com o amor, a compreensão e o respeito. Além do mais, ele foi o responsável pela conquista do meu sonho de ser médico, embora o destino tenha me afastado de seguir a profissão. Eu gostava muito do meu pai.

— Já eu odeio o meu, um prepotente e, ao mesmo tempo, fraco.

— Palavras fortes para se referir ao homem que lhe trouxe ao mundo.

— Meu pai nunca me incentivou a estudar fora, ter uma profissão e seguir o meu sonho de vida de usufruir da riqueza na condição de herdeiro da Fazenda Umbuzeiro. Eu sou um bibelô, um cachorrinho de coleira, sem nenhuma utilidade, a não ser seguir sem discutir as determinações do coronel Feliciano.

— E você nunca o questionou sobre isso?

— Alguma vezes. Mas recebia a mesma resposta: eu não ia precisar de muitos estudos para gerenciar a maior fazenda da região. Dizia que era necessário apenas ter noção de matemática, para saber fazer contas; português, para eu saber falar e pensar; geografia, para se saber os pontos cardiais e os acidentes geográficos; e história, para conhecer o nosso passado.

— De certa forma, ele estava certo.

— Dito desta forma, sim. Porém, o que ele queria ia de encontro ao que eu tinha projetado há muito tempo: estudar fora, casar com uma mulher rica e viver longe daqui, gastando o dinheiro deles, sem ter que nunca mais cheirar esterco. Nunca quis ser fazendeiro.

— Sei. Estou entendendo...

— Quando meu pai impediu de eu ir estudar fora, procurei uma mulher rica para dar prosseguimento ao meu propósito de vida e encontrei Marta, uma jovem linda, meiga e inocente... boba, e até passei a gostar. Aí, aconteceu o inesperado: a fuga de Luciano e Marta. Isso nunca deveria ter acontecido e se deu em razão da fraqueza do meu pai em ter adotado o fedelho, um miserável zé-ninguém. Ele foi fraco e impediu o meu sonho de liberdade. Tem uma coisa latejando na minha cabeça — ele fez um gesto, batendo os dedos da mão direita na cabeça. Eu não sei explicar direito. Só sei que nunca fiquei tão estimulado em toda a minha vida. É bom e continua. Alguma coisa dentro de mim se abriu e está me revelando ser uma outra pessoa. Via no meu pai um homem prepotente, senhor da vida e da morte. Hoje, olho pra ele e vejo um covarde, um desgramado. Quem agora é o senhor da vida e da morte? Eu... eu sou o senhor da vida e da morte!

– Você ouviu vozes?

Quem interrogava já não era o amigo, o velho coronel Junqueira, mas, sim, o médico tentando obter um diagnóstico sobre o perfil psicológico do agora paciente Ubaldino.

– Como o senhor sabe?

– Prossiga.

– Eu comecei a ouvir essa voz no momento em que soube da fuga dos dois cretinos. De maneira repentina, aconteceu um estalo na minha cabeça, e alguma coisa me possuiu. A voz incomoda. É insistente em repetir, repetir a mesma frase: vingança e morte, vingança e morte.

Ele gesticulou a mão direita, com o dedo indicador riste apontado para cima.

– Mas, depois de um tempo, trouxe-me uma sensação de euforia, parecendo um gozo, desculpe a expressão, coronel.

– Pode falar. Continue.

– Eu não sei.

Estava nervoso.

– Não sei mais quem eu sou. Ando carregando um santo e um capeta dentro de mim. Lá em casa, antes de meu pai me expulsar, eu estava em conflito. Uma parte de mim pedia para me reconciliar com minha família; a outra parte, comandada por aquela vozinha, me dizia: “vamos, vamos atrás deles”, como está dizendo agora para eu ir embora e completar minha missão.

– Que Deus tenha pena desses infelizes.

A frase, dita com ênfase, ecoou na sala como uma constatação de que, com base no diálogo e na visão do estado emocional do paciente à sua frente, o médico já tinha feito a leitura do diagnóstico. O resultado era aniquilador: grave distúrbio mental, provavelmente, esquizofrenia.

– Você está muito doente. É necessário fazer um tratamento médico com especialistas na capital. Acrescento que, como parte do tratamento, é muito provável que os médicos recomendem um período

de internação no hospital psiquiátrico. Você voltará curado, meu rapaz, pronto para viver sua vida ao lado da sua família. Vou falar com seu pai. Ele vai cuidar dos preparativos para o internamento.

— Eu não estou doente — disse, irritado e nervoso — para ser internado. Estou me sentido bem, eufórico como nunca fui, e quero continuar assim. E, por favor, não precisa se dar ao trabalho de falar essas coisas para o coronel... — não concluiu o nome —, porque, quando eu fui expulso de casa, deixei de ter família.

— Seu pai precisa ser informado.

— Não é necessário dar satisfação ao homem que eu não reconheço como pai. Sabe, minha vida era ser filho de um homem considerado o centro do universo. Minha serventia era a de só obedecer.

— Você já disse isso. Mas a vida é assim. É normal em toda família. O pai conduz os negócios para o bem dos filhos.

— Não na minha. A chegada de Luciano em minha casa foi um desastre. Adotaram ele como um filho e, com o passar do tempo, meu pai e o pessoal da fazenda só tinham olhos para o infeliz, que se tornou o melhor vaqueiro da região, o queridinho de minha mãe, o filho que Creusa, a empregada, nunca teve e a paixão de minha irmã. Eu desapareci. Senti, nos olhos de meu pai, a alegria com que ele olhava o filho da puta do Luciano. Eu nunca fui digno desse olhar. No meu íntimo, eu nunca concordei com a presença de Luciano em minha casa.

— Mas você será o herdeiro natural da Fazenda Umbuzeiro, a maior da região. Luciano nunca terá esse direito. Continuará sendo empregado até o dia que você quiser. Ele nunca terá o que você tem.

— Ele tem Marta, e eu não tenho.

— Acho que Marta é componente que não vale o tamanho da sua reação de vingança.

— Marta foi a minha primeira namorada, e única a se encaixar no meu plano de liberdade. Não vou perdôá-la pela traição. Ela terá que arcar com as consequências dos seus atos.

— O amor é o encanto da vida. Em um determinado momento, dois corpos se encantam, e o amor une os corações para o resto da

vida. É uma coisa mágica. E não há força nesse mundo que consiga separá-los. Você pode até matar os dois corpos, mas nunca irá absorver a magia do amor que eles possuem.

Ali, sentado na poltrona de veludo azul, em silêncio, apenas movimentando continuamente os dedos da mão direita no encosto do braço da cadeira e pronunciando palavras inaudíveis, Ubaldino estava certo de que tudo sobre a sua vida e o seu pensar haviam sido expostos, de maneira clara, naquela conversa com o coronel Junqueira. Não tinha mais nada a dizer. Não estava preocupado e nem queria se dar ao trabalho de procurar nas profundezas da sua mente onde estava a razão. Assim, assumiu um estado letárgico. No entanto, o seu olhar se fixou na fumaça do cigarro apoiado no cinzeiro do coronel. Mirava o movimento e as ondulações que a fumaça fazia a esvoaçar no vento e depois correr depressa em direção à janela aberta na sala e desaparecer no tempo.

O silêncio só foi quebrado quando o coronel retomou a conversa e, de pronto, convidou Ubaldino para ser o gerente geral da fazenda e o responsável pela compra e venda de gado. Ele também, de pronto, não aceitou o convite e, mais uma vez, afirmou que estava determinado a cumprir o seu intento, o que fez o coronel se irritar e dizer:

— Fiz tudo para te ajudar. Ao que tudo indica, você não quer ser ajudado. Já que é assim, assim será. Você vai se arrancar na fazenda. Aqui, eu lhe darei toda a proteção. Porém, tem um detalhe: a partir de hoje, você deixa de ter a minha consideração como filho do estimado coronel Feliciano. Você, cabra, será, de agora em diante, um João-ninguém, e só terá paga se sujar as mãos de sangue. Luiz lhe dará as instruções. Pode se recolher.

— Obrigado, coronel. Era isso mesmo que eu queria. Com a sua licença, boa tarde.

Teve o silêncio do coronel Junqueira como resposta.

MORTE DO PREFEITO

Um, dois...

JÁ FAZIA UM MÊS QUE UBALDINO ESTAVA recolhido na fazenda. Nesse meio tempo, o coronel recebeu dois políticos da cidade Oiteiro para encomendar a morte do prefeito. O coronel pensou:

– Esse crime será executado por Ubaldino, filho da puta burro – disse alto.

O coronel mandou chamá-lo para esclarecer os detalhes da encomenda e pontuou:

– Será o seu batismo no crime. Vamos ver se você quer mesmo ser um assassino e manchar as mãos de sangue.

Dois dias depois, a ordem da ação aconteceu. Com mais dois homens, ele seguiu a cavalo em direção à cidade de Oiteiro, com o objetivo de decretar a sentença de morte do prefeito Nazareno Chagas, um homem pacato, querido pelo seu povo, casado e pai de quatro filhos, mas que teve o azar de entrar na alça de mira de correligionários políticos ansiosos em lhe tomar o poder a qualquer custo.

Na cidade, os bandidos obtiveram a informação de que o prefeito se encontrava na barbearia, onde tinha ido fazer o cabelo e a barba.

Então, coube a Ubaldino a missão de entrar na barbearia e acabar com a vida do político e prefeito Nazareno, como era conhecido. Sem mostrar nenhum temor – mais parecendo um bandido acostumado a matar –, ele entrou na barbearia, de revólver em punho, e encontrou o pobre do prefeito sentado na cadeira do barbeiro. Ambos se viram pelo espelho pregado na parede em frente. O prefeito até tentou se levantar, mas foi atingido por três tiros disparados à queima roupa. Morreu na hora.

Já o barbeiro — Celestino era o nome dele —, conseguiu correr para o meio da rua, mas foi atingido mortalmente pelas balas do revólver do novo assassino.

Como se nada tivesse acontecido, o criminoso caminhou na rua bem devagar. Estava calmo quando montou no seu cavalo e deixou a cidade — nesse momento, já em reboição —, seguido de perto pelos dois homens de segurança.

A informação do crime correu rápido como uma flecha na região, até chegar à casa do coronel Feliciano, que sentiu um desgosto profundo. Trancou-se no quarto e se pôs a chorar copiosamente. Era a primeira vez que um Alvarás chorava daquele jeito, e ele disse baixinho:

— Eu devia ter matado aquele peste.

No retorno à fazenda, o novo matador foi elogiado pelos comparsas como homem destemido, que não tem medo de matar nem de morrer. O coronel Junqueira não comemorou, mas, em compensação, recebeu uma boa paga pelo serviço prestado. Depois, aconselhou Ubaldino, o seu novo destemido matador, a se recolher na fazenda por um certo tempo.

— Até o crime esfriar — disse.

CRUZEIRO

Quando o coração tem o perfume das flores,
toda estação é primavera.

ESPALHADA NO ALTO PLANO DO MORRO DO RIACHO DOCE, a cidade de Cruzeiro se destacava na paisagem do verde da mata ao seu redor, pelas duas torres da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a festejada padroeira. A cidade cresceu nas terras da Fazenda Amarantes, do comendador Agnaldo Amarantes Guimarães Lavareda, herdeiro do título de uma sesmaria na região. Por muito tempo, as terras do morro, com água cristalina corrente do Riacho Doce, com árvores frondosas, incluindo uma diversidade de frutíferas, representavam um atrativo para o descanso dos tropeiros e viajantes que seguiam para as fazendas, vilas e cidades do interior do sertão. A presença constante de tropeiros com animais carregados de mercadorias também contribuiu como um chamariz para o aparecimento de ladrões, que normalmente emboscavam as vítimas para roubar. Muitos deles que viajavam isolados morreram, e os seus corpos foram enterrados ali mesmo.

Diante das várias ocorrências de crimes, o comendador Amarantes mandou cravar no local das covas uma cruz de madeira de oito metros de altura, com a intenção de levar a presença de Deus àquele cemitério de corpos brutalmente assassinados. Por causa da cruz, o lugar passou a ser chamado pelos viajantes de Cruzeiro. Alguns anos depois, tornou-se um ponto de trocas de mercadorias e, por fim, com a participação dos moradores das fazendas adjacentes, transformou-se em feira, realizada aos sábados. Devido à movimentação do comércio, o comendador liberou as terras do morro para ocupação urbana. A notícia correu a região, e muitas pessoas foram para lá, inclusive alguns padres jesuítas portugueses, que contribuíram na organização urbana e na construção da igreja que levou o nome de Nossa Senhora da Conceição, por ser a santa da devoção do comendador.

Com o tempo, a pequena vila cresceu, e dela originou-se uma bonita cidade, que tem como cartão-postal a praça central onde fica situada a Igreja Matriz com o Cruzeiro à sua frente.

A cidade se desenvolveu por meio do comércio, com influência da pecuária e também da agricultura, notadamente das plantações de fumo, mandioca, milho e feijão. A feira, que, no passado, contribuiu para a criação da vila, continuava sendo realizada aos sábados, destacando-se como uma das maiores da região, a congregar inúmeros feirantes e consumidores. Da nascente, continuava a jorrar água, formando o Riacho Doce, com o poder público tendo o cuidado de manter a vegetação nativa ao seu redor e em toda a extensão, num ato de proteção para mantê-la ativa e, dessa forma, garantir a sua imprescindível utilidade como fonte de consumo de água cristalina para a população da cidade.

O padre Antero era um homem culto. Na homilia daquele domingo do mês de setembro, contou que, nos primórdios da civilização humana, os gregos foram guerreiros, conquistadores, inteligentes. Criaram as lendas e os mitos sobre a vida dos seus deuses e dos seus heróis:

— Eram histórias maravilhosas — disse, entusiasmado — e passaram para o mundo através das narrativas, como as histórias de ouvi dizer, que o povo conta e sabe.

Cada vez mais eloquente, o padre não se incomodava nem um pouco de estar pregando no deserto ao focar no sermão a mitologia grega, assunto que praticamente ninguém sabia, pelo menos que ele soubesse.

Na verdade, o que ele queria mesmo era promover o conhecimento e, com o seu jeito de professor seminarista, dedicou-se a contar o mito da origem das estações, representada na paixão de Hades por Perséfone, deusa das ervas, das flores, dos frutos e perfumes; a jovem linda, filha de Zeus, o pai dos deuses.

Disse, com ênfase:

— Hades era irmão de Zeus e dominava as profundezas da Terra. Movido por uma violenta paixão, Hades raptou a jovem sobrinha, levando-a para o seu reino. Quando Zeus soube do acontecimento, ficou irado, raivoso e pronto para a guerra. Porém, nesse meio tem-

po, Hades desposou Perséfone. Diante do fato consumado, Zeus desistiu da guerra e estabeleceu um acordo com a filha: Perséfone passaria metade do ano no reinado de Zeus, no Monte Olimpo, e a outra metade com o marido, no mundo dos infernos.

Acrescentou:

– Quando a jovem ia ver os pais, a natureza florescia de felicidade. É o tempo da primavera e do verão. Ao regressar com tristeza ao reino do marido, começa então o outono, e depois vem o inverno. Segundo a mitologia grega, essa é a origem das quatro estações.

Antes de concluir o sermão, o padre Antero enfatizou que, muito antes dos gregos, Deus, o Todo Poderoso, criou o universo e todos os astros. Exaltou como magnífica a obra da criação da Terra e de tudo que nela existe, como o homem, os animais, as aves, o céu e o mar, as florestas e as matas, e o esplendor da natureza com as suas estações, destacando especialmente a primavera, que aparece florida e perfumada:

– A primavera é o cartão-postal da natureza e a expressão artística do nosso Deus – finalizou.

A primavera é a estação do ano que tem início com o fim do inverno. No Hemisfério Sul, a primavera começa no dia 23 de setembro e termina no dia 21 de dezembro; no Hemisfério Norte, essa estação inicia no dia 22 de março e termina em 21 de junho. A principal característica da primavera é o reflorescimento da flora. Esse período é marcado por belas paisagens formadas pela natureza, com uma grande diversidade de flores e perfumes.

Em Cruzeiro, a primavera em curso imprimia, na mata e no campo, um espetáculo de vida de rara beleza, formado pelo colorido das flores e dos diversos tons de verde das folhagens. Era bonito de se ver a pequena cidade cercada de flores que brotavam das árvores da mata, destacando-se o ipê com sua variedade de cores como o amarelo, o branco e o roxo. Vista de longe, a cidade praticamente se situava dentro de um jardim florido de rara beleza.

Na primavera, também florescia a esperança de Marta e Luciano em viver uma nova vida. Com Marta curada, o casal já poderia seguir viagem. No entanto, a decisão não parecia ser tão simples as-

sim. O pequeno tempo de estada naquela casa receptiva fez nascer uma grande amizade entre eles. Além disso, Luciano tinha receio de Marta iniciar uma nova jornada a cavalo e ser acometida novamente com as queimaduras nas pernas que provocaram uma infecção difícil de ser debelada. E se não fossem os cuidados especiais de dona Etelvina, não se sabe o que poderia ter acontecido.

Então, à noite, na hora do jantar, Luciano disse que tinha um comunicado a fazer e foi logo ao ponto:

— Seu Antenor e dona Etelvina, eu e Marta conversamos e chegamos à conclusão de que nós não temos ainda as condições necessárias de viajar em definitivo para outras bandas... ir atrás do nosso destino. Marta tá curada, mas ainda não está pronta para enfrentar uma longa cavalgada. Portanto, eu quero dizer que, se for do interesse dos amigos, nós vamos continuar nesta casa que nos abrigou com amor e carinho.

— Vosmecês decidiram muito bem — disse Antenor, alegre. Foram adotados como filhos queridos e podem ficar nesta humilde casa o tempo que quiserem. Sei que a menina carece das mesmas instalações de conforto que tinha em sua casa. Aqui, a casa é humilde, mas, por outro lado, é acolhedora.

— Acolhedora, sim. E tem mais uma coisa: não tem dinheiro que pague. Tem alegria, amor e respeito — acentuou Marta.

— Mas, como eu ia dizendo — Luciano ressalta —, tem uma condição.

— Eu sabia que tinha alguma coisa escondida. E qual será? — interrogou dona Etelvina.

— Calma, dona Etelvina! A nossa condição de ter a honra em morar aqui é a de casar o mais rápido possível. A gente se ama muito. A cada dia que passa, esse amor vai crescendo, e a gente não quer perder tempo. A gente quer viver junto, viver o nosso sonho e ter uma vida feliz.

— Que sejam felizes! — exclamou, com alegria, dona Etelvina.

— E também a gente não quer desrespeitar as regras da casa dessa família ilustre — ressaltou Luciano.

— É isso mesmo. Respeito é bom, e eu gosto. Disse Etelvina, rindo.

– Chumbregar só depois do casamento. Hoje eu permito que o casal se beije, mas não se acostume.

Luciano tomou Marta pela mão e a beijou na testa, o que fez dona Etelvina interceder:

– Oi, Luciano! Não sabe beijar, meu filho? Dê um beijo com vontade na menina, que ela está carente, tadinha.

Assim foi feito. Luciano agarrou Marta pela cintura e deu-lhe um beijo demorado na boca.

– Tá bom. Tá bom. Se não a coisa vai esquentando e pega fogo. Vocês vão ter muito tempo para se tocar.

– É justo. Muito justo – disse Antenor. E já que hoje é um dia de festa, então, gente, vamos comemorar!

E lá foi o senhor Antenor em direção à despensa. Quando voltou, trouxe uma garrafa de licor de jenipapo, feito por ele mesmo. Dona Etelvina já havia providenciado as taças pequenas, e ele serviu a cada um. Depois da primeira dose, foi a segunda, e eles continuaram conversando e bebendo. Estavam alegres, principalmente pela notícia do casamento.

Marta almejava realizar um casamento informal, somente com a participação da família dos donos da casa, formada pelos dois filhos, noras e quatro netos. O casamento religioso aconteceria em outra ocasião, quando o casal estivesse vivendo em segurança, em outro local, livre da perseguição de Ubaldino.

No início do mês de outubro, Marta e dona Etelvina iniciaram os preparativos para o casamento. Estiveram em lojas de tecidos. A preferência era um tecido de cetim azul-claro para a confecção do vestido de noiva. E encontraram do jeito que elas estavam procurando. Luciano usaria o terno de casimira bege, o mesmo que o deixou elegante na festa de apresentação do namoro de Marta.

Em casa, a observar o trabalho da costureira em cortar o tecido e, aos poucos, ir montando o vestido de acordo com o modelo escolhido, Marta transbordava de alegria. Dizia, a todo instante, que estava contando as horas e os minutos para poder realizar o seu sonho. Confessava que gostaria muito de estar vivendo outra situação, que era a de casar com Luciano com o consentimento dos pais

e viver uma vida de felicidade amparada por sua família, mas sabia que o seu destino estava sendo escrito de maneira diferente e que, de certa forma, ela não estava nem um pouco se incomodando com a nova realidade. Ao lado de dona Etelvina, ela disse:

— Sabe, dona Etelvina, eu estou ansiosa; não vejo a hora de concretizar o meu sonho.

— Relaxe, menina. Tudo tem a sua hora.

— Eu sei.

Maria, a costureira, rindo, disse:

— Que vexame dessa menina! Deixe pelo menos o vestido ficar pronto. E não será hoje.

— Para quem estive à beira da morte, você está muito assanhadinha. Foi por isso que eu disse a vocês que esta casa é de respeito. Namorar até pode, mas chumbregar, mesmo — ela fez uma pausa —, só depois de casados.

— E não é por isso que vamos casar, dona Etelvina? Não vejo a hora de me entregar nos braços de Luciano.

— E eu não sei, menina Marta!

As duas começaram a rir.

Luciano entrou na sala e disse:

— É, aqui o ambiente está animado.

No que dona Etelvina disse:

— É verdade, Luciano. Vocês trouxeram alegria a esta casa. Somos gratos.

— Nós é que agradecemos. Nós temos uma dívida muito grande e só podemos pagar com gratidão e amor.

— Deixa isso pra lá, menino. O mais importante é que vocês sejam felizes.

PADRE ANTERO

Noivos nervosos.

É A PURA VERDADE. A CIDADE DE CRUZEIRO ficava mais bonita na primavera. A vegetação era de um colorido intenso e brilhante. Brilhante, assim como o esplendor da lua cheia ou como a clareza do sol sem o calor escaldante de derreter o mundo. Visto de longe, era um cenário ímpar.

Foi nesse cenário que o padre Antero — lá pelas oito horas da manhã — deixou a casa paroquial, dirigindo-se para os fundos, no local em que havia um pequeno curral, abrigando a magra e preguiçosa égua Andaluzia, montaria oficial do padre andarilho.

A sela estava em pedaços. Precisava de uma nova e apetrechada. Mas as parcas finanças da igreja não permitiam. Era o que ele dizia a quem perguntava.

Como diz o ditado, quem não tem cão caça com gato. O gato era a sela velha e, assim, o padre a jogou no lombo da égua, enlaçou uma a uma, as duas barrigueiras — faixas de couro resistente, as quais, uma vez apertadas, servem para firmar a sela no dorso do animal — sobre o ventre da velha égua. O aperto dado foi tão forte, que Andaluzia soltou três longos peidos.

Após montar, o padre deu umas duas esporadas, e Andaluzia revidou com dois pulos para a frente e mais quatro peidos, e partiu estrada afora em direção ao Norte, a caminho do sítio do senhor Antenor, o mestre coureiro da cidade, que o aguardava na porta, juntamente com dona Etelevina.

Ao apelar da égua, o religioso disse:

— Agradeço a deferência dos irmãos em me convidar para juntar-me à família nesta comedoria do café da manhã. Agradeço de coração.

— O senhor está em sua casa. Não tem nada que agradecer. Pra nossa família, é uma honra — falou o senhor Antero.

Dona Etelvina interrompeu a conversa, dizendo:

— Não vamos ficar aqui cortando seda, que vocês não são costureiros. É hora de ir pra mesa. O café já está pra ser servido.

— Essa dona Etelvina é uma sábia. Então vamos.

Enquanto o padre entrava na casa, de braços dados com dona Etelvina, Antenor conduzia a égua para o pequeno curral, onde já havia capim verde, cortado da planta há pouco tempo.

Andaluzia, com certeza, iria tirar a barriga da fome.

— Os arreios estão em petição de miséria, e essa sela, nem é bom falar, ele disse.

Com todos à mesa, incluindo Luciano e Marta, o padre foi logo avisando que estava com uma fome de leão.

— Hoje estou livre do pecado da gula, disse.

Todos riram, e ele completou:

— É que a comida de dona Etelvina é muito saborosa.

— Fique à vontade, seu padre — disse Etelvina.

— Não se avexe, não. A gente nem começou a comer ainda — disse Antenor.

O padre, admirado, ressaltou:

— Dona Etelvina, veja que mesa abençoada, que fartura! Tem cuscuz, inhame, batata doce — e como eu adoro batata doce!... —, carne do sol, ovos, pães, bolo, refresco e doces. É hoje que eu vou tirar a barriga da miséria!

Daí em diante, a iniciativa da conversa foi feita por dona Etelvina, que foi logo dizendo:

— Padre, estou satisfeita do senhor ter atendido ao nosso pedido para essa reunião. O senhor é homem justo, por isso, todos gostam dos seus atos. E, além de ser um representante de Deus na Terra, é um homem bom e consciente.

– Dona Etelvina, se a senhora continuar a puxar meu saco desse jeito, eles correm o risco de baterem nos tornozelos...

Todos riram, e ela retomou a palavra.

– Mas, padre Antero, por essa eu não esperava!

Todos riram novamente.

O padre, vendo a ansiedade de dona Etelvina, retrucou:

– Afinal de contas, qual o motivo mesmo dessa reunião?

– Coisa tola, seu padre.

– Então, dona Etelvina, vamos logo ao que interessa.

– Pois é, seu padre. Eu ensaiei tanto e agora deu um “trimiliche”, quer dizer, um tremelique de nervoso, que eu não estou sabendo por onde começar.

– É algum problema sério?

– Não, seu padre, é como eu já disse: é uma coisa tola. O senhor pode muito bem resolver.

– E o que é?

– Ói, seu padre, se o senhor não gostar do assunto, seja lá por qual motivo, prometa que o café da manhã vai continuar, e que a nossa amizade não será abalada.

– Eita! Agora a senhora passou pra mim esse tal do “trimiliche”. Tô perdido.

– Vou dizer logo.

– Diga, dona Etelvina. Não tenha receio, porque eu não vou deixar essa mesa de jeito nenhum, nem tampouco a nossa amizade será arranhada.

– Bem. Nessa situação, o caso é o seguinte: esses dois meninos são de ouro, padre Antero.

– Muito prazer em conhecê-los.

– Mas esses meninos estão querendo se casar e estão precisando da bênção do senhor.

O padre se calou e se fez um silêncio na sala. Em seguida, ele voltou a falar, mas, desta feita, de forma pausada, explicando palavra por palavra para que todos entendessem.

— Eu não posso e não faço. Não vou de encontro aos princípios do sacramento da Igreja Católica. Nos primórdios dos tempos, Deus disse ao homem que saísse pelo mundo e se multiplicasse. Mas hoje é diferente. O casamento é uma celebração importante, que coloca duas pessoas em comunhão com Deus. Portanto, para se realizar, é necessário que o casal tenha sido batizado na nossa fé, que a família tenha conhecimento, e que os papéis corram normalmente para legalizar essa união estabelecida por Deus, e só Ele tem a capacidade de unir. Nenhum homem tem esse poder. Nem eu, que sou um representante da Igreja e do Divino aqui na Terra — respirou, depois concluiu: Não caso.

— Nós não podíamos esperar outro comportamento do senhor, homem sério e justo. Nós agradecemos as suas palavras, mas a nossa intenção é que esse belo casal tivesse a sua união para viverem de acordo com a lei de Deus, já que ambos são católicos, e ela é filha do coronel Leonardo, fazendeiro e comerciante em Palma, homem de prestígio na região.

— Não caso, dona Etelvina — o padre foi lacônico.

O senhor Antenor, que ouvia tudo atentamente, interveio na conversa:

— É melhor dar esse assunto por encerrado. Nós temos a grande satisfação de ter o padre Antero em nossa casa, e isso é que importa. Seu padre, experimente essa carne do sol com inhame e veja que gostosura.

O assunto casamento foi eliminado, e todos voltaram a conversar sobre temas amenos e contar muita piada. Tanto o padre Antero como o velho Antenor eram especialistas em contar anedotas e casos passados entre os fiéis. Na verdade, o padre era um falastrão. Falava de todo mundo e só segurava os casos acontecidos no âmbito do confessionário.

Após o café, o padre puxou um saquinho do bolso, pegou papel de palha de milho, arrumou o fumo, dobrou, selou, acendeu o cigarro e começou a fumar. A cada tragada dada, expelia a fumaça, que,

ao ser soprada, formava círculos brancos. Ele se gabava de ser um expert neste hobby. Já o senhor Antenor, se pôs a fumar um charuto, coisa que ele fazia de vez em quando ou em acontecimentos raros, como o que estava acontecendo.

Depois de tudo, o padre se levantou da cadeira, dizendo que ia embora. O senhor Antenor então arrematou:

— Já que o senhor quer ir por vontade própria, vamos pegar Andaluzia, que está comendo lá no curral.

E saíram os dois pela porta da cozinha em direção ao pequeno curral. Foi com surpresa que o padre viu, em lugar da sua sela velha, caindo aos pedaços, uma sela nova, assim como os arreios e os demais apetrechos.

— Andaluzia está impecável. Sorriu. Agora, sim, eu posso andar por aí, de cara empinada, sem ter vergonha de estar montado em uma sela feia, aos farrapos.

— Estava feia mesmo, seu padre.

— E eu não sei! — riu.

O padre subiu na égua e, antes de sair, disse:

— Eu vou realizar a bênção dessa união, no último sábado do mês de novembro, depois da missa das oito. Serei pontual.

— Com certeza, seu padre.

— E não pense que foi por causa da sela!

— Não, senhor. Jamais. O que aconteceu foi uma decisão saída da consciência de um bom pastor.

— Isso mesmo.

E partiu garbosamente no lombo de Andaluzia. Ao se afastar, era visto rindo, parecendo um menino que acabara de ganhar um brinquedo novo.

Quando entrou em casa, Antenor viu Marta chorando. Estava triste pela negação do padre em realizar a celebração do casamento. De coração partido pelo choro da menina, como ele costumava chamá-la, pediu a atenção de todos, porque tinha uma comunicação importante a fazer. Sem demora, disse que, ao contrário do

que todos estavam pensando, o padre, sim, realizaria o casamento. Disse mais:

— Será no último sábado de novembro, após a missa das oito horas da manhã. Cabem aos noivos apressarem o quanto antes os preparativos para o casamento.

Dona Etelvina, com lágrimas nos olhos, se juntou a Marta num abraço para confortá-la, enquanto Luciano, ainda sem entender o que havia se passado, perguntou:

— Mas como pode? O padre não passou o tempo inteiro dizendo que não realizaria o casamento?! E, de repente... mudou de ideia? Seu Antenor, é preciso explicar melhor essa conversa.

Marta acrescentou:

— Foi um milagre... — interrogou — não foi, seu Antenor?

— Foi um milagre, meninos.

— E que milagre foi esse? — Luciano voltou a perguntar.

— Uma sela nova e mais todos os arreios para a égua do padre. Não foi um grande milagre?

Todos disseram:

— Foi um grande milagre, seu Antenor.

— Justo — o velho coureiro riu.

Todos disseram:

— Muito justo. Muito justo. Foi um grande milagre.

Abraçaram-se alegremente.

A VÉSPERA DO CASAMENTO

A contagem regressiva começou: vivam os noivos!

OS FILHOS E AS NORAS DE DONA ETELVINA — Maria e Madalena — vieram para a festa do casamento. Na véspera, a movimentação intensa denunciava que estava havendo muito trabalho, mas, por outro lado, o clima era de felicidade. Enquanto as mulheres se dedicavam à preparação dos doces e salgadinhos, os homens se ocupavam em realizar pequenos consertos na casa e limpar toda a área externa. Executavam as tarefas sob a coordenação do senhor Antenor, mas todos tinham a certeza de que a última palavra seria de dona Etelevina. Caso ela não gostasse, tudo tinha que ser feito novamente. O seu Antenor ria da brincadeira dos filhos:

— É verdade, ela é quem manda. Vocês façam por onde obedecê-la, porque eu vou estar do lado dela na hora do julgamento das tarefas, que eu não sou nenhum bobo. Vou botar a culpa nos três.

— Até em mim — disse Luciano.

— E, por acaso, você deixou de fazer parte da família?

— Não, senhor.

— Então trate de fazer as coisas do jeitinho que ela gosta, senão...

— Vai sobrar pra gente — disseram eles.

— Exatamente. Vamos trabalhar. Vamos trabalhar.

Quando o serviço terminou, todos se reuniram à mesa para jantar e, em seguida, após a lavagem da louça e dos talheres, foram para a varanda, onde conversaram animadamente. No meio da conversa, Marta disse:

— Deus está sendo muito bondoso com a gente em ter nos colocado sob a proteção dessa família carinhosa e que, sem nos conhecer, sem saber da nossa história, nos acolheu como filhos.

Nisso, levantou-se da cadeira, puxou Luciano e se juntou num abraço fraterno, dando-lhe um beijo carinhoso na testa. Foi o bastante para dona Etelvina entrar em ação:

— Êpa! Êpa! Podem parar. Senão a coisa vai esquentando, esquentando, e, como eu já disse aqui...

Todos concluíram:

— É uma casa de família.

Marta se desvencilhou de Luciano, e a prosa tomou outro rumo.

— Espere mais um pouco, Luciano — exclamou o velho Antenor. Amanhã, meu filho, ninguém nesta casa vai lhe recriminar. Asseguro que, depois do casamento, Etelvina vai permitir que vocês durmam juntos pelo resto da vida.

— Só depois do amém, Antenor. Só depois do amém — disse, rindo, dona Etelvina.

Todos riram e ficaram conversando mais um tempo, até o momento em que a dona da casa disse, em bom tom:

— Muito embora a conversa esteja boa, já é hora de dormir.

A ordem foi entendida sem contestação, e o silêncio imperou por toda a noite.

O CASAMENTO

Gritos e sussurros

O ÚLTIMO SABÁDO DO MÊS DE NOVEMBRO nasceu iluminado pelos raios do sol. O céu azul com algumas nuvens brancas, o colorido das flores das árvores e o cheiro desprendido delas ressaltavam a harmonia da natureza. Um espaço no terreiro, perto da casa debaixo do frondoso pé de carambola, foi escolhido para a realização do casamento. O dia da festa recebeu uma decoração com rosas vermelhas, brancas, sorrisos brancos e flores campestres de diversas cores. Ficou simplesmente lindo. No lugar onde seria realizada a cerimônia em si, formava-se um quadrado. Na frente, havia uma mesa grande, forrada com uma toalha branca comprida; em cima, três imagens decoravam a mesa — no centro, a de Jesus, e, nos lados, a de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Cruzeiro, e a de São Benedito, o santo de devoção da família. Um tapete de couro retangular cobria o chão de terra. Este seria o espaço organizado para o padre, os noivos e os padrinhos. Por fim, estava o lugar destinado às quatro fileiras de cadeiras que seriam ocupadas pelos familiares do dono da casa e pelos convidados. A cerimônia estava marcada para as nove horas.

Quando o dia raiou, dona Etelvina pulou da cama e foi acender o fogo para providenciar o café. Antes, porém, passou na casinha dos fundos e acordou as mulheres, salientando que, após o banho, as duas noras iriam arrumar a noiva. Marta amanheceu radiante. Estava alegre e feliz. O brilho nos olhos realçava mais ainda a sua beleza de menina moça. Naquele momento, quem olhasse para aquela morena, de corpo bem-feito e de uma ternura singular, por certo comentaria que ela acordou vendo anjos revelados na ação do cupido da paixão e do amor. Esse estado de contentamento foi visto e comentado pelas noras de dona Etelvina.

— Virgem Maria! Parece que tem gente que amanheceu vendo anjo — disse Maria.

— Ela tá com cara que também quer ver outra coisa. A bichinha espera faz tempos — acrescenta Madalena.

As duas riram.

— Do que é mesmo que vocês estão sorrindo aí? — Marta pergunta.

— Nada não. É conversa de mulher — disse Maria.

— E eu sou o quê? Por acaso, vocês estão me vendo como homem? Ah! Fiquem sabendo, minhas filhas, que, por debaixo — levanta a saia — dessa calcinha, há um fogo corredor que vocês nem imaginam.

Maria e Madalena disseram sorrindo, ao mesmo tempo:

— Pobre de Luciano!

Nesse momento, dona Etelvina entrou no quarto para pedir pressa na arrumação das mulheres, principalmente de Marta, que, na condição de noiva, teria toda preferência. E a primeira ordem dada foi justamente para Marta ir tomar banho. A segunda foi para as noras.

— Quero Marta bem arrumada.

Depois de pronta, Marta estava simplesmente divina: O vestido azul-claro de cetim, de alça, deixava à mostra o colo adornado com um colar de pérolas. Os lábios estavam pintados com batom claro. Os cabelos negros, compridos e lisos da morena foram amarrados com uma fita azul-escura, formando um laço. Calçava uma sandália branca. A pequena Marta estava radiante como o dia. Naquele instante, aos dezesseis anos de idade, deixou de ser menina e passou a ser mulher. Quando dona Etelvina apareceu com um buquê de flores do campo nas mãos, oferecendo-lhe em nome da amizade, as duas se abraçaram por um momento.

— Seja feliz, minha filha. Vamos, que o padre já está esperando, e temos convidados — disse dona Etelvina, com carinho.

— Temos convidados? — Marta interrogou, surpresa.

Dona Etelvina respondeu:

– Claro. Você já viu casamento sem convidado?

– Não.

– Então vamos andando.

Quando a porta da casinha dos fundos se abriu, as mulheres apareceram, jubilosas, se encaminharam para o local da cerimônia e se postaram ao lado dos maridos. Marta se dirigiu ao altar de mãos dadas com Luciano, e o padre Antero iniciou a cerimônia nupcial e o sermão:

– Benditos sois aqueles que acreditam no amor, na misericórdia e na justiça de Deus.

Naquele momento, Marta estava em estado de puro êxtase, ao recordar que o amor que sentia por Luciano a remetia para a infância, quando, pela primeira vez, viu aquele menino sentado no banco da charrete que conduzia Silvane à escola. A visão foi rápida, mas, quando ela olhou para trás, num relance, sentiu o seu corpo tremer e o seu coração disparar. Naquela época, ela não sabia o que havia feito o seu coração bater forte. Mas o que aconteceu foi o amor à primeira vista. Depois disso, jamais ela deixou de pensar naquele menino magricela. Foi sacudida por uma paixão que virou amor intenso. Este sentimento tão bonito e, ao mesmo tempo, tão forte era o que ela estava sentindo naquele momento, ao admirar aquele que, dentro de poucos instantes, seria o seu marido, o seu homem tão desejado.

Ela acordou do seu frenesi, com o padre falando alto:

– Caríssimos noivos, viestes a esta casa honrada para receberem a bênção dessa união, firmada com o sagrado selo de Deus, perante todos os fiéis que formam esta comunidade cristã. Cristo vai abençoar o vosso amor conjugal. Ele, que já vos consagrou pelo santo batismo, vai agora dotar-vos e fortalecer-vos com a graça especial de um novo sacramento para poderdes assumir o dever de mútua e perpétua fidelidade e as demais obrigações do matrimônio. Diante de todos, vou, pois, interrogar-vos sobre as vossas disposições.

Continuou:

– Marta e Luciano, viestes aqui para celebrar a vossa bênção. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?

— É, sim — disseram.

Depois de encaminhar a liturgia da união, o padre disse ao casal que era chegado o momento da troca das alianças e acrescentou: repitam o que eu vou falar. Primeiro Luciano, e Marta em seguida.

Luciano colocou no dedo anelar da esposa a aliança a ela destinada, dizendo:

— Marta, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Do mesmo modo, Marta coloca no dedo anelar do esposo a aliança a ele destinada, dizendo:

— Luciano, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Sem mais nem menos, o padre Antero disse:

— Eu vos declaro marido e mulher. Luciano pode beijar a noiva. Sejam felizes.

Luciano beijou a esposa ao som de palmas.

Após a cerimônia, todos se dirigiram para a residência, onde dona Etelvina tinha preparado uma mesa farta de comida e bebida para servir aos convidados. O padre Antero disse que estava apressado e pediu que Etelvina preparasse uma cesta com muitos mimos para ele se deliciar mais tarde. Mas, enquanto explicava o que queria, ia experimentando os doces e bolos expostos na mesa. Na varanda, afastados dos convidados, o casal trocava beijos apaixonados e juras de amor eterno. Ao passar pela varanda, para ir embora, o padre Antero disse ao casal que aproveitasse o máximo o amor e que vivesse um dia de cada vez. Acompanhado do velho Antenor e de dona Etelvina, o padre se despediu de todos e montou na égua Andaluzia, seguindo para a cidade. Depois do almoço, os filhos do senhor Antenor viajaram, e a casa voltou à rotina de sempre.

No quarto, despidos de qualquer tipo de pudor, Luciano e Marta entregaram-se de corpo e alma à magia do amor e, pela primeira vez — com movimentos inebriantes, alternando gritos e sussurros —, sentiram o prazer do sexo, e gostaram tanto que passaram a noite vivenciando a delícia em repetidos gozos até atingirem a exaus-

tão. Depois, ficaram aninhados como dois gatinhos, dormindo o sono dos felinos.

Para alegria de Luciano, no primeiro mês após o casamento, Marta engravidou. Aos dezessete anos de idade, seria mãe.

O VAQUEIRO VOLTOU

Viva São João! Viva São Pedro! Viva!

NUMA TARDE ENSOLARADA, os dois casais conversavam ameadas à sombra do frondoso pé de carambola, quando o senhor Antenor, entusiasmado, anunciou:

— Sou portador de uma surpresa que vai interessar a Luciano.

— Se é assim, eu tenho interesse em saber. Conte logo, seu Antenor — disse Luciano.

— O padre Antero me disse que o fazendeiro Josias anda procurando um vaqueiro do seu dote para começar uma atividade de compra e venda de gado. Os vaqueiros dele não têm a experiência de comboiar gado. O padre apontou o nome de Luciano. Amanhã cedo, vamos à fazenda para vosmecê ter um pormenor com seu Josias.

Marta e dona Etelvina ficaram satisfeitas com o convite de trabalho, mas também externaram preocupação com a possibilidade de, nas andanças, Luciano se encontrar com o famigerado Ubaldino. Enquanto falavam, Luciano começava a dar os primeiros passos em uma viagem no tempo de volta ao passado, pensando:

— Não tem um dia sequer que não me lembre com saudade da minha vida de vaqueiro, do cheiro do mato, do aboio e do comboiar a boiada. Vou ficar muito agradecido a Deus se, por acaso, eu voltar a ser vaqueiro. Amanhã a gente sabe.

Sem mandar recado, um sopro forte de vento balançou os galhos do velho pé de carambola e, em seguida, veio a chuva. Foi uma nuvem passageira, mas acabou a conversa e também os pensamentos de Luciano, porque todos correram para dentro de casa a fim de se abrigarem da chuva.

No outro dia de manhã, os dois montaram nos cavalos e seguiram em direção à fazenda Campo Verde, do fazendeiro Josias Vieira Botelho, no outro lado da colina, ao sul da cidade. A propriedade se espalhava a perder de vista entre morros. Pararam na cancela e, enquanto ficaram ali admirando a paisagem, surgiu, na estrada que conduzia à casa grande, um cabra armado — com um rifle na mão esquerda —, montado num cavalo baio. Chegou e foi logo dizendo:

— Que vocês dois querem aqui?

— Nada não, moço — disse Luciano.

— Somos de paz — acrescentou Antenor.

— Viemos a mando do fazendeiro, o senhor Josias — acrescentou Luciano.

— Como é nome de vosmecês?

— Eu sou Antenor, mestre coureiro.

— E eu sou o vaqueiro Luciano.

— Não saiam daí. Não façam nenhuma gracinha, que eu vou falar com o capataz Alcino da presença de vosmecês.

O homem esporou o cavalo e equipou de volta para a fazenda, todo concho. Os dois ficaram rindo com o comportamento do empregado. Alguns minutos depois, voltou, acompanhado do capataz, um cabra moreno, forte, com um chapéu de palha na cabeça. Montava um cavalo preto e carregava na cintura uma pistola do tipo parabelo, acomodada em uma cartucheira de couro marrom. O capataz tomou a iniciativa da ação, começando pelo cumprimento:

— Bom dia.

— Bom dia — os dois responderam em um só tempo.

— Meu nome é Alcino. Sou o capataz. E vosmecês? Sua graça?

— Eu me chamo Antenor, sou mestre coureiro.

— Conheço vosmecê da feira.

— Isso mesmo. Tenho uma barraca que vende apetrechos de couro. Esse aqui ao meu lado — apontando para Luciano — é o vaqueiro Luciano, que veio a pedido do coroné.

– Tô sabendo. O coroné me ordenou levar vosmecês até ele. Vamos.

Deu a ordem:

– Mariano, abre a cancela pros homens.

– Sim, senhor.

Todos seguiram em direção à casa da fazenda, que ficava na base mais alta da inclinação do terreno. Era alta. Para se chegar até o piso, teria que se subir um lance de dez degraus de uma escada larga e cimentada. As paredes refletiam a pintura azul-celeste. Já a porta e as janelas, acentuavam o verniz escuro.

Antes de completarem a observação da casa grande destacada no alto, uma voz se fez ouvir:

– Não apeiem não. Vamos seguir em frente.

Era o coronel Josias Vieira Botelho em pessoa, montado em seu cavalo branco. Aparentava ser um homem por volta dos seus 55 anos de idade, casado com dona Carolina Botelho, dois filhos e proprietário de uma grande área de terras ao leste de Cruzeiro, onde ficava a fazenda de boas terras, chamada Campo Verde. Era um homem moreno claro, mediano na altura e de corpo truncado. Calçava uma bota preta de cano longo e vestia uma calça escura e uma camisa de manga comprida, quadriculada nas cores azul claro e azul marinho; usava na cabeça um chapéu de palha branco e, na cintura, um revólver 38. Ele repetiu:

– Vamos seguir em frente, que a jornada é longa.

Cumprimentou o grupo:

– Bom dia a todos. Obrigado por terem vindo. Nós vamos seguir por esse caminho até o campo. Vamos subir e descer alguns morrinhos, mas, daqui a mais uma meia hora, a gente chega.

Dito isso, o fazendeiro esporou o cavalo e seguiu em frente, pro-sando com o velho coureiro.

Foi uma meia hora de expectativa, mas valeu a pena. Por trás do morro mediano, descortinava-se uma linda planície extensa, de perder de vista, com nascentes e pequenos riachos. Várias árvores, inclusive fruteiras, verdejavam a paisagem, e da terra sobressaía um capinzal formoso. Então o fazendeiro perguntou:

— Que acharam da terra?

— Melhor não podia ter — disse o senhor Antenor.

Luciano aproveitou o momento, desceu do cavalo e foi até o capinzal. Cavou o chão com o salto da bota, agachou-se, recolheu a terra preta com as mãos, cheirou e disse:

— Terra boa, coronel.

— Toda a terra mais pra frente foi cercada com estacas e oito fios de arame.

— Boa cerca — disse Luciano.

— É uma boa cerca, Luciano. Deu trabalho, mas tá pronta.

— Tem alguma cancela nessa direção? Luciano apontou para o leste.

— Não. Mas podemos ter. É só você querer.

Luciano abriu um sorriso de menino maroto. Entendeu, de imediato, que o coronel acabava de lhe fazer uma proposta de trabalho. Ele, então, tratou de dar continuidade à conversa, começando por falar um pouco do futuro.

— Coronel...

— Sei que vosmecê é um homem de bem e que está à procura de um lugar seguro para morar com sua mulher e formar a sua família.

— É verdade. É verdade que não vou me demorar aqui — disse olhando para o capinzal. O meu coração diz para eu ficar, mas o meu destino me arrasta e diz que o meu lugar é em outro canto.

— Eu sei que você só está em Cruzeiro porque sua esposa engravidou.

— É verdade de novo. Mas, como eu ia dizendo, coronel, no tempo que o senhor permitir, eu posso treinar uma equipe com homens da sua confiança. Posso ainda assumir a condição de vaqueiro encarregado na compra e venda do gado: o senhor diz as fazendas, e eu me encarrego de trazer o gado. O que o coronel acha?

— Acho que você já está contratado. Amanhã conversaremos sobre o seu pagamento, também sobre a escolha dos homens que vão formar a sua equipe, e aí eu darei as informações das fazendas onde

iremos comprar o gado. Bem, gente, vamos celebrar. Alcino, trouxe aquela pinga que eu mandei?

— Trouxe, sim, meu coronel.

— Então abra, homem, porque hoje temos um motivo pra comemorar. A Fazenda Campo Verde vai entrar em uma nova fase.

Beberam à vontade. A cachaça era boa e suave, fabricada na fazenda. Num instante, secaram o litro, e ninguém ficou bêbado.

O tempo passou e mostrou que a parceria deu certo. Com o seu trabalho e o jeito educado, Luciano conquistou o coronel e a sua família. O coronel sempre dizia que o problema da compra do gado é saber escolher. Nesse caso, Luciano era bom, uma vez que as reses que chegavam à fazenda eram sadias e fortes. Outra coisa de que o fazendeiro se gabava é que, desde o tempo em que Luciano assumiu a compra do gado, jamais perdeu uma rês.

— Com Luciano, não tem perda de gado. Se ele compra trezentas cabeças, as trezentas chegam aqui na fazenda — dizia, alegre, ao comentar com a família, na hora do jantar.

Em pouco tempo, Luciano tornou-se também um conselheiro do coronel para assuntos de gado, inclusive foi o responsável pela ideia de ampliar o negócio do gado de leite, com a implantação de uma pequena fábrica de beneficiamento do produto, produzindo manteiga e queijos. O fazendeiro achou a ideia uma maravilha, porque era mais uma atividade de produção a gerar lucros.

Os dois estavam tão entrosados, que bastou, um dia, Luciano comentar que seria uma boa ideia o coronel reunir todo o pessoal da fazenda em torno dos festejos juninos, que o fazendeiro topou na hora, e perguntou:

— Quem será o mestre animador da festa, o marcador da quadrilha? Sim, porque São João sem baile...

— Arrasta-pé...

— Sim, porque, sem arrasta-pé, bebida, fogos e quadrilha, a festa junina não presta.

— Eu já tenho o nome do marcador. Se o coronel concordar, é um bom nome.

— Posso concordar. Quem é o felizardo?

— O senhor Antenor, o mestre coureiro.

— Excelente nome. O meu amigo mestre Antenor será o animador e o marcador da quadrilha. Diga a ele que me faça o favor de vir falar comigo. Vou mandar servir aquela caninha de primeira. Vamos lá.

— Vamos, sim, senhor.

O senhor Antenor não só aceitou ser o marcador da quadrilha, como também entregou ao fazendeiro uma lista de produtos que seriam usados na fabricação de fogos de artifícios a serem pipocados na véspera do dia de São João, após a apresentação da quadrilha. Apresentou também uma lista de tecidos variados para a confecção das roupas dos brincantes — coloridas e tipicamente caipiras, além de sandálias e chapéus. E, por falar na quadrilha, os ensaios estavam sendo realizados aos domingos à tarde, no campinho de futebol, situado no centro do povoamento da fazenda, local escolhido também para ser o arraiaí — como o mestre coureiro falava — da grande festa.

Finalmente chegou o grande dia. O arraiaí estava enfeitado com palhas de coqueiro e cordões de bandeirinhas coloridas. Havia uma grande fogueira e mesas com comidas e bebidas típicas. O espaço em frente ao tablado com várias cadeiras foi reservado para a família do coronel e convidados. Os moradores levavam suas próprias cadeiras ou ficavam em pé ao lado do tablado.

A quadrilha era formada por brincantes da própria fazenda. As mulheres usavam vestidos de chita azul, um lenço em volta do pescoço, chamado jabiraca — termo usado também para designar mulher feia, mas não era o caso das de lá —, e calçavam sandália de couro. Os homens usavam uma roupa cáqui, chapéu de couro na cabeça e sandália nos pés, sem esquecer o uso da jabiraca.

Antes do anoitecer, começou a romaria na casa grande, com os convidados chegando para jantar. Depois dos comes e bebes, todos rumaram para o lugar da festa. No caminho, o fazendeiro Josias disse ao padre Antero:

— Padre, toda essa festa que está para acontecer foi ideia de Luciano. Êta menino de ouro!

– Isso mesmo. É um menino de ouro. Ele e o senhor Antenor prepararam tudo. Passaram três meses ensaiando com o pessoal da fazenda. O Senhor sabe que eu nunca liguei para esse tipo de festa. Mas hoje posso lhe garantir que estou muito alegre em participar desse festejo com minha família, meus amigos e o meu povo, que anda rindo à toa de tanto contentamento.

– Vai ser uma noite memorável. O senhor vai ver.

– Pode escrever, padre Antero. No ano que vem, o melhor São João do Brasil será na fazenda Campo Verde.

Quando a comitiva do fazendeiro chegou na área do evento, foi saudada com uma salva de palmas, puxada a pedido do mestre de cerimônia, o senhor Antenor. Em seguida, já na condição de marcador, deu início à organização dos pares de damas e cavalheiros para a entrada no tablado – chamado de salão. Por fim, gritou ao sanfoneiro:

– Malaquias, puxe o fole com vontade, que hoje a quadrilha Rojão de Campo Verde vai pisar nesse tablado em homenagem a São João. Puxe o fole, homem, que os convidados já chegaram!

Completo:

– Vamos que vamos?!

– Vamos! – os brincantes responderam, com alegria.

– Viva São João!

– Viva! – todos gritaram.

– Viva São Pedro!

– Viva! – todos gritaram.

– Puxe o fole, Malaquias! Oxente, homem!

O sanfoneiro Malaquias não se fez de rogado: espichou o fole, e a brincadeira começou. O padre Antero se sentou na primeira fila, ao lado da mulher do fazendeiro, dona Carolina, e foi logo dizendo:

– A quadrilha é uma dança realizada em homenagem aos santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Nada mais é do que o momento em que as pessoas podem dançar, comemorar e agradecer aos santos.

Continuou:

— Apesar de homenagear os santos, a origem das comemorações, nessa época do ano, é anterior à era cristã. Seu princípio é advindo da cultura pagã. Ainda antes da Idade Média, as celebrações anunciavam o solstício de verão e de inverno e homenageavam os deuses da natureza e da fertilidade. Ao passar do tempo, a Igreja acabou aderindo e adaptando as festas, atribuindo-lhes um caráter religioso.

Embora os festejos juninos sejam uma herança da colonização portuguesa no Brasil, grande parte das tradições da quadrilha tem origem francesa — “quadrille”. E muita gente dança sem saber. O povo brasileiro passou a conviver com essa realidade e a imitar, de maneira irônica, a dança a que, até então, não se tinha acesso. O termo “caipira” significa habitante do mato, usado para aquelas pessoas que moram no interior do sertão. Com a adição do espírito brasileiro no “caipirês”, hoje a quadrilha é uma dança muito popular e se espalhou pelo Brasil em seu tom satírico.

A parte brasileira na quadrilha, diferente da dança francesa, é pura encenação teatral em volta de um casamento na roça. A mocinha, filha de fazendeiro, quer se casar, mas o noivo só casa na mira de uma espingarda. A quadrilha é a festa para esse casamento.

Com a quadrilha iniciada, o fazendeiro fez um oferecimento irrecusável ao padre Antero:

— Padre Antero, está na hora da gente molhar a língua com aquele licor de jabuticaba, danado de bom.

— Só se for agora, coronel!

De par com dona Etelvina, o marcador gritava alto:

- Ô pessoa! Ô pessoa! Quadrilha é?

Os brincantes gritaram com entusiasmo:

- Quadrilha Rojão de Campo Verde!

E o marcador gritou:

— Caminho da festa!

Os noivos ficaram na frente da fila. Os pares ficaram de braços dados; as damas, à esquerda dos cavalheiros. Os pares entraram.

A quadrilha tem também o casamento. É um breve teatro que simula o casamento forçado, com a participação do noivo, a noiva e o padre. Normalmente aparece o pai da noiva com uma arma na mão apontada para o noivo para caracterizar a sentença: ou casa ou morre. Buchuda, Marta representava a noiva da quadrilha e Luciano o noivo. Estavam encantados com a coreografia da brincadeira e com a festa.

Depois do teatro, Malaquias puxou o fole e o marcador puxou o passo:

– Anarriê!

As damas e os cavalheiros se separam, formando duas colunas.

O marcador:

– Preparar para o balancê! Balancê!

Damas e os cavalheiros balançaram os braços naturalmente. O Senhor Antero estava firme na marcação e continuava chamando os passos:

– Olhe o galope!

A noiva e o noivo se encontraram e saíram de mãos dadas para o alto, pulando de lado até o final da fila. Todo os casais fizeram assim, até que os noivos voltassem a ser os primeiros.

O velho Antenor ficava de olho arto nos passos dos brincantes e continuava a gritar:

– Olhe o túnel!

As damas de frente para os cavalheiros elevaram os braços para cima e, de mãos dadas, fizeram o túnel. Os primeiros a passar pelo túnel foram os noivos, e os outros seguiram, juntaram os pares e formaram a grande roda.

À medida que a quadrilha evoluía na dança de passo marcado, os brincantes mostravam entusiasmo, determinação e alegria. A animação contagiava o público, que respondia com palmas e vivas. O repertório musical da quadrilha destacava as marchinhas juninas, o baião, o xote e o xaxado. Os ritmos estavam sendo tocados com maestria pelo conjunto, autêntico pé de serra, formado por um sanfoneiro, um zabumbeiro e o tocador de triângulo.

O marcador também mostrava entusiasmo ao gritar:

— Viva a quadrilha!

Todos responderam:

— Viva! Viva!

Puxava mais passos: “caminho da roça”, “olhe a chuva”, “olhe a cobra”, entre outros, até anunciar os passos finais:

— Preparar para o viva!

Todos, em roda, deram-se as mãos e, sempre que diziam “viva”, iam para o centro da roda, erguiam os braços e gritavam novamente “viva”.

O marcador:

— Vivam os noivos!

Todos responderam:

— Viva! Viva!

O marcador:

— Vivam os convidados!

Todos responderam:

— Viva! Viva!

O marcador:

— Preparar para o grande baile!

Cada dama pegou o seu par, e começaram a dança juntos.

O marcador:

— Preparar para a despedida!

Em fila, os pares foram se despedindo dos convidados. As damas acenaram com as mãos, e os cavalheiros, com os chapéus.

A plateia aplaudiu com alegria.

Logo em seguida, o senhor Antenor foi acender os fogos de artifícios, que estouravam no ar, proporcionando um espetáculo de luz, cor e efeito, o que fez o fazendeiro coronel Josias Botelho falar com entusiasmo:

— Êta, meu povo. O primeiro São João da Fazenda Campo Verde foi arretado! No próximo ano, vai ser coroado como o melhor São João do Brasil!

E todos aplaudiram.

Depois da apresentação da quadrilha, o salão do arraíá foi palco do arrasta-pé, com a participação da comunidade da fazenda e convidados. Por ordem do coronel Josias, a festança não tinha hora para acabar e foi animada pelo conjunto regional pé de serra Zabumbê — tendo à frente o sanfoneiro Malaquias —, com um repertório fincado na variação dos ritmos do forró, do baião e do xote.

OUTRO CRIME

A violência sexual é a arma do covarde bestial.

NA VÉSPERA DO SÃO JOÃO, enquanto o sertão vivenciava com alegria os festejos juninos, no meio da noite, Ubaldino executou friamente o chefe político de Ingazeira, um homem que se dizia não ser lá uma flor que se cheirasse, por seu temperamento violento, inclusive com várias mortes nas costas. Assim, estava mais para o diabo do que para Deus; além do que, alguém pagou por sua morte. Portanto, merecia morrer. Foi o que Ubaldino fez. Matou o homem que merecia morrer. Invadiu a casa do sujeito e deu-lhe quatro tiros à queima roupa. Ao fugir, sequestrou uma jovem, que se soube depois ser a sobrinha do falecido.

Duas léguas à frente, Ubaldino se separou dos meliantes que estavam lhe dando cobertura e rumou para a Gruta da Cachoeira, um local esmo, escondido no meio da mata, próximo à cidade de Palma. A menina, escanchada na garupa do cavalo, suplicava por clemência, mas ele não estava nem aí.

Quando o dia estava amanhecendo, finalmente ele pegou a trilha da gruta, local indicado pelo seu dono, o fazendeiro e matador coronel Armando Junqueira Alcântara. Era justamente naquela gruta em que ele se refugiava para se esconder dos crimes de vingança.

Ao chegar, a primeira coisa que Ubaldino fez foi agarrar a menina, deixá-la nua e deflorá-la sem dó nem piedade. Por mais que ela gritasse de agonia e de dor, ele a dominava, com um prazer doentio de tê-la se debatendo em seus braços, enquanto satisfazia o seu instinto sexual. Depois do ato, vendo a jovem em pranto e com o xibiu ensanguentado, agiu como se nada tivesse acontecido: puxou a garota pela mão e a conduziu em direção à cachoeira. Por um bom tempo, os dois, nus, se refrescaram nas águas frias da cachoeira.

Dois dias depois, a cidade de Palma viu chegarem vários homens montados a cavalo em direção à praça da Igreja Matriz. Lá, desmontaram dos animais, amarraram-nos ao tronco de uma árvore e se espalharam pela cidade. Estavam à procura do matador, mas ninguém sabia onde estava. Souberam também que ele não se encontrava na propriedade do fazendeiro Armando Junqueira. Desolados, deixaram a cidade no meio da tarde.

No seu refúgio, na Gruta da Cachoeira, Ubaldino passou duas semanas comendo a menina, que se chamava Rosa, filha de uma viúva rica de Ingazeira. Quando voltou para Palma, largou Rosa no cabaré de Zefinha, com o argumento de que a infeliz já estava prendada no ofício de ser puta.

Depois do crime do chefe político de Ingazeira, Ubaldino passou a ser taxado como um assassino perigoso foragido da polícia. Suas histórias de crueldade e morte ganharam o mundo. Mas quem iria prendê-lo?

O ANO PASSOU LIGEIRO

De corpo e alma, nasce uma criança.

COMO UM SOPRO DO VENTO COM A MOLÉSTIA NA CACUNDA, o ano passou voando, ligeiro. Antes, porém, numa noite chuvosa, o ventre de Marta se abriu, e o filho escapuliu no mundo, nascendo para a vida inteiro e saudável. Já nasceu marrento, esperando feito cabrito novo, querendo andar. Também desatou um choro amurado, talvez, quem sabe, revoltado com a chatice da lei da natureza de obrigá-lo a crescer — nem que fosse um pouco mais —, para depois andar.

A menina Marta sofreu muito com as dores do parto. Os trabalhos começaram ao anoitecer, com a chegada da parteira dona Benta — trazida às pressas, depois que a bolsa de Marta se rompeu — e só terminou com o menino nascido, o que se deu quando o sol anunciava o dia. Nesse meio tempo, a orientação da parteira era esperar a natureza fazer a sua parte, que era justamente providenciar a dilatação, a abertura do canal vaginal, para a criança nascer. Enquanto o parto não acontecia, as dores iam aumentando, e Marta gritava de forma mais intensa.

Dentro de casa, Luciano, aflito e nervoso, foi consolado por seu Antenor:

— Não se avexe não, Luciano. É a hora dela. Daqui a pouco, com a graça de Deus, esse sofrimento vai se transformar em alegria, com o nascimento do seu filho. Pense na alegria de ser pai e imagine a felicidade que ela terá em ser mãe.

— Eu tô muito agoniado. Não vou mentir.

— Nem é preciso. Quem olha pra você já vê a sua cara de agonia. Mas, para o seu sossego, Marta está sendo bem assistida. Dona Benta é a melhor parteira da região, e Etelvina é curandeira afamada de boa.

— Mas o nervosismo é grande. Marta não para de gritar. Tomara que esse sofrimento acabe logo.

— Tomara. A essa altura, as duas devem estar rezando para acalmar a menina até chegar a hora do parto.

— Meu pai foi coroinha quando criança. Aprendeu várias histórias da Bíblia. Ele dizia que o sofrimento da mulher no parto foi um castigo dado por Deus, desde a época da criação, porque, a mando da serpente, Eva encantou Adão e fez ele comer do fruto proibido. Aí Deus disse: “Multiplicarei grandemente as dores na gravidez e, com sofrimento, a mulher vai parir seus filhos”.

Minha mãe é que não gostava dessa história. Mas ele sempre repetia, brincando que a mulher tem um pacto com a serpente.

— Luciano, dessa eu não sabia! — rindo muito. Quer dizer que a mulher tem um pacto com a cobra? E se for com a cascavel?

— Valha-me, Deus!

— Essa, Etelvina vai gostar de ouvir.

— Vai ser uma noite espichada.

— Assim como a barriga de Marta.

Os dois continuaram rindo, enquanto, lá dentro do quarto, dona Benta iniciava o seu trabalho de fé, acendendo velas em torno das imagens em miniaturas dos seus santos protetores: Nossa Senhora, a mãe de Jesus; Nossa Senhora do Bom Parto; São Raimundo Nonato e o seu padrinho São Bartolomeu. Em seguida, de joelhos, com as mãos estendidas e os braços semiabertos, passou a rezar em voz baixa. Primeiro, foi oração da Ave Maria e, por último, a do seu santo preferido, São Bartolomeu, advogado das parteiras: “Primeira cantada do galo, São Bartolomeu se levantou com seu cajado. Com seu cajado, se encaminhou. Na frente, encontrou Nosso Senhor Jesus Cristo. Vamo lá, Bartolomeu. Vim atrás de vós, Senhor. Pra quê, Bartolomeu? Pra acudir Marta dos Santos, que tá em grande aflição. Aí ele responde: te darei bom condão. Bartolomeu, em casa que tu entrar, mulher não morre de parto, criança não morre abafano, nenhuma da sua casa morrerá presa nem acorrentada”.

Em outro canto do quarto, dona Etelvina também estava concentrada, em contato direto com os seus orixás. Os dois canais es-

pirituais estavam ativados no mesmo ambiente. Mas um não interferia no outro. Formavam a corrente de pensamento positivo de proteção, para que Marta tivesse um bom parto.

Marta estava nua, coberta apenas por um fino lençol, deitada na cama, com a barriga espichada e incomodada com dores que jamais tinha sentido. Estava desesperada a ponto de falar que ia morrer. Dona Etelvina interveio, disse que as dores são normais e explicou:

— É a natureza da mulher dizendo que a hora do parto está chegando. E, assim que o parto acontece, as dores vão embora, dando lugar ao sentimento de felicidade pelo nascimento do seu filho. Portanto, se acalme. Está tudo bem.

— Estaria tudo bem se não fossem essas dores — Marta resmungou e gritou de novo.

— Ela parece ser uma menina mimada — falou dona Benta.

— A menina é filha única, de primeiro parto, e está longe dos caprichos da mãe, é verdade. Tem um pouco de mimo. Mas a pobrezinha está sofrendo. Agora, é taluda na vontade. Deixou tudo pra trás pra viver com Luciano, o homem de sua vida.

— A cabrita é taluda mesmo. Mas agora está na hora do banho. Vamos tirar essa menina da cama e dar um banho de água fria pro modo de diminuir a dor e despertar o corpo pra ele reagir bem na chegada da hora.

Mesmo reclamando, Marta se levantou, apoiando-se em dona Etelvina, e se dirigiu ao banheiro, onde tomou um bom banho de água fria do porrão. Tremia de frio, quando dona Benta chegou perto e disse:

— Tome mais banho. Agora, só do pescoço pra baixo.

Quando Marta voltou para cama, toda molhada, sentou-se ao lado de dona Etelvina, que lhe serviu um chá de ervas para facilitar o parto. O receituário da mestra curandeira tinha de tudo: cidreira, capeba, camomila, capim santo, mastruz, erva-de-são-joão, cordão-de-frade e agripalma.

Dona Benta comandava as ações com um semblante de paz. Aos sessenta anos de idade, morena, cabelos pretos, com o rosto marcado por rugas, pela ação do tempo, era uma mulher de corpo fran-

zino, mas de braços fortes. Pelas suas contas, já tinha aparado mais de duzentos bebês. A parteira mostrava que a sua prática era orientada para a busca do alívio do sofrimento e dos desconfortos da mulher na hora do parto. E respeitava o ritmo da natureza. É como ela dizia para Marta:

— Deus dá o filho se a gente tiver paciência. Não precisa de ninguém rasgar, não precisa de ninguém cortar; ele mesmo vem se encaminhando e vai dilatando, dilatando, até dar o prosseguimento e passar.

A noite caminhava lentamente e, no seu agir, parece que as forças da natureza se acalmam e se renovam para deixar nascer um novo dia. No mesmo instante, a força da natureza feminina estava atuando para contemplar o fruto da criação do homem. Ao contrário da paz reinante lá fora, no quarto, após o terceiro banho frio e de ter ingerido quase um litro de bebedeira de ervas, Marta estava no pior momento de sofrimento: as contrações vinham mais rápido, provocando dores mais intensas. Mesmo correndo paralelos, dentro de pouco tempo, os dois eventos vão se encontrar numa conjugação de forças, revelando o mistério do tempo: o raiar de um novo dia e o nascimento de um anjo, um ser vivente.

— Agora ele vem, menina. O fruto criado está pra nascer — disse a parteira.

— Abra bem as pernas — ordena dona Etelvina.

— E grite à vontade. Grite bem alto. Está chegando a sua hora de felicidade. Mas, enquanto não chega, reze ao seu santo padroeiro para lhe dar forças e proteção. Comadre Etelvina, acolha a menina em seus braços e aperte a parte de cima da barriga pro menino não subir. Ele tem que, com calma, procurar o caminho do canal e seguir o rumo certo.

— Ela está bem acomodada — respondeu dona Etelvina.

Dona Benta tinha uma fé inabalável nos seus santos padroeiros. Além da fé, tinha a devoção ao trabalho sem nunca ter rejeitado fazer um parto, seja qual fosse a hora. Enquanto aguardava a dilatação apropriada, ela rezava uma oração atrás da outra. Da sua sacola, ela retirou vários patuás e os espalhou sobre a cama. Colocou um amarrado num cordão no pescoço de Marta, que se contorcia de dor.

Quando o canal começou a abrir, Marta foi ao desespero:

— Eu não tenho força, não aguento mais, eu acho que vou morrer.

— Morre não, fia. Mas faça força. Respire fundo e faça força que ele vem — disse a parteira, massageando a barriga de Marta.

Dona Etelvina se encostou mais na menina, procurando o jeito de equilíbrio necessário para continuar pressionando a barriga. Nesse momento, Marta deu um grito mais alto, o que fez dona Benta jogar uma cuia de água fria no seu corpo, dizendo que era para fazê-la despertar e recuperar o fôlego para continuar na luta do parto. E repetiu a ladainha:

— Força, minha fia, ele já está vindo. Respire rápido como um cachorrinho por quatro vezes e faça força. Vá, menina de Deus! Repita a respiração. Pode fungar à vontade. Isso! Abriu mais. Continue a respiração e faça força. Agora foi forte.

Marta gritou, agoniada:

— Ai, minha Nossa Senhora, eu não aguento mais! É muita dor! Me acode, meu Deus!

— Isso, menina! Disse a parteira. Abriu mais. Só mais um pouquinho, que ele vem. Faça mais força. Minha Nossa Senhora, mãe de Jesus, minha Santa Margarida! Me ajuda, São Raimundo Nonato! Socorra, São Bartolomeu. Tá na hora do menino croá! — disse, quando a cabeça da criança despontou no canal do parto. Isso, menina! Faça as últimas forças. Vai croá. Já estou vendo. Ele está vindo. Isso! Aguenta! Só mais um pouquinho. Um tiquinho de nada. Agora ele vem com vontade. E veio. Nasceu! Deus mandou um menino. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Para sempre seja louvado! — respondeu dona Etelvina.

No primeiro momento de vida, foi agarrado pelos pés e posto de cabeça para baixo. Ele não gostou. Tentou espernear, não conseguiu. Depois que tomou um tapa na bunda, chorou forte, enfezado. A parteira o colocou na cama e, dessa vez, ele esperneou com gosto, mostrando contrariedade com o tratamento recebido. Não gostou mesmo.

— Esse menino nasceu marrento — disse a parteira.

— O cabrito tá enfezado mesmo — ressaltou, rindo, dona Etelvina.

O louvor de dona Benta fazia parte do ritual das parteiras. Era a forma de agradecimento a Deus pelo parto ter sido normal, sem nenhuma complicação; também pelo nascimento de mais um ser, uma criatura de Deus.

O momento do parto é único e cheio de mistério ao aglutinar forças do universo com as existentes na natureza da mulher. Para Marta, o parto lhe propiciou assistir ao surgimento de uma nova mulher. Ela ainda chorava, agora já não era mais de dor, e, sim, de alegria de ser mãe; mãe de um filho homem que já tinha nome: João Pedro.

Os primeiros cuidados com a criança são prestados pela parteira. Corta o cordão umbilical, que é feito medindo três dedos a partir da barriga do bebê, dá o primeiro banho e presta informações necessárias quanto à maneira de cuidar do coto umbilical da criança, para que caia logo.

Durante o resguardo, a mulher não pode se abaixar, ter relações sexuais e nem pode comer comida muito temperada. Orienta também sobre os cuidados que a mãe deverá ter com o filho. Caberia a dona Etelvina, como boa curandeira, agir na aplicação de banhos de ervas na vagina de Marta, para combater qualquer possibilidade de infecção.

Quando a parteira entregou a Marta o seu fruto tomado banho e todo agasalhado num pano branco, ela o agarrou, com um carinho danado, e o colocou junto ao seu corpo para a criança sentir o seu cheiro. Chorou de felicidade, agarrada ao menino. No seu pensamento, vinha a grata recompensa da realização de um sonho de ser mulher e mãe, e constatou que o menino estava inteiro, sadio, e mexia com as pernas quando ela tocava em seu corpo. Então ela disse, com satisfação:

— É lindo! Meu filho é lindo! Não é?

As duas disseram sim. “Ele é lindo”.

De repente, ele abriu os olhinhos e depois fechou. Nesse instante, a parteira e dona Etelvina estavam ao lado de Marta acompanhando tudo, expressando satisfação. Mas quando o menino fechou os olhos, a parteira disse, em tom de brincadeira:

– Acho que ele não gostou de nós. Abriu os olhos e viu duas veias feias, como quem diz “vôti”. Tô no lugar errado.

– E aí fechou os olhos. Não foi, comadre Benta?

– E não foi?!

As duas saíram rindo, enquanto Marta, como uma felina, “lambia” a cria e adorava.

O serviço estava terminado. As duas voltaram a rezar, cada uma em seu canto, desta feita agradecendo a intervenção dos santos e dos orixás. Ao final, as duas procederam aos últimos afazeres. Limparam Marta com água morna e trocaram, mais uma vez, a muda de cama.

Nesse meio tempo, dona Benta veio falar com Marta:

– Menina taluda. Foi sofrido, não foi?!

– Foi muito sofrido. Doía demais!

– É que seu canal de parto era muito apertado.

Enquanto falava, enxugava o corpo e os cabelos de Marta.

– Mas, graças a Deus, terminou tudo bem, e agora é só alegria. Levante o corpo e fique sentada na cama pra eu te ajudar a vestir esse robe branco que Etelvina separou. Aproveite, passe o pente nos cabelos e fique bonita para o seu marido te ver.

– O robe é muito bonito.

– Você tá linda, menina! Vá deitar. Eu recomendo repouso absoluto durante sete dias para não quebrar o resguardo. Fique com Deus, minha fia.

– Que Deus lhe faça feliz – respondeu Marta.

Dona Benta deu-lhe um cheiro carinhoso em sua face e foi embora, dizendo:

– Repouso, menina! Repouso!

Repouso era o que mais Marta queria. Estava esgotada. Suas forças se esvaíram. Estava pálida, parecendo uma vela, e aproveitou o silêncio do quarto para tirar um cochilo, ainda gemendo de dor. Quem cuidava do menino era dona Etelvina, que tinha saído no pri-

meiro momento de folga para mostrá-lo ao pai, que, ao vê-lo, desmanchou-se em lágrimas e perguntou:

— E Marta? Como ela está?

— Agora está bem. Ela é forte e logo, logo estará andando por esta casa a brincar com o filho. Você vai ver.

— Que bom, dona Etelvina! Ele é a minha cara — voltou a chorar.

— Chore, meu filho, chore — acalentou o senhor Antenor. É nessa hora de alegria que o homem pode chorar. Eu também já passei por isso. Chorei muito no nascimento dos meus dois filhos.

— Chorou tanto, que as lágrimas encheram um pote — completou dona Etelvina, rindo.

Dona Benta estava certa. Somente no sétimo dia é que Marta sentiu a presença completa do filho em seus braços; e, num choro de alegria, disse para dona Etelvina:

— Eu agora sou mãe. Mãe de um filho lindo. Que felicidade!

— Graças a Deus! — completou dona Etelvina.

— Veja como ele agarra no peito — disse Marta.

— Está esfomeado.

— Que lindo! Meu bezerrinho faminto.

— Que fome! Tá parecendo ser filho da seca.

— Ô! Dona Etelvina, meu bichinho não é não filho da seca. Meu bichinho é filho do coração.

— E eu não sei, minha menina. Ele é filho do amor.

— E será chamado João Pedro.

— Lindo nome, Marta.

As duas ficaram contemplando o menino, com alegria e felicidade.

POESIA E DRAMA

O sofrimento é da vida. A alegria também.

NO RIO DA VIDA, AS ÁGUAS DO TEMPO CURAM TUDO. Durante o ano, que passou rápido, a felicidade foi intensa para Marta e Luciano, com o sonho realizado do casamento e a consagração do amor representada no nascimento do filho homem, além da volta ao trabalho de vaqueiro de Luciano na fazenda Campo Verde. Sem se esquecer das viagens do casal em busca de um pedaço de terra que pudesse construir a sua casa e viver uma vida de trabalho e felicidade fora de Cruzeiro, longe de um assassino doido chamado Ubaldino.

Quando Marta participava da procura da terra sonhada, a viagem era feita de charrete, adquirida de uma viúva, amiga de dona Etelvina, em troca de uma semana de trabalho braçal de Luciano na limpeza do mato que crescia no terreno localizado no entorno da casa. A charrete estava debaixo de um pequeno celeiro e jazia num canto, jogada ao desprezo por falta de interesse da dona em consertá-la. Depois que foi para a casa de dona Etelvina, a charrete foi totalmente recuperada, inclusive a sua cabine recebeu um forro de couro e um banco de couro, presentes do artesão Antunes. Já a recuperação do suporte de ferro do porta bagagem, das rodas de aro de ferro revestidas de pneu de borracha, foi feita pelo ferreiro Clementino. Com as tábuas do piso da cabine lixadas e envernizadas, a charrete ficou um brinco.

O plano de fuga estava, dia e noite, na cabeça da família. Luciano sempre dizia que não se podia brincar com doido e repetia:

– Doido a gente tem que manter à distância. Esse Ubaldino é um bicho doido e, quanto mais longe a gente for, será melhor pra todos nós. A única coisa boa nessa história é que ele tem certeza de que nós fomos acolhidos em alguma das fazendas do Sul, dos

nossos amigos coronéis. Mas, como Cruzeiro é perto demais de Palma, ficando a menos de três dias de cavalo, tudo pode acontecer. E, com certeza, não virá só. Sabem do que eu estou falando, não sabem?

— Sei, sim, Luciano — disse o senhor Antenor, acrescentando: Todos nós sabemos que essa possibilidade pode existir. É pequena, porque, como vosmecê mesmo disse, o homem tá doido e com o pensamento fixado em outras bandas. Então ele vai demorar muitos anos procurando por lá, até compreender que está indo atrás de um fantasma no lugar errado. Nisso vosmecês já estarão longe, felizes em seu canto de amor e de paz.

Dona Etelvina completou:

— O destino de vocês já está traçado. Vamos rezar para que o senhor Deus e os anjos do céu protejam o casal nesta hora e na caminhada até o vosso destino.

Nas noites de lua cheia, a família se reunia embaixo de um pé frondoso de carambola a conversar até altas horas da noite. De quando em quando, Marta deixava escapar a sua saudade de casa, da mãe, dos irmãos e do pai. Ela era o seu xodó, a sua única filha, mas também a mulher que proporcionou o desprante de fugir de casa enveredada na defesa de poder viver ao lado do seu verdadeiro amor. Em uma dessas noites enluaradas, ela novamente externou o seu sentimento pela ausência da família:

— Eu tenho saudade de minha casa — disse, com lágrimas nos olhos. Principalmente da minha mãe, que deve ter sofrido muito. Mas, por outro lado, não me arrependo nem um pouco de estar aqui com meu adorado marido.

— Ah! Esse amor vai longe — disse dona Etelvina. Vamos bater palma para essa declaração de amor. E eu queria que o meu velho também dissesse alguma palavra para animar meu coração nesta noite de lua cheia.

Todos bateram palmas, soltaram gritos de alegria e, ao final, o mestre coureiro declamou uma poesia intitulada “Quando o amor acontece”:

Quando o amor acontece

Quando o amor acontece,
Ninguém sabe explicar a razão.
Não importa o tempo,
Não importa o momento,
Nem tampouco pouco as horas,
É coisa do coração.
E assim,
O amor tem pressa,
Não pode ficar para depois.
O amor é enlace.
Enlace de dois.
O amor é cura e magia,
A força pura do coração.
É a essência da vida,
Que brota do lampejo divino,
Que acende a alma,
E desperta o prazer e a paixão.

Todos bateram palmas, e dona Etelvina, alegre, disse, com entusiasmo:

— Viva! Viva! O meu marido é poeta do país do além-mar.

— Do além-mar? Perguntou, curiosa, Marta.

— Sim, filha! Nossos antepassados foram arrancados de sua terra Angola, trazidos como escravos para o Brasil, e viveram uma vida de sofrimento e dor nos açoites do chicote e nas chibatadas dos feitores. Mas, graças a Deus e às nossas entidades protetoras, hoje nós estamos aqui, alegres, podendo comemorar a liberdade que eles não tiveram.

— Eu queria muito conhecer a história de vida de seus avós — disse Marta.

— É uma longa história, Marta — disse o velho Antenor. Podemos contar, sim.

— Mas hoje não — interveio dona Etelvina. Já está tarde. Amanhã é dia de acordar cedo. Portanto, vamos dormir.

Em uma tarde de trabalho na varanda da sua casa, enquanto costurava uma peça de couro, o senhor Antunes falou com Luciano das histórias que seu pai contava sobre a escravidão no Brasil. Disse que foi um tempo de muito sofrimento. Os negros eram aprisionados na África pelos portugueses, transportados em porões de navios, chamados negreiros, e vendidos como escravos para trabalhar nos engenhos de açúcar do Nordeste.

Quando a escravidão acabou, a influência africana já havia sido absorvida pela cultura brasileira nos seus diversos aspectos: música, religião e culinária.

Os comerciantes de escravos portugueses vendiam os africanos como se fossem mercadorias. Os mais saudáveis chegavam a valer o dobro daqueles mais fracos ou velhos.

— É uma história triste. Não sabia que os homens vendiam seus semelhantes.

— Vendiam, sim. Era um comércio. E, depois de vendidos, os escravos sofriam horrores no trabalho nas fazendas. Eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam de sol a sol, recebendo apenas trapos de roupa e uma alimentação de péssima qualidade. Passavam as noites nas senzalas, que eram galpões escuros, úmidos e com pouca higiene, acorrentados, para evitar fugas. Além disso, constantemente eram castigados fisicamente, sendo que o açoite — chicote feito de cinco tiras de couro retorcido com nós nas extremidades — era a punição mais comum.

— Vida difícil.

— É verdade. Vida de negro é difícil de viver. Mas não era só o chicote. Havia vários instrumentos de suplício para impor a crueldade. E, quando tentavam fugir, o castigo era maior. Eram amarrados a um tronco, açoitados pelo feitor, muitas vezes até a morte. Enquanto o açoite rasgava o lombo do pobre homem, sem dó nem piedade, o sangue espirrava e era da mesma da cor do sangue dos senhores feudais e dos feitores: vermelho.

Quando o açoite zunia, as escravas vomitavam pragas desse tipo contra o feitor e o mandante:

– "Um raio que te parta, maldito! Má lepra te consuma, coisa ruim! Uma cascavel que te morda a língua, cão danado!"

O castigo severo era aplicado para servir de exemplo aos negros, como forma de desestimular o proceder de outras fugas.

– Mas, mesmo assim, eles fugiam.

– Sim. Porque o desejo de liberdade era maior do que o medo do açoite. O anseio da liberdade está na alma. Ninguém tira. O castigo é apenas dado ao corpo, e o tempo se encarrega de curar as feridas.

– A gente tem que agradecer a Deus não ter nascido na época da escravidão. Vejo, pelo semblante do amigo, que essa conversa não é do seu agrado. Portanto, vamos mudar o rumo da prosa e falar de coisas boas, como a vida que a gente leva. Não é de gosto?

– É de gosto, Luciano.

A escravidão no Brasil entrou pelas mãos e pela consciência dos portugueses no século XVI. Os negros vinham da África, especialmente para o trabalho no campo na lavoura de várias plantações, para as minas de ouro e diamantes, e para servir aos colonos. A economia brasileira do período colonial e imperial era fundamentada nessa exploração desumana.

Quase cinco milhões de escravos desembarcaram nos portos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife, sem contar os muitos milhares que morreram na travessia do Atlântico.

O negro também reagiu à escravidão, buscando uma vida digna. Foram comuns as revoltas nas fazendas, em que grupos de escravos fugiam, formando, nas florestas, os famosos quilombos. Estes eram comunidades bem organizadas, onde os integrantes viviam em liberdade, através de uma organização comunitária aos moldes do que existia na África. Nos quilombos, podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos. No Brasil, o mais famoso foi o Quilombo de Palmares, comandado por Zumbi, que morreu lutando pelos direitos do seu povo. O quilombo liderado por ele encontrava-se no Estado de Alagoas e resistiu por cerca de cem anos, abrigando milhares de negros.

Só no século XIX, a mentalidade dos homens começou a mudar. Com o movimento abolicionista, leis foram criadas, pouco a pou-

co, para acabar com esse sistema cruel. A abolição dos escravos se deu em 13 de maio de 1888, com a sanção da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel. Mas a luta do negro por melhores condições de tratamento continua até hoje.

CULTURA DE CRUZEIRO

Deus criou a Terra e tudo que nela existe.

NO CÉU, DOIS ASTROS MAGNÍFICOS A EMOLDURAR a paisagem de Cruzeiro: o sol e a lua. Com suas luzes brilhantes, idênticos na pureza, mas diferentes nos seus efeitos. O sol carrega a incandescência por ser estrela. É o astro-rei e majestoso. Porém, torna-se imperioso e causticante no verão sem chuvas, ao espalhar a sua onda de calor abrasador sobre o Nordeste, esturricando o chão, matando plantações, animais, e dedicando ao sertanejo o título nada honorável de flagelado da seca.

A lua é um satélite da Terra, e as suas fases influenciam no movimento das marés oceânicas. Ao receber um pouco de luz emprestada do sol, desponta um brilho mais ameno. Em compensação, ao impulsionar ventos, ajuda a noite a resfriar a Terra. A sua grandeza aparece majestosa e insinuante quando está cheia, apresentando-se ao mundo bela e encantadora, e o seu brilho assume em Cruzeiro, do Nordeste, a denominação carinhosa de “o luar do sertão”. O luar do sertão é cantado em prosa e verso pelos poetas da região, a exemplo de Catulo da Paixão Cearense, autor da música “Luar do Sertão” – um hino nacional –, imortalizada na voz do consagrado cantor e compositor sertanejo, Luiz Gonzaga.

No tempo de lua cheia, quando ela despontava no Leste, imponente, radiante e bela, o seu encanto esplêndido, um tanto feitiçeiro – para alegria da natureza –, fazia a noite “virar” dia. E, quando o breu da noite afastava a lua, por alguns instantes, acontecia um espetáculo divino: o esplendor do universo revelava um céu de estrelas brilhantes e cintilantes, como se fossem pingos de luzes brotando do infinito. Dava para se ver, com nitidez, a grandiosidade da Via Láctea e, dentro dela, a formação singular do Cruzeiro do Sul.

Era da Praça da Matriz de Nossa Senhora da Conceição que se tinha a melhor visão do universo. A praça também era o principal ponto de concentração da população nas comemorações dos diversos eventos sagrados e profanos.

Nas festas de final de ano, do chamado ciclo natalino, a praça recebia uma decoração especial. Pinturas em papelão de pequenos anjos amarradas em cordões esvoaçavam ao vento. Davam a ideia de que, ali, os anjos voavam de verdade. Quando a noite chegava, o local ficava todo iluminado, com luzes coloridas, e repleto de gente arrumada, bem vestida, como mandava o costume do lugar: Ano Novo, roupa nova.

Os jovens faziam filas nos brinquedos, que só apareciam nessa época do ano, como a roda gigante — nem tão gigante assim. O carrossel apitava para iniciar o giro alegre, com os cavaleiros de madeira, que se movimentavam lentamente, para cima e para baixo; além dos pequenos barcos construídos de folha de flandres, com o piso de madeira, suspensos por cabos de aço presos a um cilindro de ferro, a uma altura de cinco metros, de onde caíam duas cordas. Na parte interna do barco, em cada extremidade, havia um assento. Para o barco fazer o movimento pendular, era necessário que os dois ocupantes puxassem as cordas de forma contínua, mas um de cada vez. Quanto mais força se empregava, mais impulso e velocidade o barco navegava no seu movimento de vai e vem.

No meio da praça, as crianças andavam agarradas na saia da mãe ou nas mãos dos pais, para não se perderem no meio da aglomeração. Outra atração eram as barracas de comida, com doces, cachorro-quente e refrescos, sem contar as barracas de bebidas alcoólicas, que concentravam a maioria dos bêbados da cidade. E não eram poucos: do prefeito ao mais simples contribuinte.

A praça oferecia aos frequentadores diversas opções. Assim, uns iam à igreja, outros corriam para os brinquedos. Os mais velhos — mais de perto, os casais — simplesmente se dedicavam a caminhar inúmeras vezes pela calçada em torno da praça, reencontrando e conversando com amigos. Já os mais afoitos, iam disputar a sorte nas bancas de jogos, divididas entre a roleta e o jogo 21 do baralho, ou ainda na disputa do tiro ao alvo com espingarda de chumbinho. No entanto, a maioria mesmo gostava de assistir

às apresentações dos grupos folclóricos — chegança e pastoril —, afamados na cidade, os quais eram realizados em um tablado de madeira armado em frente à Igreja Matriz. O reisado só se apresentava no Dia de Reis. Os dois grupos não se apresentavam ao mesmo tempo, até mesmo porque só existia um espaço reservado. Mas, de longe, o pastoril era o mais concorrido, em função das lindas pastoras — mocinhas brincantes —, que usavam saias rodadas curtas, com cores vibrantes no azul e vermelho, shorts, blusas brancas enfeitadas com minúsculas estrelas coloridas, adereços de cabeça nas cores de cada cordão, recobertos com areia prateada e colares reluzentes no pescoço. Calçavam sandálias de couro chamadas alpargatas. Nos volteios da evolução da dança, deixavam à mostra as coxas. Nesses momentos, o público, formado em sua maioria por homens, ia ao delírio.

O pastoril é um auto natalino, de origem portuguesa, que se propagou no Nordeste, merecidamente reconhecido como folguedo popular, com enredo de pequenas peças, divididos em episódios, com o nome de jornada. Os cantos ou as louvações representavam a visita dos pastores ao estábulo de Belém. Evoca o nascimento de Jesus e se caracteriza, também, pelo aspecto profano, ingenuamente malicioso.

Normalmente são catorze personagens: dez pastoras se dividem entre os cordões encarnado e azul. À frente de cada um, aparecem a mestra e a contramestra com suas acompanhantes. Além delas, destaca-se a Diana, uma figurante central de equilíbrio, que baila entre os cordões, com sua fantasia metade encarnado e metade azul. Tem também o anjo e a borboleta. Por fim, a figura do velho ou do palhaço.

A coreografia é empolgante. Os componentes cantam e dançam alegremente, sacudindo pequenos pandeiros, maracás ou adereços na cor de cada cordão, no ritmo de marchinhas, valsa e baião. O conjunto regional é formado por sanfona, violão, cavaquinho, pífanos, além de pandeiro.

É bem provável que o nome de “cordão” tenha origem na influência do Carnaval. Quanto à denominação de cordão azul e encarnado, é justificável, por serem as cores votivas de Nosso Senhor e Nossa Senhora.

Cançoneta de abertura das jornadas

*Boa noite, meus senhores todos
Boa noite, senhoras, também
Somos pastoras, pastorinhas belas
Que alegremente vamos a Belém
Sou a mestra do cordão encarnado
O meu cordão eu sei dominar
Eu peço palmas, peço riso e flores,
sou a contramestra do cordão azul
O meu partido eu sei dominar
Com minhas danças, minhas cantorias
Senhores todos, queiram desculpar
Sou a Diana, não tenho partido
O meu partido são os dois cordões
Eu peço palmas, fitas e flores
Ó, meus senhores, sua proteção
Ao partidário, eu peço proteção
(Domínio público)*

O riso é um elemento importante no pastoril. É através do riso, do bailado das pastoras e preferencialmente das cançonetas de duplo sentido, que o pastoril consegue concentrar a atenção do público e permanecer no tempo como grupo folclórico.

O velho ou o palhaço são figuras importantes no reisado. A denominação depende de cada região, mas o papel é o mesmo: puxar o riso e ter a simpatia do público, através da pilhéria, das piadas picantes e da cantoria das músicas de duplo sentido.

No reisado de Cruzeiro, era o palhaço quem comandava o riso. Neste instante, ele estava levando a plateia ao delírio, com a enenação da cançoneta:

Casamento da pastora

Papai, eu quero me casar...

Ô, minha fia, você diga com quem

Eu quero me casar com o sanfoneiro

Ô, minha fia, você não casa bem

Por que, papai?

O sanfoneiro aperta o fole

E, depois, vai apertar você também

Papai, eu quero me casar...

Ô, minha fia, você diga com quem

Eu quero me casar com o sapateiro

Ô, minha fia, você não casa bem

Por que, papai?

O sapateiro trabalha furando o couro

E o seu couro, ele vai furar também

Papai, eu quero me casar...

Ô, minha fia, você diga com quem

Eu quero me casar com o balaieiro

Ô, minha fia, você não casa bem

Por que, papai?

O balaieiro bota roupa no balaio

E, depois, quer botar n'ocê também

Papai, eu quero me casar...

Ô, minha fia, você diga com quem

Quero me casar com o machadeiro

Ô, minha fia, você não casa bem

Por que, papai?

O machadeiro trabalha lascando o pau

E, sendo assim, vai lascasr você também

Papai, eu quero me casar...

(Domínio público)

Os expectadores acompanhavam e participavam da encenação com entusiasmo. A saliência da letra de duplo sentido, adicionando os “requebros” e os “remelexos” das pastoras e do palhaço, fazia com que o público que assistia à apresentação risse da situação apresentada e aplaudisse, com entusiasmo e alegria, aquele grupo folclórico, tão importante para a cultura brasileira.

Nas diversas jornadas, havia sempre um momento de meiguice, como a cançoneta dedicada à borboleta e cantada pela personagem:

Borboleta pequenina

*Borboleta pequenina
Saia fora do quintal
Venha ver tanta beleza
Hoje é noite de Natal
Eu sou uma borboleta
Pequenina e feiticeira
Ando no meio das flores
Procurando quem me queira
(Domínio público)*

No pastoril, o que o padre Antero mais gostava era a disputa entre os dois cordões. À medida que o grupo evoluía na exibição, as pastoras procuravam caprichar na dança e nos volteios, para ganhar a simpatia do público e, dessa forma, as torcidas eram formadas. A euforia dos torcedores se concentrava mais de perto nos volteios da mestra do cordão encarnado e da contramestra do cordão azul, as mais formosas, e dançavam à frente dos cordões.

Em Cruzeiro, a exibição do pastoril tinha um componente a mais que favorecia o acirramento da disputa: o tablado. Montado e tendo por base horizontal o décimo dos 33 degraus da larga e imponente escadaria da Matriz, ficava em um plano superior, permitindo ao público uma boa visualização do espetáculo.

Essa disputa entre os cordões era traduzida em ofertas de dinheiro para consagrar o cordão vencedor da noite. Do total arrecadado, metade ia para a Igreja em forma de doação. Dessa forma, estava explicado o interesse do padre Antero: quanto maior fosse a disputa, mais dinheiro a Igreja arrecadava. Sem nunca ser bobo, o vigário, ao tempo em que fechava um olho para o profano do bailado, abria o outro para o dinheiro da Igreja.

Na praça, bem próximo ao tablado, uma criança de apenas um ano e alguns meses de idade estava encantada com a visão que o mundo oferecia: luz, cores, sons e movimentos. Escanchado sobre os ombros e seguro pelas mãos firmes do pai, João Pedro olhava curioso para todos os lados. Ali, nos ombros do pai, tinha uma visão privilegiada da praça e, ao que tudo indicava, ele não queria perder um só momento daquela bela contemplação em ver as luzes coloridas, as diferentes cores das roupas das pessoas e das pastoras brincantes. Via rostos diferentes em movimento, mas não fazia comparação, assim como prestava atenção à coreografia expressada pelo bailado ritmado das pastoras. Estava também fascinado pelos diversos tipos de sons que lhe entravam pelos ouvidos. O som de vozes produzidas pelo aglomerado das pessoas, o saído do serviço de alto falante da praça, o som diferente e coordenado do cantar das pastoras e dos acordes emitidos pelo conjunto regional do pastoril, além do som advindo dos gritos das torcidas acirradas dos cordões encarnado e azul. Tudo era novo e fascinante.

Enquanto o menino apreciava, com toda curiosidade, o que a natureza lhe oferecia ao seu redor, Luciano, Marta, seu Antenor e dona Etelvina estavam com olhos e atenções voltados para a exibição do pastoril. Mas, em alguns instantes, Marta e Luciano deixaram-se levar por lembranças de um passado recente, fixando-as nas festas do ciclo natalino da cidade de Palma. Marta se via ao lado dos pais e dos irmãos, vivendo a alegria incontida das festas. Via-se também ao lado da inseparável amiga e confidente Silvane, irmã do famigerado Ubaldino. Já Luciano, via-se sozinho na festa, mas se sentia feliz por estar sendo criado com todo o respeito por uma família que o adotou como filho. As lembranças mais nítidas eram depositadas no coronel Feliciano, sua esposa, dona Maroca e na preta Creusa, que o chamava de filho.

De repente, uma voz conhecida o fez despertar daquela viagem no tempo. Era o senhor Antenor, perguntando:

— Você está vendo aqueles dois mastros fincados nas extremidades do tablado?

— Sim.

— Pois bem. Um fica com a bandeira vermelha, e o outro, com a bandeira azul. Quando uma das bandeiras está em cima, é sinal de que o cordão daquela cor está ganhando mais dinheiro. Mas, seja qual cor que ganhe, o dinheiro vai para a Igreja e para o grupo. Veja, agora mesmo quem está em cima é a bandeira vermelha, sinal de que as cabrochas do encarnado estão caprichando mais na dança. Entendeu?

— Entendi. Já que é assim, eu vou dar um dinheiro para o encarnado continuar ganhando.

— No encarnado, não — disse Marta, concisa. A mocinha da frente é muito saliente pra meu gosto.

— Não vejo nada.

— Mas eu vejo. Homem sempre diz que é cego, porém enxerga longe. Se quiser continuar enxergando bem, vote no azul.

— É verdade! Homem quando quer, enxerga muito bem — frisou dona Etelvina.

— Luciano, pelo visto, tem mais gente prestando atenção nos volteios das cabrochas do pastoril — arrematou Antenor.

— Tô vendo mesmo, seu Antenor. E de olho nesse de cá — disse Marta, apontando para Luciano.

— Luciano, eu, no seu lugar, ia botar o dinheiro no azul, sem discussão — aconselhou Etelvina.

— É isso que eu vou fazer.

— Acho bom! — Marta riu.

— Cinquenta centavos no azul — gritou Luciano.

A bandeira azul não se mexeu do lugar, e todos riram alegremente.

Os amigos já estavam se preparando para ir embora, quando surgiu o padre Antero, que andava na praça acompanhado de dois coroinhas, cumprimentando o povo. Dona Etelvina se adiantou e saudou a presença do padre, beijando-lhe a mão.

– Estejam abençoados – disse, fazendo o gesto com a mão direita.

O padre perguntou:

– Já estão indo embora?

Todos responderam que sim.

– O menino precisa dormir – disse Marta.

– Os velhos também – disse Antunes. Festa bonita!

– Este ano, a comunidade caprichou de verdade. A festa está muito animada. Estão gostando do pastoril?

Todos disseram que sim. Menos seu Antenor.

– Eu gosto mais da chegada, das danças dos marujos e do batuque dos pandeiros.

– O pastoril é mais animado – disse o padre.

A chegada também veio da Europa. No Brasil, se tornou um folgado popular exibido na época de Natal. Suas danças e representações marítimas expressam as lutas ocorridas no passado entre os cristãos e os infiéis, chamados mouros. Em alguns lugares, o cenário é uma barcaça armada só para essa apresentação, mas os personagens são os mesmos: almirante, capitão, capitão de mar e guerra, mestre piloto, padre capelão, doutor cirurgião, oficiais inferiores, marujos e gajeiros.

A chegada é um bailado configurado em uma dança dramática do ciclo natalino. A música é a alma da chegada. É essencial no desenvolvimento do enredo e de suas jornadas.

A sustentação rítmica é formada por seis pandeiros, que são tocados pelos brincantes. Tocam as marchas do bailado da encenação.

A chegada não resultava em disputa. Dela o padre Antero não ganhava nada.

SÁBADO, DIA DE CHUVA

Duelo

*Na beligerância do duelo,
Surge o raio do tinir do aço dos punhais.
E o relampejo dos golpes ávidos
Fere os corpos espichando sangue:
Duas vidas estão se esvaindo,
Mas há em cada uma eterna a vontade de viver.
O ataque de golpes certos
Acentua a esperança de sobreviver.
Mas, a cada golpe sentido,
Teme-se a agonia de sucumbir... morrer.
No entanto, no balé de vida e morte,
Só uma vida há de viver.*

NA TARDE DE UMA SEXTA-FEIRA DE CALOR EM CRUZEIRO, alguns pássaros começaram a cantar na mata. Na sua casa, o artesão Antenor trabalhava peças de couro, mas estava com o ouvido colado nos diferentes cantos que os pássaros emitiam na mata. A cada manifestação, ele identificava o nome:

– Essa é uma codorna.

De outra parte da mata, vinham vários cantos e, mais uma vez, ele dizia:

– Uma revoada de tetéus. Ave esperta e sempre alerta, é a primeira a dar o alarme quando alguém se aproxima. É também conhecida como quero-quero. A revoada significa que o tempo vai mudar.

Completo:

— Amanhã, com certeza, vai chover.

Parecia que ele estava falando sozinho. Mas não. Sem boiada para tocar, Luciano trabalhava ao seu lado. Só estava assuntando.

— O senhor é um profeta da chuva?

— Quem sou eu? — disse, rindo.

Sou apenas um observador da natureza. Vejo coisas bobas que aprendi com meu pai. Você ainda é um menino, mas já passou muito tempo na estrada e no mato, comboiando gado. Deve ter aprendido alguma coisa.

— De fato. Agora que o senhor falou, tenho algumas lembranças de que sabia identificar alguns pássaros pelo canto. E digo que, quando os rouxinóis e o carão cantam, é sinal de chuva. Estou certo?

— Certíssimo — ambos riram. Olhe aí o nosso mais novo profeta do sertão.

— Bondade de sua parte. Profeta é um sujeito muito estudioso da natureza.

— É verdade. O sujeito tem que acordar cedo. A hora certa é aquela do sol furando a barriga da noite. Nesse instante, é preciso olhar para o céu e perceber que nuvens se formam do lado nascente, aos pés do astro-rei. O que você vê? Uma barra bem feita? Nada? É necessário prestar atenção a esses detalhes da natureza, se quiser saber como será o inverno. São anos e anos de observação para compreender os detalhes.

— É a ciência da natureza.

— Isso mesmo, Luciano. Mas, com certeza, amanhã o tempo vai mudar.

No sábado, nenhum raio de sol. Nenhum mesmo para contar história o amanhecer deixou passar. O céu estava acinzentado, e uma chuva fina insistente caía sobre a cidade de Cruzeiro. Atrás da Serra das Perdizes, relâmpagos riscavam as nuvens, e trovões ecoavam no vazio do tempo.

Com chuva ou com sol, a feira livre, importante fonte da economia de Cruzeiro, era realizada historicamente aos sábados. Nesse dia, logo cedo, o senhor Antenor e Luciano estavam na barraca coberta por uma lona, expondo à venda celas de couro e apetrechos para montaria.

Por volta das dez horas da manhã, três estranhos caminhavam a passos largos, cruzando a feira. Vestiam capas de couro marrom escuro e usavam chapéus. O tilintar constante das esporas agarradas nas botas determinava o ritmo dos passos dos desconhecidos.

De repente, o que ia entre os dois parou assustado e passou a observar uma barraca à sua frente. De pronto, seus olhos viram dois homens conversando animadamente em uma barraca de venda de artefatos de couro. Um negro e mais velho, e o outro, pardo e mais jovem. O do seu interesse era o mais jovem. Ele disse aos amigos:

— Encontrei o homem que eu tanto procurava e vou matá-lo agora, aqui na feira.

Um dos homens retrucou:

— Não faça isso, meu rapaz. Nós viemos aqui para cumprir a nossa missão de fazer o prefeito pagar a dívida com o nosso coroné e ir embora. O patrão não vai gostar de saber do seu intento em terra alheia.

— Não há no mundo força capaz de me deter. Por favor, não se metam. É coisa minha. Ele é meu.

E começou a gritar bem alto o nome Luciano. Entretido na conversa com o seu Antenor, o jovem Luciano se virou para ver de onde vinham os gritos com o seu nome. Vinham de um homem que ele identificava de primeira. Era Ubaldino. O seu semblante traduzia temor diante dos impropérios que o visitante estava gritando para todo mundo ouvir, aí ele percebeu que a situação se complicaria. Quem vinha de lá não era um amigo, e, sim, o inimigo. Nisso, ele sacou um punhal grande da cintura, semelhante aos usados pelo bando de Lampião, e bradou:

— Luciano, fio de uma égua maldita! Chegou a sua hora! Hoje você vai morrer, seu desgraçado!

As pessoas ao seu redor começaram a correr, afastando-se do homem desafiador que, àquela altura, estava no meio da rua com

um punhal na mão direita, xingando Luciano, o vaqueiro que, por amor, roubou a sua noiva Marta, o pai de uma criança de apenas um ano de idade e o amigo do velho artesão, senhor Antenor. Se ninguém sabia, aquele homem com ares de um doente mental era, na verdade, Ubaldino. Tinha a riqueza nas mãos. Nasceu em berço de ouro, como se diz, filho de pais abastados, herdeiro do todo-poderoso coronel Feliciano de Albuquerque Alvarás. No entanto, transformou-se em homem deserdado, um assassino e mais um cabra de peia do coronel Armando Junqueira Alcântara. No passado, os jovens eram amigos, mas, agora, estavam no lado sombrio da inimizade, prontos pra matar ou morrer.

O estranho, parado no corredor de rua, entre as barracas, continuava a gritar:

— Venha, covarde, desgraçado! Hoje você vai morrer na ponta do meu punhal!

Luciano saiu da barraca já carregando, na mão direita, um punhal grande, também idêntico aos usados pelo bando de Lampião, e se encaminhou em direção ao desafiante. O duelo sem regras estava prestes a começar. O senhor Antenor ainda tentou demover Luciano do combate, mas ele disse que já estava esperando por este momento.

— Como homem, não posso deixar de enfrentar o meu destino — disse.

Completo:

— Senhor Antenor, tem hora que o homem tem que lutar sem se importar se vai matar ou morrer.

— Compreendo. Mas pra tudo tem um jeito.

— Não nesse caso. Se eu fugir, vou ficar o resto da vida morando de cidade em cidade com medo de morrer. Marta e nenhuma mulher gostariam de morar com um covarde. Ademais, eu não tenho medo desse bosta doido. Sou muito melhor do que ele no punhal.

— Então, vá com Deus. Mas tenha cuidado. O satanás é ardiloso.

— Não estou com medo. Estou pronto pra matar esse doido e viver em paz com minha família.

Nesse meio tempo, os relâmpagos cortaram o céu, e os trovões eclodiram fortemente sobre a pequena cidade, como que anunciando a tragédia prestes a acontecer, sem que ninguém pudesse impedir.

Mais um relâmpago e mais um trovão. Ubaldino gritou, no meio da feira:

– Venha, covarde! Venha morrer na ponta do meu punhal!

Falava alto, mas sua mão tremia. Por sua vez, Luciano caminhou resoluto e, sem nenhuma conversa, tomou a iniciativa da briga. O duelo de morte começou.

Luciano era mais ágil no punhal e, aos poucos, foi ferindo o adversário. Golpes certeiros, na barriga e nos braços, iam minando sangue e as forças do adversário. O duelo já durava uns três minutos, quando Luciano aplicou duas estocadas certeiras no abdome, que fizeram o intruso balançar e dobrar as pernas, mas conseguiu se firmar. Ele sentiu os golpes. Estava entregue nas mãos de Luciano. O golpe final poderia ser dado a qualquer momento. Já não tinha mais a coordenação do início da luta, e pensou: “Vou morrer. Ele é melhor do que eu, sempre foi, mas vou pra cima. Seja feito o que o diabo quiser”. Como último recurso de sobrevivência, contra-atacou. Para se defender, Luciano deu um passo rápido para trás e pisou em falso numa depressão do calçamento úmido da rua. Para não cair, ele tentou se equilibrar, baixou a mão direita — a mão que segurava o punhal — em direção ao chão. Foi uma fração de segundos, mas, nesse tempo, Ubaldino aproveitou e o atingiu com um golpe violento no tronco. Luciano caiu de joelhos e, em seguida, arriou o corpo no piso molhado da feira de Cruzeiro. O seu adversário também caiu e sangrava muito, quando foi imediatamente carregado pelos amigos e conduzido aos cavalos deixados na entrada da feira, fugindo da cidade.

O velho coureiro correu desesperado para socorrer Luciano e chorou feito menino, agarrado ao corpo moribundo do amigo. Ainda ouviu o pedido vindo de Luciano:

- Por favor, cuide de Marta e do meu filho João Pedro.
- Não se preocupe, meu menino. Eu prometo.

Carregado no ombro do amigo, mestre coureiro, Luciano foi conduzido às pressas para o pronto-socorro, onde foi atendido pelo médico Amintas, que, de imediato, fechou a porta e iniciou o tratamento. Minutos depois, o médico chamou seu Antenor para uma conversa desagradável. Disse que o estado de Luciano era terminal, pediu para ele ir comprar o caixão e acrescentou:

— A vida dele está definhando a cada minuto. Não posso fazer nada.

Aos prantos, o velho amigo saiu em desespero e clamou aos céus, dizendo:

— Meu Deus, tenha pena desta alma. Com sua força divina, salve Luciano. Ele é um homem de bem, tem uma esposa fiel a ti e um filho pequeno para criar. O Senhor tem poder, e ele merece. Que seja feita a Sua vontade! — e saiu chorando, com a intenção de ir à funerária.

Mas, antes de ir, resolveu pegar o cavalo de Luciano, que estava na feira. Lá, aproveitou o momento para pedir aos amigos que desmontassem a sua banca e levassem os apetrechos na charrete para sua casa. Em seguida, montou no cavalo e seguiu apressado rumo à fazenda Campo Verde, a fim de comunicar o ocorrido ao patrão de Luciano, o fazendeiro Josias Vieira Botelho.

O encontro dos dois foi sofrido. Em pé na varanda da casa, o velho Antenor se derramava em lágrimas ao contar em detalhes, ao fazendeiro, o acontecido com Luciano. Por fim, pediu o envio de homens para uma missão de vingança.

O fazendeiro ouviu cada palavra emitida pelo velho Antenor, observou atento os movimentos das mãos, os gestos do homem à sua frente, que davam movimento ao caso contado e, por fim, veio o silêncio profundo de tristeza e dor. Só depois de um tempo de reflexão, o fazendeiro, com o semblante entristecido e com a voz embargada, conseguiu falar:

— Senhor Antenor, que coisa lastimável. Lamento profundamente o episódio e sei da dor que vosmecê está passando, porque Luciano era um filho seu...

— É verdade — disse o coureiro.

— Portanto, direi o que vou fazer. Não vou autorizar a missão de vingança por dois motivos: primeiro, a chuva já deve ter apagado os

rastros dos assassinos; segundo, não sabemos para onde eles foram. Vamos agir com prevenção. A primeira providência é a de proteger Marta, João Pedro, o senhor e dona Etelvina de uma possível ação do bando. Para isso, vou tomar algumas providências.

Nisso, chamou Alcino, que, de imediato, se fez presente para ouvir o que o patrão tinha a dizer:

– Alcino, escute o que eu vou dizer, porque eu só vou falar uma vez. Mande ligeiro quatro homens para vigiarem a casa do senhor Antenor. Eles vão ficar nas imediações, mas armados. Mande provisões. Amanhã cedinho, envie mais quatro homens. Esses irão acompanhar o enterro e dar proteção ao senhor Antenor. Não tenho mais nada a dizer. Pode tomar as providências.

Ouviu um “sim, senhor” do capataz Alcino, que saiu apressado, disposto a dar cumprimento à ordem do patrão.

O fazendeiro então voltou sua atenção para o mestre coureiro e disse:

– Peço que o amigo vá para casa e conte toda essa história triste à viúva Marta e à dona Etelvina. Eu não queria estar na sua pele nessa hora, mas vosmecê tem que ser forte. O choro faz parte da vida e, nessas horas, não podemos evitar. Organize o velório e o enterro, e eu vou providenciar o caixão e a remoção do corpo de Luciano. Vá com Deus.

Como se estivesse com uma chaga aberta no peito sofrido, o senhor Antenor montou no cavalo e saiu em disparada a caminho de casa. Na cidade, foi ao telégrafo, com o propósito de enviar um telegrama ao seu filho João, com o seguinte texto: “Venha urgente. Mataram Luciano”.

A notícia da morte de Luciano num instante se espalhou pela cidade e chegou na casa de dona Etelvina bem antes do senhor Antenor pisar no sítio com a informação precisa sobre o infausto acontecimento. Não é necessário dizer em detalhes do sofrimento dos três. Mas uma coisa é certa: assim como na palavra da Escritura sobre o final do mundo, houve ali choro e ranger de dentes.

Já era noite. Por sinal, uma noite escura feito breu, quando o fazendeiro Josias Vieira Botelho chegou ao sítio. Foi prestar as con-

dolências a Marta e afagar o casal dona Etelvina e senhor Antenor. Conversaram bastante. No final, o fazendeiro disse que Luciano era um rapaz decente, de qualidade e destemido, e acrescentou:

— Dificilmente eu me apego com uma pessoa, mas com Luciano foi uma simpatia de pronto. Parecia que o conhecia há bastante tempo. Neste sentido, trabalhar com ele foi muito fácil, porque, além do mais, Luciano primava pela honestidade. Vamos sentir muito a sua falta. Que o Bom Deus o acolha em seus braços.

Todos disseram:

— Amém! Amém!

O senhor Josias aproveitou a oportunidade para dizer que homens da sua confiança estavam colocados em torno do sítio para vigiar e proteger a família, e ouviu de Marta o agradecimento e a informação de que estava decidida a ir embora na segunda-feira:

— É muito triste falar em ir embora de um lugar onde fomos tratados como filhos, com amor. Amor de mãe, de dona Etelvina, e amor de pai, do senhor Antenor. Eles sabem disso. Vou com uma saudade imensa, e o coração partido pela perda de Luciano, mas eu tenho que proteger meu filho da sanha desse assassino. Na manhã da próxima segunda-feira, vou seguir o meu destino e tentar achar forças em outro lugar.

O fazendeiro disse, enfático:

— A senhora tem toda razão em proteger o seu filho. Aqui se tornou um lugar perigoso para todos. Aproveito a oportunidade para convidar o casal a ir morar na fazenda, como se diz: de mala e cuia, já a partir da segunda-feira, depois do embarque de dona Marta. E quero sim como resposta. O que acha, senhor Antenor?

— Eu digo sim.

— Isso é que é um homem. Em três palavras, disse tudo.

Todos riram. Mas foi só um momento. Como se fosse um pequeno raio de luz a tentar invadir a noite escura. Um riso insuficiente para acabar com a tristeza angustiante, diante da drástica revelação emitida pelo fazendeiro Josias: o caixão que conduzia Luciano não poderia ser aberto.

As mulheres reagiram desesperadas diante daquele caso considerado impertinente e desumano. Marta, coitada, caiu de joelhos e, num pranto incontrolável, pôs-se a gritar, dizendo que queria ver o marido. Despedir-se dele e aproveitar para dar-lhe o último beijo. Dona Etelvina também caiu de joelhos a implorar ao fazendeiro que também queria ver o que ela chamava de “meu menino”. A cena desoladora emocionou as pessoas, que já estavam na casa a esperar a chegada do caixão. Já o senhor Antenor, chorava em silêncio. Não deu uma só palavra, mas a sua feição era de desespero.

Diante do cenário de sofrimento e dor, foi preciso a intervenção imediata e serena do fazendeiro Josias Vieira Botelho. Ele começou fazendo uma pergunta:

— Por que os bons morrem cedo?

De repente, as pessoas param de chorar, gritar, de falar e então, fez-se um completo silêncio. O silêncio das almas a meditar profundamente sobre o tema apresentado pelo fazendeiro. Então, ele falou:

— Só Deus sabe a resposta — o silêncio continuou. Quando eu falo de Luciano, vejo um jovem caminhando no seu destino: alegre, trabalhador, um vaqueiro que desbravava o campo a comboiar o gado. É essa a imagem que eu tenho dele: amigo, um pai de família exemplar que amava a sua esposa, amava o seu filho querido e que nos cativou. Por uma infelicidade da vida, tropeçou na morte, vitimado por um assassino louco. O caixão vai chegar lacrado, porque ninguém precisa vê-lo como está: vestido de roupas simples, perfurado, sangrando e desfigurado da sua jovialidade. Não é essa imagem que eu quero levar do meu amigo. A imagem que eu vou levar na memória, em toda a minha existência, é a do Luciano disposto, humilde como se deve ser na vida, e feliz. Dona Marta tem outras imagens memoráveis para levar de recordação, citarei apenas duas: as do casamento e as da alegria do marido no nascimento do seu filho. Dona Etelvina e o senhor Antenor também têm fixadas na memória diversas imagens do menino. Portanto, eu peço encarecidamente a vosmecês: não abram o caixão. Vamos levar na memória o Luciano alegre e feliz que nós aprendemos a gostar e respeitar como homem.

O silêncio continuou até ser quebrado pelas palmas puxadas por Antenor, o mestre coureiro, o dono da casa. Daí em diante, todos bateram palmas e elogiaram as palavras sensatas do fazendeiro, que

saiu da casa emocionado, mas com a aprovação da viúva de que jamais, em tempo algum, o caixão seria aberto. Assim foi feito.

Quando a carroça chegou trazendo o caixão, vários homens o transportaram para a sala e o colocaram em cima da mesa cumprida de trabalho do mestre coureiro. A mesma mesa que, há um tempo atrás, serviu de amparo para Marta, quando ela chegou ferida e foi prontamente atendida pela mestra curandeira Etelvina.

Num impulso incontrolável, Marta se lançou sobre o caixão e chorou alto, um choro de desespero. Parecia que a sua alma estava sendo extirpada à força do corpo, fazendo-a sentir todas as dores do mundo.

Naquele momento, um filme com todas as aventuras da sua vida passava em sua mente. As cenas terminavam evidentemente na morte de Luciano, mas o enredo da vida era encantador: a paixão e o amor os conduziram para a felicidade, mesmo em tão pouco tempo de permanência juntos. E o resultado de toda essa paixão e do amor estava representado vivamente no nascimento do filho querido de nome João Pedro.

O choro convulsivo de Marta transtornava a todos. Dona Etelvina agarrou-se a Marta e também caiu em prantos. Chorava com o sentimento de uma mãe quando perde um filho. Na verdade, havia uma razão naquele sentimento. Desde o primeiro momento em que Luciano e Marta chegaram à sua casa, carregando uma história de amor, foram, de imediato, adotados como filhos. E foi difícil para o senhor Antenor desgrudá-las.

Já passava das oito da noite, quando o velório foi iniciado. O caixão, ladeado de flores do campo, estava em cima da uma mesa localizada no centro da sala. Quatro velas acesas — uma à cabeça, outra aos pés, e uma de cada lado, à altura dos braços — cumpriam a sua missão, segundo os preceitos religiosos, de conduzir a alma da criatura ao Criador.

A vigília fúnebre, chamada sentinela, foi conduzida por um grupo de mulheres ligadas à Igreja — as Filhas de Maria —, cantando hinos religiosos, além de benditos e rezas. As rezadeiras iniciaram o canto das excelências — ou “incelências” - a partir da meia noite, quando tudo está excelente: a condição de tranquilidade da calada da noite se fez presente para se entoarem os cânticos fúnebres.

As incelências cumprem a função de ser um ritual de passagem: entregar a alma do defunto aos cuidados dos anjos e santos. Cantam sempre doze excelências, número dos apóstolos. No decorrer da noite, vários versos foram cantados em atendimento à crença de que o defunto enterrado sem ter sido cantadas para ele as “doze incelências”, não terá salvação. Conta o costume que as excelências são cantadas ao pé do morto, enquanto os benditos são cantados à sua cabeça:

*Uma incelência eu vou cantar.
Senhora das Dores, rogai por nós,
Rogai, rogai, rogai por nós.
Duas incelência eu vou cantar.
Senhora das Dores, rogai por nós,
Rogai, rogai, rogai por nós.*

Cantam outra:

*Uma incelência,
Minha Virgem da Vitória,
Despeça dessa alma, que ela hoje vai s'imbora:
Ela hoje vai s'imbora,
Vai com dor no coração:
Despeça de seu povo e diga adeus a seus irimãos.
Despeça de seu povo e diga adeus a seus irimãos.*

E mais outra:

*Uma incelência de Nossa Senhora
Pega essa alma e entrega na glória
É de levar, é de levar
Esse presente pra Nossa Senhora
Duas incelência de Nossa Senhora
Pega essa alma e entrega na glória...*

Há também a incelência da hora:

*Já é uma hora que os anjos vieram te ver
E ele vai, e ele vai também com você
Já são duas horas que os anjos vieram te ver
E ele vai, e ele vai também com você*

E o canto prossegue, na sequência das horas. Ele não pode ser interrompido nem quebrado, e é cantado em ordem crescente.

Na sentinela, havia ainda algumas mulheres carpideiras que tinham como profissão chorar pelos mortos. Todo o rito foi organizado por dona Etelvina, católica fervorosa, ligada às Filhas de Maria e ao grupo de mulheres rezadeiras.

Do lado de fora da casa, principalmente na varanda, os homens “bebiam o morto”. O senhor Antenor, filho de escravos de origem angolana, sabia muito bem o que era beber o defunto. O costume espalhado no sertão é de origem africana e teve início nos antigos rituais de morte, nos quais os parentes e amigos faziam uma refeição comunitária e tomavam o tradicional marufo — bebida alcoólica feita a partir do fermentado de seiva da palmeira.

Na falta do marufo, os homens bebiam cachaça de litro. Aliás, cachaça de litro é uma expressão para as cachaças de baixa qualidade, motivo pelo qual dizia-se que “tal sujeito era mais forte que cachaça de litro!”. Não era o caso da cachaça servida pelo velho artesão. A de lá era de boa qualidade, suave e com cheiro de cana caiana.

Dona Etelvina, com toda agilidade e precisão que Deus lhe deu, desdobrava-se na cozinha, com mais três amigas, nos afazeres de preparo de bolos, pães, queijos, cuscuz de milho ralado e café.

Nesse meio tempo, Marta apareceu na sala, já vestida em uma roupa preta, emprestada de uma viúva, com um véu da mesma cor cobrindo a cabeça, e velava o marido. Mesmo abatida pela tristeza, continuava uma moça linda. Era jovem demais para conhecer o rito da sentinela. Nunca em sua vida participou de uma. Ali, sentada ao lado do caixão, achava o ritual estranho; os cânticos carregados de lamentos, mas, ao mesmo tempo, considerava tudo muito boni-

to para ajudar na passagem de Luciano. As rezas lhe confortavam a alma e lhe abrandavam a dor do coração saudoso. Às vezes, tinha a impressão nítida de que alguém lhe confortava naquele suplício. Esse alguém era Luciano, com certeza, que, em várias ocasiões, jurou amor eterno, salientando que, mesmo depois de sua morte, jamais a abandonaria. Ela ainda chorava muito, porém, cada vez mais, tinha a certeza de que o seu amor eterno estava ali em espírito, ao seu lado, e que, a partir daquele momento, seria o guardião invisível dela e do seu filho. Era jovem e bonita. E, diante do caixão, que selava o corpo do marido, fez uma promessa de que jamais se uniria a outro homem. Estava de luto e decidida a ficar assim por muito tempo. De vez em quando, se levantava e ia amamentar o filho, que estava sob os cuidados das jovens, cujas mães faziam parte do grupo das rezadeiras.

A sentinela se arrastou noite adentro. Foi uma noite comprida e triste. No domingo, quando o dia amanheceu, a cidade foi acordada com o badalar retumbante dos sinos da igreja anunciando a morte de um fiel. Aos poucos, as pessoas iam chegando à casa do velho coureiro, principalmente os homens que iriam carregar o caixão, num esforço de revezamento, até o cemitério, já que os que passaram a noite na vigília estavam, em sua maioria, embriagados, sem as mínimas condições de carregarem o defunto. Seria assim, nesse avexame, caso o coronel Josias não tivesse enviado uma carroça.

Quando o padre Antero chegou, por volta das sete horas da manhã, foi chamado por dona Etelvina para tomar café e, em seguida, iniciou a missa fúnebre, que é um ato litúrgico supremo relativo ao defunto: recomenda o amor e a misericórdia de Deus, pede perdão pelos pecados e conforta a família e os amigos.

Assim que o padre terminou a missa, novas rezadeiras entoaram o aviso da saída do corpo. Cantaram os versos em ordem crescente:

Os carregadores já chegaram, esta alma já vai s'imbora.

Uma incelência da Virgem Senhora da Boa Hora!

Uma incelência da Virgem Senhora da Boa Hora...

Os carregadores já chegaram, esta alma já vai s'imbora.

Duas incelências da Virgem Senhora da Boa Hora!

*Duas incelências da Virgem Senhora da Boa Hora...
Os carregadores já chegaram, esta alma vai s'imbora.
Sete incelências da Virgem, Senhora da Boa hora!
Oito incelências da Virgem, Senhora da Boa hora...*

Encostados no caixão, Marta, dona Etelvina e seu Antenor iniciaram o procedimento de despedida. Todos ouviram com atenção o que Marta falou:

— Vá com Deus, meu amado, meu marido, meu amigo e companheiro. Vá com Deus, e que Nossa Senhora Imaculada Conceição, a nossa santa de devoção, te receba no céu e lhe conceda a paz espiritual. Que te tome como filho amado e te coloque no caminho da redenção. Que sua alma siga radiante, sabedora de que, aqui na Terra, no pouco tempo de vida que tivemos, nós te amamos com toda paixão. Você gerou em mim um filho lindo, abençoado com as graças de Deus. Espere por mim no além, junto a Jesus, porque, em breve, estaremos juntos vivendo o nosso amor na eternidade.

Dona Etelvina, emocionada, disse:

— Vá em paz, meu menino Luciano, filho meu. Tenho certeza de que a nossa divina padroeira está iluminando os seus passos, te guiando nesta hora da sua passagem. Confie nela. Nós daqui, do outro lado, estamos lhe recomendando a Deus e a Nossa Senhora como um filho bom e querido. Que sua alma seja recebida com a luz do Espírito Santo.

O senhor Antenor não poderia deixar de se despedir do amigo Luciano:

— Perdi um amigo, um filho amado. Mas não perdi pro mundo. Perdi pra Deus. Luciano veio ao mundo, cumpriu a sua missão, mostrou a todos nós como é ser um homem de caráter, trabalhador. Era compreensivo, amigüeiro, e gostava de ajudar as pessoas. Todos que o conheciam gostavam desse cabra de peia, de bom coração. Vá em paz, Luciano, e que o bom Deus te receba de braços abertos e reconforte a sua alma, o seu espírito de luz.

Após as despedidas da família, quatro homens conduziram o caixão para fora da casa, dando início à penúltima etapa do ritual fúne-

bre: o enterro. A última, o sepultamento, aconteceria a meia légua de distância, no cemitério de Cruzeiro. Quando o caixão deixou a casa, foi colocado no tablado da carroça. O cortejo seguiu em direção ao cemitério localizado no alto da colina. As mulheres cantavam e rezavam. Ao cruzar as ruas de Cruzeiro, rumo ao cemitério, os sinos da Igreja Matriz badalavam o toque da despedida.

Da casa, só o senhor Antenor foi para o sepultamento. Marta, coitada, já não tinha forças para nada, a não ser para cuidar do filho e protegê-lo da vingança de Ubaldino. Essa era a sua grande preocupação do momento. Dona Etelvina ficou cuidando da casa, auxiliada por amigas da vizinhança. Depois de tudo arrumado e comida feita, a casa foi fechada para o descanso merecido da família. Afinal de contas, a sentinela foi muito cansativa para os familiares do morto.

A DESPEDIDA

A vida me ensinou a dizer adeus às pessoas que amo,
sem tirá-las do meu coração.

Charles Chaplin

QUANDO O SENHOR ANTENOR CHEGOU EM CASA, todos dormiam, e ele foi direto para cama fazer o mesmo. Dormiram até à tarde, quando foram acordados com a chegada do filho do mestre coureiro, de nome João. Visivelmente abatido e cansado da viagem, numa demonstração de carinho, abraçou Marta, expressou os sentimentos de pesar pela morte de Luciano e lamentou não ter chegado a tempo de participar do velório. Marta agradeceu e, aproveitando que todos estavam reunidos, externou com veemência sua indignação com a vingança de Ubaldino, ressaltando a sua vontade de ir embora:

— Ele não vai descansar enquanto não me ver morta. Esse homem é um doido. É o demônio. E, se ele souber que eu tive um filho com Luciano, pobre do meu menino! Não posso mais ficar aqui! — chorou.

— Tenha calma, minha filha! Luciano morreu por uma infelicidade. Mas tenho certeza de que o condenado não escapou. A essa altura, ele já deve estar nos quintos dos infernos. Eu estava lá. Eu vi o desgraçado sangrar e se arriar no chão. Estava mais morto do que vivo, quando foi arrastado e levado pelos jagunços que o acompanhavam.

— Sei não, seu Antenor. Aquele lá é um tihoso. Mas eu preciso proteger o meu filho. Se o danado não morreu, tenho certeza de que ele vem no rastro, vai bater aqui, e o que será de nós? Eu não posso provocar a infelicidade de vocês. Se eu ficar, estarei decretando a morte de todos. E isso jamais vai acontecer. Nós já conversamos sobre isso, não é verdade?

Dona Etelvina falou:

— Calma, filha. É verdade. Nós não temos condições de te proteger e a seu filho. Saiba que morreremos com vocês. Mas, do que vai adiantar tanto sacrifício? Morreremos por nada. Só para satisfazer a sanha assassina do miserável? Não vale a pena. A vida é pra ser vivida, e o menino precisa de uma mãe para ajudá-lo a crescer e ter uma família.

— Mas, Etelvina! — disse seu Antenor, surpreso.

— É isso que você ouviu, meu véio. Marta sabe que o nosso amor por ela não acabou com a morte de Luciano. Ela sabe que pode ficar com a gente o tempo que ela quiser. Mas a menina está certa: tem que ir embora.

— Meu Deus! Que vida! — Marta exclamou, com os olhos em lágrimas. Em um só dia, estou perdendo as pessoas que eu aprendi a amar com tanta intensidade. O meu coração tá em tempo de sair pela boca de tanta aflição e tristeza.

— É melhor a gente parar com essa prosa. Amanhã, com mais calma, a gente volta a conversar — ponderou o senhor Antenor.

— Eu estou muito nervosa, mas queria o apoio de vosmecês nessa minha decisão. E tem que ser agora.

— Se é do seu gosto, é justo.

— É, senhor Antenor. O senhor sabe: enquanto Luciano estava vivo, sempre teve a preocupação de morar em um lugar bem distante. O seu sonho era ter a sua terra, uma casinha, negociar com gado e criar a família do jeito que Deus consentisse. Não é verdade?

Todos disseram sim.

— Pois bem, o senhor, várias vezes, viajou com a gente atrás de uma terra, como o padre diz...

— A terra prometida — completou dona Etelvina.

— Isso mesmo. A nossa terra prometida. E tivemos em dois lugares, Cajazeiras e Amparo. Tanto um como o outro servem de morada por uns tempos até a gente ir para o nosso lugar definitivo.

— Isso mesmo, menina. Qual a cidade que você escolhe?

— Eu prefiro Amparo, seu Antenor.

— Então será feita a sua vontade. Nessa segunda-feira, meu filho João vai levar vosmecês até Amparo. Está aqui um envelope enviado pelo fazendeiro Josias. Ele não veio pessoalmente porque está muito sentido. Mas disse pra vosmecê fazer bom uso do dinheiro.

Marta abriu o envelope e se espantou:

— Vixe, seu Antenor! É muito dinheiro.

— Luciano fez por merecer.

Todos disseram:

— Deus seja louvado!

— Bem, tudo resolvido — falou dona Etelvina.

— Depois do café, vamos arrumar tudo o que Marta tem que conduzir na viagem. Só depois disso é que a gente pensa em dormir.

— Será que eu consigo dormir? — perguntou Marta, ansiosa.

— Consegue, menina. Mas hoje eu vou dormir com você. Temos muito o que conversar.

Por volta das dez da noite, com tudo arrumado, eles foram dormir. Etelvina e Marta se encaminharam, abraçadas como mãe e filha, em direção à casa dos fundos, onde João Pedro dormia um sono sereno, quem sabe embalado pela companhia do pai em sonho, contando-lhe causos da sua vida de vaqueiro na Fazenda Umbuzeiro, a maior da região. Antenor e o seu filho João dormiram na casa, cada um em seu quarto.

A segunda-feira amanheceu anunciando um outro dia de tristeza com a despedida de Marta. Na verdade, não era uma simples despedida, mas, sim, uma outra fuga. Ela estava fugindo, às pressas, pela segunda vez na sua vida, deixando para trás todas as pessoas queridas e se aventurando no tempo à procura de um lugar seguro. Todavia, desta feita, não iria com o homem da sua vida, a sua esperança de vida, o vaqueiro Luciano. Ia sozinha e destemida a proteger o seu filho João Pedro da sanha assassina do peste Ubaldino.

O dia estava com o céu entre nuvens acinzentadas, impedindo a passagem do brilho do sol. Parecia que ia chover, mas não caía um pingo d'água e nem ventava.

— O tempo lá fora não está claro e nem escuro. Está meio preguiçoso — explicou seu Antenor.

No entanto, dentro de casa, o movimento era intenso com a preparação de Marta em ir embora de vez de Cruzeiro.

Na cozinha, Antenor falou de novo, não do tempo, como acabara de fazer, mas expressando o seu estado emocional:

— Diacho de vida! Não vai ser fácil viver sem o meu menino! — as lágrimas começaram a rolar do seu rosto.

— Não vai ser fácil pra ninguém — disse João, o seu filho mais velho, acrescentando: a gente sabe o quanto Luciano foi importante pra sua vida, neste pouco tempo em que ele viveu nesta casa, ao lado de minha mãe e de dona Marta.

— É verdade — disse dona Etelvina, também chorando.

João aproveitou a prosa para extravasar o seu sentimento:

— Eu nunca vi meu pai tão feliz, como o via ao lado de Luciano. Vocês se afeioaram, de tal maneira, que pareciam dois amigos que já se conheciam de muito tempo, tal a admiração e o respeito. Portanto, pra gente, vai sobrar apenas a saudade. Esse sentimento jamais vai ser apagado de nossas vidas.

— Tem dias que a gente dorme pensando que a vida é bandida, traiçoeira — disse dona Etelvina, e completou: porém, quando a gente acorda e vê o esplendor da natureza, temos que concordar que a vida é bonita demais da conta.

— O destino da gente está nas mãos de Deus — disse Marta.

Há uma crença em Cruzeiro que diz que o homem já nasce com o destino traçado. Há um ponto de partida, o nascimento e um ponto final acentuado na morte.

As escolhas e as decisões regidas pelo livre arbítrio de cada um podem até gerar atalhos no caminho, mas não são capazes de mudar o destino final. O destino de Luciano acabou num sábado, por volta das dez horas da manhã, em um duelo mortal, em plena feira. O de Marta estava em curso, assim como o de João Pedro. Quando chegariam ao final, ninguém sabia.

A charrete de toldo de couro preto, puxada pelo cavalo de Marta,

já estava estacionada no lado de fora da casa, pronta, ao seu dispor. A pedido do pai, João seria o charreteiro a conduzir Marta até a cidade de Amparo. Inclusive, o seu cavalo já estava amarrado atrás da charrete, bem ao lado do cavalo de Luciano. Um dia de viagem separava a menina Marta da sua nova vida.

Há despedida na morte e há despedida na vida. Na morte, Marta já sabia que a despedida representava a perda eterna do seu amado. E o nunca mais vê-lo significava carregar por muito tempo a dor na alma, a agonia no corpo, a tristeza sem fim e o sofrimento.

Quando saiu de casa, no meio da noite, numa fuga desesperada com o seu amor, não havia motivo para despedida. Nem uma carta ou até mesmo um bilhete foram escritos.

A despedida, na vida, ela estava conhecendo agora. Ali, na frente da casa que a abrigou por um bom tempo. Com o filho no colo, foi enlaçada pelos braços de seu Antenor e dona Etelvina num abraço fraterno. Foi emocionante. Não houve choro, mesmo porque não havia mais lágrima pra chorar, e tudo já tinha sido dito. Ficaram num silêncio de paz. Com certeza, o casal estava rezando, pedindo a Deus proteção para Marta seguir o seu rumo de acordo com a vontade divina. Já Marta, tirava do silêncio a reflexão de que a vida tem que ser vivida intensamente e não desistir nunca. Relevar quando o dissabor da tormenta aflora no tempo, provocando dor e sofrimento, e compreender que tudo faz parte dos desígnios de Deus.

Portanto, ali nos braços acolhedores dos amigos, Marta tomou consciência de que a sua decisão de partir era, de fato, acertada, porque uma etapa da sua vida havia sido completada em Cruzeiro, e um novo ciclo se abriu. Agora, cabia, mais do nunca, a ela seguir em frente com fé e determinação, porque tinha um filho pra criar e a esperança de encontrar, nesse mundo de Deus, um lugar ideal para reconstruir a sua vida. Um lugar que fosse, de verdade, o seu porto seguro.

A cena a seguir tornou-se inusitada com a presença de um beija-flor revoando sem parar sobre eles, até que João Pedro esticou a mão para pegá-lo. Dessa feita, o passarinho pousou suavemente em seu braço, e o menino riu de alegria. Seu Antenor, que assistia impassível à cena, disse baixinho:

— Os beija-flores têm lugar especial na natureza. Eles sempre trazem sorte e alegria. Dizem que, se algum entrar em sua casa, é como se estivesse recebendo uma visita celestial. O beija-flor traz consigo muita sorte.

— É ele! Com certeza é Luciano. Ele veio ver o filho — falou com veemência.

— Filho, é o seu pai — Marta falou baixinho, no ouvido de João Pedro.

O menino, ainda rindo, esticou a outra mão. Sua intenção era ter o passarinho nas mãos, acariciá-lo, como o filho que gosta de brincar com o pai. Mas não conseguiu. O beija-flor se movimentava rápido de um lado para outro em seu braço e, de quando em vez, parava no ar, levantava o bico e dirigia o olhar para os olhos da criança, como querendo dizer alguma coisa. Como um recado: “Estarei sempre com você”. Quem sabe, um pedido: “Cuide da sua mãe”. Ou, talvez, uma declaração: “Filho, eu te amo”.

Depois ele voou e só reapareceu por alguns instantes, quando a charrete já estava em movimento a caminho de Amparo. Voava rápido, praticamente ao lado de Marta. Ao notá-lo, ela beijou a face do filho, levantou a mão direita aberta e soprou o beijo em direção do passarinho, externando o seu sentimento:

— Eu te amo, Luciano.

O ANUNCIADO

Ou você tem uma estratégia própria,
ou então você é parte da estratégia de alguém.

Alvin Toffler

ANOS DEPOIS, EM MEADOS DE DEZEMBRO, o povoado de Alecrim, incrustado no sertão, começava a sentir os efeitos da estação do verão. Os dias estavam ficando mais longos que as noites, com um calor abrasante, além da ausência de chuvas. Nessa época do ano, o povo já sabia que a seca estava por vir e os seus efeitos iriam provocar sofrimento nas terras onde a escassez de água era predominante. O povo da roça padece na agonia de ver toda a plantação se acabar, os animais morrerem esticados no chão seco, e a miséria, muitas vezes, arrastar, na sua força desumana, grande parte do sertanejo para a condição de retirante flagelado. Rezar por um ano chuvoso é a única salvação, mas nem sempre as súplicas são atendidas.

As estações seguem o curso dominante da natureza. São quatro irmãs, mas cada uma tem a sua própria característica, resumida no que o povo chama de sina. Assim como os humanos, cada qual carrega a própria sina. A única diferença é que elas não têm o livre arbítrio, condição dada por Deus somente aos seus semelhantes. Em compensação, o Criador lhes deu a eternidade.

Pois bem! Num final de uma tarde de verão, um homem magro, moreno, jovem ainda, estava parado numa encruzilhada que uma perna da estrada levava para a sua pequena fazenda. Usava um chapéu de palha na cabeça para se proteger do sol e fumava um cigarro de palha, deixando a fumaça escapar no vento que soprava lento, preguiçoso. Parecia estar leso ao variar do tempo, mas, na verdade, estava acompanhando, à distância, o movimento de um visitante que vinha a cavalo em sua direção e, cada vez mais, se aproximava. Quando ele chegou, foi logo cumprimentado.

— Boa tarde, moço. O que faz o homem a esta hora, nesta estrada?

— Boa tarde, meu senhor. Sabe que minha vista não estava enxergando tu.

— É que o amigo parece vir de muito longe e, com esse sol do nosso sertão, a vista fica cansada.

— Isso mesmo. Mas como soube que eu vinha de longe?

— Repare não. É que o amigo, vestido desse jeito, com chapéu e gibão de couro, mais parecendo um vaqueiro, é um tipo que não tem por aqui. Pra ser sincero, moço, os meus olhos nunca viram uma pessoa vestida desse jeito. Minha mãe é que dizia que homem com esse traje, ou é vaqueiro, ou é peão do mato, que trabalha com o ofício de matar por encomenda.

O homem desmontou do cavalo e respondeu:

— O amigo acertou novamente. Por acaso, vosmecê é adivinho, daqueles que fazem pacto com o cão? — só o mais novo cuspiu no chão. Eu era bem dotado, filho de fazendeiro. Reneguei esse viver. Hoje sou peão do mato, como o senhor chamou, ou qualquer nome que queiram dar. Adotei essa roupa de vaqueiro pro modo me lembrar do comprimento da minha sina. Carrego muitos crimes, mais de 20, nas pelejas da vida e da morte. Até agora escapei de todas as contendas. Sou um errante nesse mundão, vivo acoitado por coronés mandantes dos crimes e tô vivo para andar atrás do meu destino.

— Vejo que o amigo está sentido.

— E não haveria de estar? É ódio que pulsa nas minhas veias e me faz seguir em frente. É ódio dos grandes. Daqueles que vêm da alma. Só de pensar, tenho ânsia.

— É! A vida é cheia de ciência, a natureza do homem, a morte...

— Dessa peste ninguém tá livre. Faço gosto do meu serviço de matador.

— O amigo tem certeza de que eu não estou na sua lista?

— De jeito nenhum, não se assuste. Minha andada pelo mato até chegar a esta estrada era à procura de informação. Foi bom ter topado com vosmecê aqui parado neste lugar. É, eu estou mesmo em

uma encruzilhada. Mas, como eu ia dizendo, quero saber o que há naquela direção por trás do sítio.

– Sei não. Mas dizem que não leva a lugar nenhum. Eu mesmo, nunca estive por lá.

– O amigo, pelo menos, pode me dizer se pra lá — apontando para o Oeste — tem algum arruado?

– Tem, mas é muito longe.

– E aquele outro lado? — apontou para o Leste.

– Sei, sim.

– E aí em frente, mora gente?

– Mora, sim. Mais na frente tem um arruado.

– É perto?

– Sim. Pelo que o amigo tem caminhado, é perto. Eu moro num sítio logo ali na frente — aponta a direção.

– Vosmecê tem casa, tem mulher e filhos?

– Sim. Tenho mulher, um menino e duas meninas.

– Vejo que o amigo sabe vadiar — disse, em meio a risos.

– É o calor da terra. Aqui até as galinhas são quentes, imagine as mulheres.

– O amigo não leve a mal, mas vou fazer outra pergunta: a que distância fica o arruado?

– Daqui pra lá, dá umas duas léguas.

– É longe.

– É longe, e o dia já está para anoitecer.

– É verdade.

– Mais à frente, fica o povoado de Alecrim. De lá, a estrada vai dar em Montes Claros. De Alecrim até lá é um esticão. Montes Claros é uma cidade grande. Tive uma vez lá, levado por minha mãe para ir ao médico. A gente morava em outro lugar. Naquele tempo, estava dando uma gripe que matava as pessoas. Parecia uma peste. Todo

dia morriam mais de dez. Até o coveiro morreu. Foi preciso tirar os presos da cadeia, para que eles fossem cavar as covas pro modo enterrar os defuntos.

— E vosmecê, amigo?

— Eu tinha cinco anos e já estava metido naquele tempo pestilento.

— Ouvi falar da peste. Tempo de apoquentação.

— Pois foi assim. Fiquei numa casa que servia de hospital, jogado num canto, e o doutor nunca apareceu pra me olhar. Minha mãe ia atrás dele, implorava, chorava, mas ele não vinha. O cabra tinha um coração duro. Minha mãe dormiu comigo naquela noite. A febre era tão grande, que eu pensava que ia quebrar os ossos. Toda hora, ela botava um pano frio na minha testa.

— Vejo que o amigo sofreu.

— Sofri, mas, no outro dia, por obra e graça do Nosso Senhor Jesus Cristo — tirou o chapéu da cabeça —, melhorei de repente. Minha mãe foi novamente à procura do doutor pra dizer da novidade. Ele nem ligou. Disse que a doença não tinha cura e que era melhor ela ir embora e que me levasse junto, pra eu morrer em casa.

— E o senhor veio?

— Vim, sim. Não tinha outro jeito. Vim, deitado no chão de madeira da carroça, com minha mãe rezando pra Nosso Senhor, Virgem Maria e todos os santos. Em casa, quanto mais mãe rezava, mas eu ia melhorando, até que, um dia, levantei da cama e fui brincar. Nesse dia, minha mãe chorou de emoção, foi acender mais uma vela diante do santuário e começou a rezadeira de agradecimento.

— Sua mãe é uma mulher de coragem, uma mulher de fé.

— É, sim, senhor. Ela dizia que eu era o único bem da vida dela.

— É viva?

— Não, senhor. Morreu nova, de desgosto do mundo.

— Que Deus a tenha! — tirou o chapéu da cabeça.

— É! Que Deus a tenha! — também tirou o chapéu da cabeça.

– A prosa tá boa, mas já vou e tenho que seguir estrada acima. Seguir o meu destino, cumprir a minha sentença. O amigo fique em paz e inté.

– Inté. Mas pra onde o amigo vai, sem rancho, sem nada?

– Ainda é cedo. Além do mais, tô acostumado a dormir no mato, olhando as estrelas, mas, com um olho fechado e outro aberto, na vigia.

– Vá não! Vosmecê pode se arranchar lá em casa até amanhã. É aqui perto. Logo cedo, o amigo pode seguir sua viagem em busca do seu destino, seja ele qual for, de vida ou de morte.

– Aceito de bom grado.

Assim, tomaram rumo da estrada de carroça que levava à fazenda e seguiram caminhando e proseando, com o forasteiro segurando as rédeas do cavalo.

Quando se entrava nas terras do jovem fazendeiro João Pedro, via-se logo ser um lugar bonito e bem arrumado: a casa grande, branca e avarandada, construída no alto plano da Fazenda Dois Corações, destacava-se no que se podia dizer na paisagem arborizada, diante da quantidade de árvores e plantas. A casa estava virada para a nascente, tendo portas e janelas na cor azul e rodeadas de colunas para suportar o peso do telhado, um pouco caído para frente, e uma larga calçada, que a abraçava em toda a sua extensão. A fachada tinha uma porta de madeira trabalhada e um janelão. Na varanda, um banco de madeira de oito lugares, que servia de pouso para a família e era bastante disputado nas noites da lua dourada, a brilhante lua cheia. Na lateral da casa, tinha outro banco de madeira, reservado para as crianças. O seu interior dispunha de salas e vários quartos, uma ampla cozinha e o quarto dos santos, com destaque para a imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição, a santa de devoção da família. A casa mostrava o bom gosto no acabamento e na decoração.

Ao fundo, via-se uma outra casa menor, mas também avarandada, e mais duas construções: um galpão e um depósito, além de um curral com inúmeras vacas leiteiras.

Era da produção do leite que a família fabricava o queijo e a manteiga comercializados na feira de Alecrim.

Ali do alto, da Fazenda Dois Corações, ao se descortinar o horizonte, tinha-se uma visão exuberante e de rara beleza: um grande lago mais abaixo, um extenso capinzal verde, um pasto imenso para a criação de gado, áreas definidas de plantações sazonais, além de espaços reservados para a cultura de hortaliças, verduras e plantas medicinais.

Tudo era bem definido e organizado, feito com capricho pela mão do Criador. O vaqueiro estava surpreso pela bela visão à sua frente e exclamou:

— Belas terras!

— É, são bonitas. Mas deu muito trabalho pra ficar desse jeito.

— Imagino. Mas o resultado compensou o trabalho.

Na varanda, em frente à casa, eles foram recebidos por uma menina bonita e educada, chamada Rita.

— Bença, pai.

— Deus lhe faça feliz, milha filha. Cadê os outros?

— Estão na sala, meu pai.

— Chame a sua mãe e todo mundo, que eu vou apresentar aqui o amigo. Como é mesmo o nome do amigo?

— Ubaldino, seu criado.

Rita estremeceu o corpo, dando sinal de nervosismo, e saiu apressada para chamar a família. No meio da casa, gritou:

— Mãe! Mãe!

— O meu nome é João Pedro. Como já disse, sou dono desse chão.

— Bonita casa. Toda avarandada. Deve ser ventilada.

— Acertou. É muito ventilada. Aqui na frente, coloquei esse banco de madeira. Em noite de lua, como hoje, a família vem pra cá, pro mode prosear até altas horas.

Nesse momento, Rita chegou, pálida, à sala, demonstrando estar assustada, e disse:

— Mãe! Mãe! O pai chegou com um homem chamado Ubaldino e quer a nossa presença lá fora.

Nessa hora, numa reação em cadeia, todos fizeram o sinal da cruz.

Então, a mãe, chamada Mariana, tentando disfarçar o nervosismo, arrematou:

– Vamos lá, gente. O pai tá chamando. Não vamos fazer ele esperar.

Não foi só Rita que demonstrou nervosismo com o anúncio do nome do visitante. Todos da família estavam visivelmente abalados, mas, mesmo assim, cumpriram a ordem do pai. Assim que chegaram na varanda, ficaram imóveis e em silêncio, à espera do que o pai tinha a dizer.

– Ubaldino, quero mostrar minha família. A começar por minha mulher aqui, Mariana. Com a graça de Deus, me deu três filhos.

Em seguida, sai apontando para os filhos, dizendo o nome e a idade de cada um.

– Essa é Rita, tem doze anos; o menino Davi, nove anos; e a caçula Rosinha, tem cinco anos. Este moço aqui é meu amigo, José, tem vinte anos. É ele que me ajuda no trabalho da terra.

E completou:

– Zé, por favor, leve o cavalo do amigo para o celeiro.

– Não precisa. Amanhã cedo, eu vou embora. Não quero incomodar ninguém. Vou tirar a cela e os arreios. Mas o animal vai ficar amarrado naquele pé de mangueira. Pode ser?

– Tá de gosto. Zé, traga capim novo e bote no pé da mangueira, para o animal comer.

– Obrigado.

– De nada.

– O senhor tem uma bonita família, benza Deus – tirou o chapéu.

– Benza Deus – também tira o chapéu.

– Mulher, prepare um café reforçado, que hoje temos visita.

Mariana deixou a varanda e voltou para dentro de casa com os filhos. Então, os dois se sentaram no banco e começaram a conversar. João Pedro fez uma pergunta:

— O amigo não quer dormir na sala? Tem muito espaço.

— Não quero incomodar a família do amigo. Agradeço a hospitalidade, mas prefiro dormir no terreno em frente à casa. Faço uma fogueirinha, estendo o cobertor e durmo vendo as estrelas. Sei que, por essas bandas, não chove tão cedo.

— É verdade. A seca é uma miséria, meu senhor. Mata tudo. A minha sorte é que, ali na baixada, tem um minadouro que não seca nem com o verão brabo. Ele formou um riacho que, nesse tempo, corre fraquinho, parecendo que vai morrer, mas não morre. É nossa salvação, porque a água de rio está muito longe daqui.

— Sorte sua, amigo, e da sua família.

— Pois é! Caso não tivesse esse minadouro aqui, a gente já tinha virado retirante, vagando de terra em terra, atrás de um destino.

— É uma miséria dos diabos. É triste ver os animais morrendo, a cada dia, sem a gente poder fazer nada. O homem também, a cada dia, morre um pouco. A tristeza é tão grande e tão profunda, que o homem nascido por Deus vai virando bicho, ficando bruto, perdendo a vergonha de ser pedinte, enquanto outros têm de tudo e do bem bom. É triste, mas não podia ser assim. Mas assim seja!

— Assim seja!

Sem pressa, conversaram animadamente sobre vários assuntos, do que se pode chamar de amenidades, até o momento em que Mariana apareceu para avisar que a comida estava na mesa.

Então, João Pedro comentou:

— Sei que ainda é cedo pra comer. O tempo caminha para as quatro horas, por aí. Porém o amigo deve estar com fome. Então, nada melhor do que comer e descansar.

— É verdade.

Os dois se dirigiram para a sala, enquanto a família aguardava a ordem de que podiam comer.

— Vamos lá, senta aí nessa cadeira — disse João Pedro. Seu Ubaldino, sintase em casa.

Na mesa comprida, para caber toda a família, o dono da casa sentou-se à cabeceira. À sua esquerda, Ubaldino; à sua direita, Mariana. Os outros iam tomando os seus lugares para a ceia. Mariana tinha preparado cuscuz de milho ralado, ovos estalados, carne assada, batata doce, café, leite e bolo de macaxeira. Rosinha interrompeu o silêncio à mesa com uma pergunta:

– Vosmecê é peão do mato?

Todos olharam para Rosinha que, neste momento, recebeu um beliscão na coxa, dado pela mãe, que estava ao seu lado. O pai olhou firme para a filha e disparou:

– Quem te deu essa liberdade de querer fuçar a vida do moço? Trate de sair da mesa agora!

– Por favor, amigo, peço que não leve em consideração a pergunta da menina. Afinal, ela não fez por mal. O senhor há de permitir que eu diga a menina quem eu sou. Rosinha, durante muito tempo, eu fui um homem de Deus. Mas o destino mudou minha vida e hoje sou um pecador, mas luto para me regenerar. Um dia, desculpe, quando o demo me largar – todos fizeram o sinal da cruz –, eu espero ajeitar minha vida e, quem sabe, ter até uma família como esta.

– Que assim seja – disse Rosinha, com a voz trêmula de medo.

– Vamos comer sem mais aperreio – ordenou João Pedro. Sirva-se à vontade, amigo.

A ceia terminou sem mais comentários. Os dois deixaram a mesa e se dirigiram para a varanda. O dono da casa chamou o convidado para sentar no banco, e os dois voltaram a conversar.

– Amigo Ubaldino, a vida tem suas vantagens e desvantagens. A vantagem é a gente cumprir nossa sina direitinho e, no final, encontrar a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo – tirou o chapéu da cabeça e o repôs em seguida. Minha sina é ter essa terrinha para sustentar a minha família, até o dia que o Divino quiser. A desvantagem é sair do caminho, perder o rumo. O homem fica desorientado, feito doido, sem encontrar uma saída. Não é de gosto perder a noção do mundo e dos mandamentos de Deus, e, a cada dia, se tornar mais pecador.

Ubaldino ouviu calado e, depois de alguns segundos, disse:

— Eu sou descrente deste mundo. Não acredito nos homens e nem nos santos. Já vi muita traição nesse mundo de meu Deus, moço, e muita morte também.

— Mas o amigo não pensa em se estabelecer? Fincar uma estaca num chão só seu?

— Não me sobra uma opção por uma terra em que eu possa plantar e colher. Nunca terei uma terra em que brote vida, porque esta terra já tem dono. O que vai sobrar pra mim é esse chão estéril, sem vida. Odeio essa terra árida que faz do homem um pedinte, escravo dos poderosos. Odeio, cuspo nela. Tenho a certeza de que, um dia, serei arrastado pra sepultura, mas, em compensação, deixarei pra ela o gosto e o cheiro da minha carne podre.

— É verdade, vamos todos pra debaixo do chão. Uns mais cedo, outros mais tarde, mas desta sina ninguém escapa. O amigo é servido de um cigarro de palha?

— Aceito.

Passaram a fumar calmamente, de olho na beleza do céu limpo, sem nuvens, com a promessa de uma noite de lua cheia a esbanjar claridade. Dentro de casa, havia um certo alvoroço com Mariana, assustada com a presença indesejável do estranho visitante.

— Ô, meu Deus, não aguento ver o maldito dentro da minha casa! Vamos fazer um pacto de passar a noite em claro, na tocaia, de olho vivo nos movimentos desse peste.

— Zé, saia pelos fundos e vá ligeiro na casa de seu Nicanor pedir ajuda. Conte o que está acontecendo aqui e peça pra ele mandar os dois filhos, armados com arma de fogo. Vá. É urgente.

Zé disparou a correr e, meia hora depois, voltou com os dois filhos de seu Nicanor — João e Manuel. Cada um carregava nas mãos uma espingarda de dois canos.

— Vocês sabem atirar? — perguntou Mariana.

— Dona Mariana, nem é preciso.

— Como assim?

— Com essa espingarda de doze polegadas e dois canos, não precisa o cabra ser bom de tiro. Aqui é só mirar. Ai daquele que estiver na frente. É morte certa.

— Pois tomara. Pois bem. O demo vai dormir lá fora — cuspiu no chão. Haja o que houver, esse cão dos infernos não sairá com vida desta casa. Hoje é o dia da nossa vingança. Não vamos deixar, de jeito e qualidade, João Pedro morrer e, ainda mais, em nossa casa. É hoje que o demo morre.

Todos repetiram:

— É hoje que o demo morre!

Na varanda, a prosa entre os dois corria à solta.

— Vosmecê teve três filhos arrumados, bonitos. Não sente falta de mais filhos? — perguntou Ubaldino.

— Sinto não.

— E esse tal de Zé? É bom o amigo não dar confiança. Pode ser um bom empregado, mas fique sempre de olho vivo. Não é verdade?

— Veja bem. Zé é um rapaz que eu admiro, mas estou sempre de olho nele. Mas se eu só tivesse filha mulher, por exemplo, umas quatro, cinco, com idades variadas, elas seriam criadas com determinação: corajosas e sem medo de enfrentar tempo ruim.

— É bonito ver essa determinação.

— É isso mesmo. E mais bonito foi o que o amigo não viu acontecer, no ano passado, em Montes Claros.

— Alguma coisa séria?

— Foi séria mesmo.

— E como foi?

— Me alembro como se fosse hoje. Era dia da procissão em honra da padroeira, Nossa Senhora do Amparo do Amor Divino — tirou o chapéu. O amigo Zé Raimundo ajuntou as filhas e foi pra Praça da Matriz, por sinal, bem perto do bar do seu Malaquias. Ele deixou as meninas com a mãe, na sombra do oitizeiro, e foi ao bar ver os amigos e beber uma pinga. Lá estava o vereador Leônidas, filho do chefe político, o velho coronel Xavier. Quando ele ia entrando, o vere-

ador vinha saindo e deu uma trombada, de propósito, no pobre homem, que rodopiou, quase caiu. Quando ele se equilibrou, passou a mão na bainha do punhal, mas recuou.

Disse depois não saber porque não foi pra cima do político e ter picotado o miserável, de cima a baixo, pra mostrar que cabra safado da marca dele tem que respeitar um homem de família. Mas era dia de festa, ele não quis procurar confusão, recuou.

— Mas ele queria.

— Queria.

— Moço, sem querer ofender vosso amigo, comigo, esse infeliz já estaria partindo dessa pro inferno, que é o lugar dele.

— Agora vem a parte mais importante. Preste atenção. O vereador disse, na cara do meu amigo Zé Raimundo, que ele era um covarde, um frouxo, um frouxo de cama, pois não tinha tido a condição de gerar um filho homem. Foi uma desfeita das grandes. Então, só restou ao meu amigo dizer que ele que se preparasse pra vingança.

Ubalduino mostrava impaciência com a falta de ação de Zé Raimundo, que não o conhecia, mas já estava com raiva. Esfregava as mãos na calça, depois uma na outra e, por algumas vezes, passou a mão direita no cabo do imenso punhal que carregava na cintura.

João Pedro continuava falando:

— Dois dias depois, era a feira. A cidade ficava movimentada, porque recebia gente das redondezas, feirantes e mascates chegavam montados em burros carregados de bugigangas. Então, Zé chamou a mulher de nome Josefa, duas sobrinhas dela que estavam lá na sua casa e mais as meninas. Contou pra elas o caso passado no dia da procissão. Então falou que a vingança seria feita por elas, sem a sua participação. Elas toparam na hora!

— Como assim? Seu amigo ficou louco? Vai para uma contenda, deixando a briga para as mulheres?! Me desculpe, mas o seu amigo tinha que ir sozinho. Era uma contenda de homem pra homem. Desse jeito.

— Entenda. Não é caso de covardia. As mulheres é que iriam dar uma surra naquele fio de uma égua para ele aprender a respeitar um homem de família. A feira era na rua do oitão da Igreja Matriz, onde

ficava a loja de tecidos em que Leônidas trabalhava, de propriedade do seu pai, o velho coronel Xavier. Ele sentou no banco da praça com dois amigos armados, cada qual com um revólver, para caso de intervenção, e ordenou que as mulheres fossem cumprir a sentença: dar a surra no miserável. E assim foi feito. Elas já entraram na loja agarrando o desgraçado. Parecia um ataque de enxame de abelhas. O cabra se viu acuado: era dedo no olho, tapão, soco e beliscão. O ataque só acabou quando Josefa acertou um chute nos quibas...

— Ufa! — Ubaldino se contorceu e trancou os quibas com as duas mãos, protegendo o saco.

João Pedro continuou:

— O danado deu um gemido abafado, depois gritou um aaaaaai tão forte, que se escutava longe, e depois saiu correndo, de porta a fora, segurando as partes baixas em direção de casa. Quem viu, disse que ele parecia um cavalo trotando.

E, o mais importante, disse João Pedro:

— Na hora da briga, as meninas disseram que não precisavam de pai, marido ou irmão pra bater num cabra safado desrespeitador. Quando o pai dele soube do motivo da vingança, achou justo, mas também não perdoou. Naquele momento, Zé Raimundo sentiu que já estava jurado de morte. A família fugiu e nunca mais botou os pés em Montes Claros.

— Agora, sim, gostei do modo como Zé Raimundo traçou a vingança. Quer dizer — rindo muito — que as meninas caíram em cima do safado, feito um enxame de abelhas?!

— Sim, senhor, e deram uma surra pra valer.

— Muito justo.

— Muito justo.

Os dois enrolaram mais um cigarro de palha e fumaram em silêncio, meditando, quem sabe, sobre a história das mulheres valentes, quando João Pedro retomou a conversa com uma frase boba:

— Hoje é noite de lua cheia. O céu vai ficar brilhante.

A frase soou como uma afirmação de que o dono da casa estava encerrando a conversa. Pelo menos foi o que Ubaldino entendeu, pois, em seguida, abriu os braços, espreguiçou o corpo e falou:

— Tá na hora de eu me preparar para o descanso.

— Ainda é cedo pra dormir.

A pausa na conversa foi providencial. Cada qual enrolou o fumo na palha seca de milho, formaram os cigarros com calma, acenderam, quase ao mesmo tempo, deram algumas tragadas e ficaram vendo a fumaça se esvaír no vento.

Dizem que a palavra estratégia significa: astúcia, esperteza, habilidade, perícia, sagacidade e talento. Tem um sentido: alcançar um objetivo ou resultado específico, a começar pela instrução: conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo; quem pretende fazer alguma coisa, deve primeiramente preparar-se, de modo que, surgindo a ocasião, tenha condições de satisfazer suas intenções. A estratégia determina o momento e o lugar em que será travado engajamento, e as forças que dele participarão exercem uma considerável influência sobre o seu resultado; a invencibilidade está na defesa; a possibilidade de vitória, no ataque. Por fim, quanto maior for o vulto dos preparativos, menor será a probabilidade de ser obtida uma surpresa.

Coube a Ubaldino a retomada da conversa:

— É verdade. A prosa tava boa. Sabe, amigo, eu também tenho um caso de vingança pra contar. Se é do seu interesse.

— Faço gosto de saber.

— Eu vivia bem, com minha família, na Fazenda Umbuzeiro, a maior da região da cidade Palma, propriedade de meu pai, o famoso coronel Feliciano Albuquerque Alvarás. Nunca gostei dele. Achava um homem prepotente, tipo senhor da vida e da morte. Mas, depois de um certo tempo, via nele um covarde, um desgramado. Um dia, apareceu um menino chamado Luciano, pedindo trabalho em troca de comida. Meu pai acolheu o menino, que tinha dez anos, dando a ele cama e comida. Luciano foi morar no quarto de Creusa, uma mucama de estimação da família. Tinha janela, porta, era espaçoso e bem ventilado. Luciano gostava de trabalhar e, aos poucos, foi conquistando meu pai, minha família e também a mim. Ele queria ser vaqueiro e aprendeu o ofício ligeiro. O peste era inteligente e amiguelo.

— Uma amizade é sempre boa.

— Não sei. Na verdade, eu sempre achei que meu pai errou em dar abrigo àquele fedelho. Ele se destacou mais do que eu, dentro da família. Todo mundo gostava dele, até minha irmã caçula, que antes me adorava. Mas, fui relevando minha raiva, até o dia que conheci Martinha, linda de morrer. Ela tinha quinze anos. A cabocla desabrochava na flor da idade, despertando o desejo dos homens e o meu. Apesar da idade, Martinha tinha um corpo de mulher feita. Morena, rosto bonito, olhos negros. O desenho do seu corpo era a escultura do prazer.

— Uma mulher com esses dotes deveria ser realmente bonita.

— Era bonita e também carinhosa. Disse, pra mim mesmo, que ela seria minha mulher. Juntei coragem e fui falar com os pais dela para pedir permissão pra namorar. Eles não queriam, porque ela ainda era muito jovem. Mas, em seguida, meus pais foram lá, conversaram, e o namoro foi consentido. Era o que eu queria: casar com uma mulher rica e viver às custas das famílias, gastando o dinheiro deles. Nunca gostei de fazenda e do cheiro de esterco. Aí, a gente fez uma festa para comemorar a oficialização do namoro, e passamos a nos ver uma vez por semana. Mas, pro mode encurtar a história, na véspera do casamento, veio a desgraça.

— Se vosmecê estava feliz com a mulher da sua vida, por que a desgraça?

— É, estava, sim, até aparecer o cão do Luciano. Não sei como os dois se apaixonaram, de tal maneira que decidiram fugir. Foi um golpe terrível no meu plano. Não sei como, mas, a partir daí, ouvi um estalo na minha cabeça. Passei a ouvir vozes, e o meu corpo se encheu de ódio, o sangue ferveu, e vi minha alma indo embora, ao tempo em que as portas do inferno se abriam e me puxavam pra esse destino de matador. Odiei meus pais e fiz um pacto com o demo.

— Vixe Maria!

— Se avexe não, fio de Deus. Dois ou três dias, não lembro bem, saí alegre e satisfeito em perseguição, decidido a matar os dois. Eu e mais seis cabras acostumados a matar.

— E aí?

— Aí que nós rodamos esse sertão todinho e não encontramos os pestes. Parece que eles tinham se encantado.

— Sorte deles.

— Muita sorte. Mas, tempos depois, encontrei o danado.

— Como foi? Agora tô deveras curioso pra saber.

— Foi por acaso. Eu e mais dois homens fomos fazer uma cobrança a um político que estava devendo dinheiro a meu patrão, o coronel Armando Junqueira. O desgraçado do Luciano estava na feira e, quando eu bati os olhos nele, sabia que a hora era chegada. Ele, ao perceber minha presença, tinha um semblante da inocência, mas, diante da minha seriedade, aí ele percebeu que a minha intenção não era de paz. Então ficou sério e parou, olhando na minha cara.

— Homem de coragem!

— É verdade. Paramos a cerca de cinco metros, um olhando pro outro, em silêncio, até que eu tomei a palavra. O ódio queimava as minhas carnes, e a minha vontade era de partir pra cima dele, de punhal na mão, e sangrá-lo ali mesmo.

— Mas, primeiro, você tinha que desabafar. Botar pra fora o seu ódio, sem levar em conta o momento de felicidade que Luciano estava vivendo ao lado da mulher amada. Não seria o caso de um pedido de perdão dos dois?

— Perdoar jamais. Já tinha tomado a minha decisão. E falei alto, para todo mundo ouvir: “Você vai morrer aqui, filho da puta traidor! Como é que você fez uma coisa dessas comigo? Meu pai lhe deu abrigo, comida, te tratava como filho. E você desconsiderou tudo, acabando com minha vida. Mas, filho da puta traidor, você não merece viver!”

— E o que disse o tal de Luciano?

— Ele disse que não teve a intenção de me magoar e que lutou muito contra a paixão, porém o amor dos dois foi mais forte. Não foi possível controlar. Nada do que ele disse adiantou. Eu já tinha a minha decisão. A vizinha na minha cabeça dizia sem parar: “mate ele, mate ele, mate ele”. Naquele momento, era eu ou ele.

Naquele instante, demonstrando estar emocionado, Ubaldino se levantou do banco, virou-se para João Pedro e perguntou:

– Sabe quando o homem não tem medo de morrer?

– Não, senhor.

– É quando o ódio se instala em todo o seu corpo, gerando a obsessão, a loucura. O ódio gera uma energia ruim que faz com que o homem tenha a coragem de matar sem arrependimento. Foi dessa forma que arrastei o punhal e gritei bem alto: “cafajeste, você vai morrer na ponta do meu punhal”.

– E Luciano?

– Ele estava paralisado, mas o seu semblante era de calma, o que me dava mais raiva, porque eu queria que ele também me xingasse. Mas não. O tempo todo, ele ficou imóvel, até o momento em que eu puxei o punhal.

Ubaldino deu alguns passos para trás, procurando espaço necessário para narrar, com movimentos e gestos, como se deu o duelo:

– Ele também puxou o punhal e nós passamos a fazer a dança da morte. Nessa dança macabra da moléstia, os golpes iam se sucedendo, e o sangue escorria por todos os cantos. Eu tomava a iniciativa do combate, mas ele não arredava, lutava bravamente e tinha golpes certos penetrando meu corpo, a ponto de eu pensar que morreria ali mesmo. Mas, em um momento em que ele tropeçou, e, para não cair, estendeu a mão direita para o chão, a mão que carregava o punhal, aproveitei o vacilo e cravei o meu punhal, com toda força, na mira do coração do infeliz. Fiquei contente em vê-lo cair no chão, morto. Imediatamente meus comparsas me acudiram. Fui levado dali e tinha certeza de que morreria no caminho até a fazenda do coronel Alcântara. Mas não morri. Sou um cabra forte. Passei mais de dois meses entre a vida e a morte, mas o coronel era médico e me curou. Faço gosto de dizer: todo dia, eu acordava feliz em saber que a alma do traidor estava se estrebuchando no inferno.

João Pedro, emocionado, disse:

– Minha Nossa Senhora, arre! — ele fez o sinal da cruz três vezes.

– O coronel não gostou do que fiz, me expulsou da fazenda e tirou a proteção. Não liguei. O crime já estava feito.

– Meu Deus do Céu!

— A partir daí, virei peão do mato, matador de sangue frio. Nunca perdi uma encomenda. E olhe, moço, foram muitas.

— Deveras é uma história sinistra. Mas, amigo, vou buscar uma moringa d'água. A prosa tá boa, e a água vai molhar a garganta seca. Volto já.

— Se avexe não, eu ainda vou fumar outro cigarro.

Ao retornar com a moringa e um copo, João Pedro ofereceu água ao visitante, que tomou dois copos, praticamente de um só gole, e comentou, rindo:

— É, de fato, eu estava com sede.

— E quem não viu?! — disse rindo. O amigo ia dizendo que a sua história de crime ainda não tinha acabado.

— Não tenho mais volta e só vou descansar quando encontrar a puta da Marta. Já faz muito tempo que, entre uma encomenda e outra, eu procuro aquela safada.

— Minha Virgem Santíssima, Minha Nossa Senhora — falou, nervoso. Arre égua! Moço, essa mulher chamada Marta, que o senhor faz gosto em desonrar, é a filha do senhor Leonardo e dona Esmeralda?

— Isso mesmo. Vejo que o amigo voltou às qualidades de adivinhação, não é verdade? Ouvi dizer que ela mora por essas bandas. Eu, agora, estou no rastro dela, certo?! Pois, se o amigo sabe de alguma coisa, é bom falar, e falar logo. Ouviu, moço?

— Sei, sim, senhor, e não tenho medo das suas ameaças. Pois vou te dizer, cabra: dona Marta é minha estimada mãe do coração. Sei também que vosmecê matou um homem de bem. Que lutou bravamente e só morreu porque teve a infelicidade de tropeçar numa hora errada. Luciano é o meu pai, moço, marido de dona Marta, e eu sou seu filho, fruto do amor dos dois. Amor que você nunca soube como era, porque só viveu a obsessão e o ódio. O seu ofício de morte vai acabar aqui, seu filho da puta, na minha mão, na ponta do meu punhal.

João Pedro deu um pulo do banco, já com o punhal na mão direita. E, num ato destemido, arrastou a ponta do punhal no cimento da calçada, com tanta força, que saiu fogo. Em seguida, andou até o meio do terreiro e chamou Ubaldino para o confronto.

— Meu nome, cabra, é João Pedro, filho de Luciano, e vou acabar com essa sua perseguição de vingança te matando, assassino, cão dos infernos!

Surpreso com a reação do dono da casa e com o que tinha escutado, o peão do mato tremeu nas bases, mas não perdeu a pose.

— Moço, como já disse, não tenho medo da morte.

— É bom mesmo não ter medo da morte, para que sua viagem seja rápida.

— Já matei o pai e, com muito gosto, vou matar o filho. Como a puta da Marta já está morta, darei por encerrada a minha missão, vou cumprir a minha sina.

— Respeite a minha santa mãe, corno dos infernos. A sua hora é chegada.

— Filho da puta, você é uma cobra traiçoeira, escondeu que era filho do bixiguento. Se eu tivesse descoberto que tu eras filho do cão da gota, a esta hora, vosmecê já estaria nos quintos dos infernos.

— Eu te esperava há muito tempo. Nos sonhos, meu avô aparecia, dizendo que um assassino passaria pela encruzilhada, vestido igualmente a você. Depois disso, todo dia, no meio da tarde, eu estava pronto, à sua espera.

— Safado! — disse, nervoso. Cobra traiçoeira! Quer dizer que você já sabia de tudo! Pois a alma vagante do seu avô vai ter a sua companhia.

— E vou dizer mais cabrunquento. A gente só estava te esperando, para acabar de vez com sua perseguição criminosa e ir visitar a cidade de Palma, onde os dois irmãos de Marta querem conhecer a gente. Os seus pais, acredito que já morreram de desgosto. E, caso a sua irmã ainda esteja viva, farei ela sofrer na ponta do meu punhal. Não vai sobrar ninguém vivo naquelas terras de merda.

— Você não pode estar dizendo a verdade — falou, cada vez mais irritado e nervoso. Você é um mentiroso de marca maior. Isso não vai acontecer perobo sem-vergonha, porque eu vou te sangrar, aos pouquinhos, pra sentir o gosto de sua morte, assim como senti quando matei o seu pai. Ah! Eu estou com o cão dentro de mim!

Ninguém vai te livrar da tua hora, desgraçado. Quem aparecer, também morre. Ah! Hoje é o meu grande dia de glória!

Havia um plano em andamento. E se baseava em duas certezas: a primeira, as aparições do pai de Luciano em sonhos constantes da família, avisando que um assassino vestido de cangaceiro estava a caminho e seria necessário vigiá-lo. E a segunda, na determinação da família de que caberia a João Pedro a tarefa do contato inicial com Ubaldino por um motivo muito simples: o assassino não o conhecia. Isso era verdade. Mas era preciso executar com perfeição a trama de receber, iludir, instigar no momento certo e com astúcia, tipo morde e assopra, para que o vilão não desconfiasse de nada. Essa trama, João Pedro estava executando com a perfeição de um artista imbuído do seu papel na história.

Mas, todo plano tem que observar a interferência de fatores aleatórios que podem influir na sua conclusão e colocar tudo a perder, como foi o caso no comportamento inocente da menina Rosa à mesa, ao perguntar a Ubaldino se ele era peão do mato, um assassino. O fato foi consertado imediatamente por seu pai, ao dar-lhe forte reprimida. A sorte é que o assassino não considerou o grau de relevância da pergunta feita pela menina. Ainda bem.

A primeira parte da execução da trama estava sendo travada, com sabedoria e eficiência, por João Pedro, o homem de confiança da família, o filho primogênito, corajoso, destemido, educado e matreiro na arte de prostrar. Mas era necessário ser paciente, saber ouvir com atenção, saber contar histórias de interesse do anfitrião, para passar o tempo, e deixá-lo bem à vontade, incapaz de exercer qualquer tipo de desconfiança.

A participação de João Pedro tinha pontos de fundamental importância: conduzir a prosa numa forma participativa e inteligente. E, o mais trabalhado: instigá-lo com vontade, no momento final, quando toda a estratégia seria revelada. E esse momento já era chegado.

Os teóricos que definiram a estratégia como uma forma inteligente de se alcançar um objetivo afirmaram também que o estrategista precisa estar presente na campanha e manter o controle o tempo todo. Luciano não morreu e estava presente, o tempo inteiro, como um comandante, orientando sua família na eficiência do

papel de cada um na administração das táticas previamente estudadas até o momento da sua aparição.

Foi com destemor que ele apareceu na varanda da frente da casa, como quem surgiu do nada, feito uma visagem. De punhal seguro na mão direita, encarou, com firmeza, o ultrajante Ubaldino e disse:

— João Pedro, filho, se afaste. Você já cumpriu a sua missão, com inteligência e amor à família. A luta com esse cabra da peste é comigo. Passei muito tempo a te esperar. Em meus sonhos, meu pai, que Deus o tenha, alertava para a sua vinda. Agora que você chegou, clamando vingança e desconsiderando minha adorada esposa Marta, com certeza, você não sairá vivo daqui e nem verá o brilho da lua cheia que estar por vir.

— Você também corre esse risco, maldito.

— Eu podia muito bem ter ido atrás de você, matá-lo e acabar de vez com essa história de vingança. Ou você não pensou nisso? Eu pensei. Mesmo depois do nosso duelo na feira, eu pensei que já era a hora. Mas não fui. Eu te dei todas as oportunidades de você se regenerar, fazer as pazes com sua família e seguir seu caminho em comunhão com Deus. Você não é de Deus. Você é do diabo. Por isso, não merece viver. Vamos resolver logo esse embate de vida ou de morte. Já sei como vai terminar: você morto na ponta do meu punhal.

Ubaldino estava estarelecido. Ao ver Luciano na varanda, forte e destemido, e ainda mais ameaçador, ao fazer o desafio de vida ou de morte, tremeu. Não era mais aquele fanfarrão que se gabava em ter assassinado o mais temido inimigo, e entrou em pânico, em crise, voltou a ser o esquizofrênico. Por fim, disse:

— Caí em uma tocaia? Não! Não é você. Vosmecê não está aqui. É uma visagem vinda dos infernos, para onde eu te mandei.

Descoordenado, ele repetia:

— Eu... eu... eu matei você. Estou... estou vendo uma visagem, que veio do inferno, para me atormentar nessa hora de desafio com o seu filho. Já matei o pai e, com muito gosto, vou matar o filho. Como a puta da Marta já está morta, darei por encerrada a minha missão, vou cumprir a minha sina.

Com muita calma, Luciano disse:

— Eu não morri e, por isso, não sou uma visagem.

Ubaldino interrompeu, para dizer ofegante:

— Eu vi você arriado no chão, morto!

— Você viu o que você quis ver. Eu escapei da morte e estou aqui na sua frente seu cão dos infernos. Quando você fugiu, levado por seus comparsas, eu fui conduzido pelo seu Antenor ao pronto-socorro da cidade. Lá disseram que eu tinha poucas horas de vida. Mas o velho Antenor saiu, em disparada, rumo à fazenda Campo Verde, para contar a história e pedir ajuda para lhe perseguir e matá-lo. Por um milagre do destino, o filho do fazendeiro, que é médico respeitado na capital, estava visitando a família e se ofereceu a ajudar, mas, eu teria que ser conduzido imediatamente para a fazenda, onde passei mais de um mês em tratamento, pelejando pela vida.

— Eu também fiquei doente por uns tempos e voltei ao seu lugar. Soube de sua morte, procurei o velho preto que te deu abrigo e não encontrei ninguém no sítio. Fui ao cemitério e mijei na sua cova: foi a melhor mijada que eu já dei na minha vida. Daí em diante, resolvi, por vontade própria, continuar a perseguição à Marta. Apertei uns cabras da cidade de Cruzeiro e terminei sabendo o rumo que ela tinha tomado. Eu demorei a chegar é verdade, mas tudo tem um tempo certo, e hoje é o dia do juízo final, quando as forças das trevas me darão a vitória. Só sinto ter demorado tanto tempo, e a culpa é daquele coureiro covarde, que caiu no tempo sem rumo depois do acontecido. Mas, o dia dele vai chegar, ora se vai!

— Respeite o senhor Antenor. Ele é meu amigo de coração. Ele não fugiu coisa nenhuma. Com coragem e devoção, ele abandonou seu sítio e foi, com dona Etelvina, morar na fazenda, para cuidarem de mim. E foi ele que realizou o enterro, feito com a intenção de tirar Marta da sua vista e mandá-la para bem longe. Agora a história é outra.

— É. Agora vão fazer um novo enterro. É pena para você, e uma alegria pra mim. Você sabe que nós temos um destino traçado: uma luta de vida e de morte. Hoje eu completo a minha sina, de acabar com tua raça, fio da égua! Eu gosto de matar e não tenho

medo de morrer. A morte e os demônios me acompanham dia a dia, a vida inteira.

— Você é louco, xibungo. Sua história de crimes acaba hoje mesmo, agora. Prepare-se para morrer, Ubaldino. Acabou a falação — disse sério e incisivo. Vamos, cabra!

Sem mais demora, também sem mais conversa, os dois iniciaram a dança da morte. Os punhais se tocavam, quebrando o silêncio da tarde. Até os passarinhos deixaram de cantar. Eles eram bons lutadores, e a contenda, cada vez mais, ia ficando intensa e sangrenta, com a sucessão dos golpes certos nos corpos suados e febris. Dentro de casa, as mulheres e as crianças rezavam, ajoelhadas, nos pés das imagens de Nossa Senhora Imaculada Conceição e do Menino Jesus. Já os homens, assistiam, à distância, o desfecho da luta. E uma coisa era certa: independentemente do que acontecesse, o maldito não sairia vivo dali.

O tempo passava, e a luta continuava feroz. Os olhos vermelhos, em brasa, dos dois contendores davam bem a dimensão do ódio extravasado na peleja. Os punhais cintilavam no tempo e tilintavam quando se encontravam. Ubaldino era mais forte, troncudo. Luciano era mais franzino, porém mostrava ter uma técnica no duelo, empreendida nos movimentos das pernas, girando sempre o corpo, parecido com o bailado dos bons boxeadores, e usava uma tática de atacar e se esquivar. O seu adversário lutava no impulso da raiva e do ódio. Os golpes violentos de Luciano foram minando as forças do inimigo. Aos poucos, ele se tornou uma presa fácil de ser abatida na ponta do punhal de Luciano. E foi o que aconteceu. Em um dado momento da luta, Luciano cravou uma punhalada na altura do coração de Ubaldino. Foi um golpe fatal. Ele se arriou no chão, se estrebuchando com a tremedeira da morte. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Faltavam-lhe forças pra lutar. O sangue espirrava do seu corpo. Naquele momento de aflição, sabia que ia morrer. Tentou mais uma vez se levantar e novamente não conseguiu. Então saiu se arrastando até uma árvore próxima e, num esforço medonho, recostou-se no tronco e, olhando para Luciano, disse:

— Cão danado! — estava ofegante. Termine o serviço, se for macho. Mas você é um baitola, fio de uma égua!

— Por Nossa Senhora, homem, vá em paz. Siga sozinho o seu caminho de morte. A minha hora há de chegar um dia. Mas não há de ser hoje. Será determinada por Deus.

— Que Deus, nada, cão medonho! Venha terminar o serviço, bairrada, pra eu enfiar esse punhal todinho na sua barriga, rodar com força e puxar as tripas, bem devagar, pra tu sofrer o merecido.

— Espere mais um pouco, que eu ainda tenho uma surpresinha para vosmecê. Veja com seus olhos que a terra há de comer.

Nisso apareceu, no tempo, a figura de uma mulher, caminhando a passos largos, determinada, em direção ao meliante. Carregava, nas mãos, uma espingarda calibre doze, de dois canos. Era Marta. Quando chegou no terreiro, seu rosto sério, sem medo, determinava o olhar aguçado na presa. Estabelecia que a felina dominava completamente a situação, e que o bote mortal era só uma questão de tempo. Ao vê-la surgir das sombras, Ubaldino estremeceu. Imaginou não ser verdade o que estava vendo, mas, a cada passo que Marta dava em sua direção, mais a sua visão, muito embora já estivesse deturpada em função da agonia da morte, retratava ser uma imagem real, verdadeira. Tratava-se de Marta, a mulher prometida para ser sua, mas, que, no meio da noite, fugiu com Luciano, deixando-o entregue a um novo destino. Com ela, apareceram o senhor Antenor e dona Etelvina.

— Não pode ser verdade o que eu estou vendo. Você é uma visagem saída dos recantos do inferno.

— Não sou nenhuma visagem. Sou a mulher que procurou o seu destino ao lado do homem amado, e pra quem você, por ódio e rancor, instituiu a pena de morte. Você nos causou muito sofrimento. Mas você não é um homem, é um traste de gente. Traste a gente mata sem piedade. Portanto, chegou a sua hora, miserável!

Quando ela foi puxar os gatilhos para, com dois tiros à queima roupa, acabar de vez com a vida do famigerado, eis que Luciano atravessou em sua frente e disse:

— Não faça isso, minha amada. Não suje suas mãos de sangue. Não vale a pena levar para outra vida esse pecado. Este homem já está morto. É só uma questão de tempo. O golpe que lhe dei foi certo, direto do coração. Ele não tem como escapar.

— Mas eu preciso me vingar. Eu esperei toda a minha vida para me vingar desse infeliz. Não posso lhe atender, Luciano. Sai da frente, que tudo vai acabar num instante. Meu rosto alegre vai ser a última visão desse miserável.

Recostado ao tronco da árvore, Ubaldino ouvia o diálogo do casal. E, mesmo gemendo de dor, gritou:

— Puta safada! Você não tem coragem de me matar! Você se mijá só em ouvir o meu nome! Queria viver mais um pouco, para ter o prazer de matar os dois e selar de vez o meu destino! Você não merece estar viva, sua puta! — falou, tentando se levantar.

Em seguida, um tiro ecoou, proporcionando um rápido clarão na tarde noite. Foi direto no peito de Ubaldino, que morreu sem ao menos dar o último gemido ou suspiro de vida. Todos olharam para trás à procura de quem cravou a morte do famigerado. O autor do crime estava em pé, parado há poucos metros do falecido, com a arma na mão direita — um revólver calibre 38, cano longo. Foi o senhor Antenor, o mestre coureiro, que explicou o motivo:

— Não cabia à senhora cometer esse pecado, acabando com a vida desse peste. Eu vou carregar essa culpa, mas carrego feliz. Esse homem fez a gente sofrer e, por muito tempo, tirou a nossa felicidade.

Dona Etelvina, que estava onde sempre esteve, ao seu lado, exclamou:

— Isso, meu Antenor! Hoje, mais um assassino ganhou o quinto dos infernos. Que Deus seja louvado!

Todos responderam:

— Que Deus seja louvado!

Com Ubaldino morto, as atenções agora se voltaram para Luciano. E foi de Marta, a esposa amada e matriarca, a iniciativa de cuidar do marido ferido. Caminhando amparado por João Pedro, ele se deitou no banco, colocando a cabeça no colo da esposa, que pediu a Mariana uma bacia com água e panos limpos para lavar os ferimentos.

— Não é nada, meu amor — disse Luciano. Você não devia ter saído do quarto, como combinamos.

— Eu estava o tempo todo rezando por você; pedindo à Nossa Senhora da Conceição por sua vida. Mas, quando ouvi ele te xingar, não suportei e fui lá, pronta para terminar o serviço.

João Pedro exclamou:

— Ô, mulher teimosa!

— Não diga isso de sua mãe!

— Eu só digo isso, porque eu te amo, mãe.

— E eu não sei, menino levado!

Ao chegar com os apetrechos, Mariana encontrou dona Etelvina iniciando o tratamento. Ao seu lado, o coureiro e amigo Antenor. O vaqueiro ferido estava deitado no banco, com a cabeça no colo de Marta, rindo, sendo abraçado pelos filhos, João Pedro, Matias e Neide; e pelos netos, Rita, Davi e Rosinha. O sangue escorria do seu corpo trêmulo. Mas ele continuava a dizer que não era nada grave. De fato, quando dona Etelvina retirou a camisa e limpou o sangue, aparentemente não havia nenhum furo nas partes consideradas vitais, como coração, fígado e pulmão. Sem entender nada, Rosinha chorava ao lado do avô.

— Voinho, como o senhor está? Tá ferido de morte? Voinho, não morra! Nós gostamos do senhor, voinho! O que vai ser de nós se o senhor morrer?

— Calma, minha filha, está tudo bem! São cortes feios, mas fique certa de que, com a graça de Deus, eu não vou morrer tão cedo.

Enquanto Luciano estava sendo cuidado por dona Etelvina, sob o olhar carinhoso de Marta, nesse meio tempo, Mariana apareceu à porta da casa, carregando uma pequena cruz de madeira, e se encaminhou para o local onde jazia o corpo de Ubaldino, que já estava sendo transportado dentro de uma rede pelos quatro jovens — João Pedro, José, João e Manuel, ambos filhos do vizinho de sítio, o senhor Nicanor. Iam em direção a um buraco aberto num lugar esmo, a mais de quinhentos metros de distância da casa. À frente do cortejo, Mariana ia cantando a ladainha dos mortos:

— Há uma alma vagando no mundo...

Todos responderam:

– Ô, meu irmão, que sentença cruel!

Mariana:

– Há uma alma que vai pro inferno...

Todos:

– Ô, meu irmão, que sentença cruel!

Mariana:

– Há uma alma a padecer sem clemência...

Todos:

– Ô, meu irmão, que sentença cruel!

Mariana:

– Há uma alma castigada dos crimes...

Todos:

– Ô, meu irmão, que sentença cruel!

E foram cantando essa ladainha até o buraco aberto no chão esfarelado de barro, que se transformou, naquela hora próxima ao anoitecer, na última morada de Ubaldino, o filho doido do poderoso coronel Feliciano de Albuquerque Alvarás. A sentença de morte estava cumprida, e, a partir daquele momento, surgia, no semblante de cada, um a alegria de se viver uma vida de paz e harmonia.

Deitado ali no banco de madeira, sendo tratado por dona Etelvina, tendo ao seu redor o carinho dos filhos, dos netos, de Antenor e das mulheres adoradas — Marta, Mariana e Etelvina —, o vaqueiro ferido Luciano aproveitou o momento para ir buscar nas lembranças a história da sua morte. E foi assim que a conversa começou, com ele, de uma forma despreziosa, sem afetação, mas enfático, exclamando:

– Quer dizer que eu morri, e vocês choraram muito...

Foi a deixa para o senhor Antenor entrar na conversa:

– De novo não, Luciano. Já contei essa história umas dez, vinte vezes. Não vou contar mais.

As crianças fizeram um coro:

— Conte, vô Antenor, conte. Conte, vô Antenor.

— Tá certo. Eu vou contar. Mas é a última vez.

As crianças bateram palmas e gritaram:

— Viva! Viva!

Luciano aproveitou o momento para ressaltar:

— Com choro.

O que fez Antenor exclamar que era mesmo um manteiga derretida.

Agora foi um coro geral. Crianças e adultos disseram:

— A gente sabe, mas conte a história.

Seu Antenor respirou fundo e olhou para Luciano, que estava com os olhos grudados na figura do amigo, o velho coureiro, tipo olho no olho, e disse:

— Naquele sábado chuvoso na feira, o dia caminhava para anunciar a tarde. Se não fosse o tempo chuvoso, seria um dia normal em Cruzeiro. Mas, em determinado instante, os trovões rebentaram no céu, e os relâmpagos cortavam a manhã cinzenta. Eu pensei: alguma coisa de ruim vai acontecer. Dito e feito. Logo em seguida, “o coisa”, o cão da moléstia tomou presença, e a desgraça aconteceu. Teve o duelo debaixo de chuva. Luciano estava dominando a luta furando o cabra direitinho, chega o sangue espirrava. Mas de repente, no pior azar do mundo, Luciano escorregou no chão molhado e o mardito se aproveitou e feriu de morte Luciano. E, quando eu vi esse menino ferido, estendido no chão, corri desesperado, coloquei ele nos braços e fui apressado para o pronto-socorro. Lá, disseram que ele não duraria muito tempo e me aconselharam a tratar de comprar o caixão. O tempo passa, mas eu não consigo esquecer essa cena de agonia e desespero em função da morte do meu grande amigo. Eu pensava em Marta, em como contar o acontecido. Eu também, de certa forma, me achava culpado de ter mantido o casal na minha casa. Saí do pronto-socorro chorando, montei o alazão do intrépido vaqueiro do sertão e saí em disparada, riscando o tempo, feito um relâmpago em direção à Fazenda Campo Verde.

O interessante é que todos pareciam saber o momento exato daquela alocução poética, pois bateram palmas e gritaram “viva”.

Luciano até quis acompanhar a manifestação, mas deu um ai de dor e foi aconselhado por dona Etelvina a ficar calado.

Seu Antenor aproveitou a pausa para acender um cigarro, deu três tragadas seguidas e o jogou fora, para prosseguir a conversa:

— Emocionado, conversei com o fazendeiro, o coroné Josias, e contei o fato em detalhes. Pedi que fosse providenciada uma missão de vingança. Ele lamentou o acontecimento. Ficou triste, passado, e disse não ser mais hora de colocar os homens em ação, mesmo porque a chuva já tinha apagado os rastros e, além do mais, ninguém sabia onde o bando estava escondido. Depois disse que a hora era de proteger Marta e João Pedro de uma possível ação dos assassinos, e que mandaria, de imediato, alguns homens para vigiar as imediações da casa.

O senhor Antenor fez uma pausa na conversa, o que possibilitou Luciano a dizer:

— João Pedro, meu filho, essa conversa vai longe, então vamos aproveitar para beber o morto. Traga logo duas garrafas de pinga, que o mestre Antenor está com sede. Mariana, por favor, sirva refresco e comida para os meninos. Os mais velhos comem depois.

Os meninos gritaram:

— Viva, pai! Viva, vovô!

Dona Etelvina também aproveitou a parada para informar a Luciano que alguns ferimentos precisavam ser costurados de imediato, para não infeccionar, e acrescentou:

— Tô avisando, porque vai doer.

Luciano respondeu:

— Não se avexe não, dona Etelvina. Deixe pelo menos a pinga chegar.

Todos riram.

Quando a pinga passou a ser servida, o mestre coureiro pigarreou e voltou a falar, desta feita, sobre o velório de Luciano:

— O fazendeiro — eita, cabra inteligente! — bolou um plano rápido na cabeça e disse: “Senhor Antenor, vá rápido em sua casa, con-

te a todos sobre a morte de Luciano e prepare o velório e o enterro. Eu me encarrego do caixão e do transporte do corpo de Luciano”.

Sai de lá com o coração sofrido, montei no alazão e saí em disparada, rompendo o vento, feito um pássaro a voar nas nuvens, sem contar o tempo.

Todos disseram: “Bravo! Bravo, vovô Antenor!”.

Ele voltou a falar:

— Ao chegar na cidade, fui ao telégrafo e passei um telegrama para o meu filho João, dizendo: “Venha urgente. Mataram Luciano”. O meu desespero foi chegar no sítio e repetir as palavras fatídicas do telegrama: “Mataram Luciano”.

Ouvindo a história e, tendo o marido ao seu colo, Marta demonstrou a sua emoção ao falar:

— Essa foi a notícia mais triste de minha vida. Eu não sei como não morri na hora em que o seu Antenor disse assim: “Marta, seja forte. Mataram Luciano”. Dona Etelvina veio me amparar, mas a coitadinha estava num sofrimento de dar dó. Foi triste. Foi o pior dia da minha vida.

O senhor Antenor, com os olhos lacrimejando, completou:

— Foi um dia de intensa agonia. À noite, o fazendeiro esteve no sítio e deu uma notícia nada agradável: o caixão não poderia ser aberto de jeito nenhum. Foi outro momento de agonia pra todo mundo. Foi triste de ver Marta e Etelvina ajoelhadas, em pranto, a não aceitar a ordem do coroné Josias. Eu fiquei paralisado, sem saber o que dizer, até que ouvimos as palavras sensatas do fazendeiro, ao dar a justificativa correta. Ele disse que não era bom lembrar de Luciano vendo o seu corpo furado, sangrando, e sua imagem desfigurada. Disse que as lembranças que deveriam ficar na nossa memória seriam as dos momentos mais felizes. Ele estava certo.

Dona Marta ouvia calada a história do marido, mas estava com o rosto transtornado, como se estivesse vendo o filme da sua vida. E declarou:

— Concordamos, mas, mesmo assim, eu e dona Etelvina passamos a noite inteira querendo abrir o caixão. Mas a tampa estava pregada com vários pregos. Era impossível abrir.

Seu Antenor disse ainda:

— E, assim, fizemos o enterro, que chamou a atenção do povo de Cruzeiro. Foi emocionante: quando o cortejo entrou na Praça da Matriz, os sinos badalavam, saudando o vaqueiro fiel a Deus. Em seguida, fui providenciar a viagem de Marta. Tirar Marta da nossa casa, do nosso dia a dia, foi muito doloroso. Novo sofrimento, mas necessário. Vocês ouviram, há pouco, o falecido dizer que esteve na minha casa e no cemitério.

Luciano interrompeu, indignado, e disse:

— E mijou na minha cova!

Todos riram, e o senhor Antenor lembrou que o casal sempre teve um plano de fuga em mente: ir para a cidade de Amparo e depois seguir para outro lugar, o destino final de conhecimento unicamente dos dois.

Agora nós sabemos que o destino final foi esta terra em Alecrim, e prosseguiu:

— Marta viajou na segunda-feira de manhã. Logo depois, arrumamos os cavalos, e eu e Etelvina deixamos o sítio e fomos morar na Fazenda Campo Verde. Foi aí que a gente descobriu que você estava vivo... nem tanto. E conhecemos a pessoa que estava te tratando: o doutor Daniel, filho do fazendeiro Josias Botelho. Uma alma boa. Ele foi enviado por Nossa Senhora Imaculada Conceição para te salvar. Homem simples, mas de uma sabedoria danada: usava vasos de soros, misturados a remédios, e injetava na veia de Luciano, e também aplicava injeção de penicilina, remédio novo, descoberto depois da Segunda Guerra Mundial. O doutor Daniel e Etelvina se entenderam bem e conversavam muito sobre o uso das plantas medicinais. Quando ele foi embora, deixou minha curandeira, que ele chamava de “mestra das plantas”, responsável pelo doente...

Todos bateram palmas e gritavam “viva dona Etelvina”. Ela sorriu com alegria e acrescentou:

— Mudamos para uma casa na fazenda, e eu fiquei responsável pelo tratamento deste doente aqui, que não queria mais acordar. Passou quase um mês em coma, com o destino fincado na fronteira entre a vida e a morte. Até que um dia, com a graça de Deus e para nossa alegria, acordou, do nada.

Luciano voltou a interromper a conversa, desta feita, para dizer:

— Não me lembro de nada desses dias. A única coisa que está na minha mente é uma visão de meu pai com a minha mãe. Os dois estavam em um lugar muito claro, conversando com uma outra pessoa que eu não sei quem era. Eu fui chegando perto, mas não me via andando. Quando eu cheguei bem mais perto, meu pai olhou para mim e disse, em tom carinhoso: “Filho, vá simhora. Vá em paz”. Eu acordei com essas palavras no meu ouvido. Não consigo esquecer. E, quando vi a senhora — disse, chorando —, foi uma grande emoção.

Marta falou carinhosamente, alisando a cabeça do marido:

— Pode chorar, meu filho.

Todos gritaram:

— Ô, meu amor!

Marta disse:

— E eu, nem xite!

Todos bateram palmas.

Dona Etelvina esclareceu:

— Você esteve no outro lado da vida, meu filho. Seu pai e sua mãe estavam te protegendo, com o apoio dos anjos de Deus. Sabiam que sua missão aqui na Terra ainda não estava cumprida e pediram a Deus para você voltar com saúde. E, graças ao Criador, você despertou do sono da morte e veio pra gente.

O senhor Atenor retomou mais uma vez a história:

— História bonita, Luciano. Pode chorar.

De fato, Luciano continuava chorando, e os meninos disseram:

— Chore, vovô. Chore, painho.

Ao enxugar as lágrimas em um lenço, Luciano pediu para João Pedro servir mais uma rodada de pinga e, virando-se para Antenor, disse:

— Pode prosseguir, velho amigo.

Então, o senhor Antenor esclareceu:

— Depois que você acordou, ficamos na fazenda mais de um mês, no que eu chamei de “tempo de engorda”, porque você estava magro feito um palito. Além do mais, era a hora de lhe contar toda a história. O coroné Josias não deixava faltar nada. Eita homem bom! E o seu filho, o médico Daniel, um homem abençoado! Tem gente assim: faz o bem sem olhar a quem e sem querer nada em troca, a não ser a nossa amizade. Ele e o doutor são homens ricos, têm tudo. O que a gente poderia dar? As únicas coisas que podemos dar são o amor, a nossa gratidão e as nossas orações. Sei que a gente vai ficar eternamente agradecido, porque eles deram abrigo e esperança na hora do nosso suplício. Por isso, são dignos do nosso amor e das nossas orações pelo resto das nossas vidas.

Todos disseram:

— Amém! Amém!

E o senhor Antenor acrescentou:

— Saímos da Fazenda Campo Verde com a palavra empenhada do coroné Josias de que as portas da sua casa estariam sempre abertas para a gente. E, depois de dois dias de viagem, chegamos aqui e reencontramos a nossa querida Marta, que, quando nos viu chegar, eu e Etelvina, já que Luciano tinha ficado mais atrás, fechando a cancela, ela tomou um susto danado, porque, como só ela e Luciano sabiam desta terra, ficou a olhar o horizonte, esperando ver mais alguém, até que viu o marido e saiu correndo em sua direção, pulando de alegria. Luciano desceu do cavalo, os dois se abraçaram e se beijaram por um bom tempo. Foi emocionante.

Ele respirou fundo e concluiu:

— Só sei que, depois disso, nasceram os filhos, Matias e Neide. Nasceram também os netos, Rita, Davi e Rosa, além dessa bela Fazenda Dois Corações, onde reina a paz e a esperança.

E todos bateram palmas e gritaram vivas de felicidade.

Amparado pelos filhos e netos, Luciano olhou para o céu e viu a maravilha da natureza: a lua cheia brilhando na noite do sertão. Emocionado, disse, para todo mundo ouvir:

— O serviço está pronto, meu pai. A vingança está cumprida. O mardito já passou pro outro lado. Agradeço à tua alma vigilante na

missão de me avisar da vinda dele. Obrigado, meu pai, e que sua alma tenha o sossego merecido. A partir de agora, posso dormir em paz com minha família. Que haja paz para todos neste mundo de meu Deus.

— Venha, homem de Deus. Vamos pra cama, que você está ferido. Vamos — Marta suplicou.

— Estou indo, mulher! Está mesmo na hora de eu ir descansar.

No corredor da casa, dona Etelvina e o senhor Antenor estavam esperando o vaqueiro ir para o quarto, quando ele, sorridente, os abraçou com carinho para receber deles, pela primeira vez, a bênção desejada e que, a partir daquele momento, seria repetida para sempre. E ele disse, com amor:

— Bença, pai. Bença, mãe.

E eles responderam, em uma só voz:

— Deus lhe faça feliz, meu filho.

Dona Marta fechou a porta, decretando o descanso do marido.

PALMA EM FESTA

Retornar é viver novamente.

NO VERÃO DE DEZEMBRO, O ÚLTIMO MÊS DO ANO, houve, naquela casa singela da pequena Fazenda Dois Corações, uma determinação da família de se combater o mal de todos os modos, de maneira irreversível, com um único propósito: acabar, de uma vez por todas, com todo tipo de preocupação, tristeza e dor vivenciadas no passado e que as auguras do tempo professassem um ano novo, um novo tempo, que representasse uma nova vida familiar em comunhão sob as bênçãos de Deus. A família combateu e venceu o mal, representado na figura do louco e demoníaco Ubaldino.

Um mês depois de todo o acontecido na Fazenda Dois Corações, Luciano, Marta, a família e mais a companhia do casal Antenor e Etelvina seguiram com destino à cidade de Palma. Na chegada, foram saudados com uma queima intensa de fogos de artifício e uma animada festa na casa dos pais dela, onde o casal passaria a morar com os filhos, netos e os dois amigos inseparáveis. Os eventos foram promovidos pelos irmãos Carlos e Alberto, como uma forma de demonstrar a todos os habitantes da cidade a alegria da família em receber a irmã querida, a caçulinha amada dos Braga e herdeira natural abençoada pelos seus pais.

Sentada ao lado de Luciano, do filho João Pedro e do casal Antenor e Etelvina, ela estava radiante com a recepção inesperada. Passou grande parte do tempo apresentando os netos e filhos aos irmãos e sobrinhos. Foi um dia memorável, mas faltou a presença dos pais, o coronel Leonardo de Oliveira Braga e dona Esmeralda Almeida Braga, ambos falecidos, mas eternizados no seu coração.

Foi na festa que o seu irmão mais novo, chamado Carlos, contou-lhe ter recebido, em sua loja, a senhora Silvane, a filha do coronel Feliciano:

— Queria saber quando você chegaria em Palma. Eu disse que seria nesta sexta-feira, mas não disse a hora. Ela, então, marcou um encontro com você e Luciano, em sua casa, na Fazenda Umbuzeiro, a ser realizado na próxima terça-feira, lá pelas quinze horas. Ao sair, disse-me para avisá-la que seria um encontro de paz e alegria. Comenta-se que ela quer vender a fazenda.

— Vamos ver.

— Com o dinheiro da sua parte da herança, acho que dá para assegurar um bom pedaço da Fazenda Umbuzeiro. O restante você parcela. Luciano ficará muito feliz.

— Com certeza ficará, meu irmão. Ele também tem terras em Alecrim e pode vendê-las. Acho esse reencontro necessário. Silvane sempre foi a minha melhor amiga.

— Que bom que você aceitou. Outra coisa: o povo de Palma tem muito apreço por nossa família e orou para que nada de ruim lhe acontecesse naqueles dias fatídicos. O povo tomou o seu lado e o de Luciano. Vocês, seus filhos e netos podem andar de cabeça erguida pelas ruas da cidade. Você vai ver e tirar as suas próprias conclusões.

— Agradeço as suas palavras a respeito do povo desta cidade. Confesso que, de certa forma, estava um pouco preocupada, mas você me tranquilizou. Obrigado por tudo, meu irmão.

— Marta, nós também temos muita coisa a te falar, mas fica para outra hora. Agora é tempo de festa, de comemoração!

— É verdade, irmão.

No dia e na hora marcados com Silvane, o casal Luciano e Marta rumaram, na charrete, com destino à fazenda. Estavam felizes por dois motivos: no caso de Marta, iria reencontrar a sua amiga querida; no caso de Luciano, rever a sinhazinha que ele teve o prazer de conhecer ainda menino. O segundo motivo era o de ouvir dela a proposta de venda da fazenda. O casal era parte interessada na compra. Porém, o aspecto comercial era visto como sendo apenas um detalhe, porque as lembranças tocavam forte no imaginário de Luciano e Marta. Eles tinham muito a falar e a tocar seus corações e mesmo com toda a desgraça que aconteceu na vida de cada um, ambos ansiavam que os laços de amizade do passado continuassem

a existir e que tudo que se deu e da forma que se sucedeu ficassem enterradas no chão do esquecimento.

Quando a charrete conduzida por Luciano chegou à frente do casarão dos Alvarás, a senhora Silvane, agora viúva de um fazendeiro da região Sul, estava na varanda a esperar. Marta desceu da charrete correndo e praticamente subiu os oito degraus da escada em um só pulo. As duas se abraçaram e choraram copiosamente em silêncio. Luciano, por sua vez, subiu os degraus com passadas lentas, a se lembrar que, na primeira vez que esteve na fazenda, ainda menino, subiu aquela escada correndo e entrou casa adentro, sem pedir licença, para dizer que o bandido Lampião, o Rei do Cangaço, estava na cidade. Lembranças do seu início de vida e de uma nova vida vivida no encontro do seu destino na Fazenda Umbuzeiro.

Ele estava ainda a vagar nas lembranças, quando Silvane correu em sua direção, abraçou-o e, num choro abafado, dizia e repetia: “Ô, Luciano! Ô, Luciano!”. Ela o abraçava com força, como quem não acreditasse que ele estava ali, vivo e cada vez mais bonito. Aquele gesto de afeto sentido poderia também ser traduzido como um pedido mútuo de perdão.

Marta assistia à cena, mas sua mente estava tendo outra visão. A visão do magricelo Luciano na charrete que conduzia aquela menina loira à escola das freiras. Foi naquele dia que ela, ao olhar de relance, congelou para sempre no coração a figura daquele menino que um dia seria o seu amor, o seu marido, o pai estimado dos seus filhos e avô adorado pelos netos. As lágrimas caíram no seu rosto lindo, mas ela não se incomodou em enxugá-las. Simplesmente assim: não eram lágrimas de sofrimento, mas, sim, de uma imensa alegria. Assim, ela permitiu o choro livre, de certa forma, até divino.

Em seguida, Silvane os conduziu à sala de visitas, onde, em cima da mesa escura — feita de madeira de lei —, havia bandejas de prata com petiscos e uma outra com duas taças, um copo e duas garrafas, uma de vinho e outra de cachaça limpa, da melhor, com cheiro de cana caiana.

Luciano, demonstrando o seu contentamento de estar naquela sala, perguntou a Silvane se ele poderia dar uma volta em torno do casarão, no que foi prontamente atendido. O consentimento foi feito de uma maneira inusitada:

- Pode ir, Luciano. A casa é sua.
- Obrigado pela sua atenção.

Ao sair, uma imensa emoção tomou conta do seu ser a vagar nas lembranças do passado que varria cada ponto das paisagens. Nessa contemplação demorou mais de meia hora. Viu que tudo estava no lugar que havia deixado, como se o tempo tivesse parado na Fazenda Umbuzeiro. Ao retornar, esteve em seu antigo quarto — estava aberto — e ficou um tempo ali imóvel deixando as lembranças correrem em sua mente e concluiu com um pensamento: “Minha vida não seria completa sem a generosidade e o amor de Creusa. Não sei que fim ela levou. Para a minha alegria, tomara que esteja viva. Silvane há de informar”.

Deixou o quarto, indo em direção da casa, e nesse instante ouviu uma voz sair de um quarto que ele conhecia bem. A porta estava semicerrada e a voz dizia: “Ô meu menino levado!”.

Luciano parou e ao reconhecer aquela voz inconfundível, estremeceu e num impulso pleno de emoção, correu, abriu a porta e viu a mulher do seu bem querer. Ela estava sentada na cama com os olhos grudados na porta, como que estava a esperar alguém muito próximo ou quem sabe o filho de estimação muito querido. Então, ele correu em sua direção e se atirou em seus braços num abraço fraterno e caloroso. Em seguida, deitou a cabeça no colo daquela mulher querida e chorou, um pranto forte, carregado de emoção. Creusa, com lágrimas nos olhos alisava os cabelos de Luciano com amor de mãe ao agradecer aos céus o filho que retornou do mundo e voltou aos seus braços.

Do lado de fora do quarto, Silvane e Marta também choravam muito, no que Silvane disse:

– Essa era a surpresa que eu estava guardando para vocês. Ele tem todo o direito de saber que Creusa, a sua segunda mãe, está viva. Embora idosa pelo passar dos tempos, goza de uma saúde de ferro, talvez melhor do que a nossa.

– É muita emoção que Luciano está sentindo.

– É também uma imensa alegria. É bom a gente deixar os dois se entenderem e vamos abrir uma garrafa de vinho em comemoração a esse bendito reencontro.

— Silvane, eu não vejo a hora! Minha garganta está seca e eu não tenho mais lágrimas pra chorar. Vamos tratar de coisas amenas. E eu vou logo perguntando. Você tem filhos?

— Tenho um casal, Mário e Aline. São lindos.

— Ora se são. Caso tenham puxado a mãe e com certeza puxaram, são de fato lindos. E já vou adiantando: sou avó de três netos, meus amores e tenho três lindos filhos.

— Não diga mais nada. Vamos comemorar a vida.

E ficaram sentadas à mesa, como diz o povo do interior, tricotando. Mas elas precisavam desse momento juntas. Tinham coisas novas a falar e muitas recordações agradáveis da infância a serem puxadas, assim como se puxa a linha do novelo do tempo.

Quando Luciano e Creusa chegaram à sala para também tomarem assento à mesa, Marta disse que já estavam partindo para a segunda garrafa de vinho. Então Luciano acrescentou:

— Eu vou ter que me apressar. Ainda não tomei nem um gole dessa pinga. E se é a que eu conheço, é da boa. Adiante Creusa, pegue seu copo e vamos tomar todas.

Num repente, Creusa exclamou:

— Não seja besta, menino! Eu nunca bebi na minha vida. Nem vinho do padre! Não é agora, depois de velha, que vou enfiar cachaça de goela abaixo. Deus me livre!

— Todos disseram: É Creusa mesmo.

Ela começou a rir abraçada a Luciano.

E depois de muito conversarem e beberem, Silvane externou o seu desejo de negociar a Fazenda Umbuzeiro e acrescentou:

— Eu já tenho a Fazenda Renascer, situada no sul, na zona do cacau, com clima mais ameno e bem longe daqui. Meu marido, Carlos Garcia morreu cedo, vítima de um ataque do coração e a saudade do homem que eu aprendi a amar leva-me a viver com os meus filhos nas terras do sul. Aqui, eu nasci e fui feliz com os meus pais e vou levar boas lembranças. A minha intenção é a de vender a fazenda para vocês porque sei que em suas mãos essas terras serão cuidadas com carinho do jeito que meu pai fazia. Além do mais, a fa-

zenda faz parte da vida de Luciano assim como faz parte da minha. Eu não consigo ver essas terras nas mãos de um estranho.

Ela fez uma pausa. Não havia tristeza em seu semblante e completou:

— É isso. Já falei tudo. Agora quero ouvir vocês.

— Eu e Marta, temos interesse nessas terras, mas como é um negócio, é de bom grado ouvir a sua proposta de venda. Talvez, quem sabe...

— A proposta eu vou dar agora. Vendo para você pagar no decorrer de três anos.

— Assim eu compro. O que acha Marta?

— Acho que não devemos perder essa oportunidade que Silvane está nos concedendo. É uma proposta recheada de carinho — disse Marta demonstrando contentamento.

Luciano foi rápido:

— Então está fechado.

Silvane também estava alegre e sacramentou:

— A fazenda está vendida sem arrependimento entre as partes. Eu proponho um brinde para a gente comemorar com alegria esse momento.

Todos ergueram os copos, menos Creusa que não bebia, mas em compensação batia palmas de satisfação em ver o filho estimado, que chegou naquela casa como se diz sem eira nem beira, ser o novo proprietário da Fazenda Umbuzeiro. Ali, na intimidade do seu pensamento, ela agradeceu a Deus por estar viva, presenciar e sentir aquele momento de felicidade.

Antes de ir embora, Luciano disse que Creusa ficaria na casa o tempo que Silvane quisesse, mas que a sua decisão era de levá-la o quanto antes para morar com a sua família. Ouviu dela a informação esperada com ansiedade:

— Luciano, eu já estava a imaginar esse seu gesto afetivo. Vocês dois estão ligados pelas coisas do coração. Creusa já está pronta para seguir. Ela merece toda a felicidade do mundo.

Creusa no seu linguajar simples, mas sincero, com palavras saídas do coração, agradeceu a Silvane todo o tempo de permanência naquela casa, o seu lar e lembrou das figuras saudosas do coronel Feliciano e de dona Maroca. Não falou de Ubaldino, mas todos entenderam.

Então Silvane disse:

– Pode seguir em paz, Creusa. Eu ainda vou ficar aqui por um pequeno tempo até ir para a minha Fazenda Renascer e só retorno daqui a dois meses, antes da assinatura da escritura da fazenda. Eu agora vou viver nesta casa as últimas lembranças do meu passado, esquecer o que for possível e projetar o meu amanhã com os meus filhos. Tenho a dizer que o meu peito não carrega mágoas. Eu estou feliz.

Marta, Luciano e Creusa abraçaram Silvane e ficaram ali aninhados em silêncio.

Ao deixar o casarão, Creusa carregava uma pequena mala de mão de couro marrom. Toda a sua vida de trabalho estava ali dentro: não levava dinheiro nem joias, apenas três vestidos, algumas roupas íntimas e um par de sandálias de couro. Mais nada. No entanto, seguia com o coração alegre porque iria realizar o seu sonho de viver até a morte em companhia do seu filho de estimação.

Na charrete, Luciano disse a Creusa que havia duas pessoas que ele ia fazer questão de apresentá-las, o senhor Antenor e dona Etelvina, esclarecendo:

– Assim como a senhora, eles são almas do bem que foram enviados por Deus, entraram na minha vida, me adotaram como filho e me deram forças para que eu pudesse caminhar de cabeça erguida. A senhora vai gostar de viver com a gente.

Creusa falou empolgada:

– Sim, meu coroné Luciano.

E todos riram.

Antes de dar a conversa por terminada, Luciano enfatizou:

– Creusa o tempo dos coronés é passado. Hoje, o homem não é mais feito escravo e também já deixou de ser dominado pelos po-

derosos. Vivi esse tempo, mas tive a felicidade de trabalhar com um homem bom, que foi o coroné Feliciano e agradeço a ele por ser o que sou.

Creusa enfatizou:

— Há verdade no que vosmecê diz. O tempo está mudado.

— Meu pai dizia que de tempos em tempos, o mundo passa por mudanças para melhoria da criação. Acho que estamos vivendo esse novo tempo.

Marta, que estava atenta ao significado do pensamento expressado pelo marido, disse:

— Belas palavras Luciano. Um dia vai acontecer o milagre dos homens viverem como irmãos. Que esse dia chegue logo.

— Enquanto esse bom tempo não chega, vamos viver a nossa vida um dia de cada vez. O hoje melhor que o ontem.

Ali, nas terras de Palma, em consonância com a sua consciência, o vaqueiro Luciano seguia o seu destino de viver em harmonia com o passado e com o olhar para o futuro de paz.

formato	<i>ebook/PDF</i>
fontes	<i>mermaid, lora</i>
papel	<i>polen soft 80g/m²(miolo)</i> <i>cartão supremo 250g/m²(capa)</i>